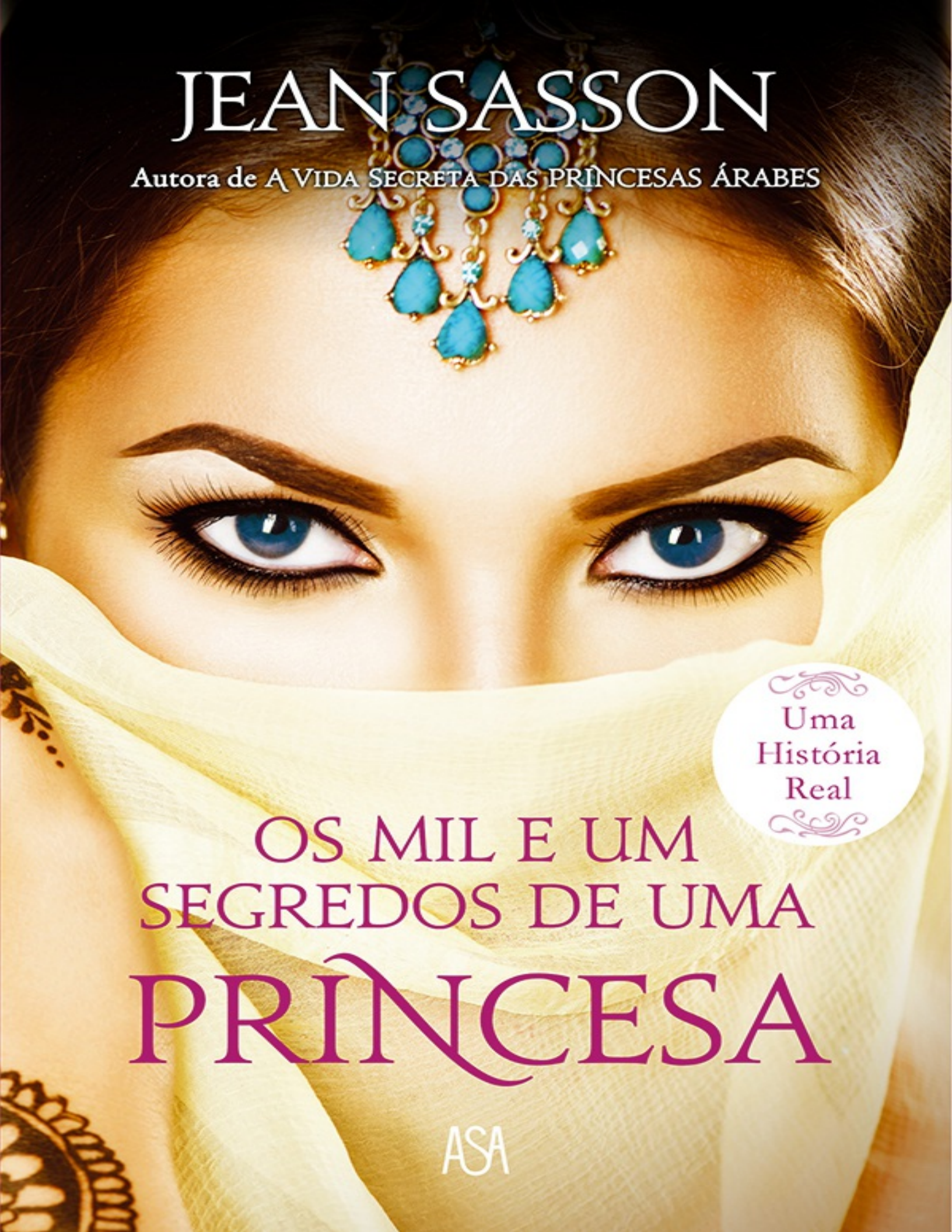




JEAN SASSON

Autora de A VIDA SECRETA DAS PRINCESAS ÁRABES

Uma
História
Real

OS MIL E UM SEGREDOS DE UMA PRINCESA

ASA



Ficha Técnica

Título original:

PRINCESS: SECRETS TO SHARE

© 2015, Jean Sasson

Publicado originalmente com o título

Princess: Stories to Share por Transworld Publishers

A autora registou o direito a ser identificada como autora desta obra.

Paginação: Leya, S.A.

Impressão e acabamentos: Guide Artes Gráficas, Lda.

1.ª edição: julho de 2016

Depósito legal n.º 410589/16

ISBN 978-989-23-3581-0

Reservados todos os direitos

Edições ASA II, S.A.

Uma editora do Grupo Leya

Rua Cidade de Córdoba, n.º 2

2610-038 Alfragide – Portugal

Telef.: (+351) 214 272 200

Fax: (+351) 214 272 201

www.leya.com

Este livro é dedicado a Raif Badawi, um homem corajoso que sacrificou a sua liberdade para lutar pela liberdade para todos.

Um homem tão merecedor deve ser conhecido pelo mundo.

Os corações de muitos estão consigo, Raif Badawi.

Tudo o que aqui está escrito é real.

Algumas histórias são felizes, enquanto outras são tragicamente tristes.

Mas todas são verdadeiras.

Alguns nomes foram alterados para proteger aqueles que correriam um grande perigo se a sua verdadeira identidade fosse conhecida. Mas os nomes de muito outros foram revelados.

— *Jean Sasson e princesa Sultana al-Saud*

UMA NOTA DE JEAN SASSON

Os seres humanos são complexos, diversos, criativos e muitas vezes indecifráveis. Quer seja genial ou vulgar, decepcionante ou inspirador, bom ou malvado, o cérebro humano, com os seus oitenta e seis mil milhões de células e incontáveis fibras nervosas, não tem comparação no universo conhecido.

Explorar a sua complexidade e poder em todas as suas cores, formas e recônditos levar-nos-á um dia à compreensão do nosso mundo e do lugar que nele ocupamos. De uma coisa tenho a certeza: ainda que os seres humanos sobrevivam mais mil milhões de anos, nunca aos escritores faltará matéria sobre que escrever, tão grande é a estranheza, a beleza e a natureza única das nossas maravilhosamente intrincadas mentes.

Agrada-me saber que há leitores dispostos a percorrer comigo este caminho de descoberta.

Volte então a página e iniciemos juntos esta que é a mais recente viagem nas vidas de alguns seres humanos notáveis.

ARÁBIA SAUDITA



Prefácio

O DESAFIO DE GUARDAR SEGREDOS

Um bom muçulmano deve guardar segredos. Para os leitores não muçulmanos que possam ficar surpreendidos com esta revelação, vou explicar em breves palavras o motivo por detrás da obrigação de guardar segredo nas sociedades islâmicas.

Para aqueles que não sabem, o mundo muçulmano é único no que respeita a guardar segredos. É verdade que nenhum segredo humano está a salvo na maior parte das sociedades. Os que já leram jornais ou revistas publicados na Grã-Bretanha ou na América ficaram provavelmente surpreendidos pela malícia de certos artigos. São histórias escritas com o único objetivo de vilipendiar celebridades, ou até pessoas vulgares que tiveram a pouca sorte de cair na mira dos jornalistas. Muitas vidas inocentes têm sido destruídas por esta desagradável atenção dos *media*.

Embora haja muitos aspetos negativos na minha sociedade, há também alguns positivos. Um deles é que nunca se lê uma reportagem difamatória num jornal ou numa revista sauditas. Os muçulmanos aprendem que qualquer coisa dita a terceiros que não sirva um propósito virtuoso é maledicência, uma conduta altamente imprópria para qualquer seguidor do islão. Por isso é essencial esconder os segredos que nos protejam e àqueles que conhecemos. Esta sabedoria vem do profeta Maomé (A Paz Esteja Com Ele), que certa vez disse a um companheiro: «Quem vê um defeito num muçulmano e ignora esse defeito, é como aquele que salva uma jovem que foi enterrada viva.»

Os leitores que conhecem a Arábia Saudita sabem que os bebés do sexo feminino nascidos no nosso país enfrentavam, noutros tempos, o perigo de serem enterrados vivos. Antes de o profeta Maomé ter proibido a odiosa prática, era de um modo geral aceite que os pais e as mães tinham o direito de acabar desta maneira com a vida de uma menina recém-nascida. Mesmo depois de o Profeta ter ordenado o fim deste costume, alguns pais insensíveis e muçulmanos infiéis continuaram a desafiar a sua regra. Aceitavam o costume de libertar a família de uma rapariga que poderia um dia trazer-lhes vergonha. É um medo que continua vivo nos corações paternos no meu país, onde mães e pais ainda se preocupam a todo o instante que uma filha, por estouvadice, se comporte de tal maneira que os envergonhe.

Em verdade, nos tempos da ignorância, a maior parte das famílias acreditava que nada de bom podia resultar de trazer ao mundo uma rapariga. Por isso as bebés eram levadas para o deserto, onde os pais abriam uma cova pouco funda na qual depositavam a inocente para ser enterrada viva, condenando-a a uma morte horrível e aterradora.

Mas aqueles pais, ou outros membros masculinos da família, que seguiam a sabedoria do Profeta e tomavam medidas para salvar a vida das pobres meninas eram julgados os melhores dos homens. Por isso esses crentes consideram que as palavras do Profeta significam o seguinte: guardar segredos que exporiam terceiros a rumores maldizentes ou à condenação da sociedade é o mesmo que salvar uma vida.

Apesar de ter sido uma das primeiras a reconhecer algumas facetas indesejáveis da minha sociedade, também sinto prazer em revelar as vantagens da vida na Arábia Saudita. Uma dessas vantagens tem a ver com as palavras do Profeta a respeito da maledicência e de dizer mentiras. Quem nasceu saudita não tem de recear que outros inventem falsidades a seu respeito ou daqueles que ama. Se tal coisa acontecesse, a pessoa seria severamente punida. Esta reprovação, e o castigo garantido por parte da sociedade, calam muitas línguas e muitas coscuvilhices.

Na minha sociedade muçulmana, a perda da reputação é considerada tão grave como a morte física. Significa isto que tem havido na Arábia Saudita vários processos legais em que os que foram declarados culpados por terem difamado outros incorreram numa pena de prisão, além de uma flagelação dolorosa e pública. Maledicentes, cuidado!

Quando era menina, passava horas sentada nos joelhos da minha mãe a ouvir uma mulher muçulmana que viveu uma vida de devoção ao islamismo. Lembro-me bem do dia em que ela me falou da obrigação de guardar segredos, pegando-me na ponta da língua com dedos delicados e puxando-a para fora, ao mesmo tempo que dizia: «Sultana, o Profeta pegou uma vez na sua própria língua e disse: ‘Controlai isto.’»

Naqueles já distantes anos da infância, sentia-me invadir por uma onda de prazer sempre que a minha querida mãe me exortava a impedir que a minha língua revelasse segredos. Aquelas declarações da sua impecável boca iluminavam o facto de que nada de bom decorreria de divulgar comportamentos errados. Na verdade, porém, devido à minha infantil incapacidade de julgar as minhas próprias ações de uma maneira madura, aplicava o conselho só a mim mesma, querendo com isto dizer que embora guardasse segredo sobre as minhas próprias marotices, as da minha némesis, o meu irmão Ali, eram contadas a todos.

Como todos sabem através das histórias da minha juventude e da minha vida adulta, não posso negar que, em se tratando do meu irmão, nunca soube interiorizar plenamente a sábia orientação da minha mãe.

E não discordarei daqueles que disserem que eu própria revelei muitos segredos a respeito da minha sociedade, mas recorro aos que criticam que a minha conduta sempre foi, e é, desculpada pela maneira cautelosa como abordo os assuntos: tive sempre o maior cuidado em proteger os verdadeiros nomes daqueles cujas ações denuncio, ainda que, nos casos em que um nome já tinha sido revelado num tribunal, ou numa publicação saudita, o mundo já conhecesse os seus segredos antes da minha revelação.

Graças aos ensinamentos do Profeta, todos os muçulmanos que conheço se orgulham de saber guardar segredos. Não sou exceção a esta regra no tocante aos segredos que quero guardar. Este secretismo foi notado pelo meu marido, Kareem, que muitas vezes comentou que nenhum muçulmano que conhecesse ou tivesse conhecido pessoalmente igualava a minha tendência para a discrição. Quando ele me diz estas palavras, sorrio delicadamente, sem nunca admitir que sinto poucos remorsos quando escondo segredos importantes ao homem que é meu marido. E então reconheço no meu íntimo que embora seja uma pessoa amável que se interessa pelos outros, sou um ser humano imperfeito.

Todos os que acompanham os noticiários sabem que, nos dias que correm, uma tremenda instabilidade agita o mundo árabe. Em tempos como este, os segredos proliferam, na sua maior parte subtraídos ao escrutínio público. No ano passado, foram-me revelados segredos guardados por homens que ocupam os mais altos cargos no governo saudita. Tive também conhecimento de segredos

sonegados por primos da realeza e, mais importante ainda para mim, de segredos escondidos por membros da minha própria família. Mas mais caros ao meu coração são os segredos que me foram revelados por mulheres vítimas de abuso e infelizes. Estas mulheres perturbadas aliviaram o coração fazendo-me confidências. Muitas suplicaram-me que revelasse ao mundo os seus segredos. O propósito que as anima é virtuoso: acreditam que chamando a atenção para o seu sofrimento poderão ajudar a salvar outras mulheres em risco de serem vítimas do mesmo tratamento.

Infelizmente, o Médio Oriente está em fogo, com a violência extrema e a guerra que assolam a Síria, o Iraque, a Líbia e o Iémen a porerem fim a muitas vidas e a ameaçarem outras. Em tempos de conflito, são sempre as mulheres e as crianças as primeiras e principais vítimas da violência dos homens. As mulheres que são violadas e brutalizadas carregam consigo pesados segredos, e só com outras mulheres estão dispostas a partilhar os seus momentos mais negros. Não pensem que não são corajosas, pois são os mais heroicos dos bravos pelo simples facto de continuarem a viver. Gritariam todo o mal que lhes fizeram do cume da mais alta montanha se não tivessem importantes razões para não o fazer. Antes de mais nada, esforçam-se por garantir que os seus filhos pequenos não ficam sem mãe.

Tragicamente, nas sociedades ultraconservadoras, as mulheres têm de viver no receio constante dos homens da sua própria família, bem como no pavor da feroz condenação de uma estrita sociedade muçulmana que se coloca sempre contra qualquer mulher que seja vítima de um homem. Quando, no meu canto do mundo, uma mulher inocente é violada, vê-se muitas vezes declarada responsável pelo seu infortúnio. Isto é verdade, e vou contar-lhes histórias que confirmam este horror.

Embora revele segredos importantes neste livro, terei o cuidado de divulgar apenas aqueles que não prejudiquem inocentes. Os nomes das mulheres e raparigas que me pediram o anonimato permanecerão ocultos. Se acaso revelar nomes ou segredos já divulgados por outras fontes – fontes que referiram os envolvidos pelos seus verdadeiros nomes –, não terei sido eu a causar o mal.

Um importante segredo que guardei foi-me revelado pelo meu marido Kareem, que me avisou dos iminentes bombardeamentos contra o território iemenita. Guardei este segredo com apreensão, pois estava em causa a segurança do meu país. Mas agora o mundo inteiro sabe que o nosso rei, Salman, vai enviar pilotos sauditas para a guerra contra os combatentes houthis no vizinho Iémen. Os meus leitores que conhecem a história da Arábia Saudita sabem que é muito invulgar entrarmos em guerra com qualquer país, ou qualquer grupo combatente. Embora seja verdade que o meu avô, Abdul Aziz, que era um guerreiro, usou o combate contra várias tribos adversárias para consolidar os vastos territórios do nosso país, a partir do momento em que a Arábia Saudita se formou como uma nação viável pôs a espada de lado e utilizou a sua sabedoria para procurar abordagens diplomáticas capazes de resolver os dilemas políticos.

Agora, porém, o meu país está em guerra contra rebeldes que tentam ocupar e controlar o Iémen, o nosso vizinho a sul, com o qual partilhamos afetos através de velhos laços e relações pessoais. Este perturbador conflito está entretecido com uma disputa verbal com o Irão – este país não criou quaisquer problemas aos seus vizinhos durante o governo do xá, mas desde a revolução de 1979, quando os clérigos devoraram o país e olharam para lá das fronteiras do Irão para despertar a fúria de muitos, uma sensação de medo daquilo que um dia havia de acontecer insinuou-se em todos os corações sauditas.

Parece agora que o tão temido dia chegou. Com o Irão e a Arábia Saudita a confrontarem-se no

Lémen, onde o Irão apoia os rebeldes houthis enquanto a Arábia Saudita os combate, é possível que os dois países acabem por enfrentar-se numa guerra de facto. Se este assustador cenário se confirmar, toda a região se incendiará, ameaçando todo o Médio Oriente, e não só. Tendo em consideração as terríveis ramificações de uma guerra total nesta parte do mundo, todas as pessoas dotadas de razão deveriam rezar para que o conflito, por enquanto latente, não degenera em guerra aberta – uma guerra que afetaria adversamente o mundo inteiro.

De momento, porém, o Lémen e os países que compõem o Conselho de Cooperação do Golfo (CCG) – Arábia Saudita, Barém, Kuwait, Omã, Qatar e Emirados Árabes Unido – são os mais ameaçados.

Embora me preocupe com todos os que sofrem, os meus pensamentos vão em especial para as mulheres e crianças, porque são sempre as que mais sofrem em tempos de caos e de guerra. Nada é mais importante para mim do que o direito das mulheres a viverem com dignidade e liberdade.

Os problemas pessoais das mulheres e crianças do Lémen sempre foram enormes, uma vez que as primeiras já eram vítimas de uma implacável discriminação de género mesmo antes de os rebeldes houthis terem assumido o controlo do governo do país. Agora, com uma guerra declarada, as suas vidas são quase insuportáveis.

Os dilacerantes acontecimentos no Lémen afetaram de uma forma profunda a minha vida e a dos membros da minha família. Eu e o meu marido concordámos e discordámos, consoante os incidentes que criaram alarme em toda a região. Lamento dizer que guardámos segredos um do outro, segredos que foram causa de grandes convulsões em nossa casa. Mas, apesar de tudo, continuamos a ser uma família, e nada poderá alterar o amor que sentimos um pelo outro.

O IÉMEN EM CHAMAS

Há alturas em que estamos tão estreitamente ligados a uma pessoa, ou a um país, que nos alheamos da importância da sua presença, e por vezes esquecemos até que existe. Aconteceu-me a mim. Nos últimos vinte anos, um dos principais países que confinam com a Arábia Saudita desvaneceu-se dos meus pensamentos. A nação de que estou a falar é o Iémen, um país com o qual a Arábia Saudita partilha uma fronteira de 1800 quilómetros. A passagem entre os dois países foi porosa durante muitos anos, com sauditas e iemenitas a deslocarem-se sem restrições de um lado para o outro, mas depois do recrudescer das rebeliões e da violência no Médio Oriente, o meu país começou a construir uma divisória física, conhecida como a Barreira Arábia Saudita-Iémen. Esta estrutura tem três metros de altura e está equipada com aparelhos de vigilância eletrónica. O muro tem sido um motivo de atrito entre os nossos governos, com o Iémen a afirmar que é tão ruinoso para os Iemenitas como o muro construído por Israel na Cisjordânia pelos Israelitas. Esta excruciante censura, comparar a Arábia Saudita a Israel, levou os homens da minha família a interromperem por diversas vezes a construção. Mas, com o aumento das tensões no Iémen, recusaram permitir que a emoção interferisse com os seus planos. A Barreira Arábia Saudita-Iémen é agora uma realidade para os nossos dois países.

Com as constantes erupções de violência na minha parte do mundo, é triste ter de admitir que talvez todos os países beneficiassem com a construção destas barreiras.

Agora os Sauditas estão em guerra, e talvez o muito criticado muro ajude a salvar a vida de algumas pessoas.

O certo é que, com tudo o que tem estado a acontecer, as minhas reflexões a respeito do Iémen e do seu povo, que se tinham quase apagado, reavivaram-se e tornaram-se uma obsessão mental.

Foi em Jumada t-Tania 1436 (25 de março de 2015 pelo calendário gregoriano) que senti pela primeira vez a minha antiga paixão voltar a inflamar-se. Foi nesse dia crucial que o meu tio Salman – o novo rei da Arábia Saudita depois da morte do rei Abdullah a 2 Rabi’ath-Thani 1436 (23 de janeiro de 2015) – ordenou aos pilotos sauditas que bombardeassem os rebeldes houthis no Iémen. A partir do primeiro momento da ação militar saudita, as recordações acumuladas ao longo de uma vida reacenderam-se, flamejando com um clarão tão forte como o daquelas bombas que explodiam.

Não vou aqui entrar em grandes pormenores sobre a longa história dos rebeldes houthis no Iémen, mas revelarei alguns factos relacionados com esses insurretos que raramente chegam aos noticiários noutros países, porque sei que os leitores dos meus livros se correspondem muitas vezes com a autora e chegam até a enviar-me mensagens em que dizem gostar de conhecer a história por detrás dos acontecimentos que afetam a minha vida e as vidas de outras mulheres na região. Respeito as preferências dos leitores, pois é bom compreender o pano de fundo contra o qual se desenrolam os eventos da atualidade.

Os rebeldes houthis lutam contra o regime iemenita há uma década. Esta rebelião, cujo nome vem

de Hussein al-Houthi, tem sido causa de um enorme desespero no Iémen e apreensão na Arábia Saudita e outros países do Golfo. A vida e a história de Hussein al-Houthi são notáveis, não obstante o facto de eu não concordar com as suas afirmações e ensinamentos.

Os atuais problemas não decorreram da antiga divergência entre sunitas e xiitas, muito embora al-Houthi fosse um piedoso líder religioso xiita que se tornou bem conhecido no Iémen, e na Arábia Saudita, em 2002, quando entoou uma *sarkha*, ou o lema dos houthis. As palavras do clérigo foram a sua canção: «Deus é grande. Morte à América. Morte a Israel. Malditos sejam os judeus. Vitória para o islão.» Se bem que concorde com todo o coração que Deus é grande, o resto do provocadora *sarkha* de al-Houthi é desnecessariamente conflituosa. Este lema hostil é o símbolo dos houthis – palavras, palavras de guerra, que eles bordam nas suas bandeiras. Só pelo lema, é fácil deduzir que estes rebeldes são fracos negociadores e até ao momento ninguém conseguiu persuadi-los a atenuar a sua belicosa atitude.

Além disso, Hussein al-Houthi fez, em 2002, um discurso em que manifestava o seu fervoroso ódio à América. Nesta desafiadora alocução (que teve um grande êxito junto das massas), perguntava: «Porque foi que a América veio ao Iémen? Sob o pretexto de espalhar a democracia e combater o terrorismo? Vieram para se informarem sobre a situação no Iémen e então decidirem que projetos eram necessários para o desenvolvimento do Iémen? Ou vieram para lavrar as terras? Vieram para construir colmeias? Os Americanos vieram para trabalhar connosco, ou vieram por outra razão qualquer? A América é o grande Satanás e está por detrás de todo o mal no mundo.»

Ainda que a América, como todos os países que alguma vez existiram, não seja perfeita, só os ignorantes dirão que um único país está por detrás de todo o mal no mundo. Afirmações tolas como esta criam desrespeito para com aqueles que as proferem. Basta fazermo-nos uma pergunta: não havia males no mundo antes da fundação da América em 1776?

Embora Hussein al-Houthi seja o rosto dos atuais rebeldes no Iémen, as raízes do movimento houthi entretecem-se na história moderna do país, não obstante haver pequenas diferenças entre a rebelião dos nossos dias e a original, que começou em 1986, desencadeada pelo xeque religioso Salah Ahmed Feletah.

A paixão de Feletah pela mudança atraiu Hussein Badr al-Din al-Houthi, um clérigo com inclinações ideológicas semelhantes.

A pequena rebelião levou a um grande mal-estar na região. Quando, em 1994, deflagrou uma guerra civil no Iémen, al-Feletah e al-Houthi alinharam com o Iémen do Sul. Quando o Iémen do Norte venceu o conflito, Feletah e o seu partido perderam o poder. Vou tentar resumir para os meus leitores a história de uma longa revolução. Hussein al-Houthi, atraente e carismático, era filho de Badr al-Houthi e fez-se homem sob a tutela do pai. Mas, ao contrário deste e de Feletah, acreditava que conseguiria promover a mudança participando ao nível institucional. Candidatou-se e serviu no Parlamento. Ao cabo de uma série de desapontamentos com um governo que se aproximava cada vez mais do Ocidente, Hussein chegou à conclusão de que não lhe seria possível alcançar os seus objetivos integrado no regime e, em 1997, demitiu-se e criou uma organização política, a Juventude Crente.

O povo do Iémen aderiu sem dificuldade às ideias deste homem belo e dotado de uma personalidade magnética. Instantaneamente popular junto das massas, ganhou muitos seguidores. Instantaneamente impopular junto do governo, foi declarado um reacionário perigoso. Os seus entusiásticos apoiantes inundaram os distritos adjacentes, exigindo a interpretação mais

conservadora do Corão. As tensões foram crescendo à medida que o apoio a al-Houthi aumentava. Convencido de que Hussein al-Houthi constituía uma verdadeira ameaça à legitimidade da sua autoridade, o governo declarou-lhe guerra aberta em 2004. Esta guerra tornou-se tão dispendiosa que vários membros do governo reuniram com al-Houthi e pediram-lhe que fizesse uma lista das suas exigências para que as negociações pudessem levar ao fim do conflito. Al-Houthi respondeu que não tinha exigências. Queria apenas que a juventude iemenita fosse instruída nos verdadeiros princípios do islão e que o governo se desviasse da sua cooperação com o Ocidente, em especial com os Estados Unidos.

Nenhum dos lados conseguiu encontrar o caminho para a paz, e a luta recomeçou. Foi então que as forças governamentais bombardearam com mísseis a casa de al-Houthi, ferindo vários membros da sua família e matando-o a ele e alguns dos seus guardas.

Como acontece com tantas rebeliões, quando o líder é morto o espírito da revolta cresce. Abdul Malik, irmão de Hussein al-Houthi, assumiu a liderança do movimento que não parava de alastrar. Os combatentes que seguiam Abdul Malik chamavam a si mesmos Ansar Allah, ou Apoiantes de Deus.

Nesta fase, o governo iemenita apercebeu-se de que a rebelião houthi era maior do que o seu falecido líder, pois ameaçava causar ainda mais agitação sem al-Houthi do que causara com ele ao leme. A rebelião tornou-se tão nociva para o governo que o presidente do Iémen ofereceu um perdão, pondo como única condição que acabasse. Abdul e os seus combatentes recusaram a oferta de paz. A luta continuou, intermitente, ao longo de anos. Como um incêndio florestal que recusasse apagar-se, em 2008, começou a aproximar-se da fronteira da Arábia Saudita. Em 2009, membros das Forças Armadas sauditas e combatentes houthis confrontaram-se na fronteira. Em Riade começaram a soar campanhas de alarme.

Voltando agora ao há muito falecido Hussein al-Houthi. Quando foi morto, em 2004, o governo receou que a sua sepultura se tornasse um santuário. Por isso recusou os apelos da família que pedia a devolução do corpo do mártir para lhe fazer um funeral adequado. Em vez disso, as autoridades enterraram o corpo, sem mais cerimónias, no pátio de uma prisão. Este gesto causou um tal azedume entre os houthis que, em dezembro de 2012, oito anos mais tarde, o governo permitiu enfim que a família reclamasse o corpo, na esperança de que este gesto benevolente encorajasse a harmonia nacional.

Estava enganado. O funeral estimulou a rebelião. E assim, desde essa altura até ao presente, têm-se sucedido as batalhas entre os combatentes houthis, as forças governamentais e vários outros grupos. Até que, ao cabo de anos de luta constante, os rebeldes conseguiram por fim derrubar o governo e assumir o controlo do Iémen.

Tragicamente, muitos iemenitas inocentes foram apanhados na linha de fogo; milhares deles morreram e muitos mais perderam as suas casas e tornaram-se refugiados.

Com os rebeldes a fazer movimentos ameaçadores na direção do nosso próprio país, os homens da minha família decidiram que não tinham alternativa senão ir para a guerra com o objetivo de expulsar os rebeldes do poder e reinstalar uma liderança menos agressiva.

E assim a Arábia Saudita entrou num novo e muito desagradável período da sua história, em que sentimos que temos de nos defender contra um vizinho com o qual tínhamos de um modo geral mantido uma ligação estreita desde tempos antigos. O nosso rei promoveu uma coligação com outros estados árabes e, com o apoio dos Emirados Árabes Unidos, Kuwait, Qatar, Egito, Marrocos, Jordânia, Barém e Sudão, os bombardeamentos começaram. Embora nenhuma pessoa sensata aplauda

a guerra, não negarei que esta intervenção militar exclusivamente árabe despertou um sentimento de orgulho em muitos sauditas, um povo cujo governo tem de um modo geral procurado junto da América e de outros aliados ocidentais ajuda para se defender. A maior parte dos sauditas olha para as enormes quantidades de dinheiro gasto em poderio militar e acredita que o rumo correto para a nossa terra é defendermo-nos a nós mesmos, sempre que possível.

E assim chegou o dia em que a Arábia Saudita e outras nações árabes juntaram forças para resolver os seus próprios problemas na sua própria casa.

* * *

Apesar de estar a par de muitos dos segredos conhecidos apenas pelos homens que governam o país, Kareem, o meu privilegiado marido, assistiu comigo, a partir do primeiro dia da guerra, aos intermináveis noticiários da televisão e acompanhou-me na leitura dos muitos artigos que apareceram na Internet a respeito da intervenção militar saudita no Iémen. Quando ele me informou de que a dita intervenção tinha recebido o nome de código Operação Tempestade Decisiva, fiquei estupefacta.

– Esposo – disse –, isso não é prudente. A maior parte dos sauditas vai relacionar a nossa ação militar com a Operação Tempestade no Deserto.

Referia-me, claro, à reação militar à invasão e ocupação do Kuwait por Saddam Hussein. Com certeza os nossos chefes militares seriam capazes de fazer melhor do que imitar os Americanos.

Kareem encolheu os ombros sem responder, como se a ideia não lhe tivesse sequer passado pela cabeça.

Suspirei de forma bem audível, recordando a mim mesma que a mente feminina consegue muitas vezes ver recantos escuros que para as mentes masculinas permanecem invisíveis. Todos os que vivem no meu país recordam como a operação Tempestade no Deserto deixou um gosto amargo na boca da generalidade dos Sauditas. Houve uma grande instabilidade no país durante vários anos após a guerra pois as pessoas achavam mal que, ao cabo de tantos anos a gastar tantos milhões de dinheiro do petróleo na compra de equipamento militar, os nossos governantes parecessem convencidos de que as nossas Forças Armadas eram incapazes de defender o país.

No entanto, nada mais disse, pois vi como Kareem contraía o maxilar a preparar-se para a minha réplica. Optei por surpreendê-lo com o meu silêncio. Gosto de reagir de forma inesperada ao meu marido, porque não quero ser uma mulher previsível. Em vez de argumentar, fiz-lhe um sorriso amável e perguntei-lhe se queria um café e um doce. Kareem aceitou contente uma fatia do bolo de mel que o pessoal da cozinha fazia de propósito para os homens da família, que apreciavam coisas do género. Mesmo assim, enquanto mordiscava o bolo, Kareem não conseguiu disfarçar por completo a expressão irritada e um tudo-nada confusa que lhe assomou ao rosto, pois era raro eu desistir com tanta facilidade ou deixar passar uma oportunidade de expor até ao fim as minhas razões.

Com o passar do tempo, cheguei à conclusão de que os homens e as mulheres nunca pensarão do mesmo modo. Enquanto ouvia o meu marido aplaudir os nossos êxitos militares, sentia-me cada vez mais triste, a perguntar-me se não haveria uma maneira menos física do que a guerra de resolver o problema. Não me importo de admitir que enquanto Kareem rejubilava, as minhas lágrimas corriam. Só conseguia pensar nos civis iemenitas inconscientes de que seriam alvo das bombas. Com mais de 200 000 iemenitas deslocados, e o número de vidas perdidas a aumentar todos os dias, o meu mal-estar crescia. Uma vez, quando Kareem saltou do sofá e bateu palmas de alegria ao ouvir os danos causados no Iémen, olhei para o meu marido descoroçoada e corri a refugiar-me no meu quarto,

tranquei a porta e ignorei os seus pedidos para que lhe permitisse a entrada.

* * *

Afundada na minha covarde tristeza, perguntei a mim mesma: «Sultana, como pudeste esquecer o nosso vizinho do Sul e os seus habitantes?» Desde criança, o Iémen e o seu povo sempre tinham estado ligados a quase todos os aspetos da minha vida. Quando era menina, o meu primeiro conhecimento do país chegou-me através dos rapazes-do-chá iemenitas do meu pai. Havia sempre dois ou três nos nossos palácios, como na maior parte das casas da família real saudita.

Habituada a ver os homens sauditas vestidos com a *thobe*, uma veste parecida com uma camisa que chega ao tornozelo, ficava espantada pelo vistoso traje daqueles rapazes-do-chá. Na primeira ocasião em que já tinha idade suficiente para reparar nas pessoas que me rodeavam sem serem membros da família, detive-me e fiquei a olhar para a curta *futa* que usavam, uma saia enrolada à volta da cintura e acompanhada por um casaco de cor escura. Mas o que mais atraía o meu inacostumado olhar era a famosa *jambiyya*, a encurvada adaga iemenita enfiada na faixa que prendia a saia. Os rapazes-do-chá completavam a sua indumentária nativa com um *meshedda*, um xaile que se enrola à volta da cabeça ou dos ombros, enquanto andavam de um lado para o outro calçados com simples sandálias.

Mas se o traje tradicional iemenita foi a primeira coisa em que reparei, foram as atitudes e os rostos deles que me prenderam a atenção. Por qualquer razão, todos os rapazes-do-chá que conheci eram extremamente magros. Ali estavam tenazmente ociosos, esmagados pelo tédio de ficar de pé à espera durante horas sem fim. Embora a postura dos rapazes-do-chá revelasse desalento, os seus rostos refletiam quase sempre uma esperançada expectativa, ansiosos de que alguém da família pedisse uma chávena de chá doce ou de café amargo. Se há algum trabalho mais cansativo do que esperar pela sede dos outros, não conheço tal ocupação.

Mas na altura eu era apenas uma criança, a quem nada interessavam os dilemas alheios. Lembro-me de correr pelas salas, desejosa de falar à minha irmã Sara do cativante espetáculo que tinha visto. Mas o meu ruidoso entusiasmo chamou a atenção da minha mãe. A minha bela mãe olhou para mim com desapontamento antes de me recordar num tom cheio de gentileza que as meninas devem manter os olhos baixos, contar os passos, fazer seja o que for para resistir à tentação de olhar para os que são diferentes de nós, sobretudo quando observam o sexo oposto. Eu tentava obedecer aos seus ensinamentos, mas não conseguia deixar de olhar para aqueles rapazes com ar desamparado que viviam em nossa casa, embora tivesse aprendido a certificar-me de que não havia por perto ninguém da família que pudesse aperceber-se da minha ousada inspeção.

Lembro-me de, mais tarde, ter ouvido discussões políticas entre o meu pai e os meus irmãos a respeito de certas circunstâncias perturbadoras relacionadas com o nosso vizinho Iémen. Recordo algumas das suas preocupações, pois estavam convencidos de que os problemas decorriam do facto de o nosso vizinho ser muito pobre enquanto a Arábia Saudita era, e é, muito rica. Uma tão grande diferença de recursos económicos significava que o governo e o povo do Iémen procuravam a nossa generosidade desde os primeiros dias da riqueza proporcionada pelo petróleo. No entanto, os iemenitas são muito orgulhosos e nunca aceitarão ser humilhados. Por isso nunca conheci um iemenita que se sentisse diminuído na presença de sauditas ricos. Não há outro povo que tenha um amor-próprio igual ao deles.

Suspirei e vesti uma roupa confortável, pois não tinha a intenção de voltar a ver o meu marido

naquela noite. Depois de me ter instalado na cama e pedido um copo de sumo de maçã fresco, os meus pensamentos focaram-se em duas mulheres iemenitas que tinha conhecido durante a minha idade adulta. Os seus nomes eram Italia e Fiery.

Não devia haver no mundo duas mulheres mais diferentes uma da outra. Italia nascera na mais negra miséria e os primeiros anos da sua vida tinham sido marcados pelo medo e pela necessidade permanentes. Quando, a partir dos dez anos, se tornara uma grande beldade, sofrera abusos por culpa da dádiva que a libertara da pobreza.

Fiery, pelo seu lado, nascera em circunstâncias muito diferentes, no seio de uma respeitada família da classe média; o pai era um erudito, considerado um homem sábio e justo por aqueles que o conheciam. A posição do pai na vida fazia com que a deferência com que era tratado se estendesse aos dois filhos e três filhas. Fiery sempre fora vulgar na aparência, mas tinha uma personalidade colorida; os que a conheciam bem diziam que a fisicamente feia Fiery tinha alcançado um certo esplendor feminino reservado no meu país – onde é o que está por fora que define as mulheres, não a inteligência ou a personalidade – às dotadas de uma beleza esplendorosa. Apesar da sua falta de encanto físico, Fiery gozava de tanta estima quanto era, e ainda é, possível uma mulher gozar no Iémen, um país que se deixou ficar muito para trás da Arábia Saudita em termos da maneira como as mulheres são tratadas, tendo, em 2006, sido nomeado pelo Fórum Económico Mundial (FEM) o pior país do mundo para se ser uma mulher.

Não obstante a minha satisfação por a Arábia Saudita e outros países do Golfo nossos vizinhos terem ascendido nessa respeitada classificação, entristece-me o facto de as iemenitas não poderem subir a escada da liberdade juntamente com outras mulheres árabes e desfrutarem de mais independência e de uma maior prosperidade.

Aprendi muito a respeito do Iémen e das mulheres que lá vivem ao conhecer a bela Italia e a inteligente Fiery. As suas vidas entrecem-se com tudo o que há de melhor e de pior no nosso vizinho.

Acredito que não há maneira mais verdadeira de descobrir os aspetos mais significativos de um país e do seu povo do que através das vidas privadas das suas mulheres.

A BELDADE VINDA DO IÉMEN

Durante toda a minha vida, medi a beleza feminina tendo como padrão a minha irmã mais velha, Sara. Tal é a magnificência da sua beleza física que a primeira vez que o irmão de Kareem, Assad, a viu por acaso no jardim das mulheres do palácio do meu pai, ficou por instantes sem fala! Os que leram o primeiro livro sobre a minha vida conhecem todos os pormenores do namoro e do casamento de Assad e Sara; tem sido uma maravilhosa história de amor desde o primeiro dia até agora, e promete durar até ao fim das suas vidas.

A reação de Assad não constituiu surpresa para ninguém da nossa família, pois todos os que tiveram o privilégio de ver o rosto descoberto de Sara são unânimes em afirmar que em parte alguma viram uma mulher mais bela.

É particularmente agradável o facto de a beleza da minha irmã Sara não se limitar à forma exterior. O seu coração e o seu espírito são tão maravilhosos quanto o seu aspeto físico.

Assad, agora seu marido de há muitos anos, destaca com frequência que há perfeição em todos os aspetos da esposa. Na realidade, ter-se-ia tornado cansativo com os seus repetidos louvores se nós todos não amássemos Sara tão sem reservas. Concordamos com Assad quando ele afirma que a nossa preciosa Sara é uma mulher perfeita em todos os sentidos.

Mas da primeira vez que vi Italia, uma iemenita tão espantosa que me fez olhar embasbacada, fiquei quase tão aturdida como Assad tinha ficado ao ver Sara. Os meus olhos contemplavam uma grande beleza – e embora o esplendor físico de Italia não ultrapassasse o de Sara, pelo menos igualava-o.

O meu primeiro encontro com Italia aconteceu há já algum tempo no palácio de Ameera, uma prima real, filha da irmã mais nova do meu pai. Ameera recebia um grupo íntimo de oito primas da realeza com o objetivo específico de conferenciar a respeito de vários escândalos que tinham surgido no nosso meio.

Embora os homens al-Saud sejam o rosto público da realeza, muitas vezes as mulheres resolvem discretamente problemas do círculo familiar para impedir que sejam do conhecimento geral. Por vezes há princesas que viajam até ao estrangeiro e se comportam mal, e a sua conduta só é conhecida pelas mulheres da nossa família. Quando isso acontece, um grupo de princesas mais velhas esforça-se por aconselhar as jovens, desencorajando-as de repetir o mesmo comportamento e deste modo evitarem o severo castigo que lhes seria aplicado pelos homens da família.

Com uma grande família real, que cresce em número de semana para semana, são frequentes as complicações deste género. Há ocasiões em que as nossas humilhações são intencionalmente divulgadas na imprensa ocidental. Por exemplo, muitos leitores recordar-se-ão do episódio em que uma das minhas primas foi detida na Europa por ter agredido uma das suas criadas. Nada pudemos fazer para resolver esse problema específico, pois a reprovável conduta desta nossa parente apareceu relatada em muitos jornais estrangeiros, envergonhando os nossos familiares que tratam

com decência o pessoal doméstico.

E é assim que algumas de nós, as princesas mais modernas, usam a sua energia para resolver os problemas que vão surgindo no nosso círculo mais íntimo. Mas o objetivo da reunião em casa de Ameera era mais político do que o habitual, pelo que fiquei surpreendida ao ver a elegante desconhecida sentada em silêncio enquanto folheava um grande livro ilustrado sobre os jardins mais pitorescos do mundo.

Soube no mesmo instante que a beldade não era uma mulher saudita, pois há traços identificáveis da nossa nacionalidade. Não sei descrevê-los com precisão, mas como saudita raras vezes me engano quando presumo se uma mulher árabe é ou não minha compatriota. Embora não conseguisse adivinhar-lhe a nacionalidade exata, sabia que não era «uma de nós».

Então a nossa anfitriã apresentou-a, pedindo com gentileza à desconhecida visitante que se pusesse de pé.

– Queridas primas – disse Ameera. – A Italia é uma convidada especial em minha casa. Quis apresentar-vo-la antes que se retire, pois está exausta depois de uma cansativa viagem.

Italia sorriu com muita doçura, acenou com a cabeça e então falou graciosamente na sua voz suave, revelando um evidente sotaque iemenita. Fiquei mais do que surpreendida. Embora Italia fosse a mais bela e impressionante das presentes, era raro uma iemenita participar das nossas reuniões sociais. Houvera ocasiões em que a mulher, filha ou irmã do governante do Iémen visitara mulheres da realeza saudita enquanto o marido, pai ou irmão conferenciava com o nosso rei ou com ministros sauditas da mais alta posição, mas podia contar esses episódios pelos dedos de uma mão. Mas talvez fosse esse o caso de Italia, pensei para comigo mesma, porque naquele particular momento da história tinha escasso conhecimento das irmãs e filhas dos governantes do país nosso vizinho. No entanto, sentia uma estranha atração por Italia. Enquanto lhe sorria, disse a mim mesma que deveria pedir mais tarde a Ameera que partilhasse comigo um pouco do que sabia a respeito da sua invulgar convidada.

A reunião familiar terminou quando acabámos de traçar os nossos planos sobre como resolver alguns problemas importantes e eu fiquei sentada em silêncio, demorando-me intencionalmente enquanto as minhas primas abandonavam o palácio. Uma vez a sós com Ameera, encorajei-a a partilhar pormenores sobre Italia.

– Ameera, querida, estou intrigada com a tua convidada Italia. Podes dizer-me alguma coisa a respeito dela?

Por qualquer razão, Ameera mostrou-se renitente em dar-me pormenores pessoais a respeito da jovem iemenita, dizendo que o irmão, que estava a considerar a possibilidade de casar com ela, ficaria aborrecido. Mas aceitou um convite para levar Italia ao meu palácio no dia seguinte, para um almoço privado.

– A Italia é livre de dizer-te o que quiser, mas eu devo manter em segredo o que me foi dito.

As palavras de Ameera espicaçaram-me a curiosidade, mas não pressionei a minha prima a trair a confiança do irmão. Quando nos despedíamos, porém, Ameera revelou um pouco do que eu já tinha adivinhado:

– Mas dir-te-ei que a Italia é do Iémen.

– Isso já eu tinha deduzido pela sua maneira de falar – admiti.

Até o nome, Italia, me intrigava. Por tradição, os filhos recebem nomes árabes, sendo Mohammed e Ali os mais populares para os rapazes, mas muitas vezes os pais iemenitas dão aos filhos o nome

de um acontecimento, um país, um sonho ou até uma recordação. Nunca tinha ouvido nomes mais peculiares do que os atribuídos a crianças iemenitas. Estava cheia de curiosidade de saber a origem do nome de Italia, certa de que a história devia ser fascinante. Mas quando me preparava para fazer a pergunta, Ameera foi interrompida por duas das suas três filhas, que tinham terminado os estudos e queriam falar com a mãe. Era evidente que as jovens princesas não conheciam a história de Italia, pois uma expressão de desconforto perpassou pelo rosto de Ameera. Apressou-se a redirecionar a nossa conversa, indagando da saúde do meu pai, que não tinha estado bem nas últimas semanas. O meu pai era, na altura, um homem ainda relativamente novo, mas sofrera o que receávamos ter sido um AVC. Os AVC são comuns entre os homens da família al-Saud, pelo que havia motivos para preocupação.

– Há vários dias que não sai da cama, e admito que estou nervosa – reconheci com um resignado encolher de ombros, pois os médicos do meu pai nunca conferenciariam comigo, a filha de quem ele se afastara havia tantos anos.

No entanto, Sara e várias das minhas outras irmãs estavam no palácio dele naquele preciso instante. Recordando de súbito que tinha pedido a Sara que passasse pelo meu palácio no regresso a casa para podermos discutir a deteriorada saúde do meu pai, apressei-me a pegar na minha *abaya*, no véu e na bolsa, mas não sem antes recordar a Ameera que no dia seguinte as esperaria, a ela e Italia, no meu palácio para almoçar.

Saí do palácio de Ameera com uma inebriante sensação de antecipação, como se um poderoso íman me atraísse para a vida de Italia. Não combati o impulso de conhecer melhor aquela fascinante iemenita. Como poderia saber quantas vidas na minha família seriam afetadas pelo nosso encontro?

* * *

Quando cheguei ao meu palácio em Riade, fiquei frustrada ao saber que Sara já lá tinha estado e ido embora. Teria de esperar até ao dia seguinte para saber notícias da saúde do meu pai. Tinha aguardado com alegria a visita de Sara, pois ela é a mais chegada das minhas irmãs e tem sido a minha confidente desde a infância. Kareem estava indisponível para uma conversa, por se encontrar reunido com vários primos da realeza de elevada condição. Os meus filhos ainda não tinham casado, mas estavam todos na Europa para umas férias de esqui com uma das minhas irmãs mais velhas e a família.

A nossa enorme casa fervilhava de atividade com a azáfama do pessoal do palácio, e está sempre alguém de serviço vinte e quatro horas por dia, mas eu era o único membro da família presente. Lembro-me de me sentir muito sozinha e desejar ver a minha família, mas não podia ser. Pedi uma chávena de chá e uma cesta de doces a uma das nossas mais simpáticas e tímidas criadas indonésias.

Depois de me terem levado o chá e os bolos, fiquei sozinha na sala de estar e os meus sentimentos derivaram para a pessoa de que mais saudades tenho tido ao longo de toda a minha vida adulta. Essa pessoa é a minha mãe. Era muito nova quando a minha mãe morreu e sinto a sua falta todos os dias desde que exalou o último suspiro. Fechei os olhos, a devanear, a imaginar como aquela noite poderia ser tão especial se a minha mãe estivesse ali sentada comigo, a beber chá, a rir baixinho, a falar dos meus filhos, a dar-me conselhos sobre o meu casamento, a guiar-me.

Por muito abençoada que seja, a minha vida teria sido muito mais doce com a minha mãe a meu lado.

Na minha sociedade árabe seria, é certo, considerada já uma anciã, mas a verdade é que, se fosse

viva, teria na altura apenas sessenta e dois anos. Apesar de absorta neste devaneio, a pensar na minha mãe e em como precisava dela, e em como ela teria amado os meus filhos, forcei os meus pensamentos a voltar ao presente e à crise de saúde do meu pai e considerar a possibilidade de ele morrer muito antes do que se poderia esperar.

Não queria que o meu pai morresse.

Não tinha dado parte dos meus sentimentos a quem quer que fosse, mas estava na altura aberta a uma relação melhorada com um homem que em tempos temera e detestara. Os anos tinham passado e, embora ele não fosse ainda um velho, tinha notado um surpreendente arrastar de pés da última vez que o vira, algo que me lembrou de que era muitos anos mais velho do que eu, pois já tinha feito quarenta quando nasci. Sara tinha-me confidenciado, pouco antes, que a audição dele estava bastante diminuída. O seu envelhecimento tocou-me o coração, aumentando o meu afeto pelo homem que me dera vida.

Suspirei ao recordar as desagradáveis fases do nosso relacionamento.

Detestava o meu pai quando era criança, pois acreditava verdadeiramente que ele não gostava de mim. O meu carácter independente não me permite amar alguém que não me ame. Como adulta, habituei-me à sua desconsideração e convenci-me de que me era indiferente. Mas à medida que a sua idade avançava, amadureci e desejava uma relação melhor, não obstante o facto de o meu pai não parecer particularmente interessado em tornar-se o pai que eu sempre desejara, um pai cujos olhos se iluminassem de alegria ao ver a mais nova das filhas que tivera com a minha mãe. Com a notícia de um possível AVC, ainda que ligeiro, soube que o tempo estava a passar e a possibilidade de um relacionamento melhor a escapar-se-me por entre os dedos.

«É impossível reconciliares-te com um cadáver, Sultana», recordei a mim mesma.

Mal sabia que, na altura, o meu pai experimentava sentimentos semelhantes. Como podia eu saber que a nossa relação havia de melhorar no dia em que ele oferecesse um retrato da minha mãe à filha mais nova da sua primeira mulher. Mas essa memorável ocasião estava ainda a alguns anos de distância, de modo que recolhi ao leito a sentir-me sozinha, rejeitada e bastante triste.

Fui acordada, já tarde na manhã seguinte, pelo toque persistente do meu telefone privado, a que podia chegar da cama sem dificuldade. Não estava ainda bem desperta, mas fiquei contente ao ouvir a voz de Sara, e escutei com muita atenção quando ela me disse que o nosso pai não sofrera um AVC e que em vez disso fora vítima de uma intoxicação alimentar causada por um jantar de peixe. A intoxicação alimentar provocara-lhe dores de cabeça que tinham alarmado o médico, que optara por explorar todas as possibilidades mais graves.

O alívio que expressei surpreendeu Sara, mas ela não insistiu nas suas perguntas quando eu mudei de assunto para lhe falar da bela iemenita chamada Italia. Manifestei a esperança de que Sara pudesse fazer-nos companhia ao almoço, mas a minha irmã declinou, dizendo que tinha de fazer um trabalho urgente relacionado com uma comissão de mulheres da realeza ocupadas a redigir uma apresentação convincente, que ofereceriam a vários dos nossos primos mais jovens, que em breve ocupariam cargos de poder no governo. Estes jovens primos, com uma maneira de pensar mais moderna, estavam de acordo com as suas familiares que queriam tornar ilegal o casamento de qualquer rapariga com menos de dezoito anos na Arábia Saudita.

Considero indesculpável não haver no meu país um limite mínimo legal de idade para as raparigas casarem. Embora a maior parte das famílias não force as filhas a casar antes dos dezasseis anos, se um pai decidir aceitar uma proposta para a filha de oito anos ninguém no governo, ou na nossa

sociedade, tentará impedir o casamento. Estas decisões, por muito prejudiciais que possam ser para uma criança, são consideradas assuntos privados e dependem única e exclusivamente da vontade do pai ou do tutor legal.

Os casamentos infantis têm causado sofrimentos sem-fim e danos para a saúde capazes de pôr vidas em risco. Muitas raparigas bastante novas que nada sabem da vida adulta e das relações sexuais entre homens e mulheres ficam aterrorizadas e traumatizadas quando forçadas a ter sexo com um homem adulto. Tragicamente, muitas dão à luz anos antes de os seus corpos terem amadurecido o suficiente, criando complicações de saúde que ficam para toda a vida.

Sara tem uma razão especial para combater o casamento infantil. Antes de se tornar a esposa de Assad, ainda adolescente, foi obrigada pelo nosso pai a casar com um homem bastante mais velho; em consequência das agressões sexuais infligidas ao seu jovem corpo, ficou a sofrer de graves problemas físicos e psicológicos. Devido à sua experiência pessoal, Sara e Assad definiram como propósito das suas vidas fazer vingar uma lei que proteja as raparigas muito novas de um casamento prematuro.

É uma tarefa gigantesca, pois há na Arábia Saudita muitos homens poderosos que se opõem a uma tal lei, afirmando que é direito de um muçulmano casar com uma criança.

Não há outro trabalho mais importante a ser feito no meu país.

Desejei sorte a Sara antes de desligar e começar a preparar-me para receber as minhas convidadas. Minutos antes da hora a que esperava Ameera e Italia, recebi um segundo telefonema, dessa vez da minha prima Ameera, que me disse que tinha sido obrigada a mudar de planos porque a sua filha de dezassete anos ficara histérica depois de o pai lhe ter dito que era demasiado nova para ir estudar para Paris no ano seguinte. Ouvia em fundo os gritos da jovem princesa, juntamente com o som de pancadas e coisas a partirem-se que assumi ser o resultado de uma fúria adolescente. Ameera baixou a voz e confidenciou-me:

– Tu sabes como estragámos estas raparigas com mimos. Todas as minhas três filhas estão habituadas a que lhes satisfaçam todos os desejos.

– Sim, compreendo – respondi, com genuína empatia.

A maior parte das crianças da realeza saudita é vergonhosamente mimada, seja pelo amor de pais ricos que querem que os filhos tenham tudo o que desejam, seja por preguiça parental. Descobri que é muito mais fácil ser uma mãe indulgente do que uma mãe vigilante, ceder aos pedidos dos meus filhos do que explicar-lhes as razões porque não podem ter, e não terão, certos privilégios. Tive uma fugaz imagem de uma exibição semelhante feita pelas minhas duas filhas. Em ocasiões assim, só o pai conseguia pôr cobro à sua agitação infantil. Graças a Deus, o meu filho Abdullah nunca deu aos pais motivos de queixa com semelhantes proezas.

Senti crescer o desapontamento por o almoço que tinha planeado não ir afinal acontecer, mas então Ameera acrescentou uma boa notícia:

– Se não te importas que a Italia vá sozinha, ela está livre e terá muito prazer em aceitar o teu convite.

Uma vez que conversar com Italia era o objetivo do almoço, fiquei logo mais animada.

– Sim, ela que venha. Fico à espera.

– Ela é extremamente tímida, Sultana – avisou Ameera.

Com base na reticente atitude de Italia no dia anterior, acreditei nas palavras da minha prima. Mas a aparência reservada da iemenita fora enganadora, como não tardaria a descobrir.

Quando Italia me revelou o verdadeiro motivo da sua viagem à Arábia Saudita para falar com membros da realeza, apercebi-me de que a maneira como se apresentava era muito inteligente e que ela estava destinada a atingir o seu objetivo.

* * *

A chegada de Italia foi anunciada pelo nosso porteiro, um egípcio chamado Mahmoud que Kareem tinha conhecido pouco antes e, tendo gostado dele, «roubara» a um dos melhores hotéis do Cairo. Nunca tínhamos tido um porteiro, mas Kareem achava que, além do nosso corpo de guardas, precisávamos de um homem fisicamente forte cuja única função seria vigiar a porta do palácio e estar disponível para proteger a nossa família. Ao princípio eu não ficara convencida, mas depressa mudei de opinião porque Mahmoud era um homem alegre que também sabia ser arrojado e muito duro quando necessário. Dirigi-me da sala de estar ao átrio do palácio e não dei importância quando o sempre bem-disposto Mahmoud se voltou para mim com olhos que brilhavam, divertidos, e abriu a pesada porta de metal para que Italia pudesse entrar em nossa casa.

Não tardei a compreender a razão do ar divertido de Mahmoud. Quase arquejei quando Italia pisou o chão do vasto átrio de entrada; com um sorriso rasgado no rosto e um vestido de estilista muito mais adequado para um casamento real do que para um simples almoço, tinha um ar bastante elegante e seguro. Trazia os compridos cabelos negros presos numa intrincada trança salpicada do que me pareceu serem pequenos diamantes entretecidos com delicada maestria nos escuros fios. Pareceu-me ainda mais bela do que no dia anterior, apesar de a elaborada indumentária ser chocantemente inapropriada. Não deu a impressão de não reparar que eu usava um simples vestido de seda amarela adequado à ocasião.

No dia anterior, a jovem parecera em tudo a filha instruída de uma poderosa família iemenita. Mas o seu aspeto naquele momento fez-me duvidar desta apreciação. Vestia as roupas mais caras e luxuosas que era possível encontrar, de uma maneira que a maior parte das pessoas associa à realeza saudita – apesar de não ser esse o caso.

Tudo aquilo acicatou a minha curiosidade.

Apercebi-me de que a anterior timidez de Italia tinha desaparecido, juntamente com os seus modos serenos e elegantes, no momento em que ela me cumprimentou com uma alegria exuberante e, puxando-me para si, me depôs uma série de entusiásticos beijos nas faces.

Dei-lhe algumas palmadinhas nas costas e, afastando-me, convidei-a a seguir-me até à pequena área de convívio e jantar de onde se desfruta de uma magnífica vista da nossa gloriosa piscina olímpica, decorada com cinco grandes fontes. Kareem tinha-a mandado construir para o nosso filho, Abdullah, que é um excelente nadador.

Enquanto petiscava o nosso almoço de fruta fresca e pequenas sanduíches, concentrei-me na minha convidada.

– Italia, por favor, fale-me de si.

– Não, princesa, por favor, falai-me de vós – disse ela com um sorriso ofuscante, pois os seus dentes eram tão perfeitamente regulares e tão deslumbrantemente brancos que pensei que talvez se tivesse submetido ao género de tratamento comum entre as estrelas de Hollywood, que mandam branquear os dentes.

Embaraça-me confessar que fiquei ali sentada sem palavras por um longo momento, a olhar para Italia, pois raras vezes temos oportunidade de contemplar um espécime humano fisicamente perfeito.

A densa e brilhante cabeleira negra emoldurava um impecável rosto oval. Os refulgentes olhos cor de âmbar, bem afastados, eram orlados por umas generosas e espetaculares sobrancelhas. O invejável nariz poderia ter si esculpido por Miguel Ângelo, o incomparável escultor e pintor italiano que viveu na Renascença e que mudou para sempre o mundo com o seu imenso génio para criar beleza. Os lábios de Italia eram cheios, e o seu queixo feminino mas forte. A pele morena do rosto e do pescoço era suave e lisa como natas batidas.

Agora que tinha oportunidade de lhe estudar as feições mais de perto, tive, com relutância, de admitir que era ainda mais bela do que Sara.

Italia voltou a sorrir e disse, quebrando o silêncio:

– A vossa vida fascina-me, princesa.

Olhou para a piscina e fez um gesto na direção de alguns móveis caros que estavam à vista, dando a entender que o seu interesse se relacionava sobretudo com a nossa riqueza e com a abundância que ela proporcionava.

– Não há muito a dizer, Italia – respondi, pois não tinha o menor desejo de entrar em pormenores a respeito da minha vida. – Vou contar-lhe a minha vida numa versão resumida. Nasci na família real e tenho muitas irmãs e um irmão. Casei com um primo membro da realeza. Tenho três filhos. Estou empenhada em conseguir reformas que favoreçam as mulheres e as raparigas. Esta – acrescentei, com um ligeiro encolher de ombros – é a minha vida.

– Que vida maravilhosa – disse, animada. – Sois com certeza a inveja de todos os que vos conhecem.

– Espero que não – declarei, com uma sensação de alarme face à ideia de que a minha visitante pudesse invejar a minha luxuosa casa.

A maior parte dos árabes não procura a inveja por receio de que ela provoque o mau-olhado, fazendo cair o infortúnio sobre a sua cabeça. Poucas pessoas no mundo ocidental têm consciência de que um grande número de mulheres árabes acredita no mau-olhado. É preciso não esquecer que, desde crianças, nos metem na cabeça a ideia de que uma tal força existe.

Com a intenção de mudar de assunto, e de acalmar a entusiasmada natureza de Italia, peguei-lhe na mão e não fiquei surpreendida ao sentir a pele suave e lisa e ao ver os dedos compridos e esguios. Seria possível que aquela mulher não tivesse um único defeito físico? Até Sara tem uma imperfeição. Os dedos grandes dos pés da minha irmã são incongruentes, um deles grande e pouco atraente, o outro pequeno e torto. A nossa mãe disse-lhe uma vez que um dos cavalos premiados do pai lhe tinha pisado o mais pequeno quando ela era criança. Fosse qual fosse a causa da deformação, Sara raramente calçava sandálias devido à conspícua fealdade do dedo desproporcionado.

A menos que houvesse defeitos físicos escondidos debaixo das roupas de Italia, todo o seu aspeto físico era digno de admiração.

– Italia, despertou em mim uma grande curiosidade. Por favor, conte-me tudo a respeito da sua vida.

A expressão dela ensombrou-se, mas só por um instante.

– Tudo, senhora? Tendes a certeza?

– Quero que me conte tudo o que não a faça sentir-se embaraçada, Italia. – Sorri-lhe. – Deixe-me dizer-lhe isto. Sou uma mulher com uma paixão por descobrir a verdade nas vidas de outras mulheres, quer essa verdade revele tristezas ou alegrias. É o trabalho da minha vida, explorar, depois estudar e por fim analisar as vidas de mulheres onde quer que as encontre. Acumulo informação para

poder falar sabendo o que estou a dizer de todos os países e todas as culturas, e saber com precisão até que ponto esses países valorizam as suas mulheres. Só então posso trabalhar com conhecimento exato para ajudar a conseguir a igualdade para todas as mulheres. Embora conheça o Iémen, e o povo iemenita, perdi o contacto desde que me tornei adulta. Mas agora esforço-me por descobrir as mudanças que aconteceram no seu país, em particular as mudanças que afetam as mulheres.

Foi evidente que as minhas palavras tocaram num ponto emocional, pois os olhos de Italia brilharam com uma ameaça de lágrimas.

– Mas, Italia, não me diga nada que crie um sentimento desagradável no seu coração – acrescentei, para a acalmar.

Italia engoliu as lágrimas e começou a falar. Com a voz embargada pela emoção, disse-me:

– Sinto-me muito constrangida, princesa. Vejo que sois uma pessoa genuína, ao contrário de muitos dos membros da vossa família real.

Ficou a olhar para mim durante muito tempo, até que eu assenti com a cabeça e disse: «Continue», optando por não me sentir ofendida pela má impressão que ela tinha de outros membros da família al-Saud, porque até eu tenho opiniões críticas no que diz respeito a certos parentes.

– A princesa Ameera tem sido muito boa para mim. Agora vós tendes a generosidade de me convidar para vossa casa e de vos interessardes por mim, pois a princesa Ameera disse-me que de certeza faríeis muitas perguntas. Tenho de vos dizer a verdade. – A sua pele morena corou até ficar vermelho-escuro, e então confessou: – Sou uma impostora, senhora.

Nunca teria esperado aquelas palavras, e por isso demorei um momento a responder:

– Em que sentido é uma impostora, Italia? Acaso não é iemenita, como afirma?

– Oh, sim, sim! Sou uma iemenita pura – disse Italia com um toque de orgulho. – Não sou uma *muwallad*. Não há sangue estrangeiro na nossa família.

A palavra «muwallad» significa «um árabe que não é bem um árabe». O termo é muitas vezes usado no Iémen para humilhar alguém, para lembrar a essa pessoa que não é um iemenita autêntico, ou autêntica, uma coisa vergonhosa na cultura deles.

Embora o povo iemenita seja muito hospitaleiro para com quem o visita, há uma notória discriminação sempre que um homem iemenita casa com uma mulher de outra cultura, muito especialmente se a noiva é de África. Os Iemenitas tendem a expressar admiração pelas peles mais claras.

Sendo uma mulher de pele morena, casada com um homem também moreno, a criarmos juntos duas filhas maravilhosas e um belo rapaz, a ideia iemenita de que mais claro é melhor deixa-me perplexa e confusa. Apesar de muitas pessoas por todo o mundo valorizarem muito a pele branca, posso com verdade dizer que algumas das mulheres mais belas, e homens mais atraentes, que conheço têm uma magnífica pele dourada.

Viajei por muitos países e conheci seres humanos das mais variadas cores, e sei que há beleza em todas elas.

– A questão é a seguinte – continuou Italia. – Embora eu diga a verdade quando afirmo ser iemenita, finjo ser alguém que não sou. A verdade, princesa, é que desde há muitos anos imito uma mulher muito rica que em tempos conheci. Assumi a personalidade dela, que é demasiado grande para mim, porque ela era real e eu não sou. Desde muito nova, tenho tido razões importantes para convencer os outros de que pertenço a uma família rica. Não preciso de dizer que sou rica, e a minha língua nunca forma essas palavras. Finjo ser. Comporto-me como se fosse. Recebi muito pouca

instrução quando era criança, mas já adulta eduquei-me a mim mesma lendo jornais, revistas e livros pertencentes a outras pessoas. Para dar autenticidade à minha personagem, acumulei roupas bonitas e algumas boas joias de casamentos anteriores. É bastante fácil convencer quem não conhece o meu passado de que sou uma mulher influente com uma grande riqueza. Por isso, quando as pessoas assumem que essa identidade é verdadeira, eu entro no jogo e nunca o nego. Nunca ninguém me interroga a respeito da minha riqueza, mas eu faço deliberadamente com que as pessoas a sintam.

Italia tinha a cabeça inclinada, com o queixo quase a tocar o peito, e disse em voz baixa:

– Princesa, não consigo olhar-vos nos olhos enquanto vos digo a minha verdade. – A sua voz, antes forte, tinha-se reduzido quase a um murmúrio. – Princesa, nasci despojada de tudo numa família pobre de camponeses iemenitas.

Hesitou, erguendo os olhos para espreitar para o meu rosto, claramente convencida de que eu ia chamar Mahmoud para que expulsasse do meu palácio uma mulher tão sem importância e de tão escassos meios.

Italia não me conhecia bem, ou saberia que não julgo as pessoas pelo tamanho da sua conta bancária ou pelas circunstâncias do seu nascimento.

Sorri.

Ela arquejou de surpresa ao ver a minha reação.

– Italia, tem razão numa coisa. Assumi pela sua roupa e pelos seus modos que vinha da riqueza. – Assenti pensativa, falando do coração. – Querida Italia, aqui está uma boa lição para si. Todos os seres humanos que alguma vez viveram, e todos aqueles que hão de nascer, nascem em circunstâncias determinadas por Deus. Nunca nenhum ser humano teve a possibilidade de escolher a família, o país ou a cultura em que nasce.

Ri.

– A decisão de Deus de me colocar no útero da minha mãe para que eu pudesse nascer como uma rica princesa saudita esteve fora do meu controlo. Com a mesma facilidade podia ter nascido fraca e feia numa pequena aldeia num país pobre. – Abarquei com um gesto da mão a opulência que nos rodeava. – Tudo isto me foi dado. Acaso criei o petróleo que financia os palácios, os magníficos edifícios e as infraestruturas da Arábia Saudita? Não. Não contribuí de maneira nenhuma para fazer deste país aquilo que ele hoje é. A minha riqueza não foi ganha, e por isso não posso arrogar-me créditos por um único rial emitido ou gasto neste país. Mas ajudo muitas raparigas gastando a minha riqueza para lhes proporcionar educação e dar-lhes a possibilidade de uma boa vida. – Acaricieei-lhe as costas da mão. – Tal como lhe deu a si uma grande beleza física, Deus deu-me a mim uma grande riqueza. Devemos agradecer a Deus, e aceitar todos os que encontramos como nossos iguais na vida.

Italia ficou calada durante alguns instantes, embora parecesse estar a absorver o que eu acabava de dizer. Então, inesperadamente, as palavras libertaram-se. Declarações emotivas jorraram-lhe da boca, uma mulher enfim livre do medo de ser condenada pelas circunstâncias do seu nascimento.

Não tardaria a aperceber-me de que a jornada dela tinha sido muito mais fascinante, e difícil, do que a da esposa, irmã ou filha de um homem influente. Várias pessoas que muito admiro ensinaram-me que nascer pobre faz muitas vezes uma pessoa embarcar numa estimulante viagem de descoberta, porque com frequência a pobreza gera grande energia – o género de energia necessária para arrancar alguém às profundezas do negro mar da miséria.

– Deixai-me contar-vos tudo, princesa – disse Italia.

– Sim, tenho toda a tarde para estar consigo e ouvir a sua história – respondi, e então sugeri: –

Deixemos a mesa e passemos para um sofá.

Italia seguiu-me e instalámo-nos em assentos mais confortáveis, e ela sorriu sem constrangimento pela primeira vez. Acreditei que se sentia aliviada por poder tirar dos ombros um fardo que carregara durante muito tempo. E mal nos instalámos, começou a contar sua história.

– Princesa, a minha história, tão invulgar, começa com o meu nome. Italia foi sugerido pelo irmão preferido da minha mãe. Esse irmão tinha tido o prazer de viajar pela Europa com um capitalista inglês que vivera algum tempo no Iémen, onde se tornara sócio de um importante empresário iemenita. O inglês enriquecera depois de se ter tornado intermediário entre um fabricante local e vários grandes importadores ingleses.

«O meu tio começou a trabalhar como rapaz-do-chá, mas a sua inteligência não tardou a evidenciar-se e ele começou a subir, chegando a um cargo de alguma relevância na empresa iemenita gerida pelo inglês. Este cavalheiro acabou por confiar plenamente no seu assistente iemenita, e quando decidiu regressar à Europa, com a ideia de comprar uma casa na Ligúria, surpreendeu o meu tio ao convidá-lo a ir também.»

Eu conhecia uma pouco da Ligúria, pois eu e Kareem tínhamos viajado por lá, com Sara e Assad, alguns anos antes. Tínhamos ficado na conhecida estância balnear de Portofino e explorado toda a região. É uma parte de Itália famosa pela sua beleza – mesmo num dos mais belos países da Europa. A incomparável Toscana fica perto, bem como Génova, a cidade natal do célebre navegador Cristóvão Colombo.

– Como sabeis – continuou Italia –, naqueles tempos já distantes conseguir um visto de turista para a Europa ou para a América não era tão difícil como é agora, neste nosso mundo onde impera o medo.

– É verdade – respondi.

– Seja como for, o meu tio ficou de tal modo apaixonado pela região, e por Itália, que usou a sua capacidade empreendedora para conseguir um patrocinador italiano de modo a poder ficar na Toscana. Era um homem que se dava bem com toda a gente, e graças a isso viveu e prosperou em Itália durante mais de vinte anos. Depois de o pai ter morrido de velhice, regressou ao Iémen. Cuidou da mãe, sendo o último filho sobrevivente, e ajudou a família.

«O seu regresso coincidiu com o meu nascimento. A minha mãe, que era uma criança quando o irmão mais velho partira para Itália, ficou espantada com o interesse do meu tio pelo seu primeiro filho, sobretudo tratando-se de uma rapariga. Mas havia também uma outra razão.

«Antes do meu nascimento, o irmão quase não falava de outra coisa que não fosse da grande beleza que encontrara em Itália, da maravilhosa paisagem de suaves colinas; falava também das pessoas, que pareciam tão felizes naquela terra soalheira. Na realidade, elogiava tanto Itália e os Italianos que os aldeãos começaram a evitá-lo; cansaram-se de ouvir falar de um paraíso terrestre que sabiam que nunca poderiam conhecer.

«Mas depois de eu ter nascido, o meu tio tornou-se obcecado com a questão do nome que devia ser dado ao primeiro filho da irmã. Agora que penso nisso, era um homem que se deixava obcecar com facilidade, primeiro com Itália, depois comigo.

«Por fim, conseguiu convencer o cunhado, meu pai, a chamar à filha recém-nascida Italia, como o país que tanto amava. Garantiu aos meus pais que se me chamassem Italia, eu beneficiaria pessoalmente do esplendor daquela terra. Com um tal nome, afirmava, seria de certeza uma grande beldade capaz de merecer a atenção de um rico proprietário de terras iemenita, que me tomaria para

esposa.

«Os meus pais assumiam que o meu tio sabia tudo. Acreditavam no seu poder apenas porque acumulara conhecimentos ao longo de anos de viagens e uma boa maquia que conseguira juntar no estrangeiro. Depois de voltar ao Iémen, mandara construir uma casa nova para a mãe e trouxera-a à Arábia Saudita para ser tratada a um cancro num grande hospital. E a verdade é que ela se curou. Havia muito respeito por um homem tão generoso, com dinheiro suficiente no bolso para ajudar família e amigos. Os meus pais não gostavam particularmente daquele estranho nome, Italia, mas eram bastante supersticiosos e tinham muito medo de que se não dessem ouvidos aos conselhos do meu tio eu nascesse feia.»

Neste ponto, Italia riu.

– A grande ironia é que, apesar do nome, eu nasci feia!

– Nasceu o quê?

– Feia. Nasci feia.

– Não me minta! – exclamei.

– É verdade. Fui um bebé feio e uma criança feia. Mas como os meus pais respeitavam o meu tio, coroaram-me com o nome Italia. Os meus pobres e iletrados pais esperavam que um dia eu me transformasse de um feio bebé de rosto avermelhado numa assombrosa beldade. – Arqueou as espetaculares sobrancelhas. – Mas não aconteceu. Nasci feia e continuei feia por muitos anos.

– Tenho muita dificuldade em acreditar que alguma vez possa ter sido considerada feia, Italia! – disse eu, com uma gargalhada.

De súbito, a voz de Italia tornou-se um falsete.

– Mas era. Feia. – Fez uma careta e começou a gesticular com a mão, a apontar para a cara. – Nos meus primeiros anos, era pequena e ossuda, com uns dentes descomunais, um nariz demasiado grande para a minha cara encovada e pés enormes que até o meu tio dizia que lhe faziam lembrar os pequenos esquis que vira em Itália: os Italianos amarravam pedaços de madeira aos pés para descerem a toda a velocidade as vertentes cobertas de neve. Ainda hoje, quando olho para os meus pés, vejo esquis.

Rimos as duas, porque é fácil rir dos pés de alguém quando eles são perfeitos, como eram os de Italia.

– A minha pobre mãe. O meu pobre pai. Ficaram devastados pela catástrofe da minha fealdade. Sabiam que eu nunca lhes conseguiria sequer um pequeno dote. Na realidade, acabaram por aceitar a ideia de que morreria solteira, a viver à custa deles até que morressem de velhice.

«Pobres queridos. Os seus sonhos de futura riqueza desvaneceram-se na pressão das preocupações quotidianas com questões de dinheiro. Toda a aldeia sabia que o meu tio prometera aos meus pais que eu seria uma grande beldade. Claro que, com a minha fealdade bem à vista, as pessoas eram implacáveis. Até as crianças tinham a crueldade de me chamar macaquinho. O mais terrível para mim foi quando um dos anciãos da aldeia corroborou as chufas, dizendo que, de facto, eu era quase indistinguível dos pequenos macacos castanhos que tinha visto numa área florestal do Iémen. Na realidade, dizia ele, perentório, achara os macacos muito mais bonitos do que a rapariga escanzelada com o grande nariz.»

Senti o meu coração encher-se de compaixão pela infância que Italia tinha conhecido.

– E os seus pais não a protegiam dessas crueldades, Italia?

– Não. Tinham outros quatro filhos. Os meus irmãos estavam sempre com fome e todo o seu duro

trabalho e energia eram dedicados a alimentar a família. Diziam-me que me escondesse em casa para fugir aos insultos das crianças. – Estas recordações fizeram subir lágrimas aos olhos de Italia. – Acreditai, os meus pais gostavam da sua única filha, mas eu não estava a transformar-me na beldade que atrairia um marido rico. O meu tio tinha-lhes semeado essa ideia no espírito tão seguramente como o meu pai semeava os socos.

Fez uma breve pausa e continuou, numa voz estrangulada:

– Durante a maior parte da minha infância, fui muito infeliz. Mas havia alguns poucos momentos em que me sentia muito amada. A nossa família era tão pobre que raramente comíamos carne. Para ser exata, só acontecia em duas ocasiões específicas: as festas do Eid al-Fitr e do Eid al-Adra. Eram festas felizes, durante as quais recordávamos Deus e Lhe mostrávamos a nossa gratidão. As únicas alturas em que me sentia especial era durante essas festas. Isto tinha a ver com o meu pai. Apesar de depois dos primeiros anos da minha vida ele pouco me ligar, durante as festas distinguia-me como sua única filha. Fazia uma grande ostentação ao dar-me a gorda cauda da ovelha sacrificada, apesar de os meus quatro famintos irmãos também a desejarem. A alegria daquele momento alimentava a minha periclitante confiança para o resto do ano, até à festa seguinte, quando mais uma vez os meus irmãos olhariam para mim intrigados... Os meus pais tinham várias vezes afirmado que eu era uma grande desilusão para a família, por estar bastante longe de ser a grande beldade que esperavam.

«É verdade que os velhos sonhos voltavam à tona de vez em quando, porque eu tinha algumas boas qualidades. Quando me tornei adulta, a minha mãe foi desenterrar uma velha recordação, dizendo-me que, mesmo quando era feia, os meus olhos amendoados brilhavam como chocolate líquido e a minha pele era tão macia que as mulheres mais velhas da aldeia gostavam de passar as mãos por ela.»

A pobre Italia suspirou.

– Se alguém falava de pequenos sinais de potencial beleza, a visão de um pretendente apaixonado brilhava como ouro para os meus pais. Mas durante anos nada resultou das fantasias que eles tão ansiosamente criavam nas suas cabeças.

«À medida que os seus sonhos se desfaziam, os meus pais deixaram de me glorificar, expressando várias vezes a opinião de que eu era a maior desilusão do casamento deles. Era uma criança feia que era suposta ter sido uma tal beldade que poderia ter-lhes mudado a vida, quando a minha prometida beleza os arrancasse a uma existência de trabalho esgotante naqueles íngremes socos tão comuns no Iémen e os projetasse para uma riqueza tão grande que poderiam dormir em lençóis de seda e comer a mesas carregadas de coisas deliciosas.

«Eu era tão infeliz. Chorava tão alto que por vezes os vizinhos se queixavam, gritando à minha mãe que devia ter-me enterrado na areia quando nasci.»

– Oh, Italia, tenho tanta pena. E consigo imaginar como deve ter sido desagradável ter perdido a cobiçada posição da criança que representava a esperança.

Neste ponto, perguntei a mim mesma: quantos ossos de recém-nascidas indesejadas estarão enterrados nas areias da Arábia? Estremeci ao pensar que era impossível dar um número ao crime.

Italia arrancou-me a estes pensamentos.

– Sim, e sabeis como é no Iémen, princesa, mais do que na maior parte dos países onde o nascimento de uma menina é considerado um golpe de azar.

– Quando foi que o macaquinho feio se transformou numa bonita rapariga, Italia? – perguntei, sabendo que isto acontecera porque tinha a prova sentada à minha frente.

– Oh, houve um grande milagre, princesa. Aconteceu quando eu ia entrar no décimo primeiro ano

da minha vida.

Fiquei sem respiração, porque sempre me deixei fascinar por histórias emocionantes que só podem ser explicadas como milagres.

– Oh, um milagre? Conte-me tudo.

– Não recordo os pormenores exatos, porque não havia espelhos em nossa casa. A única vez que vira a minha feia cara fora quando a minha mãe me levava a um pequeno ribeiro para encher os garrafões de água e ao olhar para uma poça vi uma coisa horrível olhar para mim! Pensei que havia um *djin* mau na água. Comecei a gritar e a tremer, e escondi o rosto no vestido da minha mãe. E então chorei a sério quando a minha mãe me disse que não me preocupasse, que o feio *djin* que eu julgava ter visto não era nenhum *djin* mas apenas eu própria! Era na verdade feia, muito mais feia do que alguma vez imaginara, mesmo quando as pessoas diziam que parecia um macaco!

– Oh, Italia!

– Não vos preocupeis, princesa. Pouco depois, a minha mãe voltou àquela mesma poça para me mostrar uma bela imagem.

– Conte-me. Os finais felizes são os que mais me alegram – disse eu.

– O milagre foi rápido, ou pelo menos foi o que me disseram. No entanto, nem os meus pais nem eu notámos qualquer diferença, pelo menos ao princípio. Suponho que os meus pais olhavam «através de mim» em vez de «para mim». Quanto aos meus irmãos, bem, nunca se davam ao incómodo de reparar fosse no que fosse que me dissesse respeito, bom ou mau. Então, uma semana, o meu tio convidou-nos para uma refeição, dizendo que tinha comprado umas galinhas gordas no mercado e que teríamos uma carne deliciosa para o nosso almoço. Ficámos todos muito empolgados por irmos comer galinha gorda porque as únicas galinhas que conhecíamos eram as da aldeia, todas elas muito magras. Tinham pouco que comer, alimentando-se de umas poucas ervas e terra; na realidade – acrescentou, e riu –, as galinhas da nossa aldeia sabiam a lama.

Mais uma vez agradei a Deus ter sido abençoada com riqueza; nunca me preocupava com a quantidade ou a qualidade da comida posta na minha mesa porque era sempre a melhor e eu podia comer até ficar saciada. O meu marido costuma dizer que o dinheiro só não é importante para quem o tem.

– Além disso, queria pôr-me tão bonita quanto é possível a uma rapariga feia para o meu tio, que tão bondosamente tinha previsto que eu seria bonita. Por isso trabalhei durante horas a pentear e desemaranhar os meus espessos e encaracolados cabelos, que por essa altura estavam tão compridos que me chegavam aos joelhos. Tomei um banho completo pela primeira vez na minha vida, e esfreguei a cara até deixá-la a brilhar. Pedi à minha mãe que me pusesse um pouco de *kohl* nas pálpebras, e ela assim fez. Supliquei-lhe então que me deixasse usar os seus únicos brincos de ouro verdadeiro, que eram umas grandes argolas. Ela consentiu e deixou-me pôr os brincos comprados no *souk* do ouro de Riade pelo meu tio, certa vez que lá fora com a mãe.

«Assim, com as pálpebras pintadas com *kohl*, e os meus longos e encaracolados cabelos e os brincos pendentes a oscilarem enquanto andava, senti-me confiante pela primeira vez na vida. Estava também entusiasmada pela ideia de comer uma suculenta e gorda galinha. Sentia-me tão feliz que ria enquanto caminhava atrás dos meus pais, saltitando alegre até casa do meu tio. No entanto, os meus pais não notaram nada de diferente em mim, talvez por estarem distraídos com a perspectiva do delicioso festim de galinha que os esperava.

«Mas o meu tio reparou em mim, e quando cumprimentou a família engoliu saliva e disse: ‘Italia?’

‘És tu, Italia?’

«Mantive-me silenciosa enquanto a minha mãe brincava com o irmão, uma coisa que quase nunca fazia, mas supus que estava de bom humor a pensar no delicioso pedaço de galinha que esperava para ser posto no seu prato. ‘Quem poderia ser senão a Italia, irmão? Um *djin* bom que veio ocupar o lugar dela? Ou talvez um *djin* bonito, meu irmão?’ Ambos os meus pais riram, troçando gentilmente da antiga previsão do meu tio.»

Sorri, a imaginar a mãe de Italia naquele instante, a desfrutar de um momento de brincadeira. As mulheres mais pobres do Iémen raras vezes têm ocasião de brincar seja com o que for. No entanto, eu sabia que a mãe de Italia pisava terreno firme com as suas palavras, de acordo com os ensinamentos do profeta Maomé. Os *djins* são referidos com alguma frequência no Corão. Embora estas criaturas sejam as mais das vezes descritas como sendo feitas de fumo ou de fogo, podem por vezes assumir um corpo físico e comunicar com as pessoas. Podem ser bons ou maus, mas quase sempre maus. A maior parte dos pais árabes apresenta os *djins* como seres assustadores para obrigar, pelo medo, os filhos a terem uma boa conduta, da mesma maneira que já ouvi pais de outras culturas tentarem fazer o mesmo com avisos a respeito do papão.

Italia prosseguiu o seu fascinante relato:

– Lembro-me de que o meu tio não se riu. Nem sequer sorriu. Receei que a minha mãe tivesse ido demasiado longe na sua brincadeira. Então o meu tio passou pelos meus pais, ajoelhou-se à minha frente e olhou para a minha cara antes de dizer com a sua voz calma: «Diz-me, minha irmã, que aconteceu àquele grande nariz? E repara nos olhos enormes dela. São belos! E também os feios dentes de bebé desapareceram!» Nunca tinha visto o meu tio tão entusiasmado, a não ser quando contava as suas histórias de Itália.

«Foi então que os meus pais avançaram e se detiveram ao lado do meu tio. Ambos olharam para mim como se nunca tivessem visto a sua própria filha.

«‘Olha, irmã, as pernas da tua filha já não são escanzeladas como as das galinhas da aldeia.’ Então riu alto, assustando-me tanto que me afastei dele. Levantou-se de um salto e ergueu os olhos para o céu, enquanto gritava: ‘Obrigado, Alá, por este milagre. Ela é uma beldade!’

«Pouco mais recordo daquela tarde, pois fiquei muito embaraçada por toda aquela atenção favorável. Estava habituada à troça, não ao louvor. Não gostei muito, para vos dizer a verdade, apesar de a minha vida ter mudado radicalmente, e de muitas maneiras para melhor, a partir daquele instante.

«No dia seguinte começaram a aparecer visitantes em nossa casa, todos a quererem comprovar o que tinham ouvido através da coscuvilhice que alastrara pela aldeia. Todos diziam que tinham de me ver para poderem acariciar os meus compridos cabelos em que nunca tinham reparado, para discutirem como fora possível uma rapariga transformar-se de um feio macaco numa bela mulher. Eu tentava esconder-me debaixo das mantas de inverno dos meus pais, mas eles obrigaram-me a ficar ali de pé para ser examinada, para mostrar aos aldeãos que a previsão do meu tio se concretizara.

«Na verdade, recordo aquela manhã como se tivesse sido ontem. Havia vozes que gritavam, louvando a Deus por uma rapariguinha sem atrativos ter desabrochado de uma gavinha retorcida numa magnífica flor, uma rosa capaz de tentar o mais forte dos homens. Até uma velha tia que era meio cega gritou: ‘Olhem, até os dedos dos pés dela são bonitos!’ Eu saltitava de um lado para o outro, a tentar ver o que ela via. Em retrospectiva, pergunto-me como ninguém reparou nas mudanças que se operavam em mim enquanto crescia. Só posso especular que uma rapariguinha feia era

considerada de tão pouco valor que, embora as pessoas olhassem na minha direção, ninguém se dava verdadeiramente ao trabalho de me ver. Suponho que não era só a rapariguinha feia, era também a rapariguinha invisível. Ainda hoje isto me entristece, porque mostra bem como as mulheres são julgadas na nossa sociedade.

«Um homem, conhecido como Haji, que era considerado o homem mais sábio da nossa aldeia porque tinha feito a peregrinação do *haji* a Meca e visto coisas que os outros não podiam sequer imaginar, especulou que talvez um *djin* bom me tivesse visitado durante a noite, retirando tudo o que era feio em mim e substituindo-o por peças impecáveis. Acreditava-se que coisas assim aconteciam. Na verdade, disse ele, em conversa com outros *hajis* em Meca ouvira falar de vários outros milagres semelhantes, em que mulheres bonitas eram transformadas em seres humanos horríveis, enquanto mulheres feias se tornavam beldades de cortar a respiração. Disse que era obviamente o que me tinha acontecido, pois ainda no dia anterior não havia sinais de beleza na minha cara nem no meu corpo.

«De repente, todos queriam ser amigos da minha família. Todas as mães com filhos da idade apropriada achavam que eu devia casar com eles. Umas quantas começaram a falar de parentes ricos que viviam na capital. Seriam oferecidos dotes enormes, diziam. Alguns velhos já casados com várias mulheres queriam-me como noiva.»

Os ombros de Italia descaíram, como que vergados sob o peso das recordações.

– Foi então que descobri que uma grande beleza tem a sua própria maldição – desabafou.

– Compreendo o que diz, Italia – declarei, e de repente acudiu-me ao espírito a recordação do primeiro casamento de Sara; a sua beleza tinha atraído muita atenção. Na Arábia Saudita, são organizadas reuniões sociais femininas para as mães ou irmãs que pro-curam noivas para os homens das respetivas famílias. O principal objetivo é encontrar uma mulher de grande beleza, uma qualidade importante. Seguem-se a riqueza e a influência. Por isso as mulheres bonitas da família real são as noivas mais cobiçadas do reino.

Para futuro desespero de Sara, a irmã de um homem já velho que procurava uma noiva jovem, bonita e rica assistiu a uma dessas reuniões. O homem era imensamente rico e influente, e depois de ter ouvido falar da beleza ímpar de Sara tornou-se um pretendente determinado e não lhe foi difícil persuadir o nosso pai, apesar de Sara estar muito longe de ter idade para casar. Nem as sentidas súplicas da minha mãe nem a inocência virginal de Sara conseguiram tocar o coração do meu pai.

– Que aconteceu a seguir, Italia? – perguntei.

– Bem, os meus pais ficaram exultantes quando a notícia da minha beleza se espalhou pela região. Não tardou que aceitassem o dote oferecido por um rico homem de negócios iemenita, que lhes prometeu a Lua se preferissem a sua proposta às mais de outras vinte que estavam a considerar. Embora o dote oferecido fosse modesto para os padrões dele, para os meus pais era enorme, o suficiente para pagarem algumas dívidas e alimentarem a família pelo menos durante um ano. Além disso, prometeu enviar alguns animais de quinta ao meu pai, e eu receberia colares e pulseiras de ouro.

«Princesa, eu ainda não tinha doze anos. O homem tinha quarenta e três.»

– Oh, não – murmurei, consciente da dor e do horror que a jovem Italia tinha sido obrigada a suportar.

– Ao princípio, fiquei empolgada ao saber pormenores a respeito da festa que seria organizada em minha honra na aldeia, e que ia receber algumas bonecas para brincar. Sempre tinha querido uma boneca depois de uma amiga me ter dito que vira uma quando fora a Saná com a família.

Eu sabia que Saná era a capital do Iémen, bem como a maior cidade do país, um lugar que poucas aldeãs tinham oportunidade de conhecer.

– Um tal luxo estava muito para lá das posses dos meus pais. Só nos meus sonhos eu brincava com bonecas. Quando ouvia dizer que comeria carne com frequência, enchia-se-me a boca de água e imaginava uma mesa carregada de cordeiro e galinha. Na verdade, estava ansiosa por aquela nova vida que os meus pais descreviam. Que rapariguinha que nunca tivesse conhecido a riqueza nem a abundância deixaria de ficar empolgada pela perspectiva de bonecas e brinquedos e comida com fartura?

«Não tinha, claro, consciência de que estava a ser vendida como escrava sexual. Era a mais inocente das crianças, nunca me tendo afastado da minha mãe a não ser para brincar no caminho de terra que passava ao lado da nossa cabana de barro.»

– Oh, Italia, não sei o que dizer, exceto que tenho tanta, tanta pena. Sei que no Iémen, como na Arábia Saudita, não há um limite de idade para o casamento. Ouvi muitas histórias de raparigas iemenitas com não mais de oito ou nove anos casadas com homens já na casa dos quarenta, homens que as violavam tão brutalmente que elas morriam na noite de núpcias. Isto é um crime que devia ser travado de imediato. Esses casamentos também acontecem na Arábia Saudita, embora haja muito pouca cobertura mediática porque as autoridades não consentem que os jornalistas escrevam sobre tais escândalos.

Italia assentiu com a cabeça.

– Fala-se de mulheres que querem conseguir o mesmo no Iémen, mas os clérigos têm tanto poder que uma lei como essa nunca seria aprovada. Muitos dos pobres do Iémen não têm qualquer educação; estão presos no passado, para eles a felicidade das mulheres não significa nada. Alinham sempre com a opinião dos clérigos. Nem sequer as mães das raparigas dão a mais pequena importância ao bem-estar das filhas.

– Sim, concordo. Muitas mulheres no Iémen e na Arábia Saudita estão de tal modo integradas nas nossas autoritárias culturas patriarcais que acreditam de verdade que o seu único propósito é servir o homem, seja na cozinha ou na cama. Sem o apoio firme de mães esclarecidas, as raparigas serão sempre usadas como isco para conseguir um pouco da riqueza desses nojentos pedófilos.

Nesse instante, os olhos de Italia pousaram num valioso relógio dourado, um presente muito especial do marido de Sara, Assad, que mo tinha dado no meu aniversário.

– Está a fazer-se tarde, princesa. Quereis que me retire agora?

– Não, não. O meu marido vai ficar em Gidá até amanhã e os meus filhos estão de férias na Europa.

Em circunstâncias normais, nunca ouviria uma história tão longa numa só tarde, independentemente do meu interesse na vida de todas as mulheres. Regra geral, vou-as conhecendo ao longo de diversas visitas. Mas estava sozinha no meu enorme palácio, e Italia despertara em mim uma grande curiosidade porque era, de muitas maneiras, um mistério. Intrigava-me aquela deslumbrante mulher de uma família iemenita pobre que falava como uma pessoa culta e instruída, apesar de duvidar que tivesse frequentado a escola quando era criança.

Encorajei-a:

– Por favor, fique um pouco mais. Tenho de ouvir o resto da sua história, Italia.

De súbito, uma expressão deslumbrada estampou-se-lhe no rosto. Pouco a pouco, a sua voz subiu de tom, uma coisa que, já tinha reparado, acontecia quando ela ficava surpreendida ou empolgada.

– Aquele relógio é de ouro maciço, princesa? – perguntou.

Sorri ao responder-lhe.

– Nunca perguntei, Italia. O relógio foi uma oferta de duas pessoas muito importantes na minha vida, e tenho a certeza de que foi caro. Mas duvido que seja de ouro maciço. Talvez seja só banhado a ouro.

A mim pouco me interessava que o relógio fosse ou não de ouro maciço, desde que desse as horas certas. Tinha perdido anos antes o desejo de bens valiosos, embora muitos membros da família continuassem a pagar fortunas pelo que compravam: ter o melhor era gratificante para muitos membros da família al-Saud, incluindo Assad.

– Fale-me do seu casamento, Italia – sugeri.

– De qual deles, princesa? – respondeu, depois de desviar, relutante, os olhos do relógio de ouro e enquanto juntava os dedos de unhas impecavelmente arranjadas, à espera da minha reação.

– Quantas vezes foi casada? – perguntei.

– Sete. Sete vezes, princesa. Mas de momento estou divorciada.

Não pedi pormenores, mas a minha cara deve ter revelado o espanto que sentia. Apesar de muitos homens na minha cultura casarem com frequência, uma vez que os muçulmanos podem ter até quatro esposas ao mesmo tempo, nunca tinha ouvido falar de uma mulher que tivesse casado mais de duas ou três vezes.

– Princesa, quando os homens ouvem as mulheres das suas famílias falar da minha beleza, ou me veem pela primeira vez, sentem que têm de casar comigo. Quando me têm no leito conjugal, esgotam-se a desfrutar-me, mas cansam-se de mim ao fim de um ou dois anos e mandam-me de volta para o Iémen com algumas boas joias e um pouco de dinheiro.

Italia revelou então um novo e interessante pormenor:

– Na realidade, estou na Arábia Saudita à procura de um novo marido, princesa. Desta vez, quero casar com um membro da família real. Nunca casei com um príncipe.

– Oh? – Recordando o que Ameera dissera, perguntei: – Está a pensar casar com o irmão da Ameera?

– Talvez – respondeu Italia. – Depende do dote que ele oferecer.

– Ele já é casado com duas outras mulheres, Italia. Sabe disso?

– Sim, sei.

– E não a preocupa?

– Não, princesa. Estou habituada a ser a nova esposa numa família de outras esposas.

Sou uma crente muçulmana, e reconheço que a nossa religião permite ao homem desposar mais mulheres do que precisa, mas confrontei fisicamente o meu marido quando ele falou de tomar uma segunda esposa. A minha forte reação fez com que Kareem mudasse de ideias e desde esse dia não voltou a referir a possibilidade.

Naquele momento contive-me, apesar de querer muito explicar a Italia como é importante as mulheres fazerem uma frente unida para combater este costume, que acredito não ter lugar no mundo moderno. Mas não o fiz e passei adiante.

– Para já, fale-me do seu primeiro casamento, Italia, quando foi uma noiva-criança.

Muito embora tencionasse avisar Sara para que nunca mencionasse o nome de Italia, sabia que era possível que ela referisse a experiência da minha convidada como noiva-criança num dos seus documentos. Os relatos pessoais são sempre os mais convincentes.

Uma expressão triste perpassou pelo rosto de Italia.

– O noivado foi divertido. O casamento foi mau. Andei entusiasmada durante o curto noivado porque toda a gente parecia atarefar-se à minha volta. O meu noivo enviou-me três bonecas do Egito, juntamente com o meu dote de moedas de ouro, pulseiras, dez vacas, quinze cabras e vinte ovelhas. Mandou também um carroção carregado de comida. Nunca tínhamos visto uma tão grande quantidade de comida, toda ela comprada numa grande loja de Saná. Alguma vinha acondicionada em invólucros de plástico, e o meu irmão mais novo quase morreu por ter engolido o plástico juntamente com a comida. Disse mais tarde que não era muito saboroso, mas que achava que acabaria por aprender a gostar, de modo que o tolo continuou a comê-lo. Os meus outros três irmãos comeram até ficarem quase doentes.

«A minha mãe não me disse nada a respeito dos meus deveres como esposa. O casamento foi muito caro porque o noivo pagava tudo. Na realidade, vieram centenas de pessoas das comunidades vizinhas. Ainda hoje falam daquele casamento na minha aldeia.

«Eu estava muito cansada quando chegou a altura de a minha mãe e as minhas tias me vestirem uma delicada camisa de noite que o meu noivo também tinha enviado. Sentia-me bonita e mimada com aquela roupa nova, pois nunca usara nada tão elegante. Depois de terem tratado de tudo, a minha mãe e as minhas tias deixaram-me sozinha no leito conjugal. Acreditei verdadeiramente que me tinham posto na cama para dormir. Aninhei-me para passar a noite, mas instantes depois o meu ansioso noivo entrou no quarto. Ao princípio fiquei intrigada, pensando que talvez tivesse ido levar-me outra boneca. Apressei-me a dizer-lhe que três bonecas eram o suficiente. Ele estava tão excitado que não conseguia parar de sorrir. Então começou a despir-se, e eu fiquei tão chocada que não conseguia falar, porque nunca tinha visto um homem nu. Lembro-me de tremer e choramingar de medo, mas nada o desencorajou. Até lhe disse que o meu pai, os meus irmãos e o meu tio o matariam se não se fôssem embora. Sabia que os homens que não fossem da família não podiam entrar nos quartos onde as mulheres dormiam. Claro que a minha ingenuidade o divertiu, porque os brutos como ele gostam de violar rapariguinhas inocentes a coberto do casamento.

«Aquele homem era grande e forte. Na sua ânsia de me possuir, saltou através do quarto para cima da cama. Começou a rasgar a minha camisa de noite nova, e antes que eu percebesse o que estava a acontecer, tinha entrado em mim. Eu era uma virgem muito jovem, demasiado pequena para suportar o sexo. Enquanto eu gritava, ele ria. Lembro-me da expressão tresloucada dos seus olhos e da espuma que lhe saía da boca para os lábios. Era como um cão enraivecido, e eu era a sua presa. Violou-me mais vezes do que eu fui capaz de contar. Sabendo o que hoje sei a respeito dos homens, não faço ideia de como consegui fazê-lo tantas vezes e tão depressa muito tempo antes de haver os comprimidos que hoje há.

«É esta a história do meu primeiro casamento. Ele era um homem com muito dinheiro em comparação com a maior parte dos iemenitas, mas nem de longe tão rico como alguns outros com que mais tarde casei. Só pensava em sexo. Fui violada todas as noites durante dois anos, e então ele ouviu falar de uma outra rapariga, supostamente uma iemenita loura que muitos homens desejavam. A pobre rapariga tinha nove anos, mas ele conseguiu-a. Depois de ela ter chegado a casa dele, conheci um pouco de paz. Foi então que comecei a estudar. Ele aceitou contratar uma professora para ir a nossa casa todos os dias dar-me lições. A partir do momento em que aprendi a ler, passei a ler tudo o que encontrava, e ainda hoje o faço.»

Compreendi então onde adquirira Italia um vocabulário tão extenso para uma rapariga cuja

educação era limitada.

Os meus pensamentos voltaram ao horror do primeiro casamento da minha convidada. Senti uma grande fúria encher-me o espírito, pois nada é mais perturbador do que pensar no tormento das raparigas obrigadas a casar com homens adultos. Essas jovens noivas mais não são do que crianças indefesas à mercê de brutos desprovidos de compaixão. Decidi naquele instante juntar-me a Sara nos seus esforços para introduzir mudanças no meu país e conseguir que uma lei que impusesse um limite de idade mínima para o casamento pudesse mudar a vida e o futuro de muitas jovens sauditas.

Neste momento, Kareem chegou inesperadamente de Gidá. Fiquei surpreendida ao ver o meu marido um dia mais cedo, mas mais surpreendida ainda ao ver o pai dele, pois não era hábito o meu sogro visitar a nossa casa. A proteger o rosto exposto de Italia com as mãos, protestei:

– Kareem! Tenho companhia!

Kareem nunca teria entrada na sala se soubesse que eu estava a receber uma mulher de fora da família. Esta conduta é ditada pelo respeito pela mulher. Enquanto algumas mulheres muçulmanas não se importam que homens desconhecidos lhes vejam o rosto descoberto, outras reagem com lágrimas e protestos. Os homens sauditas aprendem muito cedo a fazerem-se anunciar nas suas próprias casas.

O meu protesto chegou demasiado tarde. Tanto Kareem como o pai ficaram visivelmente sobressaltados pela visão de Italia, pois raras vezes se tem a oportunidade de ver uma mulher tão bela.

Italia afastou as minhas mãos para poder espreitar para Kareem e para o pai, parecendo agradada com a admiração plasmada nos rostos dos dois homens que não conhecia.

Kareem recuperou depressa a compostura, mas o pai ficou sem palavras, tal como o filho, Assad, ficara ao ver Sara pela primeira vez, tantos anos antes. Kareem pegou no braço do pai e os dois apressaram-se a sair da sala. Pensando que a crise tinha passado, ajudei Italia a vestir a *abaya* e a prender o véu. Pedi-lhe desculpa pelo meu marido e pelo pai, apesar de ela não parecer preocupada.

– Não tem importância, princesa – disse. – Não sou como tantas mulheres muçulmanas que coram à vista de um homem desconhecido.

– Fico contente por não a ter ofendido em minha casa – disse enquanto a acompanhava até ao átrio. Pedi a Mahmoud que a escoltasse até ao carro que a tinha levado e que a conduziria de regresso ao palácio de Ameera.

Não obstante ter gostado de saber mais da história de Italia, assumi que não voltaria a ver a bela iemenita. Mesmo que casasse com o irmão de Ameera, como planeava, era possível que não tornasse a vê-la, porque não sou muito chegada a essa parte da família.

Mas enganava-me.

A história de Italia e a sua ligação à minha família não terminaram com aquele almoço. O pai de Kareem é um marido em série e viciado em casamentos. Apesar de ainda estar casado com a mãe de Kareem, Noorah, e com a sua segunda esposa, uma libanesa, o meu sogro casa com, e divorcia-se de, uma nova mulher jovem de poucos em poucos anos. O seu comportamento é motivo de grande vergonha para Kareem e para Assad, mas nenhum homem saudita o confrontará nesta matéria. Tendo isto em conta, ao convidar Italia para minha casa desencadeei uma crise familiar que afetou as nossas vidas de maneiras que nunca poderíamos ter imaginado.

PODER FEMININO NO IÉMEN

Uma semana depois do meu encontro com Italia, ouvi passos pesados correrem pela casa em direção à área dos nossos aposentos privados. Fiquei no mesmo instante alerta e por um momento tive a certeza de que insurretos tinham invadido o palácio e de que em breve me encontraria como refém. Sempre fui rápida a reagir, sobretudo quando adivinho uma situação de perigo. Antes que a porta do meu quarto fosse aberta, estava a salvo na sala de pânico contígua aos meus aposentos, uma das três existentes no palácio com paredes de fibra de vidro à prova de bala e equipadas com grossas portas de aço. Estava a digitar o código para trancar a porta quando ouvi a voz do meu marido. Felizmente, as salas de pânico tinham sido construídas de modo que os ocupantes pudessem ouvir o que se passava no exterior.

– Sultana!

Com receio de que ele pudesse já ter sido feito refém, permaneci calada. Tínhamos planeado e praticado várias vezes a reação a uma situação daquele género, e, perante qualquer situação que parecesse perigosa, eu tinha sido aconselhada pela nossa equipa de proteção a não fazer ruídos que denunciassem a minha localização até ouvir a voz de Kareem, de Abdullah ou de um dos nossos peritos em segurança dar a senha que tínhamos combinado.

– Sultana! Onde estás?

Não falei. Não me mexi.

O meu marido repetiu os gritos:

– Sultana! Onde estás?

Kareem estava inquestionavelmente agitado, o que me deu a certeza de que estava a ser ameaçado com uma arma de fogo ou uma faca. Eu estava a salvo ali dentro, de modo que, sem fazer barulho, peguei no auscultador do telefone da linha fixa ligada apenas aos nossos quartos seguros e marquei o número de Sara. Quando ela atendeu, hesitei antes de falar, pois lembrei-me de me ter sido dito que devia abafar ou disfarçar a voz para não alertar potenciais sequestradores para a minha presença. Mas quando ia falar tive demasiado medo para dizer uma palavra.

– Estou? Estou? – disse Sara várias vezes. – Quem fala?

Ao não obter resposta, desligou.

Voltei a ouvir o meu marido gritar o meu nome enquanto saía do quarto. Calculei que ia procurar-me noutras partes do palácio. Mas poucos minutos mais tarde estava de volta com a minha criada pessoal, Babette, muito assustada porque me tinha deixado nos meus aposentos segundos antes de Kareem ter irrompido porta dentro.

Babette parecia histérica.

– Senhora? Onde está? Senhora? Estava aqui, senhor. A senhora estava aqui, a escolher o vestido que ia usar, quando saí para ir à cozinha buscar-lhe um chá. Foi quando vi o senhor a correr pelo corredor.

Ouvi móveis a serem arrastados.

– Não está aqui, senhor. – A voz trémula de Babette indicava que estava à beira das lágrimas. – A senhora desapareceu!

Por esta altura, já eu tinha compreendido que não tinha de preocupar-me com terroristas que quisessem fazer-nos mal. Mas agora havia uma segunda complicação. Os nossos quartos seguros eram *top secret*. Os únicos empregados que sabiam da sua existência eram os membros da equipa de segurança. Kareem avisara-me para nunca confiar em quem quer que fosse, nem sequer nas criadas preferidas que estavam com a nossa família havia muitos anos. Lembro-me de ele me ter tocado nos lábios e ordenado: «Por muito que queiras revelar a tua presença, nunca denúncies o teu esconderijo a nenhum dos empregados. Se o fizeres, essas salas de pânico tornar-se-ão inúteis, Sultana, pois não podemos esperar que alguém resista à tortura para nos proteger.»

Kareem tinha razão. Se alguns insurretos se lembrassem de torturar os nossos criados, tenho a certeza de que nenhum deles conseguiria manter secretas as nossas disposições em matéria de segurança. E havia a possibilidade de a dor deles me fazer gritar e então estaria tudo perdido, para todos. Todos sabíamos que se alguma vez fôssemos feitos reféns por rebeldes, não haveria misericórdia para os al-Saud nem para os que trabalham para nós.

Kareem é tão cauteloso com o secretismo que quando as salas de pânico foram instaladas mandámos todos os criados da casa para Gidá durante uma semana para garantir que a nossa segurança não seria comprometida. Uma vez que não sabiam da existência dos quartos seguros, quaisquer ameaças feitas para os obrigar a revelar o nosso paradeiro não resultariam, esperávamos, em danos físicos para eles, ou para nós, pois a verdade era que nada sabiam a respeito das nossas principais estratégias de segurança.

Eu estava num dilema, pois sabia que qualquer coisa importante tinha acontecido, ou Kareem não estaria naquele estado de agitação emocional. O meu marido é regra geral um homem muito calmo. No entanto, se revelasse a minha presença estaria a denunciar o nosso quarto seguro. Babette, apesar de quase perfeita em todos os sentidos, já noutras ocasiões falara de mais quando deveria ter ficado calada. Mais cedo ou mais tarde, acabaria de certeza por partilhar o segredo com as suas amigas no palácio.

Sem saber o que fazer, sentei-me e esperei pelo desenrolar dos acontecimentos. Foi então, pela primeira vez, que dei o devido valor às medidas tomadas por Kareem para garantir a nossa segurança na eventualidade de rebeldes assassinos entrarem em nossa casa. Estudei com atenção o que me rodeava. Havia muitos garrações de água e outras embalagens com alimentos de que poderíamos precisar se ficássemos encurralados no nosso quarto seguro durante vários dias.

Fui arrancada a estes pensamentos pela voz de Kareem que ordenava a Babette, enquanto saía dos meus aposentos, que ficasse ali no quarto.

– Quando a princesa voltar, diz-lhe que a espero no meu gabinete – disse.

– Oh, não – murmurei, a perguntar a mim mesma quanto tempo teria de ficar ali fechada. Babette faria o que o meu marido lhe ordenara, de modo que sabia que não sairia de onde estava; no entanto, o seu choro abafado dizia-me que estava muito assustada.

Os segundos pareciam horas. Juntei várias almofadas, mudei-me para o canto mais afastado do quarto, tapei a cabeça com as almofadas para não ouvir os soluços de Babette e então voltei a marcar o número de Sara. Quando ela atendeu, expliquei-lhe num murmúrio o meu dilema. Ao princípio Sara ficou confusa, mas não tardou a compreender, uma vez que também ela e Assad tinham salas de

pânico instaladas no seu palácio. Por entre risos contidos, disse-me que ia pedir ao marido que telefonasse a Kareem a explicar a situação. Comecei a sentir-me um pouco tola.

Momentos mais tarde, ouvi Kareem entrar no quarto e dizer a Babette que esperasse lá fora.

– Chamar-te-ei mais tarde, quando encontrar a princesa – disse.

A pobre Babette não respondeu, mas ouvi os passos dela e a porta do quarto fechar-se.

Kareem aproximou-se da porta do quarto seguro e disse a senha em voz baixa, apesar de por aquela altura ter deixado de ser necessária. Mas eu estava tão nervosa que não conseguia lembrar-me do código para abrir as fechaduras da grossa porta de aço. Kareem sussurrou-mo. Finalmente, o meu marido entrou, puxou-me para fora e fechou a pesada porta, o que fez desaparecer todos os vestígios da entrada secreta.

– Marido! – disse eu, com um grande sorriso no rosto. – Graças a Deus a Sara conseguiu contactar-te.

Kareem não se mostrou divertido. Na realidade, estava tão furioso que tinha o rosto vermelho e os olhos dele chispavam. Não fez qualquer referência ao fiasco do quarto seguro. Em vez disso, gritou:

– Sultana, desta vez a minha mãe vai matar-te.

Fiquei tão confusa que gaguejei:

– Que... que estás a dizer?

De que estava o meu marido a falar? Apesar de a mãe dele, Noorah, e eu nunca termos sido uma dedicada unidade «sogra- -nora», tínhamos ultrapassado as nossas diferenças anos antes. Éramos sempre irrepreensivelmente corteses uma com a outra em todas as ocasiões sociais e familiares.

Nesse instante Babette entrou no quarto, com cara de quem tinha visto um fantasma. Era evidente que não abandonara o seu posto junto à porta desde que saíra. Não conseguia perceber onde eu me tinha metido, uma vez que ela e Kareem tinham revistado os meus aposentos com todo o cuidado.

– Senhora! – exclamou. – Onde estava?

A expressão de Kareem endureceu ainda mais.

– Babette, és surda? Eu disse-te que te chamava. – Apontou para a mesma porta por onde ela tinha entrado. – Sai agora, por favor.

A pobre Babette desfez-se em lágrimas e fugiu a correr.

Kareem voltou-se de novo para mim.

– Não acredito no que fizeste – vociferou.

– De que estás tu a falar, marido? – gritei eu em resposta, pois estava farta daquele mistério. – O que foi que fiz?

– Aquela mulher! Italia! Mandaste-a seduzir o meu pai?

– Italia? – Apesar de ter pensado várias vezes na iemenita depois de ela ter saído do meu palácio, não a contactara. Tinha telefonado a Sara no dia seguinte à visita dela para lhe perguntar se podia recebê-la e ouvir a sua história, mas Sara ainda não me retribuía a chamada para me dar conta da sua decisão, por estar muito ocupada com uma série de outras coisas importantes. – Não sei do que estás a falar, Kareem. Por favor, conta-me o que aconteceu. Não sei nada do teu pai nem do que ele possa ter a ver com a Italia.

– Senta-te.

Sentei-me. O medo começava a crescer no meu espírito e no meu coração, pois adivinhei que ia ser-me dita qualquer coisa que não gostaria de ouvir.

– A minha mãe telefonou. Estava muito perturbada. Pediu-me que fosse visitá-la sem me dizer qual

era o problema, de modo que corri para casa dela com receio de descobrir que estava alguém a morrer. Quando cheguei, encontrei-a a chorar. Tinha ouvido dizer que o meu pai estava determinado a casar com uma bela mulher iemenita chamada Italia. Disse-me que o marido estava completamente louco por aquela mulher. Já se tinha divorciado da Amina, a sua terceira esposa, e ordenara aos criados que emalassem as coisas dela para que essa Italia pudesse ocupar a *villa*.

Italia? Casamento? Amina divorciada? Demasiado chocada para pensar com calma, tudo o que consegui dizer foi:

– A sério?

Senti uma onda de calor percorrer-me o corpo. Embora me lembrasse de que o pai de Kareem reagira de uma maneira muito favorável à beleza de Italia, aliás como o próprio Kareem, quem adivinharia que ia procurar a bela iemenita e propor-lhe casamento? Os membros da realeza viajam por todo o mundo e veem mulheres muito belas de todas as nacionalidades. As mulheres mais maravilhosas do mundo estão de um modo geral disponíveis para casar quando um príncipe saudita faz uma proposta. Os homens da casa de Saud sabem ser arrogantes e podem dar-se ao luxo de ser muito exigentes quando se trata de escolher esposas.

O pai de Kareem casara com muitas mulheres ao longo da sua vida adulta, e divorciara-se de todas elas ao fim de pouco tempo, conservando apenas a primeira e a segunda esposas.

Não era, portanto, uma surpresa assim tão grande ele ir casar mais uma vez. O choque advinha do facto de saber que ia casar com Italia. Como a teria conhecido, cortejado e feito a sua proposta? Eu não tinha dito a ninguém que ela estava no palácio de Ameera. Exceto a Sara.

– Quando a minha mãe soube que o meu pai tinha conhecido a Italia em nossa casa, ficou furiosa; convenceu-se de que se tratava de uma manobra tua para lhe complicar a vida. Sabes como ela gosta da Amina. Também sabes que a Amina é a única esposa que o meu pai tomou que mereceu a sua aprovação. Tornaram-se boas amigas, e agora a Amina vai ser despachada de regresso à Síria.

– A sério? Kareem, estou espantada! Nunca semelhante coisa me passou pela cabeça. Encontrei-me uma vez com a Italia só por causa do mistério que a rodeava e porque a história por detrás da mudança que se operou na sua vida me intrigava. Quando soube da história dela, e do facto de ter sido uma noiva-criança vítima de abusos, pensei que talvez a Sara estivesse interessada em conhecê-la também.

De repente, lembrei-me de uma coisa importante.

– Escuta, marido, pensava que ela ia casar com o irmão da Ameera. Foi o que me disseram. – Acaricieei o ombro de Kareem e acrescentei: – Por favor, marido, vai ver a tua mãe e diz-lhe que não me encontrei com a Italia com o objetivo de arranjar casamento a ninguém. Depois de o teu pai ter entrado em nossa casa e visto a Italia, não me contactou fosse pelo que fosse. Não faço ideia de como a encontrou depois de ela ter saído desta casa.

– Estás a dizer a verdade, Sultana?

– Pelas vidas de todos aqueles que amo, estou a dizer-te a verdade, Kareem.

Com estas minhas fortes palavras, o meu marido soube que não estava a mentir.

Kareem pôs-se de pé silencioso, a pensar.

– Revelaste a mais alguém a ligação da Italia à Ameera?

– Só à Sara.

Os olhos de Kareem encontraram os meus. E ambos dissemos, no mesmo momento:

– O Assad!

Kareem telefonou no mesmo instante ao irmão para lhe perguntar se o pai de ambos tinha pedido informação a respeito da mulher iemenita que vira em nossa casa. Assad admitiu que tinha visitado o pai na mesma tarde em que Kareem o levara ao nosso palácio e poucas horas depois de ele ter visto Italia. Tinha ficado surpreso quando o pai lhe falara em termos apaixonados da extraordinária beleza daquela mulher. Até lhe perguntara se a conhecia. Assad respondera que não, excetuando o facto de Sara lhe ter dito que soubera da existência da pobre mulher através de mim, e acrescentara que era possível que a esposa se encontrasse com ela mais tarde naquela semana. Admitiu ter dito ao pai que a mulher iemenita ia ficar no reino mais um mês como convidada da nossa prima Ameera.

Fiquei aliviada ao ouvir estas confirmações, que me exoneravam da culpa que a minha sogra se apressara a atirar-me para cima dos ombros.

– Vai ver agora a tua mãe, Kareem. É importante que ela saiba da inocência de todos os envolvidos. Precisa de ter a certeza de que ninguém conspirou para apresentar o teu pai a uma mulher bonita. Até a informação do Assad foi accidental, uma vez que ele não fazia ideia de que o pai andava à procura da Italia, ou tinha planos para lhe propor casamento tão rapidamente.

Eu sabia que Noorah nunca se zangaria com Assad ou com Sara, mas o fino verniz da nossa afabilidade podia quebrar-se a qualquer momento. As nossas amistosas saudações e despedidas nos eventos familiares não iam além da superfície. Não era meu desejo entrar em guerra com a mãe de Kareem fosse pelo que fosse, e com toda a certeza não por causa do apetite do meu sogro por mulheres bonitas. Os conflitos familiares são demasiado cansativos. Com o passar dos anos, tornei-me mais sábia em relação a estas questões.

* * *

A vez seguinte que vi Italia foi numa reunião dos membros femininos da família de Kareem. Se possível, estava ainda mais magnífica do que um mês antes, quando fora convidada em minha casa. E também mais segura, porque tinha o seu príncipe, não obstante o facto de ele ser velho e ter o rosto enrugado, as costas encurvadas e os joelhos fracos. Kareem ficara a saber por Assad que o pai tinha procurado os médicos mais conceituados do reino para que lhe receitassem os mais potentes comprimidos de sexo, sem consideração pela sua idade e saúde. O pai de Kareem sofria de hipertensão e tomava medicamentos bastante fortes. Eu e Kareem investigámos os comprimidos na Internet e ficámos alarmados. Quando o meu marido leu os alertas – para um homem com a saúde e o historial do pai, havia um ligeiro perigo de cegueira –, decidiu agir e abordou o pai com um veemente aviso.

O meu sogro foi invulgarmente rude: disse ao filho que se calasse e se metesse na sua vida. Kareem nada mais podia fazer, pois a nossa cultura não vê com bons olhos um filho que discute com o pai.

Kareem voltou a acusar-me de ter criado o problema, mas depois de eu o ter criticado por ter entrado na minha sala sem se fazer anunciar, acalmou, pois sabia que se tivesse obedecido aos preceitos da nossa sociedade, o seu velho pai nunca teria visto a bela Italia.

Fiquei triste quando soube da história dos comprimidos por uma segunda e muito importante razão. Tragicamente, nada mudara para Italia entre o seu primeiro casamento e o oitavo. Tinha sido usada como um brinquedo sexual por todos os maridos.

Foi então que reconheci que a beleza de Italia era uma maldição. Era de tal maneira deslumbrante que os homens não pensavam em mais nada senão em conquistá-la fisicamente. Nenhum dos homens

que conhecera a respeitara para lá do seu rosto e do seu corpo espantosos, pois eu não tinha a mínima dúvida de que Italia era uma mulher inteligente cujo aspeto exterior lhe criava obstáculos.

Olhei para as várias mulheres que enchiam a sala para ver se a mãe de Kareem estava presente, mas não estava. Noorah remetera-se a um isolamento quase total desde que o marido casara com Italia, e recusava encontrar-se comigo. Inexplicavelmente, continuava a adorar Sara, apesar de a minha cunhada me ter apoiado e lhe ter garantido que eu era inocente, explicando-lhe que fora Assad quem, sem o saber, guiara o pai até à beldade vinda do Iémen. A hostilidade de Noorah entristecia-me porque se baseava numa coisa que não tinha acontecido, mas eu sabia que a minha sogra tinha passado anos a fingir amizade quando, no fundo do coração, sempre me detestara. Agora, a seus olhos, não havia necessidade de continuar a fingir.

Sem dúvida que Italia perturbara a dinâmica da nossa família, mas quando uma pessoa quer estar zangada, como Noorah demonstrava, não havia muito que se pudesse fazer.

Antes de me aproximar de Italia para a cumprimentar, fiquei algum tempo a observar a sua atuação. Ao cabo de alguns minutos, compreendi que não assistia a uma representação. Italia estava genuinamente feliz. O seu riso era sincero. O seu sorriso era rasgado e os seus olhos brilhavam de alegria. Talvez a sua felicidade tivesse a ver com o facto de ter casado com um príncipe e de dispor de uma riqueza ilimitada para comprar o melhor de tudo. O vestido que usava era de tecido dourado brilhante, de um tom que condizia quase perfeitamente com o colar de ouro que tinha ao pescoço. As roupas, o penteado e as joias anunciavam grande riqueza.

Kareem tinha-me confidenciado que a mãe não exagerara: o pai perdera de facto a cabeça com a beleza de Italia. Satisfazia-lhe todos os desejos.

Suspirei, com pena do que sabia ser o futuro de Italia, pois adivinhava, conhecendo a história do meu sogro, que o seu afeto e admiração por ela acabariam por desaparecer. Para o pai de Kareem, tudo o que Italia tinha para oferecer era uma grande beleza – para ser admirada e louvada, como as obras de arte expostas nos melhores museus da Europa. A verdade é que quando uma mulher é tão bela como Italia, os homens raras vezes conseguem ver mais alguma coisa.

Pensei em Sara. Graças a Deus, a minha maravilhosa irmã escapara à sorte a que Italia estava condenada, mas só porque conhecera um homem como Assad, que sabia reconhecer e apreciar todas as suas características e qualidades, incluindo a sua mente brilhante.

Pela primeira vez na minha vida, agradei a Deus não ter nascido uma grande beldade. Embora me agrade saber que os que me conhecem me acham atraente, e que alguns dizem até que sou bonita, a minha aparência, boa ou má, não determinou o meu lugar na vida. Com o passar dos anos, cresci em sabedoria e agora sei que a beleza física não deve ser o padrão pelo qual avaliamos as mulheres. Nada é mais importante do que a inteligência, a sensatez e a bondade, características que continuam com a mulher enquanto a beleza se desvanece. Sou das que acreditam que todas as sociedades iludem os seus jovens quando focam a atenção apenas na atração física. Possa chegar o dia em que esta maneira de pensar tão errada seja apagada das nossas mentes.

Os grandes prazeres da minha vida não têm nada a ver com o meu aspeto exterior, as roupas que uso, as joias que possuo ou os palácios de que sou proprietária. Além da alegria de ser esposa e mãe, as grandes satisfações da minha vida emanam das ideias que trago na cabeça e da contribuição que tenho dado para ajudar mulheres e raparigas a escapar a relações abusivas e alcançarem os seus objetivos na vida.

Dirigi-me a Italia. Quando me viu, gritou de alegria e puxou-me para si para poder beijar-me nas

faces e murmurar-me ao ouvido:

– Eu disse-vos, princesa. Disse-vos que havia de conseguir um príncipe.

Forcei um sorriso, pois aprendi com a vida que certas pessoas nunca mudarão. A partir do dia em que se tornara uma grande beldade, a família, a sociedade e a cultura tinham cuidado dela e usado a sua aparência física em seu próprio proveito, tão seguramente como o pai cuidava das plantas que semeava nos socos das montanhas do Iémen.

Italia, convenci-me, nunca faria nada senão dedicar a sua vida – e a sua beleza – a casar com homens ricos. Ou pelo menos era o que pensava na altura.

* * *

Nos anos que se seguiram ao seu casamento, criei laços de amizade com Italia, mas foi só quando o pai de Kareem se cansou dela que os seus verdadeiros planos se revelaram. Descobri que era mais ponderada e inteligente do que as suas ações tinham sugerido. Depois de o pai de Kareem anunciar que tencionava divorciar-se, porque um delicioso festim todos os dias acaba por perder o encanto, Italia revelou-se mais esperta do que o marido, convencendo-o a atribuir-lhe uma grande fortuna como parte do acordo de divórcio, uma coisa que nunca antes tinha feito. Sendo verdade que nenhuma das suas ex-mulheres tinha sido mandada embora de mãos a abanar, nunca ele dera milhões de dólares a uma mulher de quem se cansara.

Mas Italia triunfou onde outras tinham fracassado. No final do seu oitavo casamento, regressou ao país que nunca tinha esquecido, e ao povo que amava, com trinta milhões de dólares, uma quantia enorme para uma rapariga iemenita que nascera na miséria.

Apesar de eu ter perdido o contacto com Italia depois de ela ter deixado a Arábia Saudita, Sara mantinha um contacto esporádico, uma vez que se tinham associado na luta contra a tragédia das noivas-crianças. Nunca me senti mais orgulhosa do que quando soube que Italia se tinha tornado uma combatente de peso no esforço de educar e salvar raparigas vítimas de abuso nos vários países onde eram sujeitas a servidão sexual. Usava a riqueza que conseguira com o divórcio para promover a causa dessas raparigas e libertar as pobres e infortunadas vítimas, de modo que eu sabia que era de certeza feliz, pois nada proporciona mais felicidade do que ajudar os outros.

Quando, no início de 2015, a Arábia Saudita desencadeou a sua ação militar bombardeando o Iémen, não foi surpresa o facto de Sara ter dificuldade em contactar Italia, pois todas as infraestruturas daquele já empobrecido país foram profundamente afetadas. Sara, preocupada, temia que Italia tivesse sido apanhada pelos intensos bombardeamentos e estivesse morta. Quando falava destas preocupações, Kareem e Assad trocavam um olhar divertido e riam dos seus medos.

– Querida – disse certa vez Assad à esposa –, a Italia é o género de mulher capaz de apanhar uma bomba com os dentes e atirá-la contra o piloto.

Sara não achava estas graças divertidas e insistia em expressar os seus receios, pois era como se Italia tivesse desaparecido do Iémen. Ao cabo de numerosas tentativas, conseguiu encontrá-la graças às investigações de um rapaz-do-chá iemenita que trabalhara para o pai de Kareem na altura em que Italia era uma das suas esposas. Italia sempre o tratara bem enquanto vivera no palácio e, através dos seus contactos no Iémen, o jovem conseguiu localizá-la nos arredores de Saná. Ao que parecia, a corajosa Italia tinha deixado a sua aldeia para poder estar mais perto do fulcro do conflito e ajudar os outros.

Expedita como sempre, Sara conseguiu ligar para Italia no Iémen, uma coisa excecionalmente

difícil devido à campanha de bombardeamentos contra os rebeldes houthis. Sara pôs o telefone em alta-voz, para que pudéssemos ambas ouvir as palavras de Italia. Atendeu quase no mesmo instante, comovida por os nossos pensamentos se terem voltado para ela. Graças a Deus, parecia estar a salvo, não obstante o caos que reinava no Iémen.

Não tive dificuldade em imaginar a melodramática Italia enquanto conversava connosco.

– Reais senhoras – disse, com uma gargalhada –, estou incólume. Pelo menos de momento. Deus tem-me salvado das bombas. No entanto, tive algumas más experiências com estes rebeldes que odeiam as mulheres. Sabiam que eles afirmavam estar dispostos a acabar com o domínio masculino? Mas não, estão a tentar empurrar as mulheres ainda mais para o abismo.

Sara interrompeu-a:

– Italia, diga-nos se está bem. Temos estado preocupadas.

Italia voltou a rir, dessa vez mais alto.

– Estou bem. Mas deixem-me contar-lhes uma história engraçada. Um dia em que fui visitar uma boa amiga, esqueci-me de puxar os cabelos para cima, de modo que alguns fios espreitavam de baixo do xaile. Um daqueles analfabetos olhou para mim como os Mutawah costumavam fazer nos *souks* de Riade, quando se punham com aqueles ares ferozes e davam a impressão de estarem desejosos de nos bater na cabeça com os seus compridos varapaus. Seja como for, o tolo teve a impudência de me perguntar se era casada. Eu disse-lhe, «Não tens nada com isso», e ele gritou «Casa-te! Fica em casa!». E eu gritei-lhe: «Já fui casada mais vezes do que tu consegues contar.»

«O rufião não fazia ideia de como reagir a uma mulher forte. Franziu mais o sobrolho e foi-se embora para ir perseguir outra menos animosa. As mulheres iemenitas são obrigadas a viver como ratinhos, sentadas muito caladinhas nos cantos a morder queijo quando não está ninguém a ver. Mas esta mulher não.»

Intervim antes que ela se lançasse noutra história que não nos diria nada do que queríamos saber.

– Queremos saber se há alguma coisa de que precise, Italia.

– Sim, há. Há uma coisa de que preciso desesperadamente. Preciso de eletricidade.

– Eletricidade? – gaguejei.

– Sim! Eletricidade! Tornei-me uma refugiada da eletricidade. Os meus milhões não me servem de nada. Não há geradores à venda neste país. Agora passo a maior parte dos meus dias a ser levada de carro de um estabelecimento para outro, à procura de um gerador para poder ter energia para o telefone e o computador. Eletricidade! Digam a esse meu velho príncipe que ordene aos pilotos sauditas para não largarem mais bombas nas centrais elétricas.

– Eu dava-lhe um gerador se soubesse como fazer-lho chegar – disse Sara, emocionada.

– Eu sei que sim, Sara. É uma pérola. – Italia tossiu alto. – As bombas estão a reduzir o bairro a entulho. Doem-me os pulmões. – E então riu e disse: – Se pudessem dizer ao meu velho príncipe que eu ficaria muito agradecida se deixassem de bombardear este bairro!

Italia sabia que o pai de Kareem já não ocupava uma posição de poder e que a sua idade avançada o obrigava a ficar fechado em casa a maior parte do tempo. Mas eu e Sara trocámos olhares preocupados, pois horrorizava-nos saber que naquela guerra, como em todas as guerras, os civis eram os principais atingidos, eram as principais vítimas.

– Senhoras, estão tão feliz por terem tido a lembrança de ligar. Mas agora tenho de ir. A minha amiga Fiery organizou uma reunião na universidade para discutir os direitos das mulheres sob o regime dos houthis. Dou o meu apoio a esta mulher porque ela não tem medo de nada. Fiery, a

Temerária, é como lhe chamamos.

– Nunca ouvi falar dessa temerária iemenita – disse, apesar de, desde o início dos bombardeamentos, ter alargado muito o meu conhecimento a respeito de tudo o que se passava no Iémen, e muito em especial da situação que as raparigas e mulheres enfrentavam.

– Não me admira. A Fiery não vem das classes abastadas. O pai foi professor na Universidade de Saná até morrer de um ataque cardíaco. Pessoas assim nunca conhecem membros da realeza saudita. Ou, já agora, membros de qualquer realeza. Mas ela é instruída, desembaraçada e determinada. Acredito que vai mudar a história das mulheres no Iémen.

«Bem, agora tenho de ir. Por favor, voltem a ligar mais tarde. Se o meu telefone tiver bateria, atenderei. Se não atender, mandem-me um gerador!

«Não se preocupem com a vossa bela amiga Italia. Nos tempos que correm os rebeldes têm menos tempo para tramar maroteiras, de modo que deixam as mulheres em paz, pelo menos de momento. Estão ocupados a reforçar as suas defesas. Os tolos acreditam que os exércitos do CCG vão invadir o país. Eu disse-lhes que conheço a realeza saudita melhor do que qualquer outra pessoa por estes lados e que os ataques se limitarão ao céu.

«Vou deixá-las agora... – e então Italia sobressaltou-nos ao fazer uma inesperada promessa – mas em breve levarei a Fiery à Arábia Saudita para vos visitar. Têm de conhecer pessoalmente esta mulher sem medo.»

A ligação caiu. Sara desligou o telemóvel, com uma expressão de aprovação no rosto.

– Sultana, parece que a Italia não era só uma cara bonita. Penso que é capaz de cuidar de si mesma melhor do que qualquer de nós esperava.

Assenti com a cabeça. Os meus pensamentos estavam com Italia no Iémen, e com a amiga a que ela chamava Fiery, a Temerária. Duvidava chegar alguma vez a conhecer aquela mulher sem medo, embora a ideia me entusiasmasse, porque nada me fascina mais do que falar com mulheres que lutam pela liberdade contra as sociedades arcaicas nos países controlados por costumes patriarcais.

Mas mais uma vez Italia havia de surpreender-me com os seus dotes de persuasão: era uma mulher capaz de tornar possível o impossível.

Fiery, a Temerária

Através de Italia, eu e Sara não tardámos a conhecer a mulher chamada Fiery, uma mulher muito diferente de Italia em muitos aspetos mas igual como uma gémea noutros.

Fiery nasceu no seio de uma família iemenita conservadora, observante da tradição feminina de obediência aos homens. O pai, Jamil, era um respeitado erudito da Faculdade de Educação da Universidade de Saná, no Iémen. Fundada em 1970, esta universidade foi o primeiro estabelecimento de ensino superior da República Árabe do Iémen, hoje conhecida como República do Iémen.

Jamil foi contratado em 1974 com um salário satisfatório, o que significava que podia oferecer um dote adequado para desposar a irmã de um colega. Os dois homens eram professores no mesmo departamento e tinham interesses comuns, que eram o amor pela leitura e pelas viagens, apesar de Jamil nunca ter ido mais longe do que a vizinha Arábia Saudita. Nenhum dos dois era casado, mas ambos procuravam uma mulher virtuosa para desposar, uma vez que tinham sido criados com valores conservadores, como a maior parte dos cidadãos iemenitas.

Depois de o amigo ter mencionado que tinha três bonitas irmãs em idade de casar, Jamil tratou de aprofundar o assunto, pois o pai e a mãe tinham falecido e não tinha por perto irmãs ou tias que pudessem procurar informação a respeito de potenciais noivas, tendo todas elas casado com homens de aldeias distantes de Saná. Mas depois de o colega lhe ter dito que a irmã mais velha, chamada Pearl, era não só bonita mas também uma boa mulher sem ambições de educação ou carreira, lançou-se de cabeça nas negociações do casamento sem procurar uma intermediária que descobrisse mais informação pessoal a respeito da mulher com quem ia passar o resto da sua vida, pois não era do género de se divorciar ou tomar uma segunda esposa.

A viver num dos países mais conformistas do mundo árabe, Jamil nunca viu a noiva antes da noite de núpcias. Estava, no entanto, empolgado por ir conhecê-la, e em pouco mais foi capaz de pensar nos dias que antecederam o casamento. Mas uma vez a sós com a noiva, Jamil sofreu uma profunda desilusão. Quando por fim viu a noiva sem o véu, não foi capaz de compreender o que teria levado o amigo e colega a dizer que a irmã era bonita; a noiva era tão vulgar que pura e simplesmente não havia nela vestígios de beleza. Mas Jamil era um homem honrado e não havia nada a fazer senão a aceitar que fora levado pelo engano a desposar uma mulher tão desprovida de atractivos físicos que não tentaria qualquer homem.

Jamil ficou triste, mas escondeu as suas emoções quando o colega, agora seu cunhado, gabou a sorte que tivera ao casar com uma mulher tão bonita oriunda de uma família com importantes relações na universidade.

Ironicamente, com o passar do tempo Jamil passou a gostar da esposa, pois ela era uma mulher de natureza afável e com grande sentido de humor; fazia-o rir e era uma companhia agradável. Na realidade, Pearl tinha muitas qualidades que agradavam a Jamil. Era frugal, comprando apenas o necessário para o dia a dia, e mantinha a casa imaculada. Mais importante ainda, era uma esposa e uma mãe carinhosa e atenta. Jamil depressa se tornou um homem contente. O seu contentamento em casa estendeu-se ao local de trabalho, onde passou a ser conhecido como um dos mais cordiais professores da universidade, com uma personalidade que lhe granjeava muitos amigos dedicados. A seu tempo, foi promovido a uma alta posição no departamento, com um salário melhor.

O bondoso Jamil não tirou satisfação da infelicidade matrimonial do cunhado quando Pearl lhe contou que o salário do irmão não era o suficiente para pagar as boas roupas, as joias e as mobílias que a mimada esposa exigia, habituada que estava a um estilo de vida extravagante em casa de um pai rico. Havia também problemas com filhos, ou a falta deles, pois o casal não tinha ainda conseguido conceber. No Iémen, nada é mais importante do que o nascimento de um filho.

O irmão de Pearl era um homem infeliz, casado com uma mulher bonita mas manipuladora.

Jamil estava tão satisfeito por o cunhado lhe ter mentido para o levar a casar com Pearl que não o condenou quando ele acedeu ao pedido de divórcio da mulher. Jamil não acreditava no divórcio, mas naquele caso compreendeu a perspetiva do cunhado.

Jamil e Pearl adoravam os filhos, dois rapazes e três raparigas. Todos eles eram crianças obedientes, pois tinham sido ensinadas a obedecer aos mandamentos de Deus, dados a todos os muçulmanos através do profeta Maomé. Nenhuma das crianças se distinguia pela beleza, embora os dois rapazes fossem moderadamente atraentes e duas das raparigas suficientemente agradáveis de ver, com pele suave e feições escuras.

Fiery, a segunda filha, era quase igual à mãe no aspeto e conhecida por toda a gente na comunidade como a filha «feia». Deus não a dotara de beleza e os vizinhos, cruéis, prediziam que seria a filha

que cuidaria da velhice dos pais, pois nenhum homem a queria como esposa. Por sorte, no entanto, Fiery herdara a personalidade divertida e dinâmica da mãe. Todos os que a conheciam gostavam dela. Era a mais inteligente dos cinco, com um QI obviamente elevado.

Apesar de convencido de que o melhor para as mulheres era ficarem em casa e ajudarem os maridos cuidando dos filhos e do lar, depois de observar a sua filha Fiery, Jamil sentiu necessidade de abrir uma exceção. Fiery, não duvidava, era uma rapariga invulgar que devia aspirar à instrução e a uma carreira. Sempre que falava da filha, Jamil comentava que a rapariga nascera com um livro na boca. E de facto, Fiery tinha uma tal curiosidade a respeito do mundo que devorava mais livros do que a família podia comprar, reafirmando a intenção de Jamil de garantir que a filha receberia a melhor educação que pudesse proporcionar-lhe.

Jamil mostrava-se com frequência divertido quando falava com Fiery a respeito de como ficara pouco satisfeito com o nome que a mãe lhe dera. Mas tinha combinado com Pearl que uma vez que seria ele a escolher os nomes de quaisquer filhos varões que viessem a ter, ela poderia escolher os das filhas. Jamil não era homem de faltar à sua palavra, de modo que se conformara com a escolha da esposa no caso de Fiery.

Jamil reagira como seria de esperar, dando aos filhos nomes tradicionais: Mohammed e Abdullah. Pearl escolhera Nadeen para a filha mais velha e Marwa para a mais nova. Mas Jamil acreditava que a esposa não estava a pensar bem ao dar o nome à do meio. Pearl dissera que escolhera aquele nome invulgar, Fiery, porque o parto da sua segunda filha fora tão longo e difícil que imaginara o bebé impetuoso e colérico, a espernear e a agatanhar para abrir caminho para fora do ventre da mãe e chegar ao mundo.

Jamil e Pearl nunca abordavam o tema do casamento de Fiery porque não havia pretendentes a fazer fila ou a mandar mães ou irmãs para oferecerem um dote. A verdade é que ficaram ambos aliviados por Fiery não manifestar o mais pequeno interesse em casar. Era melhor que não soubessem da tristeza secreta da filha, pois Fiery não ignorava que desapontaria o marido na noite de núpcias. Era uma rapariga forte e orgulhosa, de modo que escondia a sua infelicidade, mostrando a todos um rosto ousado e dizendo às velhas da vizinhança que a censuravam por continuar solteira que não estava interessada no lar sem vida que era a consequência do egoísmo da maior parte dos homens iemenitas. Com o passar do tempo, estes sentimentos tornaram-se reais para ela, passando a fazer parte do seu sistema de crenças, talvez por ter repetido tantas vezes a ideia.

Fiery sabia que o casamento dos pais era invulgar no Iémen, só porque o pai era um homem inteligente que acabara por amar uma mulher que, não obstante a falta de beleza, era merecedora do seu afeto. Tinha ouvido muito poucas mulheres gabarem os seus casamentos, e a maior parte dizia que as mulheres têm de aceitar que estão no mundo para dedicarem as suas vidas a servir os maridos e criar bons filhos. As mulheres deviam esquecer qualquer paixão que pudessem ter por um trabalho fora de casa. Essas paixões, afirmavam, estavam reservadas aos homens, que tinham uma tendência natural para serem egocêntricos.

Por isso perturbava aquelas mulheres quando lhes dizia que as via como infelizes esposas encurraladas em casamentos mecânicos. Depois de uma hesitação ao ouvir as palavras de Fiery, a maior parte ria, sinceramente convencida de que aquelas duras afirmações eram ditadas por uma vida incompleta e pela fealdade das suas feições, que nunca provocariam desejo ou propostas de casamento. No ver delas, todas as mulheres à face da Terra desejavam casamento e filhos.

E assim passaram os anos. Fiery ocupava os seus dias com aulas e preenchia as suas noites com

estudo, conseguindo altas notas e obtendo quatro licenciaturas antes de Jamil deixar um enorme vazio no seio da família ao morrer de um súbito ataque cardíaco quando dava uma das suas aulas.

Para se sustentar a si mesma, e à mãe, Fiery começou a ensinar numa pequena universidade perto da casa materna, onde sempre viveria. A pobre Pearl estava tão sozinha; tinha tantas saudades de Jamil que viveu numa espécie de aturdimento provocado pelo desgosto durante vários anos. Conseguiu por fim arrancar-se a este ciclo de luto e encontrou um pouco de alegria no cuidado dos netos nascidos dos casamentos dos seus dois filhos e duas outras filhas. Era uma mulher industriosa e tratava sozinha da casa, pois Fiery tinha descoberto a sua paixão como lutadora revolucionária pelos direitos das mulheres, um fervor que estivera a crescer-lhe no coração durante anos, pois sabia que ser livre é uma necessidade humana, e as mulheres iemenitas não eram livres.

Como mulher instruída, ficara chocada ao ler que o seu amado país era considerado o pior lugar do mundo para se ser uma mulher.

Soube todas estas coisas diretamente da boca de Fiery.

* * *

Viajar no interior do Iémen sempre foi inseguro. São muito poucas as estradas alcatroadas e só as principais cidades, como Saná, Adém e Taiz, têm ruas pavimentadas. Quem quer ou precisa de viajar para o interior tem de escolher um veículo com tração às quatro rodas ou correr o risco de ficar empanado na berma da estrada. Os pequenos autocarros estão limitados a alguns curtos trajetos regulares. Há táxis, mas os condutores são as mais das vezes incompetentes e os carros avariavam constantemente. Ainda mais espantoso é o facto de algumas pessoas conduzirem pela esquerda enquanto outras conduzem pela direita. Não há vias-ferreas no país. Há algum tráfico marítimo a partir dos portos, mas conseguir as autorizações necessárias é um pesadelo. Tudo isto acontece quando não há guerra. Com guerra, as dificuldades e os perigos de viajar aumentam exponencialmente.

Nenhum destes entraves bastou, porém, para fazer Italia desistir da sua intenção de trazer Fiery à Arábia Saudita para um encontro com Sara. Recorrendo aos seus milhões, alugou um confortável e seguro iate a um político iemenita e subornou o mesmo homem para conseguir as autorizações para zarpar do porto de Adém e subir a costa oriental do mar Vermelho até Gidá. Italia não tinha problemas em entrar na Arábia Saudita, uma vez que o pai de Kareem lhe dera um visto de longa duração, bem como uma carta que a autorizava a visitar o reino sempre que quisesse.

Um dia, cerca de um mês depois da nossa primeira conversa telefónica com Italia, Sara ligou-me para me dizer uma coisa que eu nunca esperara ouvir:

– Sultana! – exclamou, muito empolgada. – Temos de ir a Gidá. A Italia está lá à nossa espera com a tal mulher sem medo.

– O quê?

– Acredites ou não, a Italia chegou a Gidá. Subiu o mar Vermelho de barco! Está lá à nossa espera com a mulher chamada Fiery.

O entusiasmo de Sara contagiou-me.

– Vamos! – disse. – Já!

Tanto eu como Sara tínhamos palácios em Gidá, pelo que guardávamos lá roupas e tudo o mais que pudéssemos necessitar. Poucas horas mais tarde, tínhamos embarcado no jato privado de Assad e Sara e íamos a caminho. A minha filha Amani quis acompanhar-nos, pois fora um dos poucos

membros da realeza saudita a manifestar-se contra os bombardeamentos no Iémen e agora queria entrevistar duas mulheres que estavam a sobreviver sob as bombas que a Arábia Saudita e outros países da região despejavam sobre o país.

– Não te envolvas em discussões políticas com estas senhoras – disse à minha filha. – Ouçamos o que elas têm para dizer. Poderás depois falar com o teu pai quando regressarmos a Riade. – Amani estava a fazer a sua cara teimosa, de modo que lhe belisquei o braço. – Ouviste o que eu te disse, minha filha?

– Ai! Pare, mãe – respondeu Amani. – Não discutirei com elas. Ouvi-las-ei, absorverei as suas palavras e escreverei um artigo de opinião para um jornal quando voltar a Riade.

– Não farás nada disso – avisei, apesar de saber que nenhum jornal saudita permitiria que os escritos dela fossem publicados. Nenhum deles, tinha a certeza, adotaria uma posição formalmente contra o nosso novo soberano, o rei Salman, para criticar as suas ações contra os houthis do Iémen. Na realidade, com exceção da minha filha, todos os membros da realeza que conhecia, bem como a esmagadora maioria dos vulgares cidadãos, acreditavam que o rei Salman estava a reagir da maneira correta aos rebeldes do outro lado da fronteira. Os jornais refletiam os sentimentos positivos e o pleno apoio ao rei Salman expressos pela maior parte dos sauditas.

Amani abriu um livro e começou a ler; um livro que recomendava a melhor maneira de educar bons filhos islâmicos.

Sara tinha fechado os olhos e repousava, pois dissera-me que ficara a pé até muito tarde na noite anterior, a cuidar de um neto que tivera uma cólica.

Eu fiquei a olhar pela janela do avião. Sentia a expectativa crescer-me no peito, pois estava ansiosa por conhecer aquela mulher chamada Fiery, sabendo que tinha de ser muito corajosa para que a imparável Italia estivesse impressionada pela sua bravura.

Horas mais tarde, acolhíamos Italia e Fiery no palácio de Sara junto ao mar Vermelho.

Foi bom voltar a ver Italia. Não aparentava mais de trinta anos, apesar de eu saber que era muito mais velha. Na verdade, achei-a mais bela porque se mostrava ainda mais segura de si mesma e obviamente preenchida pelo trabalho crucial que fazia em prol das mulheres, o que dava aos seus olhos profundos um brilho extra.

Fiery era mais do que eu tinha imaginado. A mulher mais confiante que eu alguma vez conhecera. A sua paixão era tão forte que bastaram poucos instantes para me aperceber de que não falava, gritava. Não andava, corria. Tudo nela era feito a alta velocidade.

Sim, era vulgar, mas só por um momento. A sua personalidade e o seu carácter contradiziam tudo o que se esperava das conservadoras mulheres muçulmanas, pelo menos no que respeitava a política e negócios. Fiery era uma dessas mulheres que uma personalidade colorida torna atraentes. Uma hora depois de nos termos conhecido, soube que Fiery tinha atingido um certo esplendor feminino.

As quatro partilhávamos um laço comum que foi evidente a partir do primeiro instante. Em muito pouco tempo, Italia, Fiery, Sara e eu estávamos a falar como se fôssemos irmãs. Talvez por todas nós termos dedicado muito do nosso tempo a trabalhar contra a discriminação das mulheres.

Por uma vez sem exemplo, Amani manteve-se sentada e silenciosa, graças a Deus.

Sara levantou uma questão importante.

– Fiery, diga-nos o que está a acontecer às mulheres sob o regime dos rebeldes houthis – pediu.

Fiery falou sem poupar palavras nem emoções:

– Aqueles cães são como a maior parte dos homens que controlam mulheres. As suas doutrinas são

ainda mais conservadoras do que aquelas que a nossa sociedade exige. Estão a impor a sua própria interpretação do Corão a respeito de como as mulheres devem comportar-se e fazer a sua vida quotidiana.

– Eu rezava pelo contrário – murmurou Sara.

– Sim. Também nós. Mas estes homens estão a corroer as poucas liberdades que tínhamos conseguido. Apesar de as mulheres do meu país nunca terem tido uma vida isenta de dificuldades, o assédio nas ruas e as ameaças contra nós estão a atingir níveis alarmantes. Tornou-se impossível para qualquer mulher fazer a sua vida normal sem ser seguida e verbalmente molestada.

Fiery soprou com força pelo nariz.

– As minhas alunas dizem-me que grupos de homens as esperam à porta da universidade para as insultar, ordenando-lhes que usem luvas e meias pretas, exigindo que tapem as mãos e os pés. Algumas das raparigas disseram-me que um bando de cinco homens está lá todas as manhãs e todas as tardes, quando acabam as aulas. São criminosos assustadores que tentam agarrá-las quando elas passam os portões.

– Os guardas não intervêm? – perguntei.

A gargalhada de Fiery soou como um curto latido.

– Os guardas são homens. A maioria é contra a educação para as mulheres. Achem que as raparigas estão a ter o que merecem.

Italia falou pela primeira vez.

– A Fiery foi falar com o Abdul-Malik. – Riu. – Ele pensava que podia ignorá-la, por ser uma mulher, mas depois de ela se sentar no passeio em frente da casa dele durante um dia inteiro, recusando sair dali, aceitou recebê-la.

Eu e Sara entreolhámo-nos. Ambas sabíamos que Abdul-Malik Badreddin al-Houthi era a cabeça do movimento e que dois dos seus irmãos eram igualmente líderes. O mais velho, Hussein, tinha organizado os houthis naquilo que eles hoje são. Uma família fora responsável pelo êxito do movimento que derrubara o governo iemenita e estava agora a criar conflitos entre a Arábia Saudita e o Iémen. Fiery fora sem dúvida corajosa ao dar-se a conhecer. A maneira de sobreviver a rebeliões é manter a cabeça baixa. Mas não era essa a política de Fiery!

– O que foi que ele lhe disse, Fiery? – perguntou Sara.

– Oh, foi como a maior parte dos homens. Quando em determinadas situações, falam sem na realidade dizerem seja o que for. Disse-me que ia assegurar-se de que as mulheres desempenhavam um papel proeminente no novo governo e que seriam respeitadas de uma perspetiva religiosa. – Riu. – Até me prometeu um lugar no governo, mas eu disse-lhe que não, que era melhor eu ficar de fora, a vigiar o governo. Seria a *apólice de seguro* dele, não o deixando esquecer que as mulheres não podem ser espezinhadas também pelo novo regime. Levei o meu Corão ao peito e jurei nunca deixar de insistir nos direitos das mulheres. Seria o seu *aide-mémoire* humano, prometi. E não estava a exagerar. Nunca desistirei até ao dia em que me enterrarem ao lado do meu pai.

Fiz uma careta, sabendo que a vida no Iémen não ia correr bem para Fiery. Os homens que governam a nossa parte do mundo só aceitam pequenas doses de crítica da parte de outros homens, e nenhuma da parte de mulheres.

– Saí de lá, e quando voltei à universidade no dia seguinte, disseram-me que estava à condição; se não pusesse fim às minhas atividades contra o governo houthi, seria despedida.

– Não será despedida – afirmou Italia. – Subornarei as autoridades da universidade e eles

arranjarão maneira de lhe salvar o emprego.

– Não, nada de subornos – disse Fiery. – Nada de subornos, Italia.

O riso de Italia disse-nos que faria o que tivesse de ser feito para proteger a amiga.

– Mas ela não parou – explicou Italia. – Organizou dez protestos pacíficos, para exigir o fim das leis de tutela, do casamento de crianças e da discriminação no local de trabalho.

– De todos os crimes cometidos contras as raparigas, nenhum é mais odioso do que o casamento de crianças com homens – disse Sara num tom sombrio, talvez a lembrar-se do seu primeiro casamento e dos abusos sexuais a que fora sujeita.

– Sim, princesa. A Italia falou-me do seu trabalho. Sei que este problema persiste na Arábia Saudita tal como no Iémen. Mas penso que é mais prevalecente no Iémen. Lá há menos pessoas instruídas. Muitos sauditas instruídos estão a voltar costas a essa prática primitiva. Pelo menos, foi o que ouvi dizer – respondeu Fiery.

– Os casamentos de crianças continuam a existir aqui – disse Sara –, mas não tanto como antigamente. Como é evidente, não conhecemos os números exatos, porque essa prática vergonhosa é quase sempre escondida num canto escuro.

– Pois no Iémen é feito à vista de todos – disse Italia. – E é aceite pela maior parte dos iemenitas. Acham muito natural que uma rapariga de oito anos case com um homem de quarenta ou mais. Mais de uma rapariga morreu depois da noite de núpcias. E então a família tenta esconder a morte porque querem evitar a atenção que os meios de comunicação do mundo exterior dão a estes casos.

Eu já tinha ouvido falar da menina de oito anos a que Italia se referia. A rapariga, chamada Rawan, vivia na província de Hajja, no Nordeste do Iémen. A sua história era bastante comum: uma criança pobre, a viver numa aldeia iemenita. A maior parte das famílias dessas aldeias sobrevive com uns poucos dólares por dia, de modo que o dinheiro impõe o seu poder; muitas aceitam vender as filhas pequenas para conseguirem mais dinheiro.

Fora o caso de Rawan. O pai recebera o dinheiro e a pobre criança fora arrancada da escola para casar com um homem de quarenta anos. Embora os noivos velhos prometam quase sempre não ter sexo com a criança antes de ela chegar à puberdade, poucos cumprem essa promessa.

Na noite do seu casamento, a aterrorizada Rawan foi violada até à morte.

Quando os *media* foram alertados para a história, a família e o noivo mentiram, dizendo que Rawan estava viva e de saúde. Mas toda a gente sabia que estava morta. Havia testemunhas do enterro.

Senti que Fiery estava a ler-me os pensamentos quando disse:

– Em tempos tivemos uma lei que estabelecia a idade mínima de quinze anos para rapazes e raparigas poderem casar. Mas os clérigos e outros conservadores pressionaram os legisladores até que a lei foi revogada. Por isso agora não há idade mínima. A única proteção oferecida é um artigo da lei que diz que o noivo está proibido de ter sexo com a noiva-criança antes que ela atinja a puberdade, mas essa proibição não impedirá um homem de ter sexo com uma rapariguinha. A menos que a rapariga morra, não há maneira de saber o que aconteceu atrás de portas fechadas. As raparigas são ensinadas a ter demasiado medo para falar, sejam quais forem as bestialidades que os homens inflijam aos seus jovens corpos.

Acabámos a tarde em lágrimas. Com os houthis no poder no Iémen, a situação para as raparigas e mulheres tornara-se ainda mais difícil.

– Já estivemos no fundo, ao nível do pó sob os nossos pés – disse Fiery. – Agora estamos debaixo

de terra, a lutar por nos erguermos. Voltámos à posição que antes tínhamos.

Estremeci. Fiery tinha razão. O Iémen foi declarado o pior lugar do mundo para as mulheres. Com a redução dos poucos direitos que antes tinham, que podia ser mais baixo do que o pior? Doía-me o coração, porque toda a minha vida tenho lutado para pôr fim à discriminação contra as mulheres. Em muitos países, como o Iémen, o Iraque e a Síria, o sofrimento das mulheres atingira novos níveis, degenerando numa crise intolerável.

Antes de Italia e Fiery partirem de regresso a casa, oferecemos-lhe apoio financeiro para as ajudar a conduzir o movimento em defesa das mulheres no Iémen. Italia sorriu e disse que seria ela a responsável pelas necessidades financeiras das mulheres do Iémen, mas Sara disse-lhe:

– Quando se luta por uma tal causa, Italia, o dinheiro desaparece depressa. Certifica-te de que pões de parte o suficiente para não ficares reduzida à miséria na tua velhice.

Sempre positiva, Italia riu:

– Caso com outro príncipe, Sara – declarou.

Eu não disse nada para contrariar os planos de Italia, mas, apesar de continuar a ser bela, sabia que as rugas apareceriam e os seus ombros descairiam. Ninguém pode manter a velhice à distância para sempre.

Eu e Sara insistimos até que Fiery aceitou que puséssemos uma grande soma de dinheiro na sua bolsa.

– Há mais quando precisar, Fiery – prometeu Sara. – E, minha querida senhora, as nossas promessas não serão quebradas.

– Sim, princesa. Agradeço a Deus todos os dias por ser uma mulher e por haver mulheres que partilham a minha paixão, mulheres que, como eu, nunca desistirão.

– Nunca – disse eu em voz alta. – Nunca desistirei até que todas as mulheres do mundo tenham direito à liberdade e à dignidade.

Surgiram lágrimas nos olhos de Sara e de Italia, mas eu e Fiery mantivemo-nos desafiadoras, preparadas para continuar a batalha que aí vinha, no Iémen e na Arábia Saudita.

O SEGREDO DE MAHA

A minha filha mais velha, Maha, é uma jovem mulher com opiniões bem definidas e um coração corajoso. Não consente que seja quem for altere o caminho que escolheu, e que é viver como uma mulher independente. O que lhe mereceu o desfavor de alguns membros da família, testemunhas desagradadas da forma agressiva como promove os seus objetivos e defende os seus pontos de vista. Uma consequência, estou convencida, do facto de a minha cultura reagir negativamente a mulheres poderosas.

Não obstante a franqueza que constitui um dos aspetos distintivos da sua personalidade, há ocasiões em que Maha sente que guardar segredo é a melhor política. Apesar de muitos saberem da inflexibilidade do seu carácter, poucos têm conhecimento da determinação que põe nos seus esforços de ajudar os necessitados. Não me alonguei sobre este aspeto da maneira de ser da minha filha nos outros livros que escrevi a respeito da minha vida. Em vez disso, divulguei muito dos seus dilemas da adolescência, uns mais graves do que outros, e fi-lo com autorização de Maha. O mais que a revelação das suas indiscrições juvenis arrancou à minha filha foi um sorriso despreocupado. Isto porque ela acredita que todos os jovens se tornam mais fortes desafiando a sociedade, como ela fez quando adolescente.

Mas a minha filha é também diferente da maior parte das outras pessoas de várias outras maneiras. Nunca procurou louvores pelo que tem feito para melhorar a vida dos outros, pedindo a todos os que a conhecem que lhe guardem o anonimato no que se refere às suas boas ações.

A recente ascensão dos radicais muçulmanos provocou em Maha uma fúria tão grande que fiquei reduzida a um silêncio espantado. Kareem disse-me mais tarde que, em sua opinião, a nossa filha tinha sido assaltada por várias emoções muito fortes ao mesmo tempo. Ao cabo de alguns instantes de silenciosa reflexão, respondi cheia de certeza:

– Sim, raiva e vergonha.

A raiva de Maha foi entremeada de vergonha quando obrigada a enfrentar a indesejada realidade de que são muçulmanos que estão a espalhar a violência e a morte pelo mundo árabe. Não há mais ninguém que possamos culpar neste ponto da História, embora ambas concordemos que a interferência e ocupação europeias do território árabe fraturado pela dissolução do Império Otomano durante e depois da Primeira Guerra Mundial empurraram os Árabes para um caminho de volatilidade quase impossível de evitar.

Passaram quase cem anos desde que tratados europeus juntaram tribos hostis para formar nações, e ao fim de todo este tempo o Médio Oriente continua instável.

Não obstante a intromissão de nações estrangeiras no passado, ambas sentimos que é tempo de os Árabes se unirem para resolver os enormes problemas que assolam toda a nossa região. Para encontrar soluções, não precisamos de procurar mais longe do que os nossos países.

Depois de a sua fúria ter acalmado um pouco, Maha resolveu descobrir um modo de aliviar o

sofrimento das suas irmãs e irmãos árabes. E foi assim que a sua determinação alimentada pela fúria a levou a embarcar numa aventura secreta que queria manter escondida da mãe. Mas, no fim, não foi capaz.

Enquanto Kareem deixa por vezes passar várias semanas sem qualquer contacto próximo com Maha, eu telefono a todos os meus filhos várias vezes por dia, quer eles estejam na Arábia Saudita, na Europa, na Ásia ou nos Estados Unidos.

Maha acabou por perceber que nunca conseguiria esconder fosse o que fosse à mãe, apesar de uma série de ardis da sua parte ter levado a um período de seis dias sem comunicação. Quando me preparava para voar para a Europa para procurar a minha filha, que era suposta estar a visitar Pompeia, em Itália, recebi uma carta que revelava a sua viagem secreta.

Quando soube aonde as viagens clandestinas a tinham levado, senti-me impelida a esconder ao meu marido o paradeiro da filha. O segredo foi revelado mais tarde por Amani, que temia pela segurança física da irmã.

E foi assim que a missão secreta de Maha chegou ao conhecimento do pai, provocando-lhe um terrível acesso de fúria. Não assistia a uma tal explosão de cólera desde os primeiros dias do nosso casamento, quando ele me descobriu no consultório do médico que tinha aceitado pôr termo à minha primeira gravidez.

Graças a Deus Kareem descobriu o meu pernicioso plano a tempo de salvar a vida do nosso precioso filho, Abdullah. Mas esta é outra narrativa de há muitos anos, e não quero desviar-me desta importante história.

A missão secreta da minha filha era tão inesperada, e tão incrivelmente complicada, que me parece melhor ser Maha a falar-lhes dela usando as suas próprias palavras, através da carta que me escreveu e que revelo agora pela primeira vez.

Uma Carta de Maha

Querida Mãe,

A minha mente vê a sua cara enquanto escrevo esta carta. Conheço-a bem, Mãe, como me conhece a mim. Vai ficar tão confusa ao receber uma inesperada correspondência de Londres que o seu rosto vai pôr-se muito branco, vai franzir os lábios e enrugar a testa. À medida que for lendo as palavras que escrevi, vai gemer, levar os punhos fechados à boca e deixar-se cair na cadeira mais próxima. Antes de acabar de ler o que tenho para lhe dizer, vai derramar lágrimas e talvez até arrepanhar as roupas.

Sei isto tão bem como se estivesse em Riade, a seu lado.

Mas, faça o que fizer, não revele ao Pai o que estou prestes a confidenciar-lhe. A minha carta contém um segredo que só a Mãe e o Abdullah podem conhecer. Sei exatamente o que o Pai faria, e seria seguir-me para me forçar a abandonar a minha atual localização e esquecer o que tenho de fazer. Com o enorme poder e prestígio que detém, facilmente conseguiria convencer as autoridades desta terra a expulsar-me.

E isso não pode acontecer! Nunca lho perdoaria!

Eu sei que prometeu ao Pai que não voltaria a esconder-lhe segredos importantes, mas este segredo não é seu, Mãe, é meu. Pode, por isso, descansar o seu espírito e saber que não está a esconder do Pai segredos que lhe pertençam.

Espero que a Mãe e o meu irmão consigam resistir ao impulso de defraudar a confiança que deposito em vós.

Mãe, sei que neste momento os seus olhos estão a correr pela página a tentar descobrir onde estou e o que é que estou a fazer que deve ser mantido secreto. Lamento dar-lhe esta desagradável surpresa, mas não estou a visitar Pompeia, como julgava.

Peço desculpa pelo meu elaborado estratagema. Sinto sinceros remorsos por a ter feito perder tantas horas a pedir informação aos agentes de viagens de Pompeia. Encho-me de arrependimento quando me lembro das inúmeras mensagens que me enviou a respeito do que devia fazer se ouvisse o monte Vesúvio emitir barulhos. Mãe, não consegui impedir-me de rir quando me disse que tivesse sempre toalhas molhadas num saco e as pusesse à volta da cara e da cabeça e procurasse um grande rochedo e me escondesse atrás dele se o vulcão entrasse em erupção. Corei quando insisti que devia ter viajado comigo para ser a minha vigia e estar alerta ao mais pequeno sinal de fumo que saísse da cratera do vulcão.

Tinha razão quando me dizia que o monte Vesúvio é o único vulcão em atividade na região e que tem tendência para entrar em erupção. Lamento tê-la feito carregar esta preocupação desde o dia em que lhe menti ao dizer-lhe que ia visitar o Sul de Itália e Pompeia.

É na verdade a mais maravilhosa mãe do mundo, e quando disse que queria estar comigo nesta viagem, e que colocaria o seu corpo à frente do meu para morrer comigo se o vulcão entrasse em erupção, pois morreria de todos os modos quando lhe dissessem que a sua filha tinha perecido sufocada nos fluxos piroclásticos, senti-me tão atormentada pela culpa que estive quase a dizer-lhe a verdade.

Mãe, não vou torturá-la nem mais um momento que seja. Viajei até à Turquia, aonde cheguei sã e salva; neste momento encontro-me na fronteira sul, perto da Síria. Estou a doar o meu tempo e o meu dinheiro para ajudar os refugiados mais necessitados, os que escaparam ao horror dos combatentes do Estado Islâmico e outros grupos terroristas.

Antes que comece a gritar e a puxar pelos cabelos, saiba que não estou a fazer nada sequer remotamente louco. Mãe, estou aqui para seguir o seu caminho na vida, que é aliviar a dor e o sofrimento humanos sempre que possível.

Estou na Turquia por uma simples razão. O povo turco abriu generosamente as suas fronteiras aos pobres árabes e curdos que fogem dos muçulmanos radicais que tentam destruir toda a vida que encontram no seu caminho. Se o povo turco pode abrir o coração, a mente e a bolsa para ajudar os pobres refugiados que foram obrigados a deixar as suas casas para escapar à violência da guerra, todos os árabes deviam fazer o mesmo. Sou uma mulher árabe sem filhos. Sou uma mulher árabe com meios financeiros. Sou uma mulher árabe com liberdade para ajudar.

Se eu não ajudar, quem o fará?

Agora, por favor, pare de chorar. Estou bem. Não estou sozinha. Viajo com duas amigas que já se tinham oferecido para trabalhar nos campos de refugiados. Estão estabelecidas e conhecem bem «os cordelinhos do voluntariado», como lhes chamam.

Uma das minhas amigas, Rabia, é turca. Há poucos meses, trabalhou no primeiro campo criado no seu país para acolher os refugiados sírios. Foi graças a ela que as autoridades do campo nos aceitaram tão facilmente. A minha outra amiga, Hilda, é alemã, alguém que carrega consigo a culpa de um avô nazi, um oficial das SS capturado pelos soviéticos quando estava colocado na Hungria e que posteriormente trabalhou até à morte numa mina de carvão. Hilda viaja pelo

mundo a ajudar as pessoas, a tentar pagar a dívida que sente ter herdado devido às atividades do avô.

Estou tão contente por ter escolhido viver na Europa, Mãe. Em que outro lugar poderia uma princesa saudita conhecer e tornar-se amiga de pessoas tão fascinantes?

O importante é que, graças à Rabia, eu e a Hilda temos as necessárias credenciais como voluntárias que nos permitem entrar no campo e trabalhar com as crianças psicologicamente marcadas pela guerra. No entanto, nem todos os refugiados sírios vivem nos campos, alguns optaram por viver em pequenas aldeias e povoações turcas próximas da fronteira síria. Por isso tenciono alargar o meu trabalho para incluir algumas dessas famílias, uma vez que não recebem abrigo, alimentos e educação da parte do governo turco.

Por isso como vê, Mãe, apesar de eu ser uma novata, ambas as minhas amigas são experientes neste género de trabalho. A Hilda trabalhou durante três anos como voluntária para uma pequena organização de direitos humanos que cuidava de mulheres e crianças em Gaza. Segundo ela, era um pesadelo entrar em Gaza através do posto de controlo israelita em Erez. O pesadelo não tinha a ver com as longas horas de espera e sim com as palavras e ações dos guardas israelitas, que tentavam intimidá-la com comentários sugestivos, dizendo-lhe que uma loura bonita como ela devia preocupar-se com a possibilidade de ser violada pelos animais que ia ajudar. Disse-me ela que enquanto nunca teve razões para temer os homens de Gaza, receava os soldados israelitas, que tinham um ódio especial aos ocidentais que se ofereciam para trabalhar em Gaza ou na Cisjordânia. Para eles, os que ajudam as crianças árabes são inimigos pessoais de Israel e dos Israelitas.

Isto foi uma surpresa para mim. Sempre tinha acreditado que todos os europeus e os Israelitas eram os melhores amigos. Mas não é o que acontece, Mãe.

Para seu desespero, a Hilda foi há pouco tempo obrigada a abandonar o seu trabalho em Gaza. Disse-me que cada vez que saía de Gaza para visitar os pais na Alemanha, as autoridades israelitas a forçavam a aguentar longos períodos de espera pela renovação do visto. Depois da quinta saída, não voltou a conseguir um visto para regressar, apesar de os funcionários israelitas nunca lhe terem respondido com um «não» direto; em vez disso, comunicavam-lhe que ainda não tinha sido tomada uma decisão a respeito do assunto. As longas demoras eram a maneira que tinham de afastar as pessoas de Gaza, mesmo aquelas que se ofereciam para ajudar mulheres e crianças inocentes.

Pode consolar-se com a ideia de que não estou em Gaza, Mãe. Segundo a Hilda, o voluntariado em Gaza foi o trabalho mais perigoso que fez em toda a sua vida, enquanto trabalhar na Turquia envolve poucos perigos. A Turquia é segura. Desde que não se passe a fronteira com a Síria, não há nada a temer. E viajar até à Síria é uma coisa que nunca farei. Não sou pateta, Mãe. Há radicais que rondam a fronteira turca na esperança de raptar jornalistas ocidentais, ou atacar refugiados sírios a caminho da Turquia ou de regresso à Síria. Imagina como ficariam contentes se capturassem uma princesa al-Saud? Nunca darei a esses falsos seguidores do islão oportunidade para lhe causarem a si ou ao Pai um momento de ansiedade, ou criarem um embaraçoso problema ao tio Salman.

Portanto, pode descansar esse seu espírito aflito. Manter-me-ei afastada da fronteira síria. Tem a minha palavra.

Agora, por favor, mantenha-se calma enquanto lê a minha carta.

Há muita infelicidade à minha volta, mas eu decidi que devo usar o meu tempo e os meus recursos para atenuar um pouco dessa infelicidade. Estou ansiosa por lhe contar como passo os meus dias. Para o fazer, tenho de descrever o campo, bem como as vidas dos refugiados, pessoas que tiveram verdadeiramente de «correr para salvar a vida».

Antes do mais, saiba, por favor, que estou a financiar esta viagem e a pagar todas as despesas. As minhas amigas têm pouco dinheiro, até porque são tão generosas que dão quase tudo o que têm àqueles que não têm nada, de modo que é justo que seja aquela que tem de sobra a pagar as despesas. É o dinheiro mais bem aplicado que alguma vez gastei em toda a minha vida.

Ficará aliviada por saber que eu e as minhas amigas não vivemos no campo. Arrendei um apartamento aceitável numa área segura na aldeia mais próxima. Sabendo como a Mãe e o Pai se preocupam com a minha segurança, contratei três homens como guarda-costas, e obriguei-os a assinar documentos em que se comprometem a ser o mais discretos e inconspícuos possível. Também aluguei um carro e tenho dois motoristas ao meu serviço. Como os guarda-costas, concordaram ser o mais discretos possível, pois não queremos dar nas vistas nesta área. (Ninguém além das minhas duas amigas sabe que uma princesa al-Saud trabalha como voluntária. Estou a usar o passaporte especial que o Pai me conseguiu há anos para a eventualidade de a nossa família ter de fugir de uma revolução na Arábia Saudita e, como sabe, o documento não me identifica como princesa.) Muitos dos voluntários convivem com os trabalhadores do campo, e muitos vivem na aldeia, de modo que não é invulgar ver homens e mulheres de outras nacionalidades andar por aqui.

Sei que vai querer saber como é a minha vida e posso tranquilizá-la garantindo-lhe que residimos num bairro tranquilo e seguro. Não habitamos uma vivenda de luxo e sim um modesto apartamento com três quartos e duas casas de banho, mobilado sem alardes. Há uma área de convívio e uma cozinha. Há também uma varanda relativamente espaçosa, de modo que é agradável saborear o nosso café de manhã cedo e planear o dia de trabalho. Sim, Mãe, de manhã cedo!

Sei que isto vai surpreendê-la, pois sempre gostei de dormir até tarde, mas agora estou tão motivada pelo que faço que acordo às sete todas as manhãs e, depois de um pequeno-almoço simples, o motorista leva-nos às três para o campo.

Oh, Mãe, o campo! Enviar-lhe-ia fotografias do campo e das pessoas, mas como não sou fotógrafa oficial não quero causar mal-estar no coração dos refugiados. Já vi como se mostram relutantes e receosos quando alguém insiste em tirar-lhes fotografias. Disseram-me que têm medo de que, se forem identificados, os familiares que ficaram na Síria sejam alvo de perseguições do governo ou das outras fações.

Não quero causar-lhes angústias desnecessárias fotografando-os.

Todas estas pessoas foram em tempos cidadãos sírios da classe média, respeitados e trabalhadores, mas agora são indivíduos sem empregos, sem casas e sem escolas. Apesar de afortunados por terem sobrevivido à guerra na Síria e às subsequentes lutas entre as fações e bandos violentos que se digladiam entre si, as suas vidas são incrivelmente tristes, marcadas pela repetitiva monotonia de uma existência em que não há nada que fazer exceto falar, comer e dormir. São pessoas que em tempos viveram em boas casas, tiveram carreiras, desfrutavam da alegria de criar os filhos e visitar as famílias e os vizinhos de uma maneira normal.

Mas essas vidas não passam agora de recordações esbatidas, ou até sonhos. As suas vidas

quotidianas neste lugar são como pesadelos muito vívidos a que não podem fugir.

Mãe, vou agora descrever-lhe as visões que os meus olhos viram, os odores que o meu nariz cheirou, os sons que os meus ouvidos escutaram. Quero muito que as minhas recordações do campo e dos refugiados se tornem recordações de outros. Talvez isso aconteça.

No primeiro dia, quando me autorizaram a entrar e passei pelo portão guardado do campo, fiquei contente por não cheirar mal. Na realidade, o campo é mantido tão limpo quanto é possível um campo habitado por milhares de pessoas estar limpo. Havia ruído; os meus ouvidos ouviram o clamor de uma grande cidade ocupada por muitas famílias numerosas. Ouvi o choro de bebés, os gritos de crianças, a conversa esporádica de adultos. Como toda a gente se desloca a pé, faltam no campo os sons que geralmente ouvimos de automóveis, autocarros, comboios ou aviões, embora de vez em quando passem camiões que transportam fogões, frigoríficos e outros bens mais pesados.

Os meus olhos viram uma quantidade infindável de contentores brancos, o género de grandes caixotes metálicos que vi serem usados para transportar carga nos navios. Milhares deles, dispostos em filas muito bem alinhadas. Havia roupa a secar em cordas a poucos passos de quase todos estes contentores. Havia caminhos por entre eles. A minha imaginação fez-me ver naqueles desgastados caminhos a história de milhares de pés humanos a ir daqui para ali.

Espreitei para dentro de alguns daqueles contentores, que julgava vazios. Lá dentro, vi montes muito bem arrumados de mantas, roupas e outros abastecimentos de um lado, com tapetes baratos no chão, e pequenas kitchenettes do outro. Apesar de não ter inspecionado aprofundadamente nenhum daqueles contentores-habitação, tenho a certeza de que havia casas de banho ou qualquer outra instalação com o mesmo propósito em todos eles.

Nos primeiros dias senti-me um pouco assoberbada por tudo o que via. Enquanto continuava a passar por aquelas «casas», apercebi-me de repente de que, mais à frente, havia pessoas a sair delas e, à luz do começo da manhã, vi-as começar a fazer fila para receberem as rações alimentares para o dia. Algumas eram mães que seguravam o hijab com uma mão e na outra levavam a caderneta de senhas enquanto avançavam apressadas pelo caminho. Aquilo, como vim a saber mais tarde, fazia parte das tarefas diárias das mulheres. Há apenas dez armazéns para servir todas as famílias do campo, e a comida, apesar de me terem dito que é bastante sensaborona, é abundante. Ninguém passa fome. (Todos os árabes deviam agradecer ao governo turco a sua generosidade. Nenhum outro país fez mais para ajudar estas pessoas.)

Lembro-me de alguns homens terem ouvido rumores a respeito de as suas famílias irem ser transferidas do campo para uma aldeia próxima (uma coisa que todos eles desejam). Ouvi-os conversar uns com os outros, a tentar descobrir que verdade havia por detrás destes rumores; estavam naturalmente preocupados com o bem-estar das famílias. Outros, no entanto, limitam-se a juntarem-se para jogar gamão ou outros jogos de tabuleiro, o que é uma maneira de matar o tempo que parece parado num lugar onde há poucos empregos. Há crianças de todas as idades e tamanhos, tantas que me veio à ideia a imagem de uma colmeia que alguém tivesse perturbado. As crianças despertaram-me a atenção. Habituei-me a rostos felizes e gritos animados com as nossas crianças, quando brincam ou implicam umas com as outras. Mas não é o que acontece com as crianças do campo. Todas elas parecem muito mais velhas do que na realidade são. Nunca tinha visto uma criança pequena com um cara velha, e isso afetou-me muito.

As crianças partem-me o coração, Mãe.

Quando chegámos ao contentor com uma tabuleta a dizer «Administração», o lugar onde os voluntários se reúnem para que lhes sejam distribuídas tarefas, o aspeto daquelas crianças tinha-me impressionado tanto que pedi especificamente autorização para trabalhar com elas.

A atenção ao pormenor por parte das pessoas que dirigem este campo é impressionante. Apesar de eu já ter passado por uma série de reuniões e entrevistas, fui uma vez mais interrogada e tive até de responder a dois testes para garantir que tenho uma personalidade adequada para interagir com crianças. A Mãe sabe melhor do que ninguém que adoro os meus sobrinhos. A minha relação com eles preparou-me um pouco para trabalhar com crianças e foi-me atribuída a missão de dar aulas especiais às mais perturbadas, que era o que eu tinha pedido.

Ao cabo de dois dias de treino específico, iniciei o meu trabalho. Há pediatras especializados que trabalham com estas crianças. Eu sou uma das seis voluntárias cujo único propósito é fazer com que elas se sintam seguras. Tentamos incitá-las a brincar. Abraçamo-las. Persuadimo-las a comer. Mimamo-las de todas as maneiras possíveis, pois estas são crianças que foram apanhadas no epicentro de uma das guerras mais brutais no Médio Oriente. São crianças que perderam os pais, avós e irmãos. As suas vidas foram destroçadas.

É o que faço todos os dias. Brinco com crianças; conforto-as e faço-as sentir o calor da bondade humana. Se conseguisse pôr um sorriso nos lábios de uma só delas, não pediria mais nada à vida.

Há doze crianças no meu grupo, entre os quatro e os seis anos. Quatro são rapazes, seis raparigas.

Todos os rapazes e duas raparigas são mudos. Todas as crianças mudas perderam um dos pais. Três dos rapazes mudos perderam os pais durante a guerra, embora graças a Deus não tenham testemunhado a morte deles.

Uma das raparigas mudas perdeu a mãe de uma maneira particularmente horrível. A mulher foi morta diante dos três filhos por um jovem combatente decidido a provar a sua coragem. Uma outra voluntária que faz a avaliação mental das crianças traumatizadas contou-me que a pobre rapariga ficou coberta pelos miolos da mãe, e que um pedaço do crânio a atingiu na cara com tal violência que a deixou marcada por cortes e contusões ainda visíveis. Mãe, só conseguia pensar na mãe daquela criança e em como ela choraria se soubesse que um fragmento do seu crânio tinha ferido física e mentalmente a sua menina. O pessoal médico dos cuidados psicológicos que trabalha com as crianças traumatizadas descobre estes pormenores quando interroga as crianças ou os adultos que sobreviveram e que estavam com elas na altura.

Duas outras raparigas perderam ambos os pais durante um bombardeamento levado a cabo pelo exército sírio. Diz-se que uma delas encontrou a cabeça da mãe e uma perna do pai quando andava a remexer nos escombros à procura deles. Foi a partir desse momento que perdeu a capacidade de falar, apesar de nos terem dito que gritou durante horas seguidas. Desde que os gritos cessaram, não voltou a fazer outro som. Esta rapariguinha com uns grandes olhos escuros e uma carinha encantadora passa o dia inteiro sentada em silêncio, de lábios apertados. Não liga aos brinquedos e jogos que usamos para tentar distraí-la e animá-la. Come, mas vê-se que o faz sem prazer. Bebe sempre água, e só de vez em quando aceita um pouco de sumo de maçã, depois de muita insistência. A centelha da vida extinguiu-se-lhe nos olhos. Está completamente isolada e desligada de tudo o que a rodeia.

A equipa médica começa a ficar apreensiva porque foi informada pelo tio sobrevivente, que

assumiu a responsabilidade pelos filhos do falecido irmão, de que se a menina não recuperar a fala se verá forçado a dá-la em casamento a um árabe do Golfo que reparou nesta bonita criança e ofereceu uma grande quantia pelo prazer de casar com ela. O tio alega que é casado, que tem cinco filhos seus e não pode cuidar de uma rapariga muda. A menina ainda não fez sete anos e o tio afirma que tem quase idade suficiente para aprender as responsabilidades da vida adulta e do casamento.

Será que a este tio não importa que o potencial noivo vá violar uma criança – uma criança já tão psicologicamente afetada que perdeu a fala? Estou a enlouquecer de preocupação por causa desta criança. Tenho de salvá-la!

Um tal plano teria sido impensável para as famílias sírias antes da guerra. Estes árabes instruídos viviam vidas tranquilas e nunca aceitariam vender as filhas. Mas, infelizmente, a guerra trouxe consigo muita miséria e pobreza, e hoje o impensável é uma possibilidade muito real para algumas pessoas desesperadas.

No final do dia, as crianças regressam aos contentores para se juntarem aos membros da família, ou àqueles membros da família que sobreviveram à guerra e à viagem da Síria até à Turquia. O que fazem à noite quando estão em casa não sei. O mais certo é serem deixadas entregues a si mesmas, ignoradas por familiares que as consideram um fardo.

Mãe, este aspeto da minha cultura perturba-me muito, porque descobri através do seu trabalho que se uma criança se torna vulnerável devido a uma incapacidade ou é traumatizada seja de que maneira for, a família abandona-a, dizendo que tem de usar os seus recursos para criar as que estão mental e fisicamente aptas – as que são capazes de trabalhar para a família.

Terminado o dia de trabalho, encontro-me com as minhas amigas junto ao portão do campo, onde o nosso motorista nos aguarda. Por vezes paramos pelo caminho, na aldeia, para comprar comida, ou talvez para fazer uma pausa de poucos minutos num café para uma chávena de chá e um doce, pois também nós somos atormentadas pela angústia que vemos e precisamos de descontrair um pouco. Sinto-me física e mentalmente esgotada pelas pressões emocionais a que o meu coração e o meu espírito são submetidos, mas nada no mundo conseguiria afastar-me destas pessoas.

Apesar de os nossos vizinhos turcos falarem e sorrirem quando passamos, não houve tempo para nos conhecermos melhor do que isto. Diz-se que muitos turcos estão furiosos por os refugiados sírios estarem a receber benefícios que são negados aos cidadãos vulgares e de que eles também precisam. Mas até ao momento não vimos azedume. Vamos esforçar-nos por travar amizade com os nossos vizinhos e com os refugiados sírios que conseguiram evitar viver no campo de contentores. São aqueles que conseguiram conservar dinheiro ou joias suficientes para alugar apartamentos na aldeia. No entanto, também nos foi dito que à medida que os recursos se esgotam, muitas destas famílias estão a casar as filhas com pretendentes abastados. Meninas de oito anos estão a ser usadas como bens valiosos por muitas famílias, negociadas e trocadas por dinheiro, por vezes para um casamento. Ainda mais alarmante, acontece estas raparigas serem disponibilizadas por um fim de semana ou uma semana para prazer de homens ricos. Eu e as minhas amigas estamos determinadas a salvar tantas quantas pudermos desta horrível situação. Não é aceitável que sirvam de solução para os problemas financeiros que as famílias enfrentam.

Mãe, mal consigo escrever estas palavras, porque toda eu ainda tremo ao recordar uma coisa que testemunhei. Conheci uma jovem chamada Yana que foi capturada, violada e torturada por

combatentes do Estado Islâmico. Quando fugiam da Síria para o Iraque, a caravana em que se tinha integrado foi atacada por um pequeno grupo destes bandidos. Muitos dos sírios que fugiam conseguiram escapar, incluindo os pais dela. Mas Yana foi arrancada do veículo em que viajava e raptada juntamente com as suas duas irmãs mais novas, ambas ainda desaparecidas. Vou explicar-lhe como foi que esta trágica história chegou ao meu conhecimento. Quando estava a arrumar o meu posto de trabalho no fim do dia, apareceu uma mulher para ir buscar um dos rapazes mudos. Reparei logo nela porque usava um niqab, que deixava ver apenas os olhos e nada mais. Como sabe, poucas mulheres sírias usam o niqab. Tudo naquela mulher sugeria juventude. Tinha ombros largos e passos seguros. Ouvi-a falar com o rapaz mudo. A voz dela era jovem, com uma cadência melodiosa. Quando o rapaz recusou o bondoso convite dela para sair da aula, a mulher perdeu de repente a compostura e começou a torcer as mãos, que reparei estarem marcadas por grandes riscos vermelhos e salientes.

Aproximei-me e pousei-lhe a mão no ombro, uma vez que era mais baixa do que eu. Perguntei: «Posso ajudar?»

Fiquei completamente aturdida quando ela começou a soluçar e se deixou cair numa cadeira.

Eu estava preocupada com o rapazinho mudo, mas a expressão dele nunca se alterou; ficou ali a olhar, como sempre faz. Suponho que a pobre criança deve estar habituada a ouvir mulheres chorar a todas as horas do dia e da noite. Sentindo que a situação não o afetava para o bem nem para o mal, dediquei toda a minha atenção à visitante velada. Pus-me ao lado dela e massajei-lhe os ombros.

Os nossos olhos encontraram-se, e julgo que ela sentiu que o meu interesse era genuíno. Sem dizer uma palavra, retirou o niqab.

O meu coração quase parou. Os traços vermelhos e salientes que lhe vira nos braços riscavam-lhe também o rosto. Soube então que alguém usara uma faca afiada naquela cara que, isso era bastante óbvio, fora em tempos delicada e encantadora. Percebi, pelas feições pequenas, os grandes olhos e os lábios cheios que tinha sido uma rapariga muito atraente. Consegui finalmente gaguejar: «Que lhe aconteceu? Quem lhe fez isso?»

E ela espantou-me com a sua resposta. «Oh, fui eu», disse, numa voz muito calma. Então despiu a abaya. Por baixo usava um simples vestido azul com mangas até aos cotovelos. Puxou as mangas para cima, mostrando-me que os riscos vermelhos se prolongavam por todo o braço. Assumi então que a maior parte do seu corpo estaria coberta de riscos vermelhos. E estava.

Vou resumir para si uma longa história, Mãe, mas contar-lhe-ei mais quando nos voltarmos a ver. Aquela pobre rapariga síria tinha suportado mais terror e abusos naquele último ano do que eu consigo sequer imaginar. Yana e as duas irmãs mais novas foram espancadas pelos seus captores quando ainda viajavam pelo deserto. As três suplicaram que as devolvessem aos pais, claro, mas os seus rogos foram motivo de divertimento para os homens brutais que as tinham capturado.

Foram levadas para um campo dos combatentes e trancadas numa divisão acanhada de uma pequena casa. No meio de insultos, foi-lhes dito que seriam reservadas para os combatentes de mais elevada posição devido à sua juventude e beleza. A única vantagem era que não seriam violadas por bandos de homens, pelo menos até que os tais combatentes de elevada posição se fartassem delas.

Yana tinha apenas dezassete anos, mas, de repente, via-se no papel de guardiã das irmãs mais

novas. Sabia que tinha de defendê-las a todo o custo. Uma das irmãs tinha dez anos, a outra doze. Quando confrontada pelo violador, Yana ofereceu-se no lugar das irmãs. Ao princípio, o combatente que a tinha reclamado concordou. Violou-a várias vezes por dia, mas cumpriu a sua promessa e não atacou as irmãs. Então, um dia, quando Yana estava a dormir, o violador abriu a porta, entrou no quarto e agarrou uma das irmãs mais novas.

Yana levantou-se de um salto e tentou desesperadamente salvar a irmã, mas o violador tinha o dobro do tamanho dela e esmurrou-a na cara. A força da pancada deixou-a inconsciente por alguns instantes. Foram os gritos horríveis da irmã que a trouxeram de volta. Suplicou ao violador, através de portas fechadas, que deixasse a irmã, que voltasse a ela, mas ele, claro, não o fez. Quando acabou com ela, atirou o pequeno e muito maltratado corpo da rapariguinha para dentro do quarto. Dois dias mais tarde, repetiu esta brutalidade com a segunda irmã.

Apesar de saber que seria executada por matar um combatente do Estado Islâmico, Yana planeou matar o violador. Esperou pela oportunidade de se apoderar de uma arma. Um dia, depois de um ataque particularmente brutal, Yana reparou que o seu captor se tinha despojado da adaga que colocara, juntamente com as calças, entre ela e a parede. Pegou na lâmina e tentou cravá-la no ventre do violador. Mas o homem era forte e, com uma palmada, arrancou-lhe a adaga da mão, riu-se-lhe na cara e desafiou-a a conservar a arma e usá-la para se matar a si mesma e às irmãs, se se atrevesse.

Derrotada e esmagada pela sua impotência, não é de admirar que Yana tenha sofrido um colapso pouco tempo depois. Contou-me que brincou com a adaga durante vários dias antes de conseguir reunir coragem para infligir dor ao seu próprio corpo. Começou por cortar a carne de um braço. Depois de ter começado, disse-me, não foi capaz de parar. Cortar a sua própria carne proporcionava-lhe uma enorme sensação de alívio. E a mutilação servia também como um castigo autoinfligido por não ter sabido proteger as irmãs.

A dada altura, começou a cortar também a cara – a cara que a mãe e o pai sempre tinham afirmado amar. Em retrospectiva, lembrava-se de pensar que cortar-se era uma coisa útil. O mais certo era as violações cessarem, pois o seu bonito rosto deixaria de atrair o violador que tanto gostava de se servir dela. Quando se preparava para mutilar as irmãs com o mesmo propósito, para as livrar de serem violadas, o violador e vários outros homens entraram no quarto. Tinham ouvido as raparigas gritar como se temessem pela vida. Os homens tiraram-lhe a adaga e arrastaram-na para fora do quarto que partilhava com as irmãs.

Nunca mais voltou a ver as irmãs, apesar de ouvir os seus gritos de medo e dor através das paredes de betão. Aparentemente, o chefe ficara tão furioso com Yana que autorizou todos os seus homens a violar as irmãs dela à vontade.

Yana não se enganara a assumir que sem beleza deixaria de ter valor para os seus captores. Ficou livre de violações, pois os seus braços e o seu rosto estavam cobertos de crostas e horríveis. Para sua desgraça, a tortura de ouvir os gritos das irmãs repetidamente violadas era pior do que ela própria ser violada, ou pelo menos foi o que me disse.

Então, um dia, os combatentes entraram no quarto e amarraram-lhe as mãos antes de a atirarem para um veículo. Fez uma viagem de várias horas até que foi libertada numa área não muito distante da fronteira turca. Os gritos dos seus carrascos ainda hoje lhe ecoam nos ouvidos: «Yana!», berraram eles. «Diz às mulheres que encontrares que um dia também elas serão nossas!»

Uma bondosa família síria encontrou-a a deambular sozinha e salvou-a, levando-a para a

Turquia, onde passou a viver no campo de contentores.

E esta, Mãe, é a história de Yana.

Não a abandonarei. Farei tudo o que ela me permitir para a ajudar. Para minha surpresa, recusa considerar sequer a possibilidade de se submeter a uma operação para disfarçar as cicatrizes que tem no corpo e na cara, limitando-se a dizer que prefere ser uma mulher indesejável, rejeitada por todos os homens. Ofereci-me para pagar os melhores cirurgões plásticos da Europa, mas a resposta foi um enfático «Não».

Infelizmente, sei que há muitas outras vítimas de violações a viver no campo. Ninguém as identifica com exatidão, pois são poucos os refugiados que se mostram dispostos a abrir-se como Yana fez. Dizem-me que quando uma mulher afirma ter ouvido falar de uma outra que foi violada, ou que recebeu uma carta de alguém na Síria com pormenores a respeito de uma amiga que foi violada, está na realidade a falar das suas próprias experiências.

Como sabe, a nossa sociedade arranja sempre maneira de culpar as vítimas quando são mulheres. Quem pode então censurá-las por guardarem segredo sobre os abusos que sofreram?

Mãe, esta noite estava a olhar para o espelho e a pensar na vida que tenho levado, a comparar a minha infância, e agora a minha idade adulta, com as vidas das mulheres que encontro todos os dias. Apesar de sentir uma enorme compaixão e interesse, na realidade sinto-me como um correspondente de guerra que vê tudo mas não pode fazer nada. Não é uma boa sensação.

No entanto, pela primeira vez na minha vida, percebo a razão por que dedicou a sua à causa das mulheres. Agora compreendo a importância do seu trabalho.

Quero que saiba que a sua filha está a fazer o trabalho mais importante da sua vida.

Adoro-a,

Maha

A carta da minha filha marcou o início de um episódio que havia de virar a minha família de pernas para o ar.

Mas, claro, na altura eu não o sabia.

INFÂMIA NO PAQUISTÃO

Ainda com a carta de Maha na mão, atravessei o quarto aos tropeções e deixei-me cair de bruços em cima da cama. A minha mente fervilhava com uma infinidade de emoções. Sentia exultação e ao mesmo tempo tristeza. Forcei um sorriso, mas os meus lábios não se abriram mais do que para tremer. Por fim, as lágrimas jorraram, e chorei. Partia-se-me o coração pela minha filha, e pelas mulheres e crianças traumatizadas que ela procurava servir.

Sempre disse aos meus filhos que os que dispõem de grande riqueza – sobretudo os que já nascem ricos sem terem de trabalhar para isso, como é o caso da minha família, os al-Saud – têm uma dívida para com a sociedade. E embora sempre tenha encarado sem problemas o dia em que os meus filhos atingiriam a maioridade – uma idade apropriada para aceitar responsabilidades e fazer trabalho de beneficência –, agora que a minha filha estava num lugar e numa situação que sentia que podiam representar um risco para ela, enchia-me de remorsos por tê-la apontado na direção do perigo.

Sem dúvida que o perigo espreita sempre aqueles que lutam por introduzir reformas em qualquer sociedade. Quase todos os que chegam ao poder se ofendem quando censurados pelos seus cidadãos ou outros, mesmo que as críticas possam levar a mudanças positivas para os respetivos povos. Muitos governantes optam pela lamentável abordagem de usar o poder que possuem para encarcerar, torturar e até matar aqueles que os condenam ou ousam exigir progressos. Há até casos famosos no meu país em que os que se atreveram a erguer a voz foram detidos, encarcerados e sentenciados a flagelações e anos de prisão.

As sociedades tendem a ser igualmente pouco complacentes para com a divergência: demasiadas pessoas agarram-se com teimosia à maneira como as coisas sempre foram e reagem com fúria quando alguns segmentos da sociedade exigem mudança. Quando as pessoas não são instruídas, ou lhes falta a curiosidade de procurar conhecimento, a mudança surge como um desconhecido assustador. Este medo leva à agressão, e até à violência. É o que temos visto em países como a Índia e o Paquistão, onde qualquer pessoa que não pertença à religião majoritária pode com facilidade ser falsamente acusada de blasfémia, um método muito usado para alguém se desembaraçar dos seus inimigos, e o Estado muitas vezes executa essas pessoas inocentes sem sequer as julgar.

Estes fatores combinados significam a possibilidade de um perigo imenso para os que promovem a reforma.

Além disso, existe o potencial para um enorme sofrimento pessoal. Muitas pessoas passam por este mundo sem reconhecerem a agonia das vidas alheias, mas para aqueles que reparam e de verdade se interessam, a infelicidade que testemunham torna-se a sua própria infelicidade.

Sei que isto é verdade, e houve alturas na minha vida em que senti que os meus olhos só viam desgosto e o meu coração só sentia dor. Tenho vivido com aquilo a que chamo «dor da compaixão» durante a maior parte da minha vida adulta e sei o preço que a angústia cobra. Agora a minha filha segue-me os passos. Quando o desejo de ajudar os outros se instala num coração, floresce a fome de

ajudar. Não havia no meu espírito qualquer dúvida de que a minha filha Maha al-Saud iria doravante dedicar a sua vida ao serviço dos outros. E os seus esforços trar-lhe-iam dor, mesmo que trouxessem alegria.

Para acalmar os nervos, confortei-me com o conhecimento de que, em Maha, a alegria de mudar e melhorar vidas se sobreporia ao desgosto.

Ao cabo de alguns momentos, pus-me de pé e olhei para o espelho suspenso sobre o meu toucador. Reparei que tinha os olhos vermelhos e inchados, e soube que devia aplicar-lhes rapidamente compressas de água fria se quisesse escapar ao escrutínio de Kareem. O meu marido torna-se muito inquisitivo quando suspeita que estou perturbada ou a esconder-lhe um segredo, e mostra-se sempre determinado em chegar ao fundo dos meus problemas.

Quando acabava de pousar a carta de Maha em cima do toucador, Amani bateu ao de leve à porta.

– Mamã, posso entrar?

Sorri, satisfeita por a minha filha mais nova ter finalmente aprendido que é melhor bater antes de entrar nos aposentos privados da mãe.

– Entra, querida – respondi cheia de expectativa, esquecendo por momentos que os meus olhos estavam inchados de chorar. Não estava à espera de Amani, mas quando um dos meus filhos ou netos me visita, quero sempre vê-los sem demora; os meus dias são mais felizes quando estou com eles.

Amani entrou. Vinha de cabeça baixa, a olhar para umas fotografias, mas vi que tinha uma expressão de ansiedade no rosto contorcido.

Que se passaria agora?

E então Amani ergueu os olhos para mim. Deteve-se repente e, a fixar a minha cara, disse:

– Mamã, estive a chorar.

Além de Kareem, Amani era a última pessoa que eu queria que soubesse da missão de Maha.

– Não, querida – gaguejei. – Estou a fazer uma reação alérgica à quantidade de flores que o teu pai me mandou.

Era verdade que um cheiro intenso a flores tornava o ar pesado. Eu e Kareem tínhamos tido um pequeno desentendimento na semana anterior e na véspera ele surpreendera-me com inúmeros ramos de rosas amarelas, uma das minhas flores preferidas. Mas, como sempre, o meu marido exagerara e eu nem conseguia contar o número de rosas espalhadas pela casa. Sara visitara-nos naquela tarde e sofrera uma tal dor de cabeça devido à intensidade dos aromas que invadiam o palácio que acabara por se ir embora mais cedo do que tinha planeado.

– Mãe? – disse Amani, num tom de incredulidade.

– Sim, Amani. Não é nada. – Apontei para as fotografias que ela tinha nas mãos e fiz um aceno com a cabeça. – O que é isso que tens aí, filha?

Era evidente que Amani não acreditara nas minhas palavras. Não sou uma mãe que goste de preocupar os filhos, pelo que houve muitas ocasiões em que tentei esconder uma verdade dolorosa de um ou de todos eles.

Amani olhava de um lado para o outro, à procura de qualquer indício de fosse o que fosse que tinha feito a mãe chorar. Não vendo nada que questionar, disse:

– Vamos beber um chá, mamã. Estou muito perturbada e gostaria de descontraír um pouco antes de lhe contar uma história que vai trazer de volta as suas lágrimas.

Suspirei. Não tinha sido bem-sucedida na minha tentativa de convencer Amani de que o cheiro das rosas me provocara uma alergia. Teria de estar alerta, pois ninguém consegue investigar com uma

paixão igual à da minha filha. Durante anos passados a tentar desenterrar os pecadilhos dos irmãos e respetivos amigos, Amani tornara-se uma investigadora tão hábil como o melhor detetive privado.

Mas eu esperava que essas atividades tivessem ficado para trás, uma vez que todos na família nos tínhamos esforçado muito para a encorajar a esquecer essa tendência muito pouco atraente.

– De acordo, querida. – Olhei para o relógio, a calcular o tempo que tínhamos antes de Kareem chegar. Acreditando que poderíamos dispor de várias horas, disse: – Dá-me um instante para arranjar a cara e irei ter contigo à sala de estar pequena.

– Sim, esperarei lá por si – prometeu Amani.

Beijei a minha filha na face antes de me afastar, convencida de que ela abandonaria os meus aposentos privados. Nunca me passou pela cabeça que passasse uma rápida revista ao quarto durante a minha ausência e encontrasse a carta que a irmã me tinha escrito da Turquia.

Para meu alarme, não tardaria a descobrir que Amani lera o suficiente da carta de Maha para criar uma enorme convulsão na nossa família.

Meia hora mais tarde, juntei-me a Amani na mais pequena das salas de estar. A sala tem um ambiente íntimo e é sempre a que escolho quando não há mais de duas ou três pessoas presentes. Eu e a minha filha tínhamo-nos lá sentado em muitas ocasiões, a falar sobre as alegrias e tristezas da nossa vida familiar, e também do mundo.

Um bonito arranjo de chá, café e sumos de fruta, além de fruta fresca e pequenas sanduíches, esperava-me na pequena mesa de jantar preparada na saleta. O chá foi-nos servido por uma querida rapariga chamada Dilipa, do Sri Lanka, que faz parte da vida da nossa casa. O seu nome significa «aquela que dá e protege», e eu e Kareem observámos muitas vezes que lhe assenta como uma luva, pois Dilipa era a mais bondosa de todos os nossos empregados, sempre disposta a consolar os outros quando se sentiam sozinhos ou com saudades de casa.

Ao olhar para o doce rosto de Dilipa, pensei nos milhões de estrangeiros saudosos de casa que vivem e trabalham na Arábia Saudita. Apesar de eu e Kareem empregarmos centenas de pessoas nas nossas casas e empresas, somos sempre justos para com aqueles que trabalham para nós. Ninguém precisa de recluir não receber o salário ou sofrer abusos físicos seja de que maneira for. Sempre senti empatia para com os trabalhadores estrangeiros, muitos deles afligidos por uma variedade de problemas. Quando era adolescente, tornei-me amiga de uma das nossas criadas filipinas, que me falou da tragédia de algumas das suas amigas que trabalhavam para outras famílias sauditas. Sendo uma criança sensível, já nessa altura tinha consciência de como era duro para muitos trabalhadores estrangeiros deixarem os seus entes queridos e aceitar emprego longe de casa para poderem sustentar as famílias. Sabia que se sentiam sozinhos e mais do que um pouco perdidos, mesmo que fossem bem tratados pelos seus empregadores.

Quem nunca viveu na Arábia Saudita tem pouca ou nenhuma noção de quão completamente os Sauditas dependem dos seus empregados domésticos. E talvez também não saiba que há no reino quase dez milhões de trabalhadores expatriados. Isto num país com apenas 19 milhões de cidadãos naturais. Tem-me sido perguntado várias vezes porque é que existe uma tão grande necessidade de trabalhadores estrangeiros; embora haja respostas simples para esta pergunta, poucas correspondem à verdade. Eu, no entanto, não tenho problema em admitir a dolorosa realidade. Poucos sauditas considerarão a possibilidade de ter um emprego deste tipo, porque a maioria acredita que perderia a

face se aceitasse um lugar em que tivesse de servir terceiros. Por conseguinte, os Sauditas não têm alternativa senão contratar trabalhadores estrangeiros para desempenhar tarefas menores no setor comercial, tal como no setor particular, onde milhões de mulheres trabalham como criadas, cozinheiras e amas. Uma vez que as mulheres estão proibidas de conduzir, todas as famílias com meios para isso contratam um motorista – sobretudo indonésios, egípcios e filipinos.

Uma segunda razão para o grande número de trabalhadores expatriados é o pequeno número de mulheres sauditas que trabalham. Apesar de uma percentagem elevada de mulheres sauditas ser instruída, o mercado resiste tenazmente a contratá-las. Empregar mulheres cria muitas complicações, e obstáculos, a qualquer organização, uma vez que está vedado a homens e mulheres qualquer contacto face a face: a segregação de géneros é uma regra inflexível. Até as salas num edifício de escritórios têm de ser remodeladas, pois é imperativo manter os empregados masculinos e femininos separados por paredes ou por divisórias temporárias. E depois há os homens que se queixam de que o simples facto de saberem que há uma mulher sensual no edifício os distrai e os impede de realizar um trabalho produtivo. Estes ignorantes acreditam de verdade que as mulheres não conseguem controlar os seus desejos e trabalham com o objetivo exclusivo de seduzir os homens. Retrógrados deste género podem criar, e criam, problemas sem fim ao empregador.

É fácil compreender por que razão é muito menos problemático pura e simplesmente banir as mulheres do local de trabalho. Devido a este impedimento, a percentagem de mulheres na força laboral é descoroçoantemente pequena. Lamento ter de dizer que o meu país está cheio de mulheres com cursos superiores que ficam sentadas em casa porque não lhes é permitido usar as suas competências.

Nasci na Arábia Saudita. A minha família governa a Arábia Saudita. Sou uma mulher saudita que ama o seu país. Não posso, no entanto, negar que estamos atrasados de muitas maneiras: a transformação só peca pela demora.

Tenho tentado desempenhar um papel secreto na mudança que tem de acontecer no meu país, pois sou desde há muitos anos uma voz rigorosa e anónima que alerta o mundo para os abusos a que estão sujeitas muitas mulheres sauditas, incluindo as da família real. Tive êxito em algumas coisas, fracassei noutras.

Desde criança que ouço homens poderosos da minha família – exatamente os homens que têm o poder de melhorar as vidas de tanta gente – dizer que a jornada saudita em direção à reforma democrática e de género tem de ser gradual, que grandes convulsões resultariam de qualquer tentativa do governo de avançar mais depressa do que a rua, significando isto avançar mais depressa do que os cidadãos da Arábia Saudita.

Concordei em tempos com esta afirmação, mas já não. Acredito que a esmagadora maioria dos homens sauditas, até homens da minha família, gosta verdadeiramente de manter as mulheres numa posição secundária – apesar de apresentarem um sem-número de razões para serem incapazes de elevá-las ao lugar que lhes cabe por direito na sociedade –, negando-lhes deste modo uma vida digna.

Também acredito que a maior parte dos homens sauditas deseja mais liberdade para as mulheres, e mais reformas democráticas para todos os que residem no país, nacionais e estrangeiros. No nosso caso, «a rua» vai à frente do governo e das autoridades religiosas, que do que mais gostariam seria manter todas as mulheres aprisionadas entre quatro paredes, como acontecia no tempo do meu avô, quando as mulheres não eram autorizadas a sair de suas casas ou jardins privados para ir a uma loja,

mesmo escoltadas por um tutor.

Cheguei a acreditar que antes de deixar este mundo viveria numa terra onde as mulheres fossem livres e onde os homens que as ajudassem não fossem castigados. Agora receio que o meu sonho não se concretize. Tenho a certeza de que, no dia da minha morte, ainda estarei a criticar o baixo estatuto das mulheres do meu país.

Os meus pensamentos voltaram à minha filha, e sorri enquanto começava a comer. Depois de termos partilhado um almoço ligeiro, Amani observou:

– Mamã, parece distante. Por onde andam os seus pensamentos?

Sorri.

– Neste preciso instante, estava a pensar nas pessoas que tornam a nossa vida tão fácil, Amani. Somos afortunadas por podermos gastar o nosso tempo a fazer as coisas que queremos fazer, em vez de estarmos sobrecarregadas de tarefas domésticas e outros trabalhos cansativos que tantas mulheres do nosso mundo são obrigadas a desempenhar.

Amani encolheu os ombros.

– Mamã, deviam estar felizes por terem um trabalho que lhes permite sustentar as famílias.

Olhei para a minha aparentemente insensível filha, mas não respondi às suas decepcionantes palavras, relutante em iniciar uma discussão com uma pessoa tão complicada como ela.

– Diz-me, minha filha, em que estás a pensar? Interessa-me saber o que ocupa o teu espírito neste momento.

Amani manteve uma expressão inescrutável e disse num tom desprovido de emoção:

– Estava a pensar que em breve o Estado Islâmico vai comemorar o seu primeiro aniversário. – Fez uma pausa. – Estava também a pensar na triste sorte dos muitos milhares de pessoas apanhadas no seu caminho.

Olhei com atenção para os olhos da minha filha.

Amani devolveu-me o olhar sem pestanejar.

Quando os meus olhos começaram a arder, pestanejei eu.

Como era possível, perguntei-me, que ambas as minhas filhas estivessem interessadas no mesmo tema geral ao mesmo tempo? Era uma coisa que nunca tinha acontecido na história da nossa família. Maha e Amani eram tão diferentes quanto duas raparigas podem ser. Enquanto Maha sempre se dedicou ao problema dos direitos humanos, Amani devotou a sua vida aos direitos dos animais, apesar de no último ano ter despertado para a importância e a incomparável satisfação pessoal que ajudar outros seres humanos proporciona. Interessara-se muito em especial por duas gémeas, Afaf e Abir, filhas de uma mulher chamada Fatima, cuja vida melhorara de uma forma espetacular depois de eu e Kareem a termos trazido para nossa casa. E também acompanhava com especial atenção o meu trabalho em prol da educação das raparigas na Palestina.

Fiquei calada, a perguntar-me por um instante se Maha teria enviado alguma nota à irmã ao mesmo tempo que me escrevia. Mas afastei de imediato esta possibilidade; Maha não confiava na irmã e nunca lhe revelaria um segredo tão importante. Não podia censurá-la, pois as reações de Amani no passado eram o bastante para impedir quem quer que fosse de confiar na discrição da minha filha mais nova.

– Mãe? Ainda está comigo? O Estado Islâmico? Tem ideia de alguma coisa que possamos fazer para ajudar as pessoas que estão a ser torturadas por esses homens que se dizem muçulmanos?

Mordi o lábio e desviei o olhar, com receio de dizer as palavras erradas.

Amani suspirou antes de expressar a sua opinião a respeito dos homens que estavam por detrás do Estado Islâmico.

– Sabe, mãe, por tudo o que li, esses homens não sabem nada da bondade e generosidade do Profeta e dos seus ensinamentos.

– Tens razão, filha – murmurei, enquanto assentia com a cabeça. – Pelo que vi nos noticiários, esses homens escondem-se atrás da fé apesar de se comportarem de maneiras que teriam de certeza merecido a condenação do Profeta.

Amani tinha os olhos brilhantes. Perguntei-me se a minha filha ia chorar, uma coisa que era muito pouco habitual nela, pois de um modo geral sabe controlar as lágrimas. Com uma voz que tremia, perguntou:

– E as raparigas e mulheres jovens que estão a ser vendidas em leilão como camelos? Ouviu falar dessas coisas?

– Sim. Ouvi muita coisa. Peço a Deus que metade do que ouvi não passe de boato, mas receio que não seja o caso. De acordo com todos os relatórios, esses homens horríveis ficam muito contentes, até excitados, quando têm oportunidade de violar crianças muito jovens. – Fiz uma careta. – É uma visão que não quero que se instale no meu espírito, mas depois de ouvir é impossível apagar a imagem do que aqueles bebés inocentes estão a sofrer.

A minha filha apertava as mãos, desesperada, pois era uma mãe que amava ternamente os filhos: se algum deles caía durante as suas correrias, mesmo sem se ferir, ela ficava muito perturbada.

– Amani, tenta ter calma. Parece que o mundo não quer, ou não pode, travar essa gente. Os homens da nossa família ficaram a saber que os governos dos Estados Unidos e da Europa perderam o interesse em ajudar os seus amigos no Médio Oriente. Penso que o recente fiasco no Iraque convenceu os Estados Unidos de que o melhor é deixarem a região entregue a si mesma, de que não têm nada a ganhar intervindo nesta parte do mundo.

Fiz uma pausa, à procura de palavras que pudessem tranquilizar a minha filha.

– Mas, Amani, ao menos o tio Salman está a fazer o que pode para travar os rebeldes no Iémen.

– E esses rebeldes houthis são uma grande ameaça para nós?

Fiz uma nova pausa, enquanto organizava as minhas ideias.

– A situação é complicada e é difícil dizer com certeza o que acontecerá se houver uma guerra, ou se pura e simplesmente os ignorarmos. O teu pai está convencido de que é preciso travá-los, para bem do povo iemenita. Quanto a mim, embora não acredite que mesmo que assumissem o controlo total do país representassem uma ameaça muito grande para nós, penso que nenhum homem ou mulher sensatos gostaria de ter um inimigo assim tão perto. Se for permitido aos houthis criar um bastião no Iémen, ser-lhes-ia muito fácil passar a fronteira e criar agitação no nosso território. – Hesitei por um instante. – No entanto, os nossos corações sofrem pelos civis inocentes estropiados ou mortos pelas bombas sauditas. – Olhei a minha filha nos olhos. – São sempre cometidos erros em tempos de grande tensão como os que vivemos. Vamos ter de esperar para ver o resultado.

– Porque é que não bombardeamos o Estado Islâmico em vez dos rebeldes do Iémen?

– Amani, embora seja evidente que a principal ameaça vem da Síria e do Iraque, o problema com o Estado Islâmico é espinhoso. Como pode um país como o nosso, com uma pequena população, combater tantos homens que aperfeiçoaram ao máximo as táticas de guerra e de terror que lhes foram ensinadas pelos seus próprios governantes?

Com estas palavras estava a falar dos homens que tinham servido sob Saddam Hussein, um

governante impiedoso que controlava os Iraquianos através do medo do que lhes aconteceria se fossem desleais a ele ou ao seu regime. E o regime sírio tinha sido igualmente repressivo. Ao que tudo indicava, os combatentes mais dedicados eram oriundos desses dois países, embora houvesse abundância de voluntários de outras terras árabes.

Vi que as delicadas mãos de Amani tremiam quando pegou na chávena de chá. Estava agora convencida de que as perguntas dela a respeito do Estado Islâmico nada tinham a ver com Maha e a sua carta. O desespero da minha filha mais nova devia-se à atual crise na nossa região.

Tentei garantir-lhe que o que estava a acontecer não era consequência de quaisquer erros cometidos pelo governo saudita e sim da ação de forças que não controlávamos.

– Mal consigo acreditar que isto está a acontecer em terras árabes. Apesar de o governo sírio sempre ter subjugado os seus cidadãos com mão de ferro, pelo que sei do povo sírio, são boas pessoas.

O rosto de Amani ganhou um tom rosado mais forte enquanto ela considerava as minhas palavras.

– E as mulheres que se juntam a eles? Mulheres europeias que viajam até à Turquia para se juntarem a esses homens? Ouviu falar delas?

– Não sei muito a respeito delas, Amani. Li um pouco. A verdade, filha, é que estou mais interessada nas vítimas do que nas mulheres que reforçam esses homens odiosos com o seu apoio.

Era evidente que a minha filha acompanhava de perto a questão dos homens e mulheres que se juntavam ao Estado Islâmico.

– Mamã – disse –, essas mulheres deixam os seus países na Europa, viajam até à Turquia e então atravessam a fronteira para casar com os combatentes. E ajudam-nos a patrulhar as regiões que foram ocupadas. As mulheres que se juntam ao Estado Islâmico atacam aqueles que recusam fazê-lo. Sempre pensei que os homens são demasiadas vezes atraídos pela violência da guerra, mas que mulheres possam apreciar uma coisa dessas é para mim uma ideia nova.

Por uma vez, a minha filha sabia muito mais do que a mãe a respeito da crise árabe. Decidi então informar-me melhor sobre essas mulheres vindas da Europa e de outras terras para ajudar homens que eram violadores e assassinos.

– Tem algum conhecimento em primeira mão, mãe?

– Das mulheres que se juntam aos combatentes?

– Não.

Estava confusa.

– Conhecimento de que aspeto da questão, Amani?

– Dos refugiados.

– Oh, os refugiados. – Fiz uma pausa, a pensar na ligação de Maha aos refugiados. Nunca quis mentir intencionalmente a nenhum dos meus filhos, mas Maha tinha-me colocado numa posição de confiança e eu não podia revelar a recém-descoberta paixão da minha filha mais velha pelo trabalho num campo de refugiados.

– Filha, só posso dizer-te o que ouvi ou li, nada mais.

Amani parecia à beira das lágrimas, a insistir, a bombardear-me com várias perguntas ao mesmo tempo.

– Mamã, o Estado Islâmico representa um perigo para nós? A mãe e o pai temem que esses homens violentos consigam um dia chegar a Riade?

Fiquei calada, sem saber como confortar a minha filha.

Amani percebeu pelo meu silêncio que eu não podia dar-lhe garantias, e a sua voz tremeu de emoção.

– Os meus filhos estão em perigo? – perguntou.

A minha filha mais nova é mãe de dois filhos. O pequeno príncipe Khalid tem três anos, a princesa Basinah apenas oito meses.

Eu e Kareem estamos muito desapontados por a nossa filha não ter conseguido cortar os laços que a prendem ao mundo animal, até no nome que deu à filha. Basinah é um nome bonito, mas só foi escolhido pela minha filha por significar «gatinha». Amani raramente trata a filha pelo nome, dirigindo-se-lhe quase sempre como «minha gatinha». Mas eu nada posso fazer senão apoiá-la, apesar das suas muito pouco convencionais preferências na vida privada.

Ao ouvir o medo na voz da minha filha, comecei a sentir-me muito ansiosa e vulnerável. Como mãe, é quase insuportável para mim testemunhar medo ou dor em se tratando de um dos meus filhos. Mas recordei a mim mesma que Amani não estava mais assustada do que milhões de outras pessoas em todo o Médio Oriente. Toda a gente na região estava preocupada com a gravidade da ameaça, e muitos sofriam mortes dolorosas às mãos dos que não tinham piedade no coração.

Poucos eventos da história moderna abalaram mais a estabilidade da região do que o atual movimento liderado pelos combatentes do Estado Islâmico, apesar de os serviços de informações sauditas estimarem que não haverá mais de 50 000 a 75 000 combatentes. Na cruzada que empreenderam para criar um Estado islâmico governado pela sua versão da *sharia*, estes homens aterrorizaram vastas áreas da Síria e do Iraque e prometem não deixar de pé um único regime árabe. Não obstante serem poucos em comparação com o tamanho dos exércitos que atacam, até agora a ferocidade com que combatem tem imobilizado a maior parte dos que os confrontam no campo de batalha. Para grande desgosto do mundo árabe, muitos dos que foram enviados para defender os seus países preferiram fugir a enfrentar os combatentes do Estado Islâmico. Isto apesar de disporem de grandes efetivos e das armas mais modernas para derrotar o inimigo. Só os guerreiros curdos são inabaláveis na sua determinação, enfrentando e derrotando os homens do Estado Islâmico em batalha atrás de batalha; mas não há curdos suficientes para proteger todas as terras árabes.

– Não, querida, os teus filhos não estão em perigo. Não te esqueças que a Arábia Saudita é um território imenso, e que há um grande deserto entre Riade e os combatentes do Estado Islâmico. O nosso rei é um homem decidido a proteger os cidadãos sauditas e os lugares santos. O tio Salman liderou os nossos amigos e vizinhos na região no ataque aos rebeldes do Iémen. Foi uma prova de grande coragem e sabedoria. Pensas que ficaria calmamente sentado no seu trono se o nosso país fosse ameaçado pelo Estado Islâmico? Nunca isso acontecerá – disse eu, num tom de certeza.

Amani continuou a chorar, mau grado os meus esforços para a tranquilizar.

Inclinei-me para a minha filha e passei os braços à volta do seu pequeno corpo.

– Amani, tens a palavra da tua mãe em como eu e o teu pai nunca permitiremos que aconteça algum mal a ti ou aos teus filhos. Agora para de chorar, querida, ou eu chorarei contigo!

Os olhos cheios de lágrimas de Amani voltaram-se para mim enquanto, pouco a pouco, ela recuperava a calma. Aproveitei a oportunidade para mudar de assunto. As fotografias que tinha visto nas mãos de Amani estavam agora pousadas, de face para baixo, na pequena mesa ao lado dos sofás onde nos sentávamos.

– Amani, limpa as tuas lágrimas, querida, e diz-me porque vieste ver a tua mãe. Quero saber o que são as fotografias que trazias contigo.

– Oh, sim, as fotografias. – Amani mudou de posição para chegar às fotos. – Bem, antes de mais nada, mãe, as fotografias que lhe vou mostrar não têm nada a ver com as vítimas do Estado Islâmico. São fotografias de mulheres paquistanesas que foram cruel e intencionalmente atacadas por homens paquistaneses.

Era um tema inesperado. Que me lembrasse, nunca tinha ouvido Amani manifestar preocupação com os direitos humanos das mulheres paquistanesas.

– O Paquistão? – perguntei, a recordar uma ocasião, alguns anos antes, em que eu e as minhas irmãs nos tínhamos juntado num círculo para proteger uma rapariga paquistanesa chamada Veena dos ataques sexuais de três dos meus sobrinhos.

Certa vez, eu e Kareem, com os nossos três filhos, tínhamo-nos juntado com os meus irmãos, e os respetivos filhos, no deserto saudita, no Wadi al-Jafi.

Todos os sauditas que conheço guardam no peito um profundo e antigo amor pelo deserto. Não vou fazer aqui um relato completo da história da minha família, mas é bom que os leitores saibam que os governantes da Arábia Saudita eram árabes sedentários e não beduínos nómadas. Mesmo assim, mantemos uma sólida ligação ao deserto, com apenas umas poucas grandes cidades e algumas aldeias em áreas habitáveis espalhadas pelo nosso imenso país. Até os aldeãos árabes se sentem em casa no deserto, com o qual está entretecida uma tão grande parte da nossa história, uma história que nos atrai para as vazias vastidões arenosas.

Foi, por isso, uma ocasião feliz quando a nossa família se retirou para o deserto, para recordar a simplicidade com que os nossos antepassados tinham vivido antes da descoberta do petróleo. Dito isto, admitirei que o nosso retiro no deserto foi um evento luxuoso, pois por muito que gostássemos de ouvir as histórias dos nossos avós, não estávamos minimamente dispostos a dispensar os confortos da vida palaciana enquanto o fazíamos.

Começou tudo muito bem, mas não tardou que as coisas azedassem na sequência de uma série de episódios perturbadores que envolveram alguns dos homens mais difíceis da família.

Primeiro, o meu irmão Ali foi mordido por uma cobra. Ao princípio, pensámos que a cobra era uma mortífera *yaym* e que Ali estava condenado. Mais tarde, a cobra foi capturada e descobrimos que era uma *hayyah*, muito menos venenosa. Ali teve dores violentas, mas não morreu; durante o seu sofrimento, espantou-me e irritou-me ao exigir que eu pedisse desculpa por todas as ofensas que lhe tinha feito ao longo dos anos. Fiquei tão aturdida que mal conseguia falar, pois tinha ido até ao que julgava ser o leito de morte do meu irmão para o ouvir pedir perdão e confessar todos os seus pecados contra mim. O episódio deixou um gosto amargo; a minha família ficou muito aliviada por Ali não ter morrido, mas ninguém pareceu notar a sua persistente arrogância e mau comportamento para comigo.

A segunda, e mais grave, situação ocorreu quando os gritos de uma mulher me fizeram sair da cama. As minhas irmãs, Nura e Sara, juntaram-se a mim para investigar a razão daqueles gritos. Descobrimos um crime horrível. Três dos nossos sobrinhos estavam a violar uma jovem paquistanesa, que mais tarde viríamos a conhecer como Veena e que julgávamos trabalhar em casa da nossa irmã Dunia.

A pobre vítima era de facto paquistanesa, mas não trabalhava em casa de Dunia. O que acontecera fora que o filho de Dunia viajara até ao Paquistão para comprar uma mulher que lhe servisse de escrava sexual. A jovem fora vendida ao nosso sobrinho por uma ninharia, mas que representara uma boa maquia para os pais dela. Antes que a noite chegasse ao fim, tínhamos salvado Veena de uma

sorte terrível.

Infelizmente, os meus sobrinhos nunca foram acusados deste crime porque outros membros da família os protegeram; mesmo assim, foram-lhes impostas algumas restrições pelos homens mais velhos da família. No meu país, a situação das jovens trabalhadoras é praticamente ignorada, pela sociedade e pelo governo. Que eu tenha conhecimento, raras vezes um saudita foi condenado por agredir ou maltratar uma trabalhadora estrangeira.

Mas devido à ação das mulheres da minha família, a vida de Veena mudou muito, e para melhor. A rapariga viveu e trabalhou em casa de Sara durante muitos anos antes de pedir para regressar ao Paquistão. Foi quando eu e Sara lhe demos dinheiro para criar um negócio, uma pequena oficina de costura, para que pudesse ajudar a família.

Depois desta experiência, o meu filho Abdullah tem-se deslocado ao Paquistão pelo menos uma vez por ano e tem cumprido a sua promessa de ajudar outras mulheres a conseguir a independência económica.

No entanto, o Paquistão é um assunto do meu filho, não de Amani. Nunca ouvi Amani e Abdullah falarem das boas ações dele naquele país.

Apesar de saber que o Paquistão é igual a tantos outros países que praticam a discriminação de género a nível nacional, nunca tinha ouvido Amani expressar qualquer interesse em ajudar as mulheres paquistanesas. Quanto a mim, não obstante ter lido muitas histórias trágicas, o meu trabalho de caridade visa sobretudo as raparigas e mulheres que vivem em terras árabes.

– Que mulher do Paquistão conheces tu? – perguntei.

– Não tenho amigas desse país, mas tive há pouco tempo conhecimento de histórias de abusos muito perturbadoras, mamã. Quero que faça qualquer coisa a esse respeito.

Olhei para o rosto da minha filha, no qual se refletia um género especial de dor que reconheci: a dor de saber da agonia de outras pessoas mas ser impotente para lhe pôr fim.

Amani pôs-me então na mão uma fotografia específica.

Levei a mão à garganta e gritei – só para ser silenciada pela chegada de Kareem, acompanhado pelo nosso filho Abdullah e pela filha deste, a Pequena Sultana. De braços estendidos, a querida criança correu direita a mim.

Quando me recompus e me apercebi de que a Pequena Sultana estava a examinar a fotografia que tinha na mão, apressei-me a pousá-la em cima da mesa, voltada para baixo.

– Jaddatee, é a fotografia do *djin* mau que vem durante a noite? – perguntou a minha neta.

Voltei-me para o meu marido e o meu filho, que estavam de pé lado a lado. Abdullah olhava para mim com a curiosidade estampada no rosto, enquanto Kareem parecia confuso, nunca tendo visto uma fotografia de uma mulher tão desfigurada que parecia um monstro, ou pelo menos era com o que a Pequena Sultana a confundira.

Recuperei rapidamente a compostura e respondi:

– Não, querida. É uma imagem de um desenho animado, uma surpresa para alguém muito especial.

A voz da Pequena Sultana subiu um tom, a antecipar qualquer coisa de bom.

– Uma surpresa para mim, Jaddatee?

Por esta altura, Kareem e Abdullah sabiam que tinham interrompido uma conversa importante. Abdullah tratou de desviar a atenção da Pequena Sultana.

– Sultana, anda ver o novo aquário da Jaddatee, com os peixinhos azuis e cor-de-rosa. Vem agora comigo e a Jaddatee vai lá ter mais tarde. – E reforçou o desejo da minha neta de ver o novo aquário

que Kareem tinha mandado encher de exóticos peixes tropicais ao acrescentar: – E também vamos mandar vir gelado de pêsego.

– Gelado!

A Pequena Sultana correu para o pai, pegou-lhe na mão e saíram os dois da sala.

A minha adorável neta podia por vezes ser muito madura, mas no fundo continuava a ser uma criança, e gelado era um íman irresistível; adorava gelado desde que tinha idade suficiente para o comer, e o de pêsego era o seu preferido.

– Está tudo bem? – perguntou Kareem.

Suspirei de alívio, enquanto Amani arqueava as sobrancelhas, mas não dizia palavra.

– Voltarei mais tarde – disse Kareem, por fim. Fez-nos um pequeno aceno e seguiu o filho e a Pequena Sultana.

Mal fiquei a sós com Amani, peguei nas fotografias e examinei-as com cuidado uma a uma. Em todas elas havia duas imagens, do género «antes e depois». A primeira era de uma mulher saudável e bonita, a segunda mostrava a mesma mulher horivelmente desfigurada depois de um terrível ataque.

Vi uma encantadora jovem paquistanesa de pele impecável e ar jovial e imperturbado, pois tinha no rosto um sorriso rasgado. A segunda fotografia era da mesma jovem, mas o maxilar e o queixo estavam agora fundidos no pescoço. Os lábios tinham desaparecido e a boca estava imobilizada num grande círculo, expondo os dentes. Gemi, apercebendo-me de que aquela devia ter sido a expressão daquela mulher ao ser atacada e que quase de certeza ficaria para sempre assim marcada. A agonia que estava a sofrer era evidente na expressão impotente dos seus olhos escuros.

Vi uma rapariguinha que não teria mais de treze ou catorze anos, com olhos brilhantes cheios de vida e alegria. Na segunda fotografia, os olhos tinham desaparecido, substituídos por dois buracos enegrecidos. Toda a cara estava engelhada e queimada.

Vi uma jovem mãe com duas filhas encantadoras, as três a sorrir, talvez à espera de ver o resultado da fotografia. Vi a mesma jovem mãe com uma das filhas, ambas marcadas por ferimentos horríveis. O queixo da mãe desaparecera. No seu lugar havia uma ferida aberta, como se o osso tivesse sido comido. Também o nariz da filha desaparecera, substituído por dois pequenos orifícios. As orelhas tinham sido comidas. Um dos olhos desaparecera e o outro parecia cego.

Havia mais de dez fotografias de raparigas e mulheres jovens antes de a tragédia as ter atingido e outras tantas que mostravam os efeitos da catástrofe.

Apesar de julgar saber o que tinha acontecido àquelas mulheres, perguntei à minha filha:

– Amani, querida, que aconteceu a estas pobres raparigas e mulheres?

Amani estava visivelmente perturbada, como se fosse a primeira vez que ouvia falar daquilo.

– Mãe, estas mulheres são todas vítimas de ataques com ácido. Quase todos os ataques foram perpetrados pelos maridos, ou por um pretendente rejeitado, apesar de algumas delas terem sido acusadas de blasfémia e os aldeãos as terem atacado. Algumas das crianças foram atingidas porque estavam perto das mães quando o ácido foi atirado. Uma das raparigas foi atacada porque os pais rejeitaram um pretendente, um homem com idade suficiente para ser pai dela. O homem contratou um bando de jovens patifes para a seguirem quando ela saísse de casa com a avó. Atiraram ácido às duas. A avó morreu, e a jovem ficou com os ferimentos traumáticos que viu.

– Oh, Amani, eu já receava que fosse essa a história.

Transtornada pelas imagens que tinha visto, imagens poderosas que falavam de alegria seguidas por outras que gritavam uma tremenda agonia, desgosto e perda, escondi a cara nas mãos. Sabia alguma coisa da história dos ataques com ácido que se registavam em todo o mundo, mas sempre achara o tema tão doloroso que evitara deliberadamente envolver-me. Além disso, há um limite para aquilo que uma pessoa pode fazer, porque há um limite para as horas da sua vida. Tinha dedicado a minha vida adulta à educação de raparigas porque acredito que só quando todas as mulheres atingirem a independência económica poderão governar as suas vidas e ensinar às filhas o valor da educação e da capacidade de se desenvencilharem sozinhas, se necessário. Embora crucial para o êxito em todo o lado, a vida ensinou-me que a educação assume uma importância especial para as mulheres que vivem nos países em vias de desenvolvimento. Quando uma família pobre se apercebe de que uma mulher tem meios para trabalhar e contribuir para o rendimento familiar, é quando essa mulher ganha respeito. Muitas vezes, esse «respeito» é apenas uma maneira cínica de pôr a mulher a trabalhar para o bem da família; nessas circunstâncias, o dinheiro que ela consegue ganhar proporciona-lhe alguma proteção contra ataques.

Apesar de se terem registado na Arábia Saudita alguns casos de ataques com ácido contra mulheres levados a cabo pelos maridos ou membros da família, tratava-se de um crime que era mais comum no Paquistão, na Índia, no Bangladesh, no Camboja, no Líbano e no Afeganistão, ainda que aconteça um pouco por todo o mundo, inclusive no Reino Unido. Também sabia que as mulheres e raparigas desfiguradas quase nunca recebiam qualquer espécie de apoio do governo ou das suas comunidades. Como acontece com a maior parte dos crimes contra mulheres, a vítima passa a ser a culpada. Se uma mulher se divorcia de um marido abusivo, a comunidade sente grande simpatia por ele e arranja desculpas para o seu comportamento criminoso, dizendo que ela nunca devia ter deixado o marido.

– Conta-me tudo desde o princípio. Como foi que soubeste destas histórias? – Hesitei, mas apenas por um segundo, antes de acrescentar: – Que gostarias de fazer para ajudar essas mulheres, Amani?

Porque se a minha filha quisesse envolver-se e criar uma obra de caridade para ajudar as vítimas de ataques com ácido, eu ajudá-la-ia dentro do possível, embora conheça os meus limites. Não me envergonho de admitir que não tenho a força emocional necessária para lidar pessoalmente com mulheres vítimas de ataques com ácido e fazer o trabalho «no terreno» que é essencial para as ajudar e proteger. Embora pudesse providenciar fundos, e apoio pessoal a Amani, tenho um ponto de rutura. Se desse por mim perto de uma criança ou de uma mulher que tivessem de um momento para o outro sido arrancadas a uma vida despreocupada e alegre e transformadas na concha de um ser humano sem a capacidade física de voltar a cabeça, ou mastigar, ou ver, ou ouvir, sei que tornaria a situação da vítima ainda pior com os meus gritos de agonia e as minhas lágrimas.

Por isso, ao longo da hora seguinte, Amani contou-me como se envolvera nas vidas das vítimas de ataques com ácido no Paquistão.

Uma prima de Amani, Sabrina, tinha-lhe falado meses antes do terrível sofrimento das mulheres paquistanesas vítimas daqueles ataques.

Sabrina é uma princesa vários anos mais nova do que Amani. As duas tornaram-se amigas chegadas depois de se terem conhecido no casamento de um primo. Os pais tinham seis filhos, três rapazes e três raparigas, todos eles com boa reputação. Sabrina, sendo a mais nova, sempre vivera uma vida resguardada. São muito ricos, mas o pai não está na linha de sucessão ao trono, pelo que são considerados uma das famílias reais menores e não participam na tomada de decisões no reino.

Apesar disto, a família é respeitada por nunca ter estado envolvida em qualquer escândalo, uma coisa invulgar num país onde há muitos membros da realeza que têm mais dinheiro do que aquele que conseguem gastar. A combinação de demasiado dinheiro e demasiado tempo livre traz à superfície o pior que há em muitas pessoas.

O pai de Sabrina conhecera a sua esposa libanesa quando estudava no Líbano. O casamento não fora combinado, tivera por base um afeto genuíno, um amor que resistira a muitos anos de vida na restritiva Arábia Saudita. Uma vez que residiam metade do ano em Beirute e a outra metade em Gidá, a vida da esposa não era tão reprimida como a da maior parte das mulheres casadas com um príncipe saudita.

Depois de Sabrina ter acabado o seu curso universitário com uma alta classificação, os orgulhosos pais perguntaram-lhe o que poderia querer como prenda especial. Para espanto de ambos, ela pediu que lhe dessem a possibilidade de viajar. Sabrina queria experimentar a aventura que acreditava encontrar se pudesse andar pelo mundo, ir para longe durante um ano ou mais, explorar livre de amarras. Fizera vários cursos de fotografia e os professores tinham-lhe dito que tinha um dom. Sonhava ver um dia as suas imagens, e talvez até artigos escritos por ela, nas páginas da *National Geographic Magazine*.

Apesar de a família ser esclarecida, nunca os pais permitiriam que uma jovem solteira viajasse sozinha pelo mundo. Tudo podia acontecer, e a sua reputação isenta de escândalos chegaria ao fim.

Por isso disseram a Sabrina que poderia viajar, mas que dois dos seus irmãos teriam de acompanhá-la durante toda a viagem. O mundo pode ser perigoso para uma jovem ingénua, disseram, e as suas vidas ficariam arruinadas se algum mal acontecesse à filha mais nova.

Sabrina aceitou, relutante, na esperança de que os irmãos aprendessem a confiar no seu discernimento e a deixassem ir procurar sozinha a aventura que sabia estar à sua espera. Embora não tivesse o mais pequeno desejo de conhecer um homem, estava fixada na ideia da aventura, de encontrar a sua paixão na vida.

A primeira paragem de Sabrina na sua volta ao mundo foi no Egito, um país que conhecia muito bem, de modo que não havia nada de novo para atrair o seu interesse, não obstante a fabulosa história do país. A segunda paragem foi na Índia, que a fascinou por ser um país multifacetado, colorido de todas as maneiras. Na Índia há sempre qualquer coisa para toda a gente, e Sabrina trouxe de lá espantosas fotografias para partilhar com as amigas. Não houve, no entanto, uma história excecional que criasse um entusiasmo único na jovem princesa.

E então chegou a Lahore, no Paquistão.

Lahore é a cidade das artes e considerada o coração cultural do Paquistão. A maior parte da cidade está muito bem conservada porque os cidadãos se orgulham dos seus jardins de flores e arbustos. Há muitos festivais de arte e a música é celebrada. Vários realizadores de cinema estabeleceram residência numa cidade onde a *intelligentsia* paquistanesa floresce.

O coração de artista de Sabrina sentia-se em casa em Lahore e ela percorria, ávida, a cidade, sempre acompanhada, claro, pelos seus dois irmãos e protetores. E foi então, quando pensava ter encontrado o seu lar espiritual, que Sabrina viu uma mulher velada tropeçar no passeio. Compassiva como era, correu para ajudar, mas a mulher velada afastou-a com um empurrão. Sabrina carregava várias máquinas fotográficas e, nos seus esforços para não as deixar cair, perdeu o equilíbrio. Num gesto instintivo, agarrou-se à mulher, cujo véu se soltou e ficou a adejar na brisa.

Sabrina viu o rosto da mulher, marcado por terríveis queimaduras, mas dominou o horror e ajudou-

a a prender o véu. A mulher afastou-se, apressada, mas Sabrina seguiu-a; sentia que não tinha alternativa senão descobrir que horrível tragédia criara o rosto desfigurado que acabava de ver, e oferecer ajuda se necessária. Os pais tinham-lhe dado mais dinheiro do que poderia gastar, dizendo que não queriam que sentisse quaisquer pressões económicas durante a viagem e que ela sabia que, em caso de necessidade, havia muito mais à sua disposição.

Ao princípio, Sabrina pensou que a mulher se tinha queimado num incêndio doméstico, mas não tardou a descobrir que a verdade dos ferimentos era muito mais perturbadora do que um acidente.

Acompanhada pelos perplexos irmãos, seguiu a mulher velada até um pátio cujo portão de ferro, certamente por descuido, a misteriosa desconhecida deixara aberto. No interior, Sabrina viu um espetáculo que nunca esqueceria nem que vivesse mil anos. Havia mais de dez mulheres sentadas no jardim. Algumas usavam véus, outras óculos escuros, outras sentavam-se em silêncio com os rostos mutilados expostos.

Sabrina tinha tropeçado numa casa de horrores.

Quando as mulheres a viram com as máquinas, nenhuma se moveu. Pensaram que tinha sido mandada fotografar os seus ferimentos para os tribunais, uma vez que a maior parte tinha processos judiciais a arrastarem-se pelos meandros do lento sistema judicial paquistanês. Mas quando repararam nos irmãos, homens que não conheciam, puseram-se a gritar de terror antes de fugirem para o edifício contíguo ao jardim.

Sabrina usou os seus dotes verbais para persuadir as administradoras da casa-refúgio de que não estava ali para prejudicar as mulheres ou a instituição. Convenceu-as da sua verdade, de que tinha a capacidade de ajudar fazendo um substancial donativo financeiro. A única coisa que pedia em troca era a oportunidade de falar com as residentes e fazer o registo dos seus ferimentos. Prometeu não tornar pública qualquer informação, a menos que as mulheres lhe pedissem especificamente que o fizesse.

Antes de chegar a Lahore, Sabrina pouco sabia a respeito do país. Apesar de à primeira vista ter adorado a cidade, ficou destroçada ao descobrir que um país com tanta beleza não é um lugar seguro para as mulheres. Depressa ficou a saber que o Paquistão é até um dos piores lugares do mundo para as mulheres, e que o governo, a polícia e o sistema judicial lutam *contra* as mulheres, e não por elas. Não tinha consciência de que os ataques com ácido perpetrados por homens contra mulheres que são suas esposas, ou filhas, ou apenas alguém que admiram, atingiram um nível epidémico – e que, infelizmente, estão a aumentar e a tornar-se cada vez mais comuns. Não sabia que os tribunais paquistaneses condenaram apenas um homem das muitas centenas que cometeram o crime.

A partir do momento em que se apercebeu da verdadeira extensão do problema, descobrindo que muitos homens paquistaneses se julgam no direito de destruir as vidas de mulheres da maneira mais danosa possível, provocando a maior dor física e uma desfiguração irremediável que acarreta graves danos psicológicos, tomou a decisão de fazer das vítimas desses ataques o projeto da sua vida.

Consciente de que ia precisar de ajuda, contactou Amani, contando-lhe as histórias que ouvira e mostrando-lhe as fotografias que obtivera.

A princesa Sabrina encontrara a sua paixão.

Parecia agora que eu e a minha filha íamos partilhá-la.

– Não há muito mais a dizer, mamã – disse Amani. – Tenho histórias que vão gelar-lhe o coração e provocar lágrimas que não conseguirá controlar.

Estremeci, sabendo que aquelas histórias iam tirar-me o sono por muitas noites.

– Amani, ajudar-te-ei, se é isso que queres – respondi –, mas não posso jurar que vou viajar até ao Paquistão para trabalhar lá contigo e com a Sabrina.

A expressão da minha filha foi de profundo desapontamento.

Sou fraca no que respeita aos meus filhos, de modo que me apressei a acrescentar:

– É uma coisa em que tenho de pensar, Amani. Estou a ficar velha. Tenho de proteger a minha saúde e, minha querida, este é o tema mais perturbador do mundo. Já estou a tremer de desespero só por ter visto as fotografias dessas mulheres.

Foi então que Kareem entrou na sala.

– A Pequena Sultana começa a ficar irrequieta. Será possível continuarem a vossa conversa mais tarde, depois de o Abdullah a ter levado para casa?

– Sim, claro – respondi. – Vamos já. Amani, guarda as tuas fotografias, não quero que a Pequena Sultana as veja – recordei à minha filha. – Voltaremos a falar de tudo isto amanhã. Tenho muitas perguntas a respeito dessas mulheres, e do que o governo paquistanês está a fazer em relação a esses crimes.

– Sim, mamã – disse Amani, numa voz tão doce que por um momento acreditei que tinha voltado a ser uma rapariguinha.

Para meu horror e surpresa, foi então que olhou para o pai e perguntou, com a mesma voz inocente:

– Sabia, pai, que a Maha está na Turquia, a trabalhar como voluntária num campo de refugiados?

Arquejei. Maha tinha sem dúvida boas razões para não confiar na irmã.

Kareem imobilizou-se.

– O quê? – perguntou.

Amani respondeu antes que eu pudesse falar.

– A Maha está na Turquia, pai. Foi para lá trabalhar com os refugiados. Receio que esteja em perigo.

O meu marido lançou-me um olhar tão furioso que quase me gelou o sangue nas veias.

– Sultana! O que é isto! Mais um segredo?

Amani deslizou para fora da sala, como se a conversa não fosse mais importante do que o sabor do gelado que poderíamos saborear mais tarde. Mas Kareem estava pronto para discutir, e eu soube que a noite ia ser longa e difícil.

MAHA: AONDE O CORAÇÃO NOS LEVAR

Sabedora de que o mais sensato era sempre evitar uma confrontação com Kareem, passei por ele a correr para ir procurar Abdullah, a única pessoa da família que eu sabia que se juntaria a mim para apoiar a decisão de Maha de ajudar os refugiados sírios e que talvez conseguisse aplacar a ira do pai por causa dos meus segredos.

Kareem consegue zangar-se muito comigo e com as nossas duas filhas, todas nós apaixonadas por várias causas. Raramente, porém, tem motivos para reprovar o nosso filho, o que julgo dever-se à personalidade calma e contida e aos modos apaziguadores de Abdullah.

O meu filho não fazia ideia de que Amani tinha descoberto o segredo de Maha, de modo que se sobressaltou quando o chamei com um grito de desespero ao entrar na área do palácio onde foi instalado o novo aquário.

– Abdullah, onde estás, filho?

Entrei na sala e vi que estava sentado com a Pequena Sultana a uma das cinco mesas dispostas no meio daquele espaço. A angélica criança estava a comer uma pequena taça de gelado de pêsego e fazia gala dos requintados modos que recentemente aprendera num curso de etiqueta e boas maneiras ministrado por uma simpática senhora inglesa na altura muito popular junto dos membros da realeza como professora de urbanidade.

Tinha interrompido o meu filho, que observava os vários peixes tropicais que nadavam devagar de um lado para o outro, dando todas as indicações de se sentirem contentes e tranquilos no vasto meio ao seu dispor.

No ano anterior, Kareem contratara um profissional para construir um lar impecável para peixes, um grande aquário que dava a volta a toda a sala do chão ao teto. Os espectadores tinham a sensação de estarem a flutuar nas águas azuis de um recife de coral. Depois de completado, um especialista em vida marinha enchera-o de espécimes oriundos sobretudo dos recifes e mangais do mar Vermelho. Havia cerca de 50 espécies diferentes de peixes e outras criaturas marinhas, todas cuidadosamente escolhidas pela sua beleza vibrante e multicolor, incluindo peixes-palhaços, medusas e até um peixe-serra. Reparei que um cardume de peixes-palhaços se tinha juntado num canto inferior do aquário e parecia estar a examinar a Pequena Sultana e Abdullah com grande curiosidade. Mas quem podia saber o que se passava na mente de um peixe?

Até Amani aprovara o nosso aquário, um dos poucos que lhe pareciam suficientemente grandes para evitar que os peixes sofressem danos psicológicos. Nunca ouvi falar de um peixe que precisasse de ajuda psiquiátrica, embora Amani acredite que uma tal atenção é valiosa para os pobres animais conservados em aquários pequenos ou em minúsculas redomas de vidro colocadas em cima de mesas ou secretárias e onde nadam em círculos intermináveis, parecendo de facto histéricos por se verem confinados num espaço tão reduzido, o que até eu admito ser cruel.

Houve vários incidentes desagradáveis quando a nossa filha exigiu que os proprietários de peixes

mantidos nessas condições os libertassem de uma tal tortura e lhos entregassem para que pudesse instalá-los em contentores espaçosos. Sempre que isto acontecia, os donos dos peixes ficavam tão confusos que ficou estabelecido que a minha filha podia tomar posse das pequenas criaturas.

Devido à obsessão de Amani com o bem-estar de toda a vida animal, terrestre, marinha ou aérea, ninguém na nossa família tinha um momento de tédio.

Se a Pequena Sultana não pareceu afetada pela minha dramática entrada, Abdullah percebeu no mesmo instante que alguma coisa se passava, pois eu arquejava e era evidente que tinha atravessado o palácio a correr.

– Que se passa, mãe?

Preparava-me para explicar o que tinha desencadeado o drama quando Kareem irrompeu na sala, a fúria estampada no rosto rosado. O meu marido estava pronto para discutir. Conhecia os sinais.

Para meu imenso alívio, quando Kareem percebeu que a Pequena Sultana seria testemunha de qualquer discussão que tivéssemos, inspirou fundo, puxou uma cadeira e sentou-se. O autodomínio dele maravilhou-me, quando vi a sua expressão passar pouco a pouco de uma enorme cólera para uma calma estudada. Ficou sentado em silêncio, a sorrir ao filho e à neta, como se nada de importante lhe ocupasse o espírito.

Juntei-me à mesa, e quase miraculosamente, como se estivéssemos a ser filmados e o pessoal da cozinha estivesse atento e à espera de que eu e Kareem entrássemos na sala, foram servidas mais duas taças de gelado.

Assumi que Abdullah tinha avisado os criados de que em breve nos juntaríamos a eles e que o gelado já estivesse nas taças e guardado no pequeno frigorífico da sala contígua ao aquário, pronto a ser servido logo que ocupássemos as nossas cadeiras.

Abdullah olhou para mim com uma expressão preocupada, e depois para o pai, mas Kareem não disse nada importante. Em vez disso, conversava com a Pequena Sultana. Dissertavam os dois a respeito do delicioso sabor do gelado. Abdullah juntou-se à tola conversa. Eu não fiquei desagradada, porque aquela tagarelice sem sentido dava-me tempo para pensar. Os meus pensamentos passaram velozes por vários cenários enquanto eu tentava descobrir uma maneira de convencer o meu marido a não reagir sem pensar primeiro. Conhecendo Kareem, não duvidava de que logo que pudesse voaria no nosso jato privado rumo à Turquia para obrigar a nossa filha a deixar o trabalho de voluntariado que era tão importante para ela e abandonar as crianças refugiadas que estava a ajudar.

Nesse instante Amani entrou na sala para nos anunciar que tinha de regressar a casa, mas não antes de dizer que me telefonaria na manhã seguinte para continuarmos a falar do problema das mulheres paquistanesas que tínhamos estado a debater. Eu estava furiosa com a minha filha e, por uma vez, não respondi com a doçura a que ela estava habituada. Não obstante isto, percebi que Amani não estava minimamente preocupada com o facto de a mãe estar zangada com ela.

E tinha razões para estar zangada. Não havia a mais pequena dúvida no meu espírito de que Amani tinha invadido a minha privacidade e revistado os meus aposentos, encontrando a carta confidencial da irmã. Estava tão desejosa de admoestar a minha filha mais nova que não me atrevi a abrir a boca para dizer uma palavra. Foi por isso que fingi ter a boca cheia de gelado e assenti com a cabeça em vez de responder.

Amani estava irritantemente alegre quando sorriu para se despedir de mim.

Amo muito os meus filhos e tenho sido várias vezes acusada de ser uma mãe demasiado

indulgente; se eles se mostram insensíveis ou se portam mal, sinto que a culpa é minha.

Lidaria com a minha filha mais tarde, mas, de momento, acreditava que eu e Abdullah tínhamos de fazer um esforço concertado para impedir Kareem de reagir de uma forma precipitada. Maha tinha idade para viver como quisesse, mesmo que isso desagradasse aos pais. Sabendo que tinha combinado um carácter forte com uma grande paixão pelo voluntariado, desconfiei de que talvez Kareem viesse a arrepender-se por tentar dissuadi-la de seguir o caminho que escolhera.

Vários anos antes, eu e Kareem tínhamos doado uma grande fortuna aos nossos três filhos adultos. Tínhamos também estabelecido generosos fundos legais para os nossos netos, a que poderiam aceder quando completassem vinte e cinco anos. Maha, Amani e Abdullah tinham todos chegado à idade da independência económica; gozavam a vida sem preocupações financeiras e ainda podiam dedicar muita da sua riqueza a obras de beneficência.

Depois de a Pequena Sultana ter terminado o seu gelado, limpou muito delicadamente a boca com o guardanapo, que dobrou e pousou ao lado da taça.

A minha adorável neta estava a pôr em prática as suas lições de etiqueta, pensei.

A sorrir, inclinou-se para me beijar, e a seguir o avô, antes de dizer:

– Obrigada pelo delicioso gelado. – Fez uma pausa. – Agora gostaria de ver o bonito aquário. Querem acompanhar-me?

Eu e Kareem derretemo-nos de prazer, pois somos ambos avós dedicados e nada nos proporciona mais alegria do que os nossos netos. Há muitos anos, ouvi uma velha tia dizer que a única relação perfeita entre seres humanos é a que existe entre avós e netos. Sei que isto é uma verdade inquestionável. Enquanto as relações entre pais e filhos são muitas vezes marcadas por disputas, porque os pais são sempre responsáveis pelo bem-estar dos filhos, os avós são mantidos a uma confortável distância das responsabilidades quotidianas.

A relação entre avós e netos é muito gratificante... para todos os envolvidos.

Fiquei a ver a Pequena Sultana entreter-se a pressionar a cara contra a parede do aquário enquanto observava, fascinada, os vários peixes.

Com a neta demasiado longe para o ouvir, Kareem não conseguiu conter-se por mais tempo. Olhou para o filho e, numa voz baixa, expressou um apelo urgente:

– Abdullah, sabias que a Maha está na Turquia? A fazer voluntariado num campo de refugiados?

Abdullah empalideceu, subitamente apanhado num dilema. Se dissesse que sim, faltaria à promessa feita à irmã de guardar segredo. Se dissesse que não, estaria a mentir ao pai.

– Abdullah, não sigas o caminho da tua mãe escondendo-me segredos – disse Kareem numa voz baixa mas severa, ao mesmo tempo que me lançava um olhar sombrio.

Abdullah olhou para mim. Ao ver a infelicidade do meu filho, apanhado entre a irmã e o pai, resolvi intervir.

– Marido – sussurrei –, dir-te-ei o que sei, mas em privado. Vamos acompanhar o nosso filho e a nossa neta até à porta, e resolveremos este assunto entre os dois.

Kareem olhou na minha direção.

– Desculpa, Sultana, mas esticaste a verdade primeiro para um lado, depois para o outro. Vou ter de refazer este *puzzle* com muitos pedaços partidos.

Fiquei rígida. Tinha-me oferecido para discutir Maha e a sua missão com Kareem, e ele insultava-me. Decidi ignorar o meu rude marido.

– Abdullah, quando é que a Zain vos espera, a ti e à Pequena Sultana?

Zain, a mulher de Abdullah, era, na minha opinião, a esposa perfeita, mas gostava de andar a par dos horários do marido. Queria dar ao meu filho uma desculpa para se ir embora, obrigando Kareem a discutir as problemáticas circunstâncias comigo, quer ele quisesse ou não aquele diálogo.

Mas Abdullah sempre foi um homem sábio, e alia a essa sabedoria um carácter muito forte. Estas duas características significam que, de um modo geral, toma as decisões acertadas. Por isso não fiquei surpreendida quando respondeu à pergunta do pai com um importante ensinamento do profeta Maomé.

– Pai, desde criança que vos ouço aos dois dizerem-nos que todos os muçulmanos devem dar em caridade.

– Isso é verdade, filho. Pensas que o meu problema é a Maha estar a dar milhões aos refugiados na Turquia, na Jordânia e no Iraque? Não, não sei, nem quero saber, o que ela faz com a sua herança. Mas temo pela sua segurança. Abdullah, não posso ter a minha filha, solteira e sem proteção, num campo cheio de muitos milhares de pessoas desesperadas.

Abdullah empurrou para o lado a sua taça de gelado.

– Pai, certa vez contou-me uma história muito especial quando, numa certa festa do Eid, me apanhou a tirar frutas e doces dos cestos que a nossa família tinha enchido para dar aos pobres. Gostaria de recordar-lhe essa história.

Abdullah sempre fora um bom filho e eu não me lembrava daquele episódio. Gosto de saber tudo o que afetou a vida dos meus filhos, de modo que me inclinei para a frente, para ouvir a história.

Kareem acalmou-se e assentiu com a cabeça.

– Continua, filho. Escuto-te.

– Contou-me a seguinte história: «O profeta Maomé disse: ‘Todos os muçulmanos devem dar em caridade.’ As pessoas que o rodeavam perguntaram-lhe: ‘Mas se alguém não tiver nada para dar, que deve fazer?’ O Profeta respondeu: ‘Deve trabalhar com as suas mãos e beneficiar-se a si mesmo e também dar em caridade do que ganhar.’ Então as pessoas perguntaram: ‘E se nem sequer isso conseguir arranjar?’ O Profeta respondeu: ‘Deve ajudar aqueles que pedem ajuda.’ Então as pessoas perguntaram: ‘E se nem isso puder fazer?’ Por fim, o Profeta disse: ‘Deve praticar boas ações e abster-se das más. E isso será visto como caridade.’

«Pai, o senhor e a mãe inculcaram a importância da caridade nos vossos filhos durante os nossos primeiros anos, e o pai disse-me que apesar de eu ser demasiado novo para trabalhar e dar parte dos meus ganhos em caridade, devia abster-me de más ações, como roubar doces e frutas destinados aos pobres; disse-me que o meu bom comportamento seria visto como caridade.»

Abdullah fez uma pausa antes de avançar com o argumento mais importante.

– Pai, é muito fácil para os membros da nossa família dar dinheiro, porque temos mais do que necessitamos. Mas quando damos de nós mesmos, e damos do nosso tempo, e sentimos com o coração o que os desafortunados sofrem, isso é verdadeira caridade. A Maha está a fazer o que se espera de todos os muçulmanos. A minha irmã, sua filha, é uma dos poucos que dão completamente, do seu dinheiro, do seu tempo e do seu coração.

Abdullah observou o pai por um instante e então disse:

– Pai, a Maha foi para onde o coração a levou.

Soube que o meu marido estava a pensar muito a sério no que Abdullah tinha dito porque o vi morder o lábio inferior, um hábito seu que mostra que tem muito em que pensar.

– Filho, vou ponderar o que disseste. Voltarei a falar contigo amanhã e dir-te-ei a minha decisão.

Embora tenhas razão quando afirmas que como muçulmanos temos a obrigação de dar, continuo a sentir que não posso permitir que a minha filha esteja numa situação de perigo físico.

Então Abdullah respondeu:

– Bem, pai, diz-se que nunca nada grande foi conseguido sem perigo. A Maha está a fazer uma coisa grande, e é ainda maior porque ela pode viver uma vida de ociosidade e luxo e mandar dinheiro para que outros façam o trabalho árduo. Mas nada é maior do que estar no terreno onde a necessidade existe, para ajudar física, psicológica e financeiramente.

Kareem não disse nada em resposta, mas puxou o filho para si e apertou-o contra o peito por um instante.

Abdullah olhou para a sua preciosa filhinha, que esquecera por momentos as lições de etiqueta e ria e saltitava para pular para os braços do pai. Gritava, empolgada e deliciada:

– Vi um peixe do tamanho do Pequeno Faisal! O peixe era azul e verde!

O Pequeno Faisal, o irmão da Pequena Sultana, tinha pouco mais de um ano, e a irmã adorava-o, apesar de ele ser demasiado novo e pequeno para ser um verdadeiro companheiro de brincadeiras para uma rapariguinha de oito anos. Mas eu estava feliz por a Pequena Sultana ter ficado encantada com os peixes. Olhei para Kareem com gratidão por todos os projetos invulgares que ele arranja para delícia dos nossos filhos e netos, como o aquário gigante.

O meu marido sentiu que eu olhava para ele e também olhou para mim, mas de sobrolho carregado.

Abanei a cabeça e olhei para ele, desapontada. Apesar de a minha reação inicial ao saber que Maha estava a trabalhar num campo de refugiados ter sido de alarme, depressa ficara tranquilizada pelas suas garantias de segurança e pelo conhecimento de que a minha filha mais velha estava a fazer uma coisa muito importante, a ajudar os que tinham grande necessidade de ajuda e a concretizar a sua paixão pelo bem.

Abdullah desviou os olhos da Pequena Sultana para o pai e disse:

– Pai, há crianças tão amadas, tão preciosas como a minha filha. Essas crianças têm sido vítimas de impiedosos abusos. Tente pensar na sua neta e saiba que há milhares como ela que sofreram os males mais horríveis. São pessoas como a Maha que também seguiram os seus corações e estão a tentar trazer essas crianças de volta a um lugar normal na vida. Que faria o mundo sem pessoas assim, pai?

Tive de reprimir as lágrimas, a pensar nas rapariguiñas que a minha filha descrevia na sua carta, sabendo que eram tão preciosas como as nossas.

Quando me despedi da minha neta com um abraço, agradei a Deus por ela não estar em perigo de violação, violência ou morte. Aquelas crianças que Maha ajudava tinham em tempos tido pais e avós que amavam tal como nós amamos as nossas.

Em seguida abracei o meu filho com sentimento, a perguntar-me como fora possível ter trazido ao mundo alguém tão forte e tão sábio.

Enquanto Abdullah se afastava levando a Pequena Sultana ao colo, limpei uma lágrima e, ao olhar para Kareem, vi que também ele se esforçava por conter a emoção.

Toquei ao de leve no braço do meu marido, para lhe lembrar que estava ali, mas ele afastou-se de mim e retomou o seu ar zangado, dizendo-me:

– Sultana, discutiremos isto de manhã. Entretanto, vou mandar preparar o avião para uma viagem à Turquia. Amanhã verei a minha filha.

Fiquei imóvel, siderada, enquanto Kareem se afastava.

Então soube que, não obstante a sabedoria das palavras de Abdullah, Kareem ia tirar a filha da Turquia.

O meu marido trancou a porta dos seus aposentos privados e recusou ouvir os meus pedidos para que me deixasse entrar. E deste modo bloqueou o meu plano de lhe revelar a carta de Maha, e a minha estratégia de desencorajá-lo a aceitar o facto de que a filha tem o direito de tomar as suas próprias decisões, e a sensatez necessária para o fazer. Também achava que Kareem precisava de ser informado das medidas de salvaguarda que Maha já tinha tomado. Não estava a viver sozinha. Arranjara um apartamento seguro. Contrataria guarda-costas. Tinha um veículo e dois motoristas à sua disposição. Maha tomara todas as precauções que podia e eu queria desesperadamente que Kareem soubesse destas coisas para poder atenuar um pouco os seus medos.

Também eu, claro, me preocupava com a segurança de Maha, mas a reação excessiva de Kareem conseguira de certa maneira fazer-me mudar de opinião a respeito de querer que ela saísse da Turquia. Ao princípio, o que mais desejara fora ordenar à minha filha que regressasse à Arábia Saudita ou à sua outra casa na Europa. A minha única preocupação fora afastá-la de qualquer género de perigo o mais depressa possível. Mas o meu marido despertara a minha noção do certo e do errado, recordando-me que Maha era uma mulher independente, viajada e com um espírito forte, uma mulher que andara por todo o mundo. Uma mulher que toma as suas próprias decisões desde há já muitos anos. Se há uma mulher no mundo capaz de tomar conta de si mesma, é ela.

* * *

Cedo na manhã seguinte, recebi notícias indesejadas através de Abdullah. Telefonou-me a dizer que o pai e o tio Assad voavam para a Turquia naquele preciso instante. Abdullah tentara contactar Maha, para a avisar, mas disse-me:

– Não está a atender o telemóvel.

Olhei para o relógio.

– A esta hora deve estar no campo – respondi. – E de certeza que desliga o telefone. Se bem a conheço, evitará todas as interrupções que a distraiam do seu trabalho com as crianças.

– Devo voar também para lá? – perguntou Abdullah.

Ao cabo de um pequena pausa para pensar, disse:

– Não, filho. A Maha consegue lidar com isto. De todos os modos, devemos os dois continuar a tentar contactá-la, para que não fique chocada ao ver o pai irromper pelo campo. – Hesitei, e então acrescentei: – E é preciso que ela saiba que nem tu nem eu traímos o seu segredo.

– Sim. Tem razão, mãe. A Maha vai ficar zangada connosco até saber como foi que o pai descobriu. Quanto ao pai, duvido muito que o deixem entrar no campo. Não tem quaisquer credenciais. A julgar pela carta da Maha, o campo é gerido com extrema segurança. O governo turco está a tratar todo este assunto com grande profissionalismo.

Deixei escapar uma gargalhada resignada.

– Filho, sabes bem que o teu pai fará tudo o que for preciso para ver a filha. Estará impaciente, não tolerará esperar até que ela saia do campo, ao fim do dia. – Repeti as minhas palavras: – Sabes bem o que o teu pai vai fazer.

Ouvi o meu filho suspirar.

– Quem me dera que ele não distribuísse subornos, mãe. É o género de comportamento que cria verdadeiro ódio contra os membros da realza saudita. Enquanto o primado da lei não for aceite e

este comportamento não cessar, nunca mereceremos o respeito da comunidade internacional.

O meu filho tinha razão. No entanto, nunca conheci um membro da família real saudita que visse qualquer mal em oferecer dinheiro para conseguir o que queria. Apesar de o suborno ter sido aperfeiçoado no Médio Oriente, sei que está sempre a acontecer, na maior parte do mundo, onde quer que duas entidades se encontrem, entre aqueles que querem uma determinada coisa que não podem ter sem um desembolso financeiro e aqueles que desejam riqueza e estão dispostos a trocar por dinheiro qualquer coisa importante.

Desde a minha juventude, tem havido uma série de escândalos muito publicitados a propósito de subornos ligados à compra de equipamento militar pela Arábia Saudita a vários países ocidentais. Enquanto os *media* ocidentais acompanham avidamente este género de histórias e publicam reportagens arrasadoras sobre os beneficiados, as autoridades sauditas encolhem os ombros. O suborno é uma forma de vida na Arábia Saudita. Tem muitas faces. Quase todos os sauditas se sentem no direito de usar o seu dinheiro para conseguir aquilo que querem. Quase todos os sauditas recusam ver qualquer mal no facto de uma pessoa enriquecer ficando com uma percentagem de um negócio.

– Concordo, filho, mas em se tratando dos filhos, o teu pai não é homem para dar ouvidos seja a quem for. O mais certo é já ter falado com alguém numa posição de autoridade e oferecido uma grande soma de dinheiro. Ainda estou para conhecer alguém que diga não às quantias que o teu pai está disposto a dar para conseguir o que quer, e mais ainda quando a família está envolvida. Quando chegar à Turquia, será como uma grande tempestade de areia, cobrindo toda a área até encontrar a Maha.

– O pai está a cometer um erro grave – disse Abdullah, num tom desapontado. – Conheço a minha irmã, e quando li a carta dela soube no fundo do coração que tinha encontrado uma grande paixão nesta causa. Só espero que as ações do pai não criem uma separação definitiva entre ele e a filha.

Com estas palavras que me encheram de medo e ficaram a ecoar-me no ouvido, Abdullah despediu-se, mas não sem antes me dizer que ia deitar-se porque precisava de dormir um pouco.

Fiquei preocupada, pois não sabia de uma ocasião em que Abdullah tivesse dormido durante o dia desde os tempos em que era pouco mais do que um bebé e a mãe o obrigava a fazê-lo. Rangi os dentes de angústia, sabendo que Kareem tinha tomado uma decisão errada que ameaçava afetar adversamente as vidas de todos nós.

Nessa noite estava tão descoroçoada que mal consegui dormir. O meu repouso foi interrompido por pesadelos cheios de visões de uma Maha furiosa a escapar ao pai fugindo do campo e caindo nas mãos de homens perigosos, para nunca mais ser vista pelos que tanto a amavam.

Na manhã seguinte, passei algum tempo a tentar ligar para a minha filha, mas sem êxito. Também Abdullah tentava contactá-la, sem mais sorte do que eu. Pouco mais podíamos fazer do que lamentar a estratégia de Kareem e preocupar-nos com a reação de Maha.

Os esforços e as frustrações da manhã já me tinham posto de mau humor mesmo antes de Amani aparecer mais tarde para retomar a nossa conversa a respeito da prima dela, a princesa Sabrina, e do projeto para ajudar as mulheres paquistanesas que tinham sido atacadas com ácido pelos pais, irmãos, maridos ou potenciais pretendentes.

Amani sorria de orelha a orelha, feliz por me ver, conforme disse.

Eu, que tinha jurado a mim mesma não levantar a voz, falei baixo mas sem hesitar.

– Filha, temos de falar a respeito da tua sorrateirice – declarei.

– Sorrateirice? – Amani riu. – Essa palavra existe, mãe, ou acaba de inventá-la e em breve a

veremos reconhecida pelos dicionários?

– Não estou a achar graça nenhuma, Amani.

– Muito bem, mãe. Diga-me, que sorrateirice?

– Senta-te – ordenei, a apontar para a cadeira a meu lado.

Amani sentou-se, mas continuava a não dar quaisquer sinais de preocupação. Chegou até a sorrir e a tentar pegar-me na mão enquanto eu falava, o que recusei.

– Amani, estou muito perturbada. Filha, revistaste os meus aposentos privados. Encontraste uma carta confidencial que a tua irmã me tinha escrito e resolveste divulgar o segredo que a Maha me pedira que não revelasse a ninguém.

Amani manteve a sua expressão amistosa, e respondeu imperturbada:

– Sim, mãe. Não nego nada do que acaba de dizer.

Satisfeita por a minha filha não estar a tentar esconder as suas ações com uma mentira, nem mesmo assim voltei atrás na minha cólera.

– Porquê, filha? Porque o fizeste? Porque foi que fizeste *exatamente* o que a tua irmã me pediu para eu *não* fazer?

Amani apertou-me o braço com afeto e disse.

– Mãe, quando vi as suas lágrimas, compreendi que alguma coisa muito má a perturbava. Quando recusou partilhar os seus problemas, o meu amor por si levou-me a tentar descobrir o que se passava. Recreei que lhe tivesse sido diagnosticada, ou ao pai, uma doença grave. Tinha de saber, ou enlouqueceria de preocupação.

Fez-me um sorriso doce.

– Não fiz nenhuma revista, mãe. A carta da Maha estava pousada, aberta, no seu toucador. Estava ali como um convite para que eu a lesse. Não foi uma maldade assim tão grande fazê-lo. Não foi o mesmo que um ladrão que arromba um cofre fechado, uma porta ou uma gaveta. A carta estava ali. E eu tinha de saber o que era que perturbava a mãe que amo com todo o meu coração.

Apesar de a minha ira se ter dissipado um pouco depois desta declaração de amor e devoção, não desaparecera por completo, e eu insisti; era preciso que Amani tivesse consciência das consequências das suas ações.

– Mas, Amani, o teu pai vai a caminho para obrigar a Maha a deixar a Turquia, a desistir do seu trabalho no campo de refugiados. A Maha vai ficar furiosa comigo, pensando erradamente que não guardei o segredo que ela me confiou e que reprovo o trabalho que está a fazer, o que não é verdade!

– Mas, mãe, eu concordo com o pai. A Maha não devia lá estar. Tenho a certeza de que o perigo ameaça qualquer pessoa que esteja tão perto da fronteira síria. Os homens e as mulheres do Estado Islâmico são muito capazes de atrair os inocentes para o outro lado. Qualquer pessoa que olhe para a Maha saberá que ela é uma mulher rica. O seu porte é confiante e autoritário. Alguém tentará descobrir a identidade da mulher árabe alta e bonita que dispõe de meios para contratar motoristas e seguranças. Montar-lhe-ão uma armadilha. Estou convencida disto. Poderão mandar alguém que a atraia com histórias de crianças que sofrem. Sabe bem que ela não resistirá a investigar. Mãe, a Maha pode ter viajado por todo o mundo, mas está numa região perigosa que não conhece. Pode ser convencida a entrar num carro, ou a atravessar a fronteira. Uma vez capturada, ficaria indefesa.

O medo apertou-me a garganta e os olhos da minha filha encheram-se de lágrimas.

– Quem sabe o que lhe pode acontecer. São homens desesperados, mãe.

Ergui uma mão.

– Por favor, filha, por favor, não mo recordes.

Embora quase todos os muçulmanos aceitem a morte como castigo justo para certos crimes odiosos, a maior parte defende uma execução rápida e misericordiosa, pedindo a Alá uma «adaga misericordiosa», ou uma «espada misericordiosa», ou uma «faca misericordiosa». Nos últimos tempos, infelizmente, alguns dos atos mais misericordiosos relacionados com o castigo têm sido ignorados pelos que preferem um tratamento mais brutal e espetacular.

– Mãe, temos de pensar nestas coisas. Temos de pensar no que podemos fazer para travar este movimento violento. Todos nós estamos em perigo. – Amani fez uma curta pausa. – A Maha não devia estar tão perto deles. Esses homens desprezam os regimes árabes no poder, e as suas famílias. Sendo uma princesa saudita, fariam da Maha um exemplo especial.

– PARA, AMANI, PARA! – gritei, com a imagem insuportável da minha filha a ser executada a gravar-se-me no espírito. – Não quero ouvir-te dizer essas coisas!

– Mãe, devia agradecer-me por ter alertado o pai. Estou muito contente por ele ter ido à Turquia para trazer a Maha para casa.

Depois de ter suportado as imagens que Amani me pusera na cabeça, senti uma pontada de alívio por Maha poder estar em breve de regresso a casa. Mesmo assim, lembrei a Amani:

– Esta é a paixão da tua irmã. Ficarias assim tão contente se o teu pai movesse influências para te impedir de alguma vez voltares a ajudar um animal, filha?

Amani afastou os olhos dos meus, recusando imaginar-se numa situação semelhante, porque era apaixonada pelo seu trabalho a favor dos direitos dos animais.

– Não, filha, não desvies o olhar. Pensa no que estou a dizer. Que farias se o teu pai te proibisse de continuar a trabalhar para aliviar o sofrimento dos animais? Deixarias de o fazer?

– Nunca me poria a mim mesma numa situação de perigo extremo para salvar um animal. Não sou suficientemente corajosa, ou suficientemente tola, mãe.

– Mas, filha, estás a passar por cima do mais importante. Revelaste o segredo da tua irmã, e isso foi errado, Amani. Errado!

– Discordo, mãe, e não me arrependo do que fiz.

Era um impasse. Amani acreditaria sempre que agira bem ao revelar o segredo de Maha, enquanto eu defendia que toda a gente tem o direito de esconder segredos de natureza pessoal, desde que isso não represente prejuízo para terceiros.

Suspirei e voltei-me. Estava a pensar em pedir uma chávena de chá quando o retinir agudo da campainha do telefone da linha fixa estilhaçou o silêncio. Num tom de voz sombrio, Abdullah disse-me que falara com Maha, que, como temíamos, estava furiosa por o pai ter sido informado do seu paradeiro e da sua missão.

– Onde está ela? – perguntei, de súbito tomada pelo desejo de que a minha filha estivesse com o pai e de regresso à Arábia Saudita.

– Com o pai, no avião. Penso que foi oficialmente destituída do seu cargo no campo de refugiados.

Deixei-me descair para a frente, a felicidade e a tristeza a misturarem-se no meu espírito. A minha filha encontrava-se fisicamente a salvo. Por outro lado, sabia que estaria infeliz por ter sido obrigada a abandonar a sua missão de compaixão.

– Sabes a que horas chegam?

– São cerca de mil e trezentas milhas náuticas de Istambul até Riade. Calculo que o avião do pai demorará entre seis e sete horas a percorrer a distância. Levantaram voo há uma hora.

Fiquei surpreendida por o meu filho saber a distância exata mas, conhecendo Abdullah, era de esperar que tivesse feito a investigação necessária no momento em que soubera que o pai estava no ar.

– Obrigada, meu filho. Por favor, vem a minha casa para estares comigo quando o teu pai e a tua irmã chegarem. É preciso que a Maha compreenda que foi a preocupação da irmã com a segurança dela que deu origem ao plano do pai de ir tirá-la da Turquia e do campo de refugiados. A Maha vai estar tão furiosa que não ouvirá nada do que eu disser, mas a ti ouvir-te-á.

– Estarei aí dentro de quatro horas, mãe. Diga à Amani que não se vá embora. A família toda tem de estar presente.

Depois de desligar o telefone, falei com Amani.

– O teu irmão diz para ficares. Enfrentaremos a Maha juntas, para que ela se aperceba da tua genuína preocupação com sua segurança.

Amani pareceu desagrada e pouco à vontade.

– Oh, mãe, não concordo. Sabe como é a Maha. – Retorceu os dedos, nervosa. – É capaz de me bater.

Apesar de as minhas filhas já terem sido violentas uma com a outra, isso raramente voltara a acontecer desde que se tinham tornado adultas.

– O teu pai e o Abdullah estarão connosco. Nenhum deles permitirá violência.

Amani estremeceu. A minha filha mais nova sempre teve tendência para criar o caos e em seguida desaparecer por uns tempos, dando à cólera espaço para se dissipar. Por uma vez, ia ter de «enfrentar a música», como ouvi as minhas amigas ocidentais dizer.

Insisti com Amani para que me acompanhasse até aos meus aposentos, onde poderíamos repousar um pouco.

– E a princesa Sabrina e as pobres mulheres feridas no Paquistão? – perguntou ela. – Quando vamos decidir o que fazer para as ajudar?

– Tem sido uma manhã difícil, Amani. Não consigo pensar com clareza. Vamos comer qualquer coisa, repousar um pouco e então falaremos disso antes de o Abdullah chegar. – Olhei para Amani e toquei-lhe nos lábios com a ponta dos dedos. – A agonia que essas mulheres sofrem far-nos-á esquecer os nossos pequenos problemas, filha.

Amani surpreendeu-me ao começar a chorar, com grandes soluços que a sacudiam.

– Obrigada, mãe – arquejou. – Não consigo deixar de pensar naquelas pobres mulheres.

Com o braço em volta dos frágeis ombros da minha filha, encaminhei-me para os meus aposentos, deixando vários criados alarmados e parados de boca aberta ao longo do corredor.

* * *

Enquanto aguardávamos que Abdullah se nos juntasse na espera da cólera de Maha, passei uma tensa hora com Amani a ver um documentário que ela levara para me mostrar. E a verdade é que as dilacerantes imagens desviaram os nossos pensamentos do problema familiar que nos afligia. O filme intitulava-se *Saving Face* [*Salvar a Face*] e era a respeito dos esforços humanitários de um cirurgião plástico britânico chamado Mohammad Jawad. Depois de ter sabido da horrível natureza dos sofrimentos suportados pelas vítimas de ataques com ácido, o Dr. Jawad passara a fazer frequentes viagens entre a Inglaterra e o Paquistão, a sua pátria ancestral, para operar mulheres e raparigas vítimas deste crime.

Apesar de já saber alguma coisa a respeito de ataques com ácido perpetrados por homens contra mulheres antes de Amani se ter interessado pelo assunto, nunca me tinha apercebido de como eram comuns em diversos países. É uma maneira assustadoramente fácil de destruir a vida de uma mulher, pois qualquer pessoa pode comprar ácido sem problemas no Paquistão, e em muitos outros países. O ácido de bateria é um dos preferidos, uma vez que quase todas as famílias o usam para uma coisa ou outra.

As mulheres sofrem dores pavorosas; os seus rostos ficam destruídos e elas tornam-se criaturas isoladas e solitárias, demasiado envergonhadas para se mostrarem em público. É um género de ataque particularmente maldoso e impossível de evitar.

O documentário era diferente de tudo o que eu já tinha visto. Apesar de pungente e perturbador, estava tão bem filmado que fui como que atraída para as vidas daquelas mulheres. Houve momentos em que me senti como se estivesse nos consultórios com as vítimas marcadas com rostos, braços e corpos horivelmente desfigurados. Enquanto o Dr. Jawad explicava os procedimentos que teria de seguir para lhes salvar a vista ou poupá-las à chacota de pessoas insensíveis e cruéis que troçavam da sua aparência deformada, senti-me também uma vítima, com as minhas emoções a incendiarem-se em angústia, medo e raiva.

Sabia, já antes das revelações de Amani, que a violência contra mulheres no Paquistão estava a aumentar; em termos estatísticos, só no Iémen há uma maior incidência deste terrível crime. De acordo com a Fundação Aurat, uma organização que acompanha e regista as notícias publicadas nos meios de comunicação sobre violência contra mulheres, todos os anos, naquele país, milhares de mulheres são raptadas, violadas ou assassinadas. Surpreendentemente, não há no Paquistão nenhuma lei que criminalize a violência doméstica. Nenhum homem paquistanês precisa de temer ser detido e condenado por violência contra uma mulher, apesar de alguns, muito poucos, terem sido presos e acusados como exemplos quando algum ultraje mais escandaloso capta a atenção dos *media* ocidentais.

Um destes casos foi o ataque a tiro contra a ousada e destemida adolescente Malala Yousafzai, a jovem que foi encorajada por um pai inteligente e corajoso a obter uma educação. Quando Malala escreveu um *blog* na BBC a respeito da sua vida no vale de Swat sob o regime dos implacáveis talibãs, e falou aos meios de comunicação sobre a importância da educação para as raparigas, foi vítima de uma emboscada e atingida a tiro quando viajava numa camioneta da escola. Malala sobreviveu e quando recuperou falou ainda com mais vigor em defesa da educação para as raparigas. O livro que escreveu, *Eu, Malala*, chamou a atenção do mundo para a sua história; e ela foi uma dos dois galardoados com o Prémio Nobel da Paz de 2014.

Como fiquei feliz por uma jovem ter feito uma tão grande diferença e multiplicado o interesse pela situação das mulheres no seu país.

Os jornais britânicos são, por qualquer motivo, os que melhor acompanham as histórias de abusos contra as mulheres no Paquistão. Por isso merecem o meu respeito em nome das mulheres de todo o mundo que precisam desesperadamente desta atenção dos *media*.

Mas do que as mulheres paquistanesas mais precisam é de governantes honestos capazes de implementar leis que as apoiem nas suas tentativas de aceder ao sistema judicial. Uma coisa que ainda não aconteceu. Esta intrigante negligência persiste, não obstante o facto de ter havido mulheres poderosas no Paquistão. Benazir Bhutto foi eleita primeira-ministra, cargo que ocupou de 1988 a 1990, e depois de novo de 1993 a 1996. Sempre foi formidável na arena política, primeiro como

filha mais velha de Zulfikar Ali Bhutto, que também foi primeiro-ministro, e mais tarde como chefe do governo ela própria. Depois da sua primeira vitória na eleição para o cargo, falou perante uma enorme multidão, e as palavras que melhor recordo são: «Estamos aqui reunidos para celebrar a liberdade, para celebrar a democracia, para celebrar a três palavras mais belas da língua inglesa: ‘We the People!’»

Fiquei extática, convencida de que ela se referia aos homens *e* às mulheres do Paquistão, mas nunca li ou ouvi dizer que Benazir Bhutto tivesse feito das mulheres uma prioridade. Apesar de todas as minhas pesquisas, não encontrei uma única lei que Bhutto tivesse apoiado para alterar a condição das vulgares mulheres paquistanesas. Tinha acompanhado as suas promessas eleitorais com muito interesse e sabia que se tinha comprometido a revogar várias leis controversas, leis que cerceavam os direitos das mulheres no seu país. Mas quando não foram feitas quaisquer reformas durante o seu primeiro mandato, as organizações de direitos das mulheres afastaram-se da sua primeira-ministra, tornando muito mais fácil para ela esquecer metade da população do país.

Esta descuidada negligência em relação às mulheres constituía um mistério para todos, uma vez que ela era uma mulher a viver numa terra onde as mulheres eram todos os dias vítimas de abusos. Vi Bhutto à distância uma vez, quando viajava com o pai, que era na altura o primeiro-ministro paquistanês. E encontrei-me com ela uma vez, já como primeira-ministra. Nunca esquecerei a ocasião. Foi a 11 de janeiro de 1989, quando ela se deslocou à Arábia Saudita para uma reunião com o meu tio, o rei Fahd, a 10 de janeiro. A deslocação à Arábia Saudita foi a sua primeira visita oficial ao estrangeiro depois de ter assumido o cargo.

Embora os homens da minha família se sentissem pouco confortáveis com a ideia de uma mulher a governar um país muçulmano, o rei Fahd sempre tivera um afeto e um respeito especiais pelas mulheres, chegando até a confessar uma inocente paixoneta pela primeira-ministra britânica, Margaret Thatcher. Estava, por isso, satisfeito por receber Bhutto no reino, não obstante o facto de, na altura, as mulheres sauditas estarem impedidas de participar em qualquer encontro ou fórum públicos, uma situação que ainda hoje não melhorou muito.

Segundo o que nos disseram, o encontro foi amistoso, e foram feitos planos para resolver certos problemas, como os três milhões de refugiados afegãos que o Paquistão se esforçava por sustentar (a guerra com a Rússia criara um enorme êxodo do Afeganistão para o Paquistão). O nosso rei Fahd ofereceu-se generosamente para apoiar o Paquistão com ajuda financeira.

Lembro-me de ouvir o meu pai dizer que Benazir Bhutto tinha prometido ao rei Fahd tornar o Paquistão tão próspero como o Japão. Não aconteceu, como todos sabemos, mas com os conhecimentos de economia que possuía, parecia haver no coração dela uma grande esperança de introduzir profundas mudanças no país que amava.

Houve uma função em que doze princesas sauditas foram convidadas, com os maridos, para conhecer Benazir Bhutto, e eu fui uma das simbólicas doze, como jovialmente nos chamávamos a nós mesmas. Antes que o evento social terminasse, porém, senti um amargo desapontamento.

Não obstante o facto de sermos ambas mulheres que viviam em países onde as mulheres eram discriminadas, senti o desprezo dela por mim por ser uma mulher saudita que pertencia à família real. Isto, estou convencida, porque nunca uma tinha conseguido chegar a uma posição de poder, ao passo que ela era respeitada e encorajada pelo seu inteligente e influente pai desde os tempos em que era uma rapariga muito nova. Durante o encontro, quando tive oportunidade de falar com Benazir Bhutto, tentei abordar os problemas especiais com que se confrontavam as mulheres dos nossos

países, mas ela respondeu-me com uma conversa inconsequente e superficial e pouco depois voltou-me as costas para se dirigir a um homem poderoso da minha família.

Afastei-me, a sentir agudamente a rejeição. Sempre me espantará o facto de as mulheres mais poderosas não fazerem das vidas de outras mulheres uma prioridade em todos os aspetos. Até que isto aconteça, as mulheres ficarão para sempre numa posição subalterna em muitos países.

Sempre desejei que Benazir Bhutto tivesse feito do sofrimento das mulheres paquistanesas uma pedra angular do seu governo enquanto pôde fazê-lo. Quando foi assassinada, a 27 de dezembro de 2007, lamentei sinceramente a sua morte e o facto de, enquanto viva, aquela mulher inteligente e capaz ter deixado escapar uma oportunidade maravilhosa. Sempre tinha esperado que voltasse ao poder e compreendesse o seu erro ao não apoiar as mulheres do seu país, um país tão importante no concerto das nações.

As mulheres devem apoiar-se umas às outras; temos de nos unir na luta pela igualdade, quer a nossa posição seja alta ou baixa na escala económica. Sem este apoio de todos os lados, as mulheres terão sempre de lutar pelo direito a viver com dignidade.

Amani tocou-me com o cotovelo.

– Está a ver, mamã?

Os meus pensamentos tinham derivado para o que podia ter sido, mas tinha visto o suficiente do documentário para saber que eu e Amani ofereceríamos o nosso apoio à princesa Sabrina. Embora eu não pudesse deslocar-me ao Paquistão e desempenhar um papel ativo no cuidado das mulheres e raparigas vítimas de ataques com ácido, seriam disponibilizados fundos. Sabia que isto representaria uma grande ajuda para Amani e Sabrina e esperava que facilitasse o regresso das vítimas desfiguradas a pelo menos uma aparência de vida normal.

Não obstante o facto de eu não ir encontrar aquelas mulheres cara a cara, nunca esquecerei o que vi no documentário com o Dr. Jawad.

Uma das vítimas, chamada Zakia, vive no meu coração. Depois de sofrer abusos durante muitos anos, sentiu que não tinha alternativa senão tentar divorciar-se de um marido brutal. Cheia de coragem, levou o seu caso aos tribunais, e no dia em que compareceu para a audiência enfrentou o marido, furioso por ela ter ousado pedir o divórcio; segundo ele, ela era sua propriedade, pertencia-lhe.

Quando Zakia ia a sair do tribunal, o marido saltou para ela e atirou-lhe à cara o ácido de bateria. O ardente produto químico derreteu-lhe o olho esquerdo, a face e o nariz. Zakia sofreu dores inimagináveis quando as cicatrizes se contraíram, deixando-a quase incapaz de comer, beber ou até sorrir.

O caso de uma outra mulher chamada Rukshana é o mais triste de todos. A recordação da sua história permanecerá comigo enquanto eu viver neste mundo. Na realidade, tenho uma fotografia dela nos meus aposentos, para que não passe um dia sem que eu reze pelo seu bem-estar. Por muito horrível que a história de Zakia seja, a de Rukshana é ainda pior. O marido e toda a família conspiraram para matá-la da maneira mais horrenda possível porque ela ousara sair de casa com os filhos sem autorização. Voltou depois da sua visita, mas isso pouco importou. Três monstros estavam à espera.

O marido atirou o ácido, a cunhada despejou o petróleo e a sogra acendeu o fósforo. Rukshana rolou pelo chão, a contorcer-se de dores, queimada quase até à morte. Sobreviveu, mas com graves ferimentos. Continua na casa onde foi atacada, à espera de uma oportunidade de ver a filha, que a

família mantém afastada dela. Isolada e cheia de dores, Rukshana vive atrás de uma parede de tijolos.

A vida trágica desta mulher emparedada é demasiado horripilante para sequer imaginar.

Quando, no fim do filme, o ecrã se apagou, eu e a minha filha ficámos sentadas em silêncio, porque filmes como aquele provocam um choque emocional. Mas antes que eu conseguisse recuperar o suficiente para pensar, Amani disse que tinha muito mais para contar. A minha filha dirigiu-se a um canto da sala e pegou numa pasta que continha muitas mais fotografias de mulheres cujas vidas tinham sido arruinadas para sempre.

Olhei para a imagem do que Amani me disse ser uma mulher, mas não vi um rosto. Olhos, nariz e lábios tinham desaparecido. Havia dois grandes buracos negros onde os olhos tinham estado, e dois mais pequenos onde em tempos estivera o nariz. A antiga boca não passava de uma fenda aberta, sem lábios, que mostrava os dentes salientes.

Havia muitas outras como aquela pobre e infortunada criatura, raparigas e mulheres cujas vidas tinham sido completamente destruídas por homens que acreditam que tais ataques são justificados se uma mulher decide abandonar um casamento abusivo, ou se uma rapariga recusa uma proposta, ou até se uma jovem decide frequentar a escola. Ou, como Rukshana, se sai de casa sem autorização. Embora seja possível aliviar a dor através de algumas cirurgias, é impossível substituir olhos que o ácido queimou. Na realidade, a maior parte das mulheres vítimas de ataques com ácido fica cega. Em todos os meus anos a trabalhar com mulheres vítimas de abusos, nunca nada me pareceu mais cruel do que este género de agressão.

A minha filha esperava pela minha resposta.

– Amani, querida, porque é que o governo do Paquistão não faz deste horrível crime uma prioridade absoluta?

Amani respondeu no mesmo instante à minha pergunta.

– A Sabrina disse-me que as autoridades paquistanesas acham que os ataques com ácido prejudicam a imagem do país, de modo que preferem que o crime seja ignorado. Não querem que o Paquistão atraia este género de atenção. Até as famílias das vítimas são pressionadas a guardar silêncio devido ao estigma social.

De repente, senti-me muito cansada. Sem a firme liderança do governo, como se poderia pôr cobro àqueles crimes? Senti-me, de verdade, como se toda a vida se me tivesse exaurido do corpo. Que crueldade! Que agonia! Que dor! Dilacerava-me o coração pensar na dor indescritível, no desgosto, na solidão e na vergonha que aquelas mulheres suportavam.

Uma tal crueldade tem o poder de partir um coração em pedaços muito pequenos.

E isso foi o que senti quando ouvi o rugido da minha filha Maha. Os gritos dela alertaram a casa inteira para que alguma coisa de mal acontecera.

Kareem tinha chegado mais cedo! Abdullah estava atrasado!

Agarrei Amani quando ela se levantou de um salto para fugir.

– Não, filha, vamos enfrentar isto juntas. Há de passar e voltará a ficar tudo bem.

Enquanto olhava para a minha filha mais nova, para a sua pele suave, os seus belos olhos, senti que recuperava a força. Os rostos dos meus filhos e netos estavam intocados – eles estavam a salvo.

Soube então que, a partir daquele momento, todos os problemas pessoais que encontrasse seriam julgados pelo padrão dos desafios extremos que tantas mulheres paquistanesas enfrentavam.

Nem sei como, consegui encontrar forças para olhar para Maha quando ela entrou na sala com uma

expressão indignada. Ao ver a irmã, foi direita à cara de Amani, de mãos estendidas e as compridas unhas prontas para atacar.

Gritei tão alto que Maha se deteve por um instante.

– Maha, filha! – supliquei. – Poupa a tua força para lutar contra os homens que violam mulheres ou lhes atiram ácido à cara. Poupa a tua força, filha!

Maha saltou para a irmã, passando por mim.

Eu tinha visto o clarão do relâmpago. Agora esperava pelo ribombar do trovão.

DOUTORA MEENA

Quando Maha se ergueu ameaçadora acima de nós, fui de repente recordada de que a minha filha mais velha é muito alta, muito mais alta do que a mãe ou a irmã. A verdade é que quase todas as princesas árabes são altas. Surpreendemos os que não estão familiarizados com a nossa família, pois a maior parte das pessoas está à espera de mulheres delicadas e de pequena estatura. Os responsáveis por isto são os homens sauditas que impõem às mães e irmãs um certo conjunto de exigências na procura de uma noiva adequada, e uma das mais importantes é que a futura esposa seja grande e forte.

Os homens sauditas desejam noivas bonitas, como a maior parte dos homens de todas as culturas. Claro que, no meu país, há outros requisitos além da beleza e altura na «busca da noiva»: dinheiro e poder são também desejáveis. Não há, na Arábia Saudita, noiva mais cobiçada do que uma que seja bonita, alta, rica e oriunda de uma família poderosa.

Mas se a maior parte compreende o desejo de poder, riqueza e beleza, já a procura de mulheres invulgarmente altas é encarada com incredulidade por aqueles que ficam a conhecer os pequenos segredos da nossa sociedade e cultura. A razão desta obsessão com a estatura tem a ver com o facto de os Sauditas ambicionarem filhos fortes que dominem do alto os restantes homens. É preciso não esquecer que a Arábia Saudita foi formada pela união de várias regiões no interior de um território imenso; o meu avô, que era um rei guerreiro, sentiu uma urgente necessidade de filhos grandes e fortes para conseguir vantagem no campo de batalha. Teve esses filhos das suas muitas esposas. Por isso os homens sauditas sempre procuraram mulheres altas que lhes dessem filhos altos. Devido ao hábito de homens altos casarem com mulheres altas, muitos homens al-Saud ultrapassam largamente o metro e oitenta de altura, e as mulheres da família real rivalizam muitas vezes com os maridos nessa matéria. Os genes que determinam uma estatura elevada florescem na minha família.

Não obstante o grande tamanho físico de muitas mulheres al-Saud, a maior parte passa os dias e as noites a relaxar, a visitar outros membros da família e a comer iguarias preparadas por *chefs* famosos a nível mundial. Somos uma família que acredita que o hedonismo é benéfico para a saúde. Embora alguns membros da realeza se mexam um pouco quando dançam em casamentos, a maior parte prefere uma vida isenta de esforços físicos. É raro ver uma princesa saudita num ginásio ou a fazer qualquer espécie de exercício. Será talvez por isso que tantos dos meus primos da realeza enfrentam a ameaça da obesidade e da diabetes à medida que vão envelhecendo.

Mas Maha é muito diferente da generalidade das mulheres da nossa família. Apesar de ser semelhante em altura a muitas das suas primas, é também muito forte. Sempre foi uma rapariga ativa, que praticava desporto com o irmão. Desde que chegara à idade adulta, aumentara a sua força física através de levantamento de pesos, musculação e ciclismo. Talvez o facto de viver na Europa a tenha encorajado a aderir à mania do exercício. Mas pelo menos não é uma extremista. Não desenvolveu, graças sejam dadas a Alá, músculos enormes como os de mulheres que vi em programas de televisão

nos Estados Unidos e na Europa. As mulheres musculadas são vistas com admiração no mundo ocidental – e sei que essa atividade exige muito tempo e uma enorme dedicação. Mas a verdade é que esse género de força muscular numa mulher perturba e até assusta as pessoas do Oriente. Não estamos habituados a mulheres que gostam de exhibir os músculos quando estão de biquíni. Tal como as nossas mulheres veladas atraem olhares e uma atenção indesejada no Ocidente, hércules femininas de biquíni provocam uma reação idêntica na Arábia Saudita.

A falta de atividade física das mulheres sauditas decorre de tradições de discriminação contra as mulheres profundamente arraigadas. Um facto chocante é que as raparigas e mulheres estão proibidas de participar em atividades desportivas sem uma autorização escrita dos respetivos tutores masculinos. Os homens sauditas seguem os ditames da cultura, do governo e dos clérigos, todos eles desde sempre contrários a esforços atléticos por parte das mulheres. Os clérigos denunciaram o movimento a favor da educação física como sendo «uma invenção ocidental» e afirmam que tais atividades acabarão em infidelidade e até prostituição.

Afirmações como esta fazem o meu sangue ferver. Sinto por vezes que os clérigos do meu país detestam o facto de as mulheres serem criaturas vivas, que respiram e que podem apreciar outras atividades além de servir um homem.

Portanto, até 2014, as aulas de Educação Física para raparigas foram proibidas em todas as escolas públicas da Arábia Saudita. Este é um país onde nunca ninguém verá um grupo de raparigas a desfrutar da prática de um desporto. No entanto, a situação está a mudar, sobretudo devido à ação do Comité Olímpico Internacional (COI), que tem vindo a encorajar vários países muçulmanos, incluindo a Arábia Saudita, a permitir a participação de mulheres nas Olimpíadas.

Nunca antes a Arábia Saudita tinha enviado uma atleta a uns Jogos Olímpicos, mas em 2010, para as Olimpíadas de Verão da Juventude, em Singapura, inscrevemos a nossa primeira concorrente, uma jovem chamada Dalma Rushdi Malhas. Dalma competiu com êxito na prova equestre, conquistando a única medalha do país, de bronze. A proeza, claro, ergueu o meu coração ao Sétimo Céu e pulei de alegria por o nosso único vencedor de uma medalha ter sido a única mulher que fazia parte da delegação.

Não obstante este progresso, a nossa luta continuou quando se soube que a Arábia Saudita não tinha planos para enviar atletas femininas aos Jogos Olímpicos de Verão de 2012, em Londres. Houve pânico na família real quando se falou de sermos proibidos de participar nessas Olimpíadas. Uma tal coisa significaria um enorme descrédito para todo o nosso povo. Apesar das históricas objeções dos clérigos, os homens da minha família cederam e acabaram por consentir, relutantes, que duas mulheres nos representassem. Esta decisão pioneira foi uma grande vitória para as mulheres sauditas.

As duas mulheres escolhidas foram Wodjan Shahrkani, de dezasseis anos, que entrou na competição de judo, e Sarah Attar, de dezanove anos, que correu os 800 metros. Houve um grande debate por causa do lenço de cabeça que o meu governo exigia que Wodjan usasse. Depois de muitas discussões, foi autorizada a usar uma touca de natação em vez do lenço de cabeça solto que poderia emaranhar-se durante a competição. Apesar de Wodjan ter perdido com Melissa Mojica, de Porto Rico, a maior parte das mulheres sauditas saboreou a simbólica vitória da sua presença.

Não tendo embora impressionado a multidão com a sua velocidade, Sarah foi muito ovacionada, pois todos os que ali estavam sabiam dos desafios que tivera de ultrapassar para representar uma nação dominada pelos homens.

Sei, pelo que o meu marido me disse, que as duas jovens foram aconselhadas a evitar falar a respeito dos problemas de discriminação de género que afligem o nosso país; foi por isso que ninguém viu nenhuma delas a dar longas entrevistas. Exigia-se-lhes que se comportassem com modéstia, e foi o que fizeram, antes de regressarem a casa.

Apesar de a Educação Física não ser permitida nas escolas quando Maha era criança, ela sempre dedicou tempo e atenção às questões de saúde. Agora, no fim da casa dos vinte, pode reclamar o primeiro lugar em termos de condição física entre todos os membros da nossa família imediata. Em compensação, a irmã, Amani, é pequena e delicada; foge a tudo o que tenha que ver com exercício, apesar de há alguns anos ter contratado uma treinadora de aeróbica. Toda a situação foi quase divertida para Abdullah, porque em vez de fazer qualquer espécie de exercício Amani passava o tempo das aulas a tentar converter a instrutora ao islão. Não teve êxito, porque a treinadora era uma cristã devota. Felizmente, continuaram a manter uma relação afável; a instrutora de aeróbica encarava com grande tolerância os esforços proselitistas de Amani.

Admito agora que as personalidades das minhas filhas estão em consonância com os respetivos tipos físicos: Maha defende-se recorrendo à força, se necessário, ao passo que Amani manipula psicologicamente todas as situações para conseguir o que quer.

Nunca tinha procurado adquirir força física, mas naquele momento lamentei essa decisão, porque num abrir e fechar de olhos Maha estava em cima de nós. Apesar de a minha filha não ter usado de violência para com a mãe, limitando-se a afastar-me para o lado com tanta facilidade como se eu fosse uma criança, foi implacável para com a irmã. Quando vi que tinha apanhado Amani numa chave de pescoço, arquejei:

– Maha, não!

Quando Maha começou a torcer o pescoço de Amani, fiquei aterrorizada. Aquele género de torção podia causar danos graves, de modo que saltei para a frente. Apesar de não ser grande nem forte, era meu dever salvar a minha filha. Para meu desespero, depressa me apercebi de que não podia fazer nada para libertar Amani das mãos da irmã. A minha filha mais nova agarrava a sua própria cabeça com ambas as mãos, mas não tinha força suficiente. A única coisa que conseguia fazer era gritar. Felizmente, Alá seja louvado, Kareem mantém-se ágil e em forma. Usando o máximo cuidado, separou as nossas filhas, arrancando devagar as mãos de Maha da cabeça e do pescoço de Amani, como se estivesse a soltar os tentáculos de um polvo enrolados à volta de uma presa. Rezei uma pequena oração de graças por Maha ter apenas dois braços e não oito!

Abdullah, que estava a chegar naquele momento, ouviu a agitação, entrou a correr e ajudou o pai, levando Amani para longe de Maha, cujos olhos faiscantes e expressão zangada eram uma imagem de pura fúria.

Deixei escapar um suspiro de alívio ao ver que Amani parecia incólume. Olhei para Kareem. A sua expressão era imperscrutável, embora parecesse fisicamente esgotado. Eu queria falar, confortar as minhas filhas, mas surpreendi-me a mim mesma quando comecei a chorar. Não sou uma mulher que chore com facilidade. A minha resposta habitual a estas crises familiares é separar e proteger os meus filhos, mas, por qualquer razão, tinha uma enorme sensação de perda, uma tremenda tristeza e um desgosto indefinido que me dominou.

Enquanto Kareem e Abdullah me olhavam com expressões compadecidas e tentavam acalmar-me com palavras apaziguadoras, Maha estava demasiado furiosa para reparar no meu desespero. Amani permanecia silenciosa.

E surpreendi-me ainda mais quando o meu choro se transformou em altos gritos. Descontrolei-me. Caí numa cadeira. Escondi a cara entre as mãos e gritei. Juro que não sei o que me deu, mas a guerra familiar acabou tão depressa como tinha começado quando Maha se libertou das mãos do pai e correu para mim.

– Mãe, pare de chorar. Por favor.

Amani recuperou a voz para gritar:

– Pai, ajude a mãe! Ela está a enlouquecer!

Kareem aproximou-se, tocou-me nos cabelos e acariciou-me os ombros.

– Sultana. Está tudo bem. Por favor, querida, não chores. Controla-te, por favor.

Ainda a segurar Amani para a proteger caso o bom comportamento de Maha fosse apenas um hábil estratagema para o distrair e dar-lhe uma oportunidade de voltar a atacar a irmã, Abdullah aproximou-se e murmurou:

– Mãe, por favor. Está a assustar os criados.

Só mais tarde vim a saber que as trinta e cinco pessoas que trabalham para nós no palácio e nos jardins se tinham juntado num grande grupo ali perto, convencidas de que acontecera uma grande tragédia. Isto porque os meus gritos faziam lembrar as mulheres histéricas que de um momento para o outro perdiam todos os que amavam. Eram gritos que implicavam morte.

Eu tinha, ao longo da minha vida, conhecido momentos graves e até assustadores, mas nunca perdera o controlo dos meus pensamentos ou das minhas ações. Estava nas primeiras fases de um pequeno esgotamento nervoso, embora na altura o não soubesse.

Maha estava a ficar mais assustada.

– Mãe. Pai. Abdullah. Não se preocupem – disse. – Não farei mal à minha irmã. – Fez uma pausa, e quando voltou a falar a sua voz soou mais uma vez dura. – Embora a Amani mereça uma boa tarefa.

Amani choramingou como um bebé, um estado a que por vezes reverte quando os acontecimentos que cria têm consequências desagradáveis.

Eu recuperei a capacidade de falar, gritando por entre os meus soluços:

– Tenho vergonha da minha família. Pela primeira vez na minha vida, tenho vergonha de ti, Maha, e de ti, Amani, e de ti, Kareem.

Como sempre, Abdullah não fizera nada que merecesse censura.

– De mim? – perguntou Kareem, incrédulo.

– Sim, de ti, meu esposo.

As lágrimas voltaram a correr, e os meus gritos tornaram-se mais altos. Alguns dias mais tarde o meu filho dir-me-ia, a rir, que os estranhos sons que eu fazia lhe tinham recordado o sistema de alarme do nosso palácio, que toda a gente afirma ser assustador.

Por esta altura, Kareem estava visivelmente alarmado, pois conhece-me desde os meus dezasseis anos e vivemos juntos muitos momentos emocionais, e no entanto nunca me tinha visto perder o controlo... a menos que incluía a ocasião em que ele me anunciou que ia tomar uma segunda esposa. A minha reação a este anúncio foi de tal modo tempestuosa que nunca mais Kareem abordou o tema tabu. E foi por isso que o nosso telhado continuou a cobrir um palácio habitado por um marido, uma mulher e os filhos dos dois.

Empurrei a cadeira para trás, pus-me de pé e fulminei-o com o olhar. Sem pensar, disse o que me ia na cabeça:

– Marido, foste o causador desta luta ao afastar à força a Maha do seu trabalho de caridade.

Podias ter lidado com a situação de uma maneira muito mais inteligente, com palavras em vez de ações. Lembra-te do nosso avô! O que teria ele feito numa situação destas?

Kareem manteve-se silencioso, encorajando-me a continuar.

– Kareem, ambos sabemos que ele teria recorrido a uma argumentação sensata e razoável para obter o que queria. Por favor, meu marido, aprende com a astúcia do nosso avô!

Kareem empalideceu. Como netos do primeiro rei da Arábia Saudita, eram-nos contadas desde os nossos tempos de criança inúmeras histórias a respeito da sabedoria de que Abdul Aziz, o nosso avô, dava provas em todas as crises, fossem pessoais, tribais ou nacionais.

Uma dessas histórias em particular mostrava bem a sua sensatez e comedimento, pois focava o instinto básico de todos os homens tribais de protegerem e controlarem as suas mulheres. Quando o nosso avô estava exilado no Kuwait com o pai, depois de ter sido derrotado no Nejd, no coração da Arábia, pelo clã al-Rasheed, todos os primos, com exceção de um grupo de infieis e rebeldes, se juntaram aos al-Saud, dando assim mostras da sua lealdade. Quando o nosso avô voltou ao Nejd para retomar a luta contra os al-Rasheed, os primos que tinham estado com ele acompanharam-no na batalha. Mais uma vez, os infieis mantiveram-se afastados. Mas o nosso avô sarou a ferida aberta no seio da família ao receber os volúveis primos de braços abertos, chegando até a casar três das suas irmãs com os mais destacados entre eles. O avô sabia que o casamento tinha o poder de sanar ruturas nas famílias tribais.

Uma das três noivas oferecidas em casamento ao mais desafiador dos primos era a irmã mais querida e chegada do nosso avô, Nura, que ele tinha em grande estima.

Algum tempo mais tarde o primo rebelde começou a mostrar-se insatisfeito, exigindo favores que o nosso avô recusava conceder-lhe, de modo que mais uma vez o obstinado se revoltou e começou a lançar ataques contra o cunhado.

Mas este primo desafiador tinha um grande problema: estava muito apaixonado pela esposa. Não tolerava estar afastado de Nura e não sabia resistir aos seus encantos. Certa vez, durante uma das suas expedições, o amor levou a melhor sobre a força de vontade e ele voltou para junto da sua adorada esposa, entrando às escondidas para estar com ela e voltando a sair do mesmo modo, a meio da noite, como um ladrão.

Quando Nura engravidou, Abdul Aziz ficou perplexo, convencido de que a irmã tinha violado o mais absoluto dos códigos religiosos e do deserto. Ao saber a verdade – que o desleal cunhado era pai do filho de Nura –, o seu coração suavizou-se. Enfiou a ira num bolso e voltou a acolher o cunhado na família.

Este gesto de boa vontade significava que não havia perigo de guerra no seio da família e, em resultado disso, muitas vidas foram salvas. Apesar de ser um guerreiro temível, o nosso avô tinha tido a sabedoria de reconhecer que há alturas em que um homem tem de aceitar as circunstâncias que não pode e não deve sequer tentar alterar.

Nenhum dos filhos ou netos de Abdul Aziz pode comparar-se com o grande homem, o que não impede que o maior desejo de todos os seus descendentes varões seja ser equiparado ao primeiro rei. Todos os primos que conheci, Kareem incluído, se imaginam homens sábios que, no mínimo dos mínimos, satisfazem os elevados padrões estabelecidos pelo avô.

Enquanto pensava no grande homem, não pude impedir-me de continuar focada no sentimento de ultraje e na fúria de Maha, e voltei-me para ela.

– Filha – disse –, sei que estás zangada. E tens esse direito. Apesar de nem eu nem o Abdullah

termos traído a tua confiança, fui descuidada com a tua carta, e peço desculpa. Mas, Maha, tens idade suficiente para saber que a violência, mesmo quando estás muito zangada, não é uma maneira aceitável de resolver um problema. – Tremi. – És muito forte, Maha. Podias ter magoado gravemente a Amani. Estavas a torcer-lhe a cabeça e o pescoço com uma força tremenda. E se a tua irmã, a mãe do teu sobrinho e da tua sobrinha, ficasse com ferimentos que a deixassem incapacitada para o resto da vida? E se a tua irmã nunca mais pudesse voltar a falar, ou a mexer-se, ou até a ter a capacidade de pensar? Como seria então, Maha?

Maha baixou a cabeça. Assentiu devagar, a pensar pela primeira vez em como aquela tarde podia ter terminado.

Amani, obviamente abalada pela imagem que eu tinha descrito, afastou-se quando me aproximei para lhe tocar no braço.

– Amani, tens de acabar com essa tua mania de coscuvilhar. Como podes conciliar a tua vida como muçulmana devota e comportares-te de maneiras que causam tanto mal aos outros revelando segredos que não são teus nem devias saber, filha? Este género de traição tem de acabar, e tem de acabar agora!

Não fiz o mais pequeno esforço para limpar as lágrimas que continuavam a correr-me pelas faces.

– E há outra coisa. Todos nós pronunciamos grandes palavras; professamos preocupação pelos menos afortunados e dizemos que temos de os ajudar. Mas pensem na energia e no tempo que desperdiçamos em quezílias como esta... tempo e energia que poderiam ser bem usados noutras coisas. – A minha voz subiu de tom, como a minha emoção. – Enquanto vocês, minhas filhas, lutam por causa de um segredo revelado, há no Paquistão e por toda a nossa região mulheres que enfrentam uma vida inteira de dor e de agonia. Enquanto tu, meu marido, esbanjas fortunas para afastar a nossa filha adulta do trabalho que ela adora, há rapariguinhas que são raptadas e violadas por soldados traiçoeiros. Quem as ajudará senão Maha e outras almas corajosas que não toleram a injustiça da situação? – Abanei o punho, como se fosse uma atriz num palco a inspirar um público, mas estava a falar de vida e de morte, assuntos muito importantes para mim. – Não podemos lutar uns com os outros! Temos de ajudar os indefesos!

Tinha espantado o meu marido e os meus filhos. Estavam a olhar para mim de boca aberta.

– Kareem, perguntaste porque me envergonhava de ti. Marido, é um pecado qualquer um de nós desperdiçar um só momento das nossas vidas a fazer outra coisa que não seja salvar ou pelo menos ajudar os que são torturados, violados ou desfigurados.

Expressei o meu protesto erguendo as mãos para o teto enquanto corria para o meu quarto. A minha família correu atrás de mim. Os assustados criados dispersaram quando passei pelos corredores apinhados. Kareem esteve quase a apanhar-me, mas consegui entrar nos meus aposentos e trancar a porta, ignorando as suas pancadas e apelos frenéticos.

Mergulhei num sono inquieto e exausto rodeada dos ecos das declarações de amor e devoção daqueles que mais amo.

* * *

Depois de ter dormido como uma pedra, acordei sem me lembrar de imediato do drama familiar da noite anterior. Enquanto estava ali deitada em silêncio, a desejar prolongar o meu repouso, um telefone tocou.

Sou antiquada no que respeita a comunicações. Só uso as chamadas redes sociais quando os meus

filhos e netos estão presentes para me ajudar. Tenho vários telemóveis topo de gama, e uso-os quando viajo, mas prefiro ter na mão o robusto auscultador de uma linha fixa para as conversas mais demoradas. Por isso há três linhas privadas instaladas nos meus aposentos. Para manter as coisas organizadas e saber quem está a ligar, os telefones são de cores diferentes: vermelho, preto e creme. Estão pousados lado a lado numa mesa especial, com amplo espaço para canetas e papel. O telefone vermelho só é usado para falar com membros da família, como o meu marido, a minha irmã Sara e os meus filhos e netos. Atendo sempre esse telefone muito depressa. O telefone preto está reservado às pessoas com que trabalho em várias obras de caridade. O creme é para os bons amigos e associados.

Vi a luz a piscar no telefone creme. Gemi, e então rolei para fora da cama e atendi ao quarto toque.

A chamada era de uma amiga muito especial, a Dra. Meena. Sempre de poucas palavras, cumprimentou-me com um rápido «bom dia, espero que esteja bem e toda a sua família» e, sem me dar tempo para retribuir com a mesma saudação formalizada, continuou:

– Princesa, estou com um problema. Gostaria de lhe pedir um encontro. Quando lhe for conveniente, claro.

Conheço a Dra. Meena há já três anos e, apesar de ela ter o meu número de telefone privado, nunca recebi uma chamada sua que não fosse motivada por um assunto importante. A Dra. Meena é uma das mulheres mais diligentes e trabalhadoras que conheço; passa quase todos os seus momentos de vigília a cuidar dos outros. Não tem tempo para conversar socialmente comigo, apesar da minha condição de princesa. Esta é uma das muitas razões por que a respeito tanto. Não é pessoa para procurar uma atenção menos sincera seja de quem for, nem sequer dos membros da realeza.

Para aqueles que não leram *Vítimas da Tradição – Uma Súplica da Princesa Sultana*, um dos cinco livros escritos a respeito da minha vida, foi nessa obra que a Dra. Meena foi apresentada ao mundo.

Conheci-a em 2012, durante um seminário sobre educação que decorreu num dos hospitais reais do meu país. Era uma distinta apresentadora. Sem ser uma beldade espetacular, é atraente, e tem o género de personalidade vincada que garante que as pessoas não se esquecem dela.

Não se envergonhou de descrever a brutalidade da sua infância. Nasceu na Arábia Saudita, num pequeno povoado conhecido como al-Kharj. Foi o quarto filho, e a quarta rapariga. Na realidade, foi o seu nascimento que provocou o divórcio dos pais, porque o pai, como tantos homens sauditas, era um ignorante que desconhecia o facto científico de que é o homem, e não a mulher, que determina o sexo da criança. E por isso ralhava com a pobre e inocente mulher por ter trazido ao mundo quatro filhas como se isso fosse um plano deliberado para o prejudicar, porque os homens mais incultos do meu país desprezam as filhas e adoram os filhos! Divorciou-se dela tão depressa quanto conseguiu dizer três vezes seguidas «divorcio-me de ti». Obrigou-a então a regressar a casa dos pais, onde não foi bem recebida. A verdade é que os avós maternos da Dra. Meena tentaram impedir a entrada da filha e das quatro netas, o que só não conseguiram devido à esperteza da mais velha das raparigas, que se agarrou às pernas da avó e recusou largá-las.

Por horrível que fosse, podia ter sido muito pior, porque o pai da Dra. Meena já a tinha uma vez arrancado dos braços da mãe e declarado que ia enterrá-la viva no deserto. Teria sido essa a sorte da Dra. Meena, e a Arábia Saudita teria perdido uma das suas melhores médicas, não fora a intervenção de um tio. Este tio recordou ao pai dela que o profeta Maomé tinha dito: «Se alguém tiver uma filha e não a enterrar viva, ou não a desprezar, ou não preferir os filhos [i.e. os varões], Deus levá-lo-á para o Paraíso.»

Com as sábias palavras do Profeta a ecoarem-lhe nos ouvidos, o pai da Dra. Meena devolveu a criança à mãe, salvando-a de uma morte prematura.

No entanto, os avós maternos eram tão pobres que a Dra. Meena confessou ter crescido sem se ter uma única vez sentido saciada depois de uma refeição. Tinha sempre fome, o que talvez seja uma das explicações para a sua estatura invulgarmente pequena. Não obstante os muitos problemas familiares, a Dra. Meena pôde frequentar a escola, e de tal modo se concentrou nos estudos que se tornou uma aluna modelo, granjeando assim a ajuda dos professores para aceder ao ensino superior e, por fim, conseguir diplomar-se em Medicina. Trata-se de uma proeza incrível para qualquer mulher saudita, quanto mais para uma oriunda de um meio humilde.

A Dra. Meena é uma mulher notável a todos os títulos e não tardou que eu considerasse a possibilidade de uma amizade, não só porque a admirava mas também por me ter apercebido de que ela era alguém que estava numa posição perfeita para me ajudar a conseguir alcançar os meus próprios objetivos: ajudar o maior número possível de raparigas a obter uma educação, tal como ela conseguira.

Fomos de imediato atraídas para o mundo uma da outra. Depois de um primeiro encontro em privado, fiquei a respeitá-la ainda mais e pedi-lhe que me ajudasse a encontrar raparigas e mulheres com valor a que faltassem os meios ou o apoio familiar e fossem merecedoras de ajuda para obterem uma educação completa. Há muitas jovens com as mesmas aspirações que a Dra. Meena, mas com demasiada frequência os familiares pressionam-nas a casar novas, a sair de casa e irem juntar-se à família do marido, para poderem receber o dote. Quando sei, através da Dra. Meena, de raparigas nesta triste situação, resolvo muitas vezes os problemas financeiros da família para que as filhas possam continuar a estudar em vez de casarem para se tornarem uma fonte de rendimento extra.

A Dra. Meena tinha pedido um encontro, e eu concordei sem hesitar, apesar de a minha própria família estar ainda em tumulto devido ao incidente da noite anterior entre Maha e Amani. Peguei na minha agenda que estava em cima da mesa, dei-lhe uma rápida vista de olhos e sugeri que nos encontrássemos dentro de três dias.

Quando lhe perguntei a respeito do que seria o encontro, ela fez uma pausa antes de responder:

– Homens sauditas merecedores, princesa. Homens sauditas merecedores.

Fui tão apanhada de surpresa que me faltaram as palavras, apesar de me perguntar que homens sauditas teriam conseguido da parte da Dra. Meena a qualificação de «merecedor». Tinham sido muitas as vezes que a ouvira designar uma mulher como «merecedora» da atenção do mundo pelo seu destemor, ou pela maneira entusiástica como trabalhava para ajudar a libertar as mulheres do meu país da servidão do género que tem sido a nossa sorte desde há milhares de anos.

De repente, estava tão ansiosa por aquele encontro que me arrependi de não ter marcado uma data mais próxima.

Permaneci letárgica na cama até ao meio-dia, mas então senti-me pronta para enfrentar o resto do dia. Uma hora mais tarde, saí sem pressas dos meus aposentos e meti pelo comprido corredor em direção à parte da frente do palácio, para ir ver a minha doce mãe. Poucas coisas me têm dado mais prazer nesta vida do que olhar para o retrato dela no início de cada dia. Tinha pensado em mudá-lo para os meus aposentos para poder olhar para ele antes de adormecer, todas as noites, mas isso teria sido inconveniente para o resto da família, incluindo as minhas irmãs e os meus filhos, pois também

eles gostam de ver a imagem da nossa mãe quando entram em minha casa.

Visito a minha mãe várias vezes por dia, porque tenho a firme convicção de que conservamos os que amamos olhando para eles, falando com eles e recordando-os em tudo o que fazemos.

– Bom dia, mamã – disse, a olhar para os belos olhos da minha mãe. – Há demasiado tempo que se foi embora. Eu era apenas uma criança quando morreu, e agora sou uma mulher adulta a chegar à idade que a mãe tinha quando nos deixou. Quero que saiba, mãe, que a sua filhinha Sultana tem sentido a sua falta todos os dias desde que partiu.

É para mim um enorme prazer conversar com a minha mãe e recordar alguns dos nossos momentos mais memoráveis, como as noites em que ela se sentava junto das filhas e nos contava histórias da sua própria infância. Apesar de ter sido uma rapariga numa época em que as filhas eram de um modo geral desprezadas, não fora essa a sua experiência na casa familiar. Era uma de três irmãs e dois irmãos. Apesar de os rapazes serem os mais valorizados dos cinco filhos, a minha mãe sentiu o amor da sua própria mãe, a minha avó. E, disse-nos, havia ocasiões em que o pai dedicava alguma atenção às filhas. A minha mãe sempre acreditou que ele a amava mais do que às irmãs porque por vezes cantava para ela, e naquele tempo era proibido cantar. Ela costumava cantar para nós uma das canções de que se lembrava, e como nós gostávamos de ouvir a sua voz baixa e incomparável. Agora tenho muita pena de não recordar as palavras, a melodia ou o ritmo dessa canção. Lembrei a mim mesma para falar com uma das minhas irmãs mais velhas e perguntar-lhe se a canção continuava presente no seu espírito e no seu coração e, se fosse esse o caso, decorá-la-ia e cantá-la-ia para os meus netos. A Pequena Sultana, não duvidava, adoraria ouvir uma canção a que estava ligado tanto amor.

Suspirei, a pensar em como a vida teria sido muito mais doce se a minha mãe não tivesse deixado este mundo quando eu era ainda uma rapariguinha. Como muçulmana, não é suposto questionar a sabedoria de Deus quando os que amamos nos deixam, mas é impossível controlar o amor e as saudades que tenho dela. Enquanto estiver neste mundo, hei de chorar a morte da minha mãe e sentir a sua falta.

Depois de deixar a minha mãe, dirigi-me à pequena área privada onde a família come a refeição do meio-dia. Fiquei surpreendida mas contente ao ver os meus três filhos sentados com Kareem, todos eles, ao que parecia, de excelente humor. Até Maha e Amani trocavam sorrisos.

– Que se passa? – perguntei, com uma nota de espanto na voz.

– Querida – disse Kareem –, estava a preparar-me para te ir chamar. Ontem à noite os nossos filhos e eu combinámos reunir-nos para o almoço. Quando chegámos, todos quisemos esperar para que pudesses comer connosco.

Assenti com a cabeça, a olhar para os meus filhos, que ostentavam sorrisos rasgados e olhavam para mim com grande afeto.

– Senta-te, querida. – Kareem acariciou-me a mão e o braço enquanto me conduzia para uma confortável cadeira. – Hoje o almoço é o teu preferido. Salada de frango com uvas e aquele pão francês especial de que tanto gostas, do teu restaurante francês preferido, o Paul, na rua Tahlia.

A boca encheu-se-me de água. Não há em toda a Arábia Saudita um lugar onde se coma melhores *croissants* e pão francês acabados de cozer.

– O Abdullah estava lá perto e lembrou-se de trazer umas coisas para ti.

Dirigi um rápido sorriso a Abdullah. Sempre foi o mais atencioso dos meus filhos.

– E depois, querida, teremos bolos de mel libaneses... os teus preferidos, se bem me lembro... do

Set al-Sham. Mandeí o meu motorista comprá-los a Sulimaniyyah e certificar-se de que tinham sido feitos hoje.

– És muito gentil, Kareem.

Estava cheia de vontade de perguntar como era possível que a minha família, em guerra aberta ainda na noite anterior, se mostrasse agora tão amorosa, fazendo lembrar o casal de ternos pássaros-do-amor que eu tinha há pouco tempo oferecido à Pequena Sultana para que os tivesse na varanda. Mas prometi a mim mesma deixar a minha família resolver o assunto sem mim. Regra geral sou eu que assumo a iniciativa nas discussões familiares, mas daquela vez estava disposta a manter-me calada e ouvir o que cada um tinha para dizer.

Maha fez menção de me pegar na mão, mas nesse preciso instante uma das nossas novas criadas, uma cingalesa, apareceu para servir o chá, de modo que ficámos calados à espera que se afastasse, embora esteja convencida de que os criados ouvem a maior parte do que dizemos porque vivem em nossa casa e precisam de estar perto das pessoas a quem prestam serviços.

Maha olhou em redor para se certificar de que estávamos sozinhos e estendeu uma vez mais a mão para a minha. Pousei a minha minúscula mão na dela, muito maior, e por momentos pensei nos mistérios do nascimento e em como é possível mulheres que são muito pequenas darem à luz filhos tão grandes, saudáveis e fortes, mas afastei estes pensamentos quando Maha começou a falar.

– Mãe, penso que o pai, eu e a Amani lhe devemos um pedido de desculpas. Sei que a mãe e o Abdullah foram inocentes em toda esta questão. A Amani contou-me que a mãe não revelou o meu segredo, que foi ela que esperou que saísse para o quarto de vestir para revistar o seu quarto. Foi assim que encontrou a carta que lhe escrevi. Pelo que a Amani me disse, era evidente que a mãe tinha acabado de ler a carta, pois estava num estado de grande angústia quando ela apareceu. Aquilo despertou-lhe a curiosidade, e quando a mãe recusou dizer-lhe qual era o problema, resolveu descobrir sozinha. Foi então que ficou a saber do meu segredo.

Maha olhou para Amani, que assentiu com a cabeça e teve a decência de parecer envergonhada, como devia.

– Vou tentar acabar com este mau hábito, mãe – prometeu Amani, num fio de voz.

Ri, mas não alto. Pedir a Amani que deixasse de meter o nariz na vida dos outros seria o mesmo que pedir a um leopardo que removesse as pintas. Mas travei a língua e não disse nada.

Maha continuou:

– A Amani disse-me que tinha acabado de ler algum material sobre o Estado Islâmico e que sabia onde se encontravam e como os sírios do EI estão perto da Turquia. Tinha lido que esses homens não respeitam as fronteiras e tentam por rotina raptar os estrangeiros que trabalham nos campos de refugiados. – Apertou-me a mão. – Foi o medo que levou a minha irmã a revelar o segredo ao pai. Não sabia o que ia acontecer, mas nunca sonhou que fosse uma tão grande erupção.

– É tudo verdade, irmã – disse Amani em voz baixa.

– O pai também pediu desculpa. Agora sabe que devia ter-me pedido que voltasse para casa e falado a respeito do meu trabalho de caridade em vez de chegar à Turquia como uma ditador, a disparar ordens e a distribuir dinheiro. Tudo isto para tirar a filha do campo, não obstante o facto de muitas jovens inocentes terem morrido, e outras precisarem desesperadamente de ajuda.

Maha olhou para o pai.

– A minha vida não é mais importante do que qualquer outra vida neste mundo. As pessoas que estão naquele campo também merecem uma hipótese de viver, sobretudo as crianças. Todos os

adultos deveriam estar dispostos a dar a vida para salvar uma criança que teve tão pouco tempo para experimentar este mundo.

Kareem agitou-se na cadeira. Não falou, mas piscou os olhos num reconhecimento da verdade do que a filha dizia. E era bom para ele ouvi-la falar tão franca e diretamente.

Fiz-lhe um pequeno sorriso, a recordar o jovem que ele tinha sido. Nos primeiros anos do nosso casamento, o meu marido gostava de falar durante horas a respeito de todo o género de assuntos importantes. Com o passar do tempo tornou-se mais reservado e guarda para si a maior parte dos seus pensamentos e ideias. Para dizer a verdade, tenho saudades do antigo Kareem, que era um idealista e falava de tudo. Esperava que aquele almoço o encorajasse a compreender que a sua capacidade de comunicação tinha declinado ao longo dos anos e que a família gostaria de conhecer os seus pensamentos e reflexões.

Maha fez uma pausa, lançando a Amani um olhar carregado de intenção.

Assim exortada, Amani disse:

– Oh, sim, mamã. Concorde com tudo o que a Maha disse. Eu devia ter encontrado a bondade e a força para não andar a bisbilhotar e, claro, sei que há segredos que devem permanecer segredos e que não devia ter andado a revistar os seus objetos pessoais. Era um segredo importante, e eu devia ter controlado a minha curiosidade. Procedi mal, mamã.

Era tão raro Amani pedir desculpa e reconhecer que estava errada que, no meu espanto, não encontrei nada que dizer, apesar de me ter inclinado para a frente e beijado as minhas filhas na face. Quando se é mãe, não há maneira de não amar os filhos, por mais desagradáveis que sejam as suas ações.

Era mais do que evidente que a ordem dos pedidos de desculpa tinha sido decidido antes da minha chegada. Os meus três filhos olharam para o pai, à espera.

– Sultana, por vezes és mais sábia do que o teu marido. E sem a mínima dúvida no que respeita aos nossos filhos e às nossas reações aos problemas que surgem nas famílias, sabes sempre o que dizer ou fazer. A partir de hoje, pedirei sempre o teu conselho antes de agir. Todas as decisões a respeito de assuntos familiares serão tomadas em conjunto. Peço desculpa pela precipitada viagem à Turquia e pelo caos que criei. – Então, voltando-se para os filhos, acrescentou: – Espero que esta seja uma lição que todos possamos aprender.

Abdullah não estava ali para corrigir erros seus, mas também ele falou.

– Mãe, ontem à noite ficámos preocupados consigo. Nunca a tinha visto tão perturbada. Todos na família concordámos que temos de ser mais cuidadosos no nosso comportamento.

Sorri.

– Com todos estes pedidos de desculpa, não sei o que dizer, exceto obrigada.

Percebi que Kareem estava aliviado por as suas palavras terem significado tanto para mim, e por isso continuou a falar:

– Sultana, acredito que estiveste à beira de um esgotamento nervoso e ficámos todos muito assustados. Queremos que estejas bem e feliz com a tua família.

Maha concordou.

– Ontem à noite todos acreditámos verdadeiramente que precisava de ser vista por um médico, mãe, para verificar o seu estado mental. Ficámos todos em pânico. Nenhum de nós se foi embora até que o pai entrou no seu quarto para se certificar de que estava a dormir. Só então nos retirámos para as nossas camas.

– O vosso pai entrou no meu quarto? Isto é verdade, Kareem? – perguntei, incrédula.

Mais uma vez, Kareem pareceu atrapalhado. Vários anos antes, eu tinha mandado colocar uma fechadura nos meus aposentos para que quando quisesse ter paz e sossego longe dos dramas da minha família pudesse ter a certeza de que ninguém entraria no meu santuário. Dissera a Kareem que nem sequer ele teria a chave. Preciso de ter um retiro onde me sinta totalmente isolada.

– Tens uma chave?

– Só uma.

– E como conseguiste essa chave, esposo?

Acredito que Kareem considerou a possibilidade de mentir. Abriu a boca. Voltou a fechá-la. Voltou a abri-la.

– Kareem?

Maha apercebeu-se de que tinha revelado o segredo do pai. Corou.

– A verdade, marido. Como conseguiste a chave?

As palavras dele saíram de jorro.

– Paguei ao fornecedor um pequeno bónus. Senti que precisávamos de ter os dois acesso a todas as divisões da nossa casa, Sultana. E se tu adoecesses atrás de portas trancadas? Não posso admitir um tal perigo potencial.

Engoli a fúria, porque não queria discutir com Kareem diante dos meus filhos.

– Marido, discutiremos isto mais tarde.

– Sim, concordo.

O meu pobre marido estava encurralado e sabia-o. Remexeu-se um pouco mais e então estendeu a mão para a sua pasta, que nunca estava muito longe dele, abriu-a e tirou dela um estojo de joias com a marca de uma das lojas mais caras de Riade.

– Isto é para ti, querida. Amo-te muito, Sultana, e quero que sejas feliz.

Kareem sabia que eu deixei de colecionar joias e que já tinha dado a maior parte das que possuía às minhas filhas. Maha vendeu as dela, mas Amani está a guardá-las para a filha.

Abri o estojo com relutância, porque não queria fingir prazer por uma coisa tão fria e impessoal como uma joia.

O conjunto de diamantes e esmeraldas era de cortar a respiração e obviamente muito caro. Amani, empolgada, contou vinte diamantes e dez esmeraldas no colar, e havia mais pedras de grande tamanho na pulseira e nos brincos.

Agradei ao meu marido com a sinceridade de que fui capaz, sabendo que ele me tinha dado aquela prenda com as melhores intenções. Todos os príncipes sauditas que conheço gastam quantias enormes de dinheiro em joias para as mulheres das respetivas famílias, mas eu sou uma das poucas princesas que não se interessam de verdade por colecioná-las. Há muitos anos que perdi o desejo de acumular aquelas valiosas bugigangas.

Fechei o estojo de veludo e inclinei-me para abraçar o meu marido. Kareem gosta de comprar prendas para toda a família, e sobretudo para mim. As joias são uma prenda fácil para quem é rico. Eu sabia que o mais certo era nunca chegar a usar aquele conjunto, mas guardá-lo-ia para a Pequena Sultana. Talvez ela gostasse de usá-lo no seu casamento ou em qualquer outra ocasião importante.

Como que em resposta à deixa, a Pequena Sultana entrou na sala. Vestia um fato de treino azul-elétrico, pois naquele dia decidira fazer companhia à tia Maha no ginásio. Estava tão encantadora que pôs sorrisos em todos os rostos, e as dificuldades e problemas da noite anterior foram

esquecidos de uma vez por todas.

Esperava, em todo o caso, que alguns membros da minha família tivessem aprendido a importância de guardar segredos em nome daqueles que amamos.

Num curto período de vinte e quatro horas, tinha conhecido desespero e alegria. Sentia-me afortunada por todos os meus filhos estarem a salvo e a fazer uma tentativa séria de terem uma relação mais fácil uns com os outros.

Havia de falar individualmente com cada um deles, mais tarde. Porque não sabia muito bem qual tinha sido a decisão de Maha, regressar à Turquia ou voltar à Europa. E queria ter a certeza de que Amani aprendera uma valiosa lição e ia acabar com o seu velho hábito de se meter onde não era chamada e descobrir os segredos alheios.

Olhei para aqueles que amava. Abdullah ria com a filha, enquanto Kareem os observava com um sorriso orgulhoso. Amani e Maha falavam a respeito das mulheres paquistanesas, e Maha pedia para ver as fotografias.

Pela primeira vez, senti o peso dos anos da minha vida, e senti-me a matriarca da minha jovem família. Além disso, de momento não conseguia encontrar nada com que me preocupar, e isso era uma sensação maravilhosa.

Mal sabia que quando voltasse a falar com a Dra. Meena, ela submeteria uma série de problemas à minha consideração e me informaria de um inesperado mas importante projeto que exigiria a minha atenção. Um empreendimento que causaria a mais grave discussão entre mim e o meu marido em muitos anos e nos levaria, pela primeira vez, a falar de divórcio.

HOMENS SAUDITAS MERECEDORES

Aguardava com ansiosa expectativa o meu encontro com a Dra. Meena, mas na véspera da data marcada a Pequena Sultana foi acometida por uma febre inexplicada e altíssima. Abdullah telefonou primeiro ao pai, e Kareem, muito alarmado, correu do escritório para casa. Amani soube da notícia através de Zain, a mulher de Abdullah, e insistiu em deixar os filhos para estar connosco. Proibi-a de o fazer, pois não sabia se a Pequena Sultana tinha ou não contraído uma doença contagiosa.

– Não, querida – respondi aos pedidos de Amani. – Não permita Alá que todos os nossos quatro adorados netos adoeçam ao mesmo tempo, quem sabe se com uma doença perigosa. Fica com os teus filhos e protege-os de uma potencial infeção.

Hoje em dia, quando um saudita é acometido por uma febre súbita, a maior parte treme de terror da doença original designada síndrome respiratória aguda grave (agora mais conhecida pelo acrónimo inglês SARS, de Severe Acute Respiratory Syndrome), que matou quase mil pessoas durante uma epidemia global em 2003.

Isto porque nesta região temos a nossa própria versão da SARS, a síndrome respiratória do Médio Oriente (ou MERS, o acrónimo inglês de Middle East Respiratory Syndrome). Trata-se de um vírus aparentado ao da vulgar constipação, mas que também pode provocar febres altas e pneumonia. Na maior parte dos casos mais graves, pode ocorrer insuficiência renal e até a morte.

Para grande alarme dos homens da minha família, os governantes al-Saud, o vírus surgiu no nosso país em 2012 e, desde então, houve 1034 casos confirmados de infeção. Destes doentes, 457 morreram. Posteriormente alastrou do golfo Pérsico para França, Grã-Bretanha, Tunísia, Itália e Alemanha. A epidemia continua a grassar, ainda que com menos intensidade.

Abdullah e Zain, muito preocupados, transportaram a filha do palácio deles, que fica próximo, para o nosso, para ser tratada na nossa clínica médica privada, que dispõe do equipamento mais moderno e todas as capacidades de qualquer instituição equiparável.

Kareem decidiu construí-la há alguns anos, para que não houvesse desnecessárias perdas de tempo em deslocações até um dos hospitais de Riade, caso algum membro da família precisasse de cuidados médicos. O motivo na origem desta decisão foi o facto de Abdullah ter obtido a sua carta de condução. Kareem vivia numa preocupação constante por causa do horrível trânsito de Riade e a ideia de que algum dos muitos condutores inexperientes que frequentam as nossas estradas pudesse embater no carro do filho apavorava-o. Graças a Alá, um tal acidente nunca aconteceu, mas mesmo assim a clínica foi saudada como uma excelente adição ao nosso palácio, pois havia sempre o receio de que um dos nossos filhos ou netos se magoasse ou contraísse uma doença contagiosa. Depressa nos apercebemos da enorme conveniência de uma tal instalação, e deste modo o projeto cresceu de uma pequena clínica para outra muito maior. Kareem aumentou o pessoal médico para que as nossas muitas centenas de empregados domésticos e dos escritórios pudessem dispor de uma rápida, fácil e

excelente assistência médica. Ao princípio, havia apenas um médico, mas Kareem não tardou a aperceber-se de que eram precisos mais e contratou outros três, todos europeus: os que vêm viver e trabalhar no reino aceitam horários laborais alongados, mas em contrapartida pedem que os seus contratos incluam generosos períodos de férias que lhes permitam regressar a casa todos os anos, por vezes por períodos de três meses, para poderem descansar e relaxar.

Os quatro médicos, dois homens e duas mulheres, todos eles especialistas em medicina interna, rodam os horários de modo que três deles estejam sempre nos aposentos postos à sua disposição no palácio enquanto o quarto tira as férias contratuais para visitar a família, viajar ou participar numa conferência. Os aposentos do pessoal médico ficam a escassos cinco minutos da clínica, a pé.

Nada é mais satisfatório para mim, pessoalmente, do que saber que os meus filhos e netos, bem como as pessoas que tanto trabalham para manter a nossa casa a funcionar sem sobressaltos, podem dispor dos melhores cuidados possíveis.

Apesar de os nossos filhos e netos terem, sem exceção, passado por todas as doenças habituais da infância, nunca houvera nada de verdadeiramente grave. Quanto à Pequena Sultana, mantinha a esperança de que não fosse mais do que uma vulgar febre infantil. Com esta ideia em mente, eu e Kareem esperávamos juntos, e impacientes, na clínica, ansiosos por vê-la.

Por fim, a família chegou. O meu coração mergulhou no mais puro terror quando Abdullah, com gestos cuidadosos e cheios de ternura, tirou a filha do banco traseiro do carro. O rosto dela estava muito vermelho e coberto de pequenas gotas de suor. Soube no mesmo instante que estava com uma febre muito alta. A nossa preciosa menina recusou abrir os olhos mesmo quando a mãe e o pai a chamaram pelo nome, lhe tocaram no ombro e lhe pediram que respondesse. Abdullah deitou-a numa cama de hospital com rodas que foi levada para o terraço da clínica por duas ajudantes. Eu e Kareem, muito alarmados pelo aspeto da criança, seguimo-las.

Nesse instante ouviu um forte clangor metálico e Maha apareceu, a patinar pelo passeio na nossa direção! Estava a praticar exercício quando um dos criados da casa a encontrara e a informara da emergência. Maha dirigiu-nos um olhar sombrio, mas não disse nada. Sem trocarmos uma palavra, entrámos todos na clínica. Maha nem sequer se deu ao trabalho de descalçar os patins. Em circunstâncias normais, eu teria achado divertido vê-la caminhar pela relva de patins, mas naquele momento não havia nada capaz de me divertir.

Quando entrámos na sala de espera da clínica, vi um homem de pé junto à Pequena Sultana, um médico alemão de modos sempre graves e solenes. Estudei-lhe a expressão com muito cuidado enquanto ele examinava a criança. Sou uma grande admiradora do povo alemão e do trabalho que os alemães fazem no reino, mas acho que não são pessoas fáceis de «ler».

O médico não dirigiu a palavra e nem sequer olhou para qualquer das mulheres da família; a maior parte dos expatriados homens que trabalham no reino sente que a mais pequena atenção dada a uma mulher saudita pode ser mal interpretada e causa de ofensa, e é por isso que só interagem com os membros masculinos das famílias e se comportam como se as mulheres fossem invisíveis. (Embora eu e as minhas filhas possamos pedir um médico para qualquer doença que tenhamos, como regra somos examinadas por uma das duas médicas. Mas uma vez que a Pequena Sultana é apenas uma criança, é inteiramente apropriado que quem quer que esteja de serviço cuide dela.)

Compreendo esta atitude cautelosa, sabendo que muitos homens sauditas ficariam furiosos se algum estrangeiro olhasse para as suas mulheres ou falasse com elas. Na realidade, sei de casos de homens estrangeiros a viver e a trabalhar no nosso país que foram atacados por terem tido a ousadia

de iniciar uma conversa com uma mulher, mesmo tratando-se de médicos que estavam apenas a fazer o seu trabalho.

O médico trocou algumas palavras em voz baixa com Kareem e Abdullah, dizendo-lhes que só eles deviam estar presentes no consultório. Zain recusou ser banida do lado da filha e dirigiu-se ao marido num tom perentório:

– Abdullah, eu também vou. Ninguém conseguirá impedir- -me.

Abdullah assentiu em concordância e disse ao médico:

– A mãe da Pequena Sultana tem de estar sempre com ela.

Senti o impulso de insistir em ficar também, mas no fundo do coração sabia que era ao meu filho e à esposa que competia estar com a filha.

Puxei Kareem por um braço e disse:

– Anda, marido. Sentemo-nos aqui.

E aponte para os confortáveis sofás da sala de estar.

Kareem percebeu a minha posição e aquiesceu, mas antes de se sentar teve uma breve conferência com o médico. Não sei o que lhe disse, mas quase de certeza que receberia um grande bónus se tudo corresse bem. O médico ficou obviamente ofendido, porque respondeu:

– Agradeço, mas sou bem pago pelo trabalho que faço. Nada mais é necessário.

Senti ainda mais respeito por aquele médico... e fiquei um tudo-nada embaraçada por Kareem parecer pensar que precisa de oferecer dinheiro por tudo o que quer. Não concordo com esta tática. Na realidade, senti a necessidade de dirigir algumas palavras duras ao meu marido, mas mordi a língua e desviei o olhar. Apesar de lhe falar com toda a franqueza em casa, e na presença dos nossos filhos e outros parentes, respeito-o demasiado, e à nossa relação, para discordar dele em público.

Não obstante a desastrosa abordagem de Kareem, sabia que estava tudo bem porque o meu marido sempre tivera uma boa relação com os nossos quatro médicos. Dava-se particularmente bem com o alemão, que dirigia a clínica, pois ambos partilhavam a mesma paixão: a astronomia. Por vezes passavam uma noite inteira a olhar para as estrelas através do telescópio superpotente de Kareem, que merecera a atenção do médico. Também o meu marido expressava a sua admiração por um homem que não aceitava ordens de quem quer que fosse, nem sequer dele, seu patrão e o homem que pagava as contas da clínica. O alemão era conhecido como um médico iminente, e impunha respeito. Kareem valorizava esta atitude, pois nunca gostou de «yes men» e procura sempre preencher os lugares disponíveis com pessoas que sabe que terão um desempenho ao mais alto nível e que, ironicamente, não se deixarão influenciar por promessas de bónus em questões de trabalho. Por todas estas razões, ambos depositávamos a máxima confiança no pessoal médico que trabalhava na clínica.

Maha lembrou-se, enfim, de soltar os vários mecanismos que lhe prendiam os patins aos pés e ficou sentada a nosso lado só de meias, que, reparei, tinham três buracos numa e dois noutra. A minha filha mais velha nunca quis saber de «coisas» e usa as roupas até muito depois de elas deverem ter ido para o caixote do lixo. Eu sabia que Kareem estava descontente com a indumentária dela, pois usava umas *leggings* justas e um *top* sem mangas, mas eu lançara-lhe um olhar de aviso ao ver-lhe a expressão de desagrado e murmurara:

– Para, Kareem. Não tem importância.

E não tinha. Estávamos nos terrenos do nosso palácio, sem ninguém por perto exceto a família e as pessoas que trabalhavam para nós. A minha filha devia poder usar roupa adequada para fazer exercício. Nunca Maha tinha usado calções ou *tops* ousados, e eu sabia que umas calças largas para

patinar seriam uma ameaça à segurança.

Ao olhar para ela, recordei uma ocasião em que tentara convencer a irmã a aprender a andar de *skate*. Amani parecera ridícula a deslizar num *skate* com a *abaya* a adejar e o véu a querer sair-lhe da cara. São momentos como este que reforçam o meu espanto por ter dado à luz duas filhas tão diferentes.

Naquele dia ouvira o riso dos criados, mas não admoestara ninguém porque eles tinham boas razões para rir. Embora seja uma mulher saudita e também use o véu quando estou no meu país, não deixo de achar graça quando estes incidentes acontecem e os muitos metros de tecido que somos obrigadas a usar prejudicam o nosso divertimento. Quando a família visita o nosso palácio em Gidá, sentamo-nos muitas vezes na varanda a observar os banhistas estrangeiros assistirem espantados aos esforços das mulheres sauditas para nadar arrastando atrás de si a *abaya* cheia de água como um polvo preto no mar azul.

Estes espetáculos absurdos têm o condão de me deprimir porque as mulheres não deviam ser obrigadas a nadar com aquelas compridas vestes negras. Fá-las parecer ridículas, e é perigoso. Tenho conhecimento de pelo menos dois casos de jovens mães que se afogaram ao tentarem nadar com o traje saudita completo. Não devia ser permitido que uma coisa assim aconteça.

Em consequência destas restrições culturais, é muito raro banhar-me no mar Vermelho. Como regra, guardo as minhas atividades aquáticas para quando estou na Europa ou noutros países onde as mulheres usam fatos de banho sem terem de recear ser atacadas por clérigos. O que não quer dizer que use biquíni. Sou uma mulher nascida e criada na conservadora Arábia Saudita e não me sentiria bem com um, mas não censuro as que optam por usar uma tal indumentária de banho.

Os meus pensamentos voltaram à gravidade do momento. Estávamos os três à espera há uma hora, que nos parecera um ano. Kareem olhava em frente, sem dizer uma palavra. Em termos genéticos, Maha é bem filha do pai e partilha muitas das suas qualidades, de modo que também ela permanecia imóvel e calada. Eu agitava-me no sofá, a precisar de falar com alguém, mas estava entalada entre Kareem e Maha, que têm ambos a capacidade de ficar a olhar para o infinito durante horas a fio guardando o mais absoluto silêncio. Estava sozinha no meu medo.

Finalmente, o médico alemão aproximou-se de Kareem.

– Pode descansar o seu espírito – ouvi-o dizer. – A sua neta vai ficar bem. Mas apanhou um vírus. Arquejei, e na minha cabeça só havia uma palavra: MERS.

Kareem pousou a mão esquerda sobre a minha direita, num gesto tranquilizador, preparando-nos a ambos para ouvir más notícias.

– A sua neta contraiu um vírus chamado sincicial respiratório – continuou o médico. – Regra geral, as crianças são infetadas por outras crianças. Talvez uma das suas companheiras de brincadeiras esteja doente e seja essa a origem.

«Mas não há motivo para preocupação, não é um vírus mortal e raras vezes exige hospitalização. Mas, neste caso, e para descanso de todos nós, sugiro que leve a sua neta para um dos hospitais reais do país, onde há pessoal em número suficiente para cuidar dela. – Fez uma pausa. – É possível?»

– Sim, claro – respondeu Kareem. – Tudo é possível.

Claro que a Pequena Sultana seria admitida em qualquer hospital que a nossa família julgasse ser melhor para ela. Como um príncipe de alta condição da família real saudita, Kareem intercede com frequência a favor de cidadãos sauditas que apesar de não fazerem parte da realeza necessitam de assistência médica e lhe pedem ajuda para serem admitidos neste ou naquele hospital. Eu sabia que,

com um simples telefonema, Kareem podia fazer com que a Pequena Sultana fosse admitida no Hospital Especializado e Centro de Pesquisa Rei Faisal de Riade, que é para onde a maior parte da realeza vai quando precisa de cuidados médicos no reino.

Todos nós conhecemos bem e nos orgulhamos do hospital que foi o sonho do meu tio Faisal, rei da Arábia Saudita até ter sido assassinado pelo seu próprio sobrinho a 25 de março de 1975, um dos dias mais tristes da história do país; para nós, a dor é igual à que foi sentida nos Estados Unidos quando o presidente John F. Kennedy foi assassinado.

O médico alemão estava satisfeito.

– Ótimo, ótimo – disse.

– Conte-me mais a respeito deste vírus, doutor – pediu Kareem.

– É sobretudo responsável pelo aparecimento de bronquiolite e pneumonia em crianças. A maior parte dos doentes fica bem ao cabo de alguns dias de vigilância com medicação e cuidados adequados. Não é um vírus que exija anticorpos. Controlar a febre da Pequena Sultana e mantê-la hidratada é a melhor linha de ação a seguir. Se ela desidratar, o hospital poderá administrar fluidos intravenosos e até oxigénio humidificado. São muito poucos os casos, talvez três por cento, em que surgem complicações.

«A febre estava muito alta, pelo que lhe dei um comprimido de paracetamol para a fazer baixar. Só se surgirem complicações, como pneumonia bacteriana, os médicos do hospital a porão a antibióticos. Caso contrário, mantê-la-ão o mais confortável possível e bem hidratada. Prevejo que a sua neta estará de volta a casa e a brincar como se nada tivesse acontecido dentro de uma semana.»

Respirei sem apertos na garganta pela primeira vez desde que soubera da doença da minha neta. Sentia-me emocionalmente esgotada. As mães e as avós de todo o mundo compreenderão a minha extrema preocupação. Não há nada mais perturbador do que ver uma criança que amamos atingida por uma doença potencialmente grave.

Eu e Maha abraçámo-nos com força. Maha ofereceu-se para ligar à irmã e dar-lhe as boas notícias. Corri para a sala das urgências e vi o meu filho a confortar a mulher, que chorava lágrimas de alegria e alívio.

A Pequena Sultana dormia e a febre parecia ter baixado, pois tinha a carinha menos vermelha e muito menos transpirada. Ouvi Kareem chamar um dos assistentes e ordenar-lhe que preparasse os documentos para a admissão da nossa neta no hospital real em Riade.

Minutos mais tarde vi o pessoal médico preparar a Pequena Sultana para ser transportada e fui empurrada para o lado, sem intenção, pela cama onde os ajudantes levavam a minha neta para fora da sala de urgências e em direção a uma comprida carrinha branca, com espaço mais do que suficiente para acomodar uma cama de hospital.

O meu coração contraiu-se de medo quando vi Abdullah e Zain juntarem-se à filha no veículo. Kareem passou por mim a correr, gritando de passagem e sem se voltar que ia acompanhar o filho e a nora. Pouco depois ouvi o rugido do automóvel, quando ele acelerou.

Com gestos calmos e metódicos, Maha voltou a calçar os patins e afastou-se a patinar.

– Até logo, mãe – gritou por cima do ombro. Então deteve-se, voltou-se, olhou para mim com alguma emoção e avançou ao meu encontro. Abraçou-me, deu-me um beijo e murmurou ao meu ouvido: – Mãe, quero que saiba que eu acho que é a melhor mãe e a melhor avó do mundo.

Fiquei tão aturdida que não consegui falar, mas senti que os meus olhos ficavam húmidos. Maha voltou a abraçar-me antes de ajustar os patins e afastar-se uma vez mais a deslizar, como se não

houvesse um único problema neste mundo.

Com a partida de Maha, senti-me de repente triste e abandonada. Enquanto a agitação acalmava e a vida voltava ao normal para a maior parte das pessoas, fiquei ali de pé e em silêncio a organizar os meus pensamentos, e então voltei devagar ao palácio. Estava determinada a juntar os pedaços da minha vida quotidiana, porque sabia que se não estivesse ocupada começaria a chorar... e quando comesse a chorar, talvez nunca mais parasse.

Dada a situação com a minha neta e o facto de estar emocionalmente esgotada, risquei da minha lista mental vários eventos sociais importantes que podiam ser cancelados e nenhum dos quais lamentava perder. Foi então que senti uma pontada de desapontamento, pois lembrei-me do muito aguardado encontro com a Dra. Meena. Seria a primeira pessoa a quem ia telefonar.

* * *

Dormi um sono inquieto. Kareem tinha resolvido ficar no hospital, a comandar as operações como se aquilo fosse uma guerra. Mas eu compreendia a sua decisão. Resolvi ir ver a minha neta no dia seguinte, pois também estava ansiosa por saber como se encontrava e impaciente por vê-la de volta a casa e à sua vida normal. Tudo pode acontecer quando se está doente, como descobrira quando uma prima minha viajara até à Europa para fazer o que se esperava ser uma pequena cirurgia plástica e quase morrera devido a uma inesperada complicação provocada pelo engano de uma enfermeira que lhe deu um medicamento destinado a uma outra paciente que ocupava um quarto três portas mais à frente.

Depois de a minha prima quase ter morrido em consequência de um erro humano, pedi a várias das minhas assistentes que investigassem o problema. Tinha curiosidade em saber quantas pessoas morrem por culpa de erros médicos evitáveis e fiquei chocada com a informação que uma delas descobriu na sua pesquisa. Segundo o prestigiado *Journal of Patient Safety*, todos os anos morrem nos Estados Unidos 440 000 pessoas devido a erros médicos.

Um número tão espantosamente alto de mortes evitáveis foi mais do que o suficiente para captar a minha atenção.

E a publicação acrescentava que os erros médicos ocupam, na América, o terceiro lugar na lista das principais causas de morte! Alguns destes erros são quase rotineiros, como deixar instrumentos dentro do corpo do paciente durante uma cirurgia, engano na dosagem de um medicamento ou infeções provocadas por equipamento médico contaminado.

E o número de erros médicos evitáveis era igualmente elevado nos hospitais do Reino Unido. Toda esta informação era muito perturbadora e prometi a mim mesma evitar qualquer tratamento médico eletivo que exigisse internamento hospitalar, apesar de três das minhas irmãs se terem deslocado a Los Angeles, na Califórnia, para se submeterem a várias cirurgias destinadas a tentar manter-lhes um aspeto jovem. Felizmente, tudo corria bem e elas tinham regressado a casa a parecer refrescadas e rejuvenescidas.

Apesar de ter rugas à volta dos olhos e um pequeno papo debaixo do queixo, a partir do momento em que soube dos erros médicos evitáveis, decidi conservar as minhas feições tal como estavam em vez de correr o risco de ser vítima de um erro que podia custar-me a vida e roubar-me um tempo precioso com os meus filhos e os meus netos. Antes ser uma mãe e avó idosa e viva do que um cadáver jovem, respondi na brincadeira aos meus filhos quando eles me perguntaram se estava a considerar a possibilidade de fazer uma cirurgia rejuvenescedora, como as tias.

Há uma outra razão para eu não ter abraçado a moda das cirurgias plásticas. Gosto de parecer mais velha do que os meus filhos. Tenho várias primas que não são identificáveis como mães, pois parecem muito mais novas do que alguns dos seus filhos adultos. Não é um mundo em que esteja interessada. Orgulho-me de ser mais velha, e parecer mais velha, do que aqueles que dei à luz.

Cansada e emocionalmente vulnerável, comecei a imaginar todo o género de cenários horríveis, incluindo a possibilidade de alguém dar à Pequena Sultana a medicação errada. Antes de poder pensar bem no que fazia, estava a ligar para o meu marido tão depressa quanto os meus dedos conseguiam premir as teclas. Quando Kareem atendeu, fui indelicada, pois nem lhe dei oportunidade de falar.

– Marido! – gritei. – Pede dois de cada medicamento que derem à Pequena Sultana. Toma tu um primeiro, e se for seguro, permite que os médicos lhe deem o segundo comprimido.

Kareem ficou em silêncio depois de ouvir as minhas confusas instruções, mas por fim disse:

– Sultana, acalma-te! Estás a falar como uma louca. O que é que pensas que sou? Um provador de comida?

Eu e o meu marido estamos familiarizados com os provadores de comida, pois os líderes da família al-Saud contratam-nos com frequência quando têm de participar em eventos em que a comida é preparada por pessoas que não conhecem pessoalmente. Os provadores arriscam a vida ao comerem alimentos preparados por terceiros para se certificarem de que são seguros para aqueles que lhes pagam para porem as próprias vidas em perigo para os proteger.

Na realidade, o meu pai contratou vários provadores de comida ao longo de anos. Este hábito começou depois de se ter sentido muito mal no final de uma refeição durante um evento diplomático em que o coronel Muammar Kadhafi, o líder da Líbia, era o anfitrião.

O príncipe Abdullah e o coronel Kadhafi sempre tiveram uma relação tempestuosa: Abdullah é um homem de palavra e sempre teve uma enorme aversão a mentirosos. Durante uma cimeira árabe antes da guerra no Iraque, os dois discutiram diante de terceiros, o que é uma coisa invulgar na nossa cultura. O príncipe herdeiro Abdullah foi incapaz de reprimir a sua repulsa durante a discussão, dizendo ao coronel: «As suas mentiras precedem-no e a sua sepultura está à sua frente.»

O coronel Kadhafi nunca perdoou nem esqueceu o que considerou ser um grave insulto e, em 2004, foi desmascarada uma conjura para assassinar o príncipe Abdullah quando o norte-americano Abdurahman Alamoudi e o coronel Mohamed Ismael, um oficial dos serviços secretos líbios, interrogados em tribunal, deram testemunho credível sobre dois encontros com o coronel Kadhafi em 2003. Nesses encontros, tinham aceitado dinheiro para assassinar o príncipe herdeiro Abdullah.

Fiquei secretamente encantada por Kareem ter tido acesso aos documentos secretos que pormenorizavam os encontros, pois tinha uma enorme curiosidade em saber ao certo o que acontecera. Kareem confidenciou-me, no maior segredo, que o coronel Kadhafi ficara furioso por o príncipe Abdullah não ter sido assassinado conforme fora planeado. Sob juramento, Alamoudi afirmara que Kadhafi tinha gritado: «Quero o príncipe herdeiro morto, seja assassinado, seja através de um golpe de Estado!» Um segundo plano consistia em financiar um grupo de militantes sauditas para atacarem a caravana automóvel do príncipe com mísseis portáteis. Graças a Alá, louvado seja, esta missão falhou, por uma ou outra razão.

Num encontro que ocorreu dois meses mais tarde, o coronel Kadhafi perguntou aos gritos por que razão ainda não vira «cabeças a voar» na família real saudita.

Vistas bem as coisas, os homens da minha família fazem bem em contratar provadores de comida,

ainda que, naquela ocasião, o meu marido Kareem não estivesse interessado em ser um deles, nem mesmo para proteger a nossa neta.

E eu não estava disposta a desistir.

– Porque não? És grande e forte, nada te faz mal. Toma os medicamentos dela primeiro. Por favor, Kareem!

– Sultana, perdeste finalmente o juízo – respondeu o meu marido em voz baixa. E acrescentou: – Se estás assim tão preocupada, vem para o hospital. Darei instruções para que tomes os medicamentos da Pequena Sultana. Se adoeceres, querida, não permitiremos que ela tome os mesmos remédios.

Ouvi-o soltar um suspiro de absoluta irritação e logo a seguir cortou a chamada.

Telefonei para Abdullah e perguntei-lhe o que achava. O meu filho disse-me que não fosse paranoica, que estavam a vigiar tudo o que era dado à Pequena Sultana e que até ao momento só recebera fluidos intravenosos.

Uma vez que mais ninguém na família estava preocupado com a possibilidade de erros médicos, não podia fazer mais nada senão preocupar-me eu, e foi essa a razão por que dormi tão mal.

* * *

A minha saúde foi claramente afetada pelo trauma da doença da Pequena Sultana, pois acordei no dia seguinte com dores de garganta e de cabeça. Sabendo que a convalescença da minha neta poderia ser comprometida pela proximidade de alguém que sofresse de qualquer espécie de infeção, telefonei ao meu marido e, com grande relutância, expliquei-lhe que não ia poder estar com a nossa neta.

Senti uma pontada de fúria quando o tom de voz de Kareem expressou um manifesto alívio; ao que parecia, a nossa conversa da noite anterior tinha indisposto o meu marido contra mim.

– Não te preocupes, Sultana – disse, satisfeito. – A tua neta está a voltar à vida! A temperatura está quase normal. Neste momento, está a sorrir para mim. Fica na cama, descansa, e eu irei para casa em breve. Os médicos dizem que a este ritmo de melhoras esperam poder dar-lhe alta amanhã de manhã.

– Diz-lhe que a amo, Kareem. E que lamento não poder estar com ela.

– Ela está rodeada de todos os lados, querida. O Abdullah do lado direito. A Zain do lado esquerdo e a Amani aos pés da cama. E eu a supervisar tudo – riu.

Apesar de não gostar particularmente de ir a hospitais, porque são lugares cheios de pessoas doentes e assustadas, se um dos meus filhos ou netos é um paciente, é lá que preciso de estar. Sempre que tinha qualquer assunto a tratar no hospital real, saía de lá maravilhada com aquilo em que se tornara o que fora em tempos um simples sonho. Não há em todo o mundo um hospital mais magnificamente apetrechado. Tudo no Hospital Especializado e Centro de Pesquisa Rei Faisal é régio, senão mesmo majestoso, como o próprio grande homem era. Que alegria teria sido poder ver a cara do tio Faisal – teria ficado orgulhoso com o que fora conseguido com aquela maravilhosa infraestrutura.

* * *

Apesar de afligida por uma constipação e uma tosse que me impedia de fazer o que de verdade queria, e que era visitar a Pequena Sultana, sentei-me à secretária e comecei a fazer chamadas. O meu plano original era ver a Dra. Meena naquele dia, mas com a doença da Pequena Sultana e agora com aquela desagradável constipação e dores de garganta, precisava de descansar e isolar-me das

outras pessoas.

Quando falámos, a Dra. Meena percebeu bem o meu problema e, apesar de desapontada por não podermos encontrar-nos, foi muito compreensiva. Disse-me que ia em breve sair do país para assistir a uma conferência médica na Suíça, e então acrescentou:

– Querida princesa, sei que não pode falar muito, mas o que tenho para lhe dizer não pode esperar. Acredito que há uma vida em perigo. Que acharia de eu lhe escrever uma carta com todos os pormenores do caso que me preocupa? Seria aceitável?

– Com certeza, Dra. Meena, pode comunicar comigo da maneira que lhe parecer mais adequada às circunstâncias. Quer que mande o meu motorista buscar a comunicação?

– Seria ótimo, princesa. A carta estará pronta amanhã de manhã. E também queria que soubesse, princesa, que o automóvel e motorista que tão graciosamente pôs à minha disposição têm sido usados para transportar mais de vinte jovens que não têm outra maneira de chegar à escola, ao trabalho e às lojas onde compram aquilo de que precisam e tudo o mais que possa ser necessário. – Soltou uma pequena gargalhada. – Tenho o prazer de lhe comunicar que estas vinte jovens mantêm o carro e o motorista ocupados muitas horas por dia.

Fiquei contente por saber que uma coisa que tinha feito estava a ajudar a tornar mais fácil a vida de algumas jovens. Por esse mundo fora, toda a gente pensa que todos os sauditas são ricos. Não é o caso. A população do meu país é muito diversa, e na realidade a maior parte das pessoas não é rica. Há muitas vantagens em ser um cidadão da Arábia Saudita – o governo ajuda com empréstimos isentos de juros, educação e assistência médica gratuitas e, não havendo impostos, cada um leva para casa a totalidade do que ganha; no entanto, a despeito dos muitos aspetos da ajuda governamental, há pobres que se debatem com dificuldades. Há muitas mulheres que não têm acesso a transportes, e ter um carro e um motorista à sua disposição é uma dádiva de liberdade.

Sem dizer nada à Dra. Meena, decidi naquele instante que iria disponibilizar-lhe uma frota de três carros e seis motoristas para que os usasse como lhe parecesse melhor para ajudar raparigas estudantes e jovens esposas sauditas. Quando se lida com a Dra. Meena, sabe-se que quaisquer esforços feitos para auxiliar outros irão diretamente para as pessoas que precisam de ajuda. A Dra. Meena é a pessoa mais honesta que tive o prazer de conhecer.

Terminámos o telefonema com palavras de amizade, embora a Dra. Meena me tenha surpreendido, no final, ao dizer:

– E, princesa, espero que a minha comunicação não ofenda os seus sentimentos. Se isso acontecer, peço-lhe desde já perdão, porque com a sua bondade ajuda muitas pessoas. Mas há alguém que precisa da sua ajuda agora. Por isso lha peço, não obstante estar consciente de que este projeto em particular pode vir a revelar-se-lhe difícil e resolver.

Estas palavras espicaçaram a minha curiosidade. Que problema invulgar estaria a Dra. Meena a preparar-se para me propor? Fiquei a pensar nisto durante muito tempo, a perguntar-me o que poderia ser mais difícil do que alguns dos problemas que já tínhamos resolvido juntas. Então recordei as suas intrigantes palavras: «Homens sauditas merecedores». A verdade é que, de tanto cismar naquele enigma, não conseguia concentrar-me no trabalho que tinha entre mãos.

Acabei por suspirar e pegar numa série de processos que exigiam a minha atenção, um dos quais relacionado com uma bem-sucedida obra de caridade responsável pela educação de mais de duas mil raparigas todos os anos.

No dia seguinte, depois de a Pequena Sultana ter tido alta no hospital e estar a recuperar em casa, estava sentada à minha secretária quando uma das assistentes do escritório me entregou um sobrescrito fechado da parte da Dra. Meena. Nessa manhã, bem cedo, tinha mandado o meu motorista ao consultório dela no hospital para ir buscar a comunicação.

Acabei o que estava a fazer antes de apertar o sobrescrito contra o peito. A maior parte dos sauditas gosta de usar sobrescritos e papel de carta personalizados, com os seus nomes e títulos bem destacados para que todos possam vê-los, mas a Dra. Meena era uma mulher simples que fazia uma vida simples. O sobrescrito era feito do papel mais barato, áspero ao toque. Sorri, porque bem se via que a Dra. Meena não era uma mulher frívola e nunca gastaria dinheiro em luxos, e muito menos em sobrescritos e papel de carta, que são na essência o cartão de visita de uma pessoa. Além disso, não me endereçara a mim pessoalmente, nem escrevera o seu nome como remetente. Em vez disso, escrita na face do sobrescrito com grandes letras, aparecia a palavra «MERECEDORES». Soube então que, fosse qual fosse o projeto em que ela queria que eu me envolvesse, passaria a referir-se-lhe por aquele título.

Bebi um pequeno gole do meu chá matinal e instalei-me numa cadeira confortável para ler a carta que me ocupava o espírito desde que falara ao telefone com a Dra. Meena.

Querida Princesa,

Não gastarei tempo a felicitá-la pelo trabalho que tem vindo a fazer porque sei que passa a maior parte das suas horas de vigília a combater as coisas negativas que, no nosso país, promovem tragédia atrás de tragédia. Depois de a conhecer há apenas uns curtos anos, vi que embora a sua riqueza seja enorme, o tempo é um bem que lhe escasseia. Mas, Princesa, dir-lhe-ei que mudou de uma forma radical a vida de muitas pessoas. Ao contrário de si, sou apenas uma simples mulher, mas sei a importância do trabalho que estamos a realizar.

Ao longo dos últimos anos, concentrámo-nos exclusivamente nas raparigas e mulheres sauditas porque a necessidade delas é a maior entre todos os que vivem no nosso jovem país – um país formado numa terra antiga e unido numa nação fundada pelo seu grande avô há apenas oitenta anos.

O nosso mundo está finalmente a mudar e, acredito, para melhor, pela primeira vez na nossa história moderna.

Aquilo que ansiávamos quando éramos crianças está agora a acontecer. As janelas de oportunidade para as mulheres sauditas começam a abrir-se; estão agora entreabertas. Mas há quem nos combata passo a passo. E há quem comece a ajudar-nos. Pela primeira vez, há homens sauditas que viram as injustiças da nossa cultura, da nossa sociedade e do nosso governo. Há homens sauditas que se põem ao lado das mulheres e exigem mudança. Há homens sauditas a definharem na prisão só por terem defendido os direitos das mulheres. Na realidade, há dez homens sauditas específicos que se destacam como nossos campeões – homens que estão dispostos a lutar pela igualdade.

Embora do que mais gostasse fosse poder abordar a gravidade dos problemas que cada um destes dez homens enfrenta por dizer a verdade, tenho de me concentrar num em particular, um homem que é um símbolo de tudo o que é bom no ser humano. É o Nelson Mandela da Arábia Saudita. É o Mohandas Gandhi da Arábia Saudita. É o Oskar Schindler da Arábia Saudita. É o

Dalai Lama da Arábia Saudita. E é a Aung San Suu Kyi da Arábia Saudita.

Quem é este homem, pergunta? É um jovem marido e pai chamado Raif Badawi. Este jovem foi arrancado à sua vida de paz, e à mulher e filhos, pelo «crime» de escrever um blog e discutir os direitos humanos e as injustiças que todos os sauditas capazes de pensar reconhecem no fundo do coração, mesmo que não tenham coragem para gritar os seus pensamentos do alto dos telhados planos das nossas cidades e aldeias.

Mas, Princesa, os Sauditas são afortunado por este jovem ter coragem suficiente para todos eles.

Apesar de nós as duas nunca termos falado a respeito de Raif Badawi, sei que é uma mulher a que nada escapa no que respeita a tudo o que de importante acontece no nosso país, a todas as grandes mudanças. Por isso não duvido de que sabe tudo sobre este jovem que está, sem o querer, a causar ondas de indignação em todo o mundo apenas por recusar ceder à tirania.

Sim, Princesa, tirania!

Acredito que Raif Badawi é a pessoa que vai criar mudança sendo apenas ele próprio, um jovem que o medo não fará calar. Como disse, sei que pode descobrir muito a respeito de Raif Badawi pelos seus próprios meios, mas o coração fica carregado quando penso neste jovem e não consigo conter as palavras. Aqui fica o que sei dele.

Raif nasceu a 13 de janeiro de 1984 no seio de uma família saudita conservadora. Nasceu com uma firmeza de carácter especial e nada conseguia desviá-lo de fazer o que considerava certo. Tem o desejo de procurar a verdade. Toma a iniciativa. É muito ativo. Prefere a ação. Procura o bom mas enfrentará o mau. Já nasceu o homem que hoje é, embora pouco pudesse fazer para expressar as suas ideias antes de se tornar adulto.

Raif conheceu Ensaf Haidar, a mulher que o igualava com uma forte personalidade e uma noção inata da justiça, através de um amigo, que era o irmão da sua futura esposa. Sabe dos problemas que os jovens têm em conhecer-se na Arábia Saudita. A relação entre Raif e Ensaf começou da maneira mais inocente, através de conversas pelo telemóvel. Não se encontravam para ter sexo ilícito. Conversavam. Isto aconteceu depois de Ensaf ter pedido o telemóvel emprestado ao irmão e ter dado por si a falar com o seu bom amigo Raif. Faziam aquilo que é considerado por muitos no nosso país um crime punível: dois jovens a conversar. A FALAR! Quando as famílias descobriram que os dois conversavam pelo telefone, fizeram todos os esforços para o impedir, mas era demasiado tarde. O amor tinha florescido durante aquelas longas conversas, e casaram em 2002.

Raif provou ser um marido de sonho pelos padrões de qualquer mulher. É um homem que respeita as mulheres, e tratava a esposa como sua igual em todas as coisas. Quantas mulheres sauditas podem afirmar ter um marido assim? Muito poucas, Princesa, muito poucas.

Viviam os dois tranquilos e felizes, e iniciaram uma família.

Mas uma negra tempestade de areia formava-se no horizonte e tomava um rumo que ia separar o jovem casal.

A tempestade de areia começou discreta, como tantas vezes acontece. Depois de Raif ter testemunhado muitas das injustiças praticadas na Arábia Saudita por aqueles que deviam proteger-nos, começou a escrever um blog em que discutia as questões que o perturbavam. Nunca pediu o derrube do governo. Nunca promoveu a violência.

FALAVA dessas questões, usando o seu vasto conhecimento da nossa terra e aplicando o bom

senso aos problemas que testemunhava.

Raif é um homem que não consegue ficar calado face à injustiça, seja ela contra mulheres ou contra homens, seja discriminação de género ou discriminação contra a liberdade pessoal.

Depois de a polícia religiosa ter merecido a sua atenção com a maldade das suas ações ao visarem, perseguirem e prenderem mulheres que se limitavam a fazer a sua vida de todos os dias, Raif falou contra ela no seu blog. Não percebe a necessidade de uma polícia religiosa. Acredita que todos os sauditas merecem melhor do que ter um bando de homens que não conseguem ver nada de bom na natureza humana a correr à solta pelas ruas, a prender e a aterrorizar pessoas.

Princesa, ouvi as palavras dele vindas da sua boca, ouvi-a dizer que a polícia religiosa e os clérigos conservadores estão na primeira linha dos que cometem injustiças contra todos os sauditas. Partilha estes sentimentos com Raif Badawi. A diferença é que ele diz o que pensa num fórum público, num website chamado Free Saudi Liberals que, claro, foi entretanto encerrado pelo governo.

O resto é história. O nosso governo agiu contra este jovem tão tenazmente como se ele fosse um terrorista que planeasse matar milhares de pessoas. Destruiu-lhe a família – Raif foi arrancado à mulher e aos três filhos. Foi condenado a dez anos de prisão e mil chicotadas apenas por ter dito o que pensava.

Como nós as duas afirmámos em várias ocasiões, TODOS os seres humanos têm o direito de dizer o que pensam.

Este jovem está trancado numa cela minúscula.

Este homem não vai ver os filhos crescer.

Este homem está ameaçado por uma sentença de morte.

Este homem é um pensador, não um homem feito para suportar abusos físicos.

Este homem tem muitos problemas de saúde que podem apressar a sua morte.

Este homem já sofreu cinquenta chicotadas.

Agradeço a Alá por poucos de nós conhecerem a dor de ser chicoteado. Como médica que tratou de duas mulheres que deram entrada no hospital depois de terem sido chicoteadas trinta vezes cada uma pelo crime de estarem sentadas dentro de um carro a conversar com um homem que não era seu parente, posso dizer-lhe que a flagelação provoca dores insuportáveis, danos tremendos na pele e lesões nos órgãos internos se o chicote atingir outras área do corpo que não a parte superior das costas, como tantas vezes acontece. Posso também dizer-lhe que raramente é aplicada a «regra corânica», que determina que aquele que executa a flagelação segure um Corão debaixo do braço, para que as chicotadas não sejam aplicadas com a força de todo o corpo mas apenas do cotovelo.

Princesa, segundo as mulheres que tratei, as chicotadas não provocam uma dor intolerável. Ao princípio. Mas a partir da décima, a dor é como um fogo que inflama todo o corpo. É tão violenta que as vítimas procuram palavras para a descrever.

Algumas vítimas cerram os dentes e não fazem barulho.

Algumas vítimas gritam de agonia.

Algumas vítimas rezam a Alá, a pedir misericórdia.

Algumas vítimas perdem os sentidos.

Raif Badawi não emitiu um som. Raif Badawi não perdeu os sentidos. Raif Badawi desafiou os seus agressores.

Depois da flagelação, as vítimas ficam tão fisicamente debilitadas e com tantas dores que é raro conseguirem caminhar e são precisos muitos dias, até mesmo semanas, para que a carne sare. No momento em que as feridas fecham e os fluidos da inflamação deixam de correr, começa a nova sessão de flagelação.

Princesa, corre o rumor de que Raif Badawi será em breve julgado pelo crime de apostasia, o crime de abandonar a sua fé, como sabe. Com isto virá uma sentença de morte e uma vergonha profunda que nós na Arábia Saudita nunca esqueceremos.

Se o nosso governo assassinar este jovem que é um luminoso farol, o mundo nunca lho perdoará. Nem a nós, sauditas, por termos consentido que acontecesse.

Está nas nossas mãos, Princesa, intervir e impedir este crime.

Inúmeras pessoas e os representantes de muitos países estão a fazer ouvir a sua voz. Todos pedem a libertação de um jovem que pode mudar o mundo, tal como Mandela e Gandhi trouxeram mudanças que viverão para sempre no coração das pessoas.

Vamos ficar calados? Vamos cruzar os braços e deixar isto acontecer?

É raro nascer um jovem como Raif Badawi.

Podemos permitir que a vida seja apagada?

Se lhe for permitido viver, representará a unificação de tudo o que é bom no nosso país.

Princesa, nunca lhe pedi que criticasse o nosso governo, porque o nosso governo é a sua família. Uma tal coisa seria difícil para qualquer pessoa.

Mas, Princesa, este é um caso que precisa da sua ajuda.

A minha esperança é que faça brilhar a luz da compaixão no coração do seu marido e lhe peça que passe essa luz aos homens que nos governam.

Arranje maneira de os convencer de que não haverá qualquer ameaça para o governo se for permitido aos vulgares cidadãos sauditas falar, dizer o que pensam, discutir as questões que estão no coração de todos nós.

Princesa, como sabe, sou devotada ao islão. Desde o dia em que Raif Badawi foi preso, não parei de rezar a Alá. Tenho pensado no nosso venerado profeta Maomé. Nunca tive sentimentos tão fortes a respeito de qualquer outra coisa, Princesa. Acredito com todo o meu coração que o profeta Maomé libertaria Raif Badawi, e talvez até se tornasse seu amigo e mentor. Acredito que o profeta Maomé veria a luz no coração deste jovem. Acredito que o profeta Maomé seria misericordioso para com este jovem, para com a sua mulher e os seus três filhos. Acredito que o profeta Maomé veria a bondade que há em Raif Badawi e proibiria que lhe fizessem mal.

Acredito, acima de tudo, que o profeta Maomé era um homem bom e reconheceria um homem merecedor.

Raif Badawi é um homem merecedor, Princesa.

Não tenho mais nada a dizer, porque acredito que Raif Badawi diz tudo o que há a dizer por todos e cada um de nós.

Por favor, leia alguma das coisas que ele publica no seu blog, Princesa. Apesar de proibidas, estão no mundo da Internet e as suas palavras serão citadas por muitos anos futuros.

Raif Badawi é o melhor que a Arábia Saudita tem para oferecer ao mundo.

É um tesouro que devia ser protegido.

Se não o protegemos nós, quem o fará?

Despeço-me de si. Estará presente nas minhas orações, e no meu coração. Sei que fará o que é

certo.

O meu coração estremeceu de medo. Conhecia toda a história de Raif Badawi, e também eu tinha sofrido, desejando que fosse libertado. Mas era um assunto que não tinha discutido com Kareem.

No entanto, conhecendo o meu marido e os outros homens da minha família, os que estão no topo e governam com poder e força, sabia que nunca nenhum deles permitiria qualquer crítica à família reinante, aos clérigos ou ao sistema social.

Fiquei sentada em silêncio, a pensar, a imaginar como reagiria o meu marido quando eu abordasse o tópico de Raif Badawi.

Quando Kareem chegou a casa uma hora mais tarde, trazia um grande sorriso no rosto e alegria no coração por causa da recuperação da Pequena Sultana. Estava também satisfeito com um negócio que tinha progredido muito bem. Mas nada disto me deu grandes esperanças, pois sei que o seu mau génio pode inflamar-se e explodir de um momento para o outro se alguém, mesmo a esposa, ousa abordar o tema proibido dos velhos governantes da família.

Preparei-me, pois sou uma mulher que conhece bem o homem com que casou, e sabia que havia muito poucas hipóteses de Kareem concordar que Raif Badawi devia ser salvo do seu tormento.

Também sabia que não podia referir o nome da Dra. Meena, ou ela seria severamente punida por «desobediência» à família real. A pobre mulher podia acabar numa cela ao lado do próprio Badawi.

Ia ter de aceitar a plena responsabilidade pelos pensamentos e ideias da Dra. Meena.

Muito em breve teria de enfrentar uma violenta tempestade de fogo, e instalou-se-me no coração o medo de nunca conhecer a alegria de declarar vitória sobre um sistema de governo antiquado que parecia gravado na pedra.

UMA MULHER MÉDIA

Já não sou uma mulher nova. Ainda não sou uma mulher velha. Sou uma mulher média. Não tenho problemas em admitir que o conceito não é meu. Ouvi esta expressão à mulher americana que escreveu cinco livros, incluindo este, em que revela várias histórias da minha vida como princesa na Arábia Saudita. É mais velha do que eu, mas somos irmãs no coração, pelo que a diferença de idades nunca foi notada. Quando, há anos, lhe perguntei a idade, respondeu muito cortesmente: «É com muito gosto que reconheço que já não sou uma mulher nova. Mas ainda não sou uma mulher velha. Sou uma mulher média. A despeito desta condição mediana, os meus pensamentos continuam a girar à volta do futuro, e do que posso fazer para servir a humanidade, trazer tempos melhores a todas as pessoas do mundo. Por isso sou uma mulher média com uma mente jovem. Ganhei alguma sabedoria pelo caminho, e espero ter-me tornado mais inteligente. Pense em mim como um campo onde a colheita já foi feita, mas que apesar disso continua vibrante com folhas que se esticam para o céu à procura do sol, ainda não preparado para definhar e morrer. Acredito que ser uma mulher média é ser a melhor de todas as mulheres, ainda cheia de paixão por toda a humanidade, rica em promessas e impregnada de bom senso.»

As palavras dela deram-me uma certa alegria. Sorri à ideia de que estou a aproximar-me a passos largos do melhor tempo da minha vida. Para já, referir-me-ei a mim mesma como uma mulher média até que chegue o dia em que assumirei a encantadora personagem e o papel principal de mulher mais velha.

Portanto, como mulher média, tive o bom senso de me manter calada a respeito do tema e preparar-me melhor para a tempestade que sabia que aí vinha quando disse ao meu marido:

– Kareem, tenho um assunto para discutir contigo de que não vais gostar.

– Então silencia a tua língua, Sultana – respondeu ele –, porque hoje estou feliz e não quero saber nada da tua última paixão que me vai pôr de mau humor.

Senti um sorriso subir-me do coração aos lábios, porque conheço demasiado bem o meu marido.

– Sim, marido, a minha língua permanecerá em repouso pelo menos até que o sol volte a nascer e a pôr-se. Mas não esqueças, amanhã à noite esperarei que ouças em silêncio enquanto eu te falo de uma coisa da maior importância.

– Amanhã é um novo dia, mulher, e prometo ouvir as tuas palavras, mesmo que discorde delas. Mas hoje? Não, hoje é para festejar. A nossa neta está em casa, sã e salva e fora de perigo. Fechei mais cedo do que esperava um negócio que garantirá a continuação da prosperidade dos meus empreendimentos nas ilhas, um negócio que vai criar muitas oportunidades de emprego para os pobres.

Ficou à espera de um elogio ou de um agradecimento da minha parte a respeito das suas habilidades empresariais, mas eu não disse nada, já a planear a minha estratégia para a noite seguinte.

– As notícias não te alegram, Sultana?

– Sem dúvida que sim, marido. Estou feliz por o problema de saúde da Pequena Sultana, que tanto nos assustou, não ter sido nada de grave e por ela estar completamente recuperada. Somos mais afortunados do que muitos por três filhos e quatro netos saudáveis.

Kareem continuou a olhar para mim, na expectativa.

– Oh, e fico sempre contente quando os teus negócios prosperam... sobretudo quando ajudam aqueles que necessitam.

E deste modo o resto da noite passou da forma mais agradável, com alegres conversas ao jantar a respeito dos nossos netos e do facto de Kareem ter ganho ainda mais dinheiro, embora seja verdade que tivesse ele a sorte de viver mil anos, não lhe seria fácil gastar todo o que já temos. Kareem ganha dinheiro e eu dou-o. Até ao momento ele não se queixou, porque nunca sentimos o aperto da necessidade.

Kareem estava tão obcecado com a sua conversa a respeito de dinheiro que resolvi provocá-lo:

– Tu és o que faz. Eu sou a que tira. Mas o que tiro é para dar, pelo que espero que Alá não tenha razão de queixa de mim quanto a este ponto.

É para mim uma grande satisfação o facto de o meu marido ter apurado de tal modo a sua habilidade para os negócios ao longo dos anos que hoje é um homem altamente respeitado nesse mundo. Estudou Direito, mas depressa descobriu que a sua vocação e o seu talento tinham a ver com a área do negócio no setor comercial. Isto foi bom para toda a família, pois quando eu e Kareem nos casámos a minha fortuna era mais do dobro da dele. Kareem al-Saud é sem discussão um homem bom e quase sempre justo, mas na nossa sociedade, independentemente da classe ou posição, os homens são supostos ser os chefes da família, e nos círculos instruídos estão pelo menos um passo à frente das mulheres das suas vidas no que concerne à questão dos negócios; são a criação de riqueza e os conceitos negociais que apelam à sensibilidade masculina. No meu país, as preocupações familiares ocupam sobretudo as mulheres e podem dar-lhes poder.

A mim pouco me interessa quem tem mais dinheiro na conta bancária, eu ou o meu marido. Nos tempos que correm gasto muito menos comigo do que no passado, pois há um limite para o número de vestidos caros de que preciso, e perdi o gosto pelas joias; todas as minhas seis casas estão tal e qual como quero que estejam, magnificamente mobiladas e espalhadas pela Arábia Saudita e por outros países do mundo, de modo que há sempre um teto por cima das nossas cabeças. Tenho consciência de que vivo num mundo de opulência, mas na verdade, tirando comida e abrigo, só preciso do suficiente para garantir a segurança dos meus filhos e netos, e paz de espírito para saber que não estou a privar a minha família quando gasto os meus muitos milhões nas obras de caridade que são tão caras ao meu coração. A educação é a minha primeira prioridade, pois estou sinceramente convencida de que só a educação pode mudar a condição das mulheres em todo o mundo. Mas ao longo dos anos foram-me apresentadas outras necessidades, e estou grata por dispor de fundos suficientes para ajudar os que na verdade precisam, quer se trate de crianças em campos de refugiados ou mulheres que ficaram com os rostos de tal maneira desfigurados que as suas vidas sofreram uma mudança radical e até a sua sobrevivência é incerta.

No fim de uma noite de amenidades, Kareem retirou-se para os seus aposentos para telefonar aos gestores dos seus negócios, localizados na América e outros lugares onde a diferença horária é de oito ou mais horas do que na Arábia Saudita. Kareem tem tantos interesses em tantos países diferentes que todas as horas do dia são horas de expediente num sítio qualquer.

Também eu me retirei para os meus aposentos e, depois de preparada para me deitar, peguei na carta da Dra. Meena a respeito do homem merecedor Raif Badawi, reli as suas sentidas palavras e tentei recordar tudo o que sabia a respeito do jovem ativista dos direitos humanos. Tomei nota para pedir às minhas assistentes que fizessem uma pesquisa aprofundada sobre Badawi e a esposa, Ensaf Haidar, como prioridade máxima na manhã seguinte, para poder ter, quando discutisse o caso com Kareem, um conhecimento perfeito do homem, das suas atividades e das subseqüentes reações do sistema judicial e do governo sauditas.

Estava a lutar contra uma sensação de ânimo, pois no fundo do coração sabia que os homens da minha família tinham de estar envolvidos no caso de Badawi, que entretanto ganhara proporções épicas. Governos e pessoas de várias nacionalidades exigiam a sua libertação. Sempre que os olhos do mundo se focam na Arábia Saudita, os homens da minha família passam a interessar-se de uma forma ativa pelo cerne do problema, seja ele qual for. Na circunstância, era o jovem Raif Badawi.

O facto de todo o mundo livre condenar o nosso governo é uma grave humilhação para os homens al-Saud. Embora eu saiba que Kareem não é um dos poucos primos da terceira geração que há de um dia estar na linha de sucessão ao trono – por razões demasiado numerosas para que as explique aqui – e que não lhe cabe a ele tomar decisões importantes, também sei que o meu marido tem amigos muito próximos entre os que estão no poder. A minha esperança era que ouvissem as palavras dele, as levassem a sério e revertissem a sua decisão de fazer de Raif Badawi um exemplo.

* * *

Acordei do meu sono inquieto com a cabeça cheia de preocupações. Fiquei aliviada ao saber que Kareem tinha deixado o palácio muito cedo. A sua ausência dava-me oportunidade de trabalhar às claras com as minhas assistentes na compilação de um ficheiro a respeito de Raif Badawi. Se Kareem andasse de um lado para o outro, constantemente a entrar e a sair dos meus aposentos privados, acabaria de certeza por descobrir o meu interesse no caso que suscitara tanta atenção internacional. Sentia que era essencial estar bem preparada para discutir a questão com argumentos sensatos baseados em factos e em informação fidedigna. Apesar de o meu avô, o rei Abdul Aziz, em momento algum tivesse sequer em mente descendentes do sexo feminino quando tentava transmitir aos filhos a sabedoria que nele era tão natural, tinha a certeza de que ficaria satisfeito por saber que algumas das netas tinham orgulho em moldarem-se de acordo com a sua maneira de agir e se interessavam por questões vitais para o progresso do reino. As mulheres da família real são na sua maior parte simpáticas mas notoriamente frívolas, porque são ensinadas desde muito novas a não se preocuparem com questões importantes que afetam a vida pública na Arábia Saudita. Em vez disso, concentram-se naquilo que eu considero serem as superficialidades da vida, como a moda e o aspeto pessoal. Mas há grande esperança na nova geração de membros da realeza. Vejo muitas mais princesas interessarem-se pelas questões que afetam a maior parte dos seres humanos. E orgulho-me de dizer que conto as minhas duas filhas entre essas jovens esclarecidas e sensatas. Ambas se esforçam por dar um contributo positivo à sociedade cada uma à sua maneira especial.

Independentemente do que eu dissesse ou fizesse, não havia a mais pequena dúvida de que a minha simpatia pela posição de Raif Badawi ia criar um grave problema no nosso palácio. Ao longo dos anos, Kareem aguentou calado enquanto eu concentrava os meus esforços na luta contra a discriminação de género na Arábia Saudita e noutros países. E compreendo o desconforto que lhe causa a minha obstinada tomada de posição. Na verdade, até tempos muito recentes quase nenhuns

cidadãos do meu país teriam apoiado a minha paixão por ajudar a mudar o mundo para as mulheres. As minhas ações a respeito das mulheres sauditas teriam sido vistas pela maioria como nada mais do que as de uma agitadora. Hoje, o entanto, há muitos mais sauditas que acreditam na igualdade e pensam que as mulheres deviam ser mais livres.

Tal como costumava ser contra quem defendesse os direitos das mulheres, o público saudita é hoje contra os jovens que focam o problema do direito de expressão, como Raif Badawi. Muitos acreditam que a despeito das perseguições diárias que a maior parte sofre às mãos dos homens da Comissão para a Promoção da Virtude e Prevenção da Imoralidade (CPVPI), é preferível tentar lidar com as regras atuais a trocar o que temos por uma forma mais agressiva de militância. Os Sauditas sabem que os governos da Líbia, Síria, Iraque e outros países do Médio Oriente foram derrubados por promotores da mudança, mas que, em alguns casos, os seus cidadãos passaram a ser governados por regimes muito mais nefastos do que os anteriores.

Sobretudo, Kareem aceitava as minhas atividades por ser um homem que concorda que a discriminação de género contra as mulheres na Arábia Saudita, ou seja onde for, devia cessar de imediato. Talvez por ser um homem que ama as filhas e as netas; não quer que nenhuma das quatro seja vítima da intolerância e do preconceito.

Mas se eu entrasse no domínio político e pedisse o perdão de um preso, teria de certeza uma reação negativa, porque a arena política é, na Arábia Saudita, um terreno muito perigoso, quer se seja ou não membro da realeza.

E foi assim que iniciei o meu dia de trabalho: o meu objetivo era descobrir o mundo de Raif Badawi, um apologista da não violência, saber o que ele defende, as ações que empreendeu e analisar a perseguição legal que o governo saudita moveu contra ele.

Ao fim da tarde, sentia que conhecia e compreendia muito melhor aquele homem merecedor e a sua não menos merecedora esposa. E passei a ter uma enorme consideração por ambos. Achava que em vez de punir um homem assim, se devia louvá-lo. A Arábia Saudita precisa de milhares de cidadãos que pensem como ele. Tanto Badawi como Haidar condenam a violência e defendem apaixonadamente os direitos humanos básicos para todos. Para meu horror, descobri que o governo do meu país se esforça cada vez mais por controlar os «pensamentos» dos seus cidadãos: este género de repressão nunca foi bem-sucedida por muito tempo na história moderna.

Sinto um desapontamento e uma frustração enormes por os homens da minha família não compreenderem que os ativistas não violentos são precisamente aquilo de que o país precisa para dar o próximo passo, para ocupar o lugar que lhe cabe ao lado dos governos esclarecidos que trabalham para os seus cidadãos, e não contra eles. Porquê? Porque tanto o nosso sistema social como o nosso sistema legal desafiam o senso comum. Se há uma coisa que aprendi na vida, é que quando é necessária mudança, a mudança *acontece*, de um modo ou de outro. É sensato, nesta altura da nossa história, procurar exemplos não violentos e encorajar os ativistas de espírito aberto a ajudarem a criar uma mudança gradual em vez de deixar nos corações dos nossos cidadãos um espaço que se arrisca a ser ocupado por militantes violentos que descerão sobre nós como aves de rapina furiosas e destruirão tudo no seu caminho. Assistimos por todo o Médio Oriente às tragédias que acontecem quando os cidadãos de regimes repressivos ficam tão frustrados que se voltam para os que pregam a violência. Milhões de pessoas tornaram-se refugiados e mendigos quando extremistas violentos derrubaram governos. Se isto acontecesse na Arábia Saudita, a primeira coisa que fariam seria decapitar ou queimar na fogueira todos os membros da família real. Em seguida voltar-se-iam para

os cidadãos do nosso país, criando legiões de refugiados, como vimos acontecer no Iraque, na Síria e na Líbia. Trabalhar com ativistas não violentos, dispostos a dar tempo à criação de organizações apropriadas para trabalhar com os cidadãos, é infinitamente melhor do que semear a violência nos corações das pessoas recusando-lhes o direito de participar no processo de tomada de decisões e no governo.

Não, a Arábia Saudita *não* pertence à família al-Saud. A Arábia Saudita pertence a *todos* os seus cidadãos. Nunca os meus sentimentos foram tão fortes em relação a este ponto como depois de «conhecer» o ativista Raif Badawi.

Como exemplo, aqui ficam as questões mais prementes que, para os sauditas instruídos, inteligentes, imparciais e dotados de bom senso exigem mudança:

1) O sistema de tutela devia ser o primeiro a ser abolido. Todas as mulheres sauditas, desde o nascimento até ao dia em que morrem, estão sob a tutela de um membro varão da família que toma todas as decisões que afetam a sua vida; são tratadas como crianças. Enquanto o sistema de tutela não for abolido, as mulheres não poderão funcionar como adultos. O nosso tutor tem o direito de dizer se frequentamos a escola, se e com quem casamos, se e quando viajamos e se e quando podemos consultar um médico. Morrem mulheres na Arábia Saudita quando não é possível encontrar o tutor a tempo de assinar os documentos que autorizam o tratamento hospitalar. Na realidade, houve um caso recente em que um acidente viação provocou a morte do marido e pai. A mulher e a filha ficaram gravemente feridas, mas sem a presença de um tutor para assinar os papéis, a mulher morreu por não ter sido feita uma amputação. Não é permitido às mães tomar as decisões mais triviais em relação aos filhos.

O único aspeto da nossa vida que não é determinado pelo nosso tutor é quando morremos. O tutor não tem o poder de determinar a hora e a data da nossa morte, que está nas mãos de Alá, e só dele. No passado, as mulheres sauditas eram confinadas em *purdah*, encurraladas nas suas próprias casas, e não faziam a menor ideia de como sobreviver ou participar na vida pública sem os homens da família. Mas esses dias acabaram. A grande maioria das sauditas é instruída pelo menos nos primeiros graus académicos, com muitas a completarem o ensino secundário. Com educação, as mulheres são capazes de decidir por si mesmas onde trabalhar e com quem casar. O sistema de tutela é tão ridículo que a maior parte das pessoas que vivem fora da Arábia Saudita tem dificuldade em acreditar que continua a vigorar no meu país.

2) As mulheres deviam ser autorizadas a conduzir! Desde meados de 1970 que homens da minha família prometem estudar a possibilidade de as mulheres poderem conduzir. Mas ainda nada foi feito. Tudo o que fazemos é falar de mudança. Há demasiadas mulheres encalhadas, impedidas de ir trabalhar, ao médico ou à mercearia. A Arábia Saudita é o único país do mundo onde as mulheres não são autorizadas a conduzir.

3) A Comissão para a Promoção da Virtude e a Prevenção da Imoralidade devia ser extinta. A comissão é composta por cerca de cinco mil homens muito zangados aos quais é dada autoridade para percorrer as ruas das nossas cidades à procura de pecadores. Usam os pretextos mais mesquinhos para perseguir mulheres, e por vezes homens; prendem homens e mulheres que não sejam aparentados e possam estar juntos, porque no meu país se insiste na mais estrita segregação sexual. Homens e mulheres que não sejam parentes ou casados não podem jantar juntos num restaurante, ou até viajar no mesmo carro. (Os motoristas contratados para transportar mulheres estão isentos desta regra.)

Os membros da comissão impõem aquilo que consideram ser o código de indumentária para todas as mulheres, e que é taparem-se da cabeça aos pés com tecidos escuros. Embora por vezes ignorem mulheres estrangeiras, são um doloroso espinho cravado na carne das sauditas. As mulheres do meu país têm medo destes homens, que podem detê-las só por causa da maneira como se arranjam, vestem ou falam. Conheci três mulheres que foram aterrorizadas por estes homens, e em seguida detidas por usarem saltos altos que matraqueavam no passeio. A acusação era «provocarem homens inocentes cujos corações eram puros»... até ouvirem o matraquear dos saltos altos! Também patrulham as lojas, certificando-se de que todas fecham para o *salat*, as horas das orações, e de que os homens não deixam de ir à mesquita durante a oração. Estes homens costumavam andar armados com paus ou varas e tinham o maior dos prazeres em espancar mulheres que ousassem mostrar os cabelos, ou não cobrissem o corpo com uma *abaya* ou outra veste semelhante. Estavam muitas vezes munidos de latas de *spray* vermelho e marcavam com grande entusiasmo as pernas das «criminosas».

Graças a Deus, a reforma chegou em 2007, na sequência de uma série de incidentes brutais que atraíram a atenção da imprensa estrangeira. Estudei com especial cuidado o caso destes homens e estou convencida de que são na sua maioria brutos sem educação a quem leis arcaicas deram o poder de perseguir inocentes cidadãos sauditas. Como a maior parte dos brutos sem educação, procuram este poder para poderem fazer mal aos outros, nomeando-se a si mesmos juízes e jurados.

4) Todos os sauditas adultos, homens e mulheres, deviam poder votar. Apesar de ter havido conversas infundáveis e promessas ocas a respeito do voto das mulheres, na realidade nem os homens nem as mulheres têm verdadeiramente uma palavra a dizer nos sistemas legal e social da Arábia Saudita. As regras estão definidas, e nós temos de lhes obedecer ou sofrer as consequências! Alguns homens são autorizados a votar nas eleições locais, mas estes funcionários eleitos pouco mais podem fazer do que obedecer também às regras. Quando ao voto das mulheres, acreditarei quando vir. Para que uma mulher possa votar, tem de chegar às secções de voto. Não pode conduzir, como já referi. A maior parte dos homens sauditas recusa levar as esposas às mesas de voto. É um monótono círculo vicioso, e quem perde são, mais uma vez, as mulheres sauditas.

5) Todos os sauditas deviam gozar do direito de liberdade de expressão. Se algum saudita critica, o mais ligeiramente que seja, o governo ou os clérigos, é preso, julgado e as mais das vezes condenado a longas penas de prisão e muitas chicotadas. Foi o que aconteceu ao «homem merecedor» Raif Badawi, bem como ao seu advogado, um jovem chamado Walled Abulkhair – casado com a irmã de Raif –, que foi preso e condenado a quinze anos pelo crime de defender o seu cliente.

Há vários jornalistas sauditas que ousaram criticar os homens da minha família, ou as autoridades religiosas, e foram condenados com base em acusações ridículas, como «quebra de fidelidade ao governante», ou «contacto com um jornalista estrangeiro», ou «insultar o poder judiciário», ou «coscuvilhar a respeito do governante». Outras acusações incluem «suscitar pensamentos ateus», «deslealdade ao rei» e «prejudicar a reputação do reino». Qualquer denúncia de violações dos direitos humanos que ocorram na Arábia Saudita – e são muitas – custará ao ativista que a fizer longas penas de prisão e muitas dolorosas chicotadas. Isto tem de acabar *já*!

6) As crianças deviam estar isentas de prisão e tortura. Os juízes sauditas têm poderes para ordenar a detenção e prisão de crianças desde que vejam nelas qualquer sinal de puberdade. Uma vez que os juízes não são médicos, questiono esse direito. Como é que um juiz sabe se uma criança chegou à puberdade? Além disso, nos tempos que correm a puberdade chega cada vez mais cedo às

crianças, em alguns casos aos oito anos. Devem estas crianças ser detidas, torturadas e presas por qualquer crime? Nenhum país devia prender e torturar crianças.

Há outras coisas que deviam mudar no meu país, mas vou guardar esses abusos para falar deles noutro dia, uma vez que já citei seis dos mais importantes que os cidadãos da Arábia Saudita têm de suportar.

Embora sejam muitas as injustiças cometidas no meu país, e tantas as reformas necessárias, só os homens estão em posição de trazer a mudança: um desses homens é meu marido, outro meu pai e outro meu filho.

Infelizmente, até eu, uma princesa saudita, seria presa por compilar esta lista de abusos e pedir que lhes seja posto cobro. E nenhum dos homens da minha família teria poder para me salvar de um severo castigo.

A «polícia do pensamento» governa agora a Arábia Saudita.

* * *

Considerarei a possibilidade de ostentar os meus encantos femininos no encontro com Kareem, ponderando que vestido usar e como arranjar o cabelo, mas o bom senso prevaleceu. Percebi que não devia ter de cativar o meu marido com uma aparência sedutora e um sorriso doce enquanto tentava convencê-lo a compreender os meus pontos de vista sobre assuntos sérios que queria tratar com ele. Sei que o meu marido me ama pelo meu carácter compassivo e a minha mente meticulosa, e isso basta. É maravilhoso ele achar-me uma mulher fisicamente atraente, mas uma coisa não tem nada a ver com a outra.

Por isso vesti o meu mais confortável *robe de chambre* turquesa, com os cabelos soltos caídos sobre os ombros. Não usei joias e só muito pouca maquilhagem. Os meus lábios estavam rosados e as minhas sobrancelhas arranjadas, e apliquei um pouco do meu perfume preferido nos cabelos e nos pulsos, mas isto não era nada de especial, apenas a minha rotina diária quando estou em casa e não tenho planos para sair ou receber convidados.

Estava ansiosa por ver o meu marido, pois crescia-me no coração a esperança de que ele, como eu, estivesse descontente com as crescentes medidas de segurança que estavam a ser tomadas contra inocentes cidadãos sauditas apenas por dizerem o que pensavam.

Quando chegou, Kareem não pareceu muito contente por me ver e tinha um ar cansado. Apesar de me ter sorrido e se ter sentado na sua cadeira de repouso à espera que lhe levassem o habitual café árabe e a bandeja com tâmaras, percebi que alguma coisa o preo-cupava.

O cansaço dele pôs-me na defensiva, receosa de que aquele sorriso escondesse um humor quezilento. O meu marido irrita-se com facilidade quando está fatigado.

Considerarei a possibilidade de adiar a conversa para o dia seguinte, mas então lembrei-me de que Kareem e o irmão Assad partiriam para a Suíça, para uma viagem de negócios de quatro dias, logo de manhã.

Tinha de falar com ele naquela noite, ou adiar quase uma semana, e não queria esperar tanto tempo para tentar aliviar o sofrimento do merecedor Raif Badawi. Na realidade, receava que a flagelação fosse retomada e que o frágil Badawi se despedisse da sua vida na Terra em consequência da tortura. Concordava com a Dra. Meena: se uma tal coisa acontecesse, seria uma vergonha que viveria para sempre nas páginas da história da Arábia Saudita.

Decidi, no entanto, que o melhor seria adiar, mas só por algumas horas. Esperaria até depois do

jantar para abordar o delicado assunto.

A refeição foi excepcional, com os pratos de ^{*}que mais gostamos preparados pelo nosso *chef* francês. Muitos dos nossos primos invejam-nos o nosso divinal *chef* francês, não obstante o facto de a maior parte ter *chefs* franceses nas suas cozinhas, embora todos digam que nenhum é tão talentoso como o nosso. E vários deles provocaram a ira de Kareem ao tentarem atrair o nosso *chef* para trabalhar nos seus palácios e criar pratos maravilhosos para as suas famílias.

Começámos o jantar com um *cocktail* de camarão, seguido por pargo fresco do mar Vermelho e um saboroso prato de arroz e legumes fritos. Para sobremesa, havia um rico *crème brûlée* francês com frutos frescos. Apesar de ambos termos apreciado os magníficos pratos, a nossa conversa foi tensa, pois Kareem estava preocupado com o que eu tinha para lhe dizer, e eu estava apreensiva em relação a como a noite ia acabar. Ficaria Kareem suficientemente convencido para abordar os seus primos mais poderosos, os filhos do recém-falecido rei Abdullah, ou os filhos do novo rei, Salman, ou talvez os netos do há muito falecido rei Faisal? Todos aqueles primos reais dispunham de uma enorme influência e um dia alguns deles seriam reis, ocupando o pináculo do poder saudita. Se Kareem conseguisse influenciar os da sua idade, eles poderiam por sua vez influenciar o nosso rei ou tentar uma tática diferente em relação aos que promoviam o direito à liberdade de expressão.

Quando terminámos a refeição, sentámo-nos na varanda sobranceira à nossa magnífica piscina. Enquanto beberricava o copo de leite gelado que bebe todos as noites depois do jantar, o meu marido voltou-se para mim com a curiosidade a brilhar-lhe nos olhos.

– Muito bem, Sultana. Estou aqui. Não te interrompereei. Diz-me qual é essa notícia importante que queres partilhar comigo.

– Um momento, marido – pedi eu, enquanto me punha de pé e me dirigia à escrivaninha Windsor, uma antiguidade que tínhamos comprado em Inglaterra anos antes. Guardara os papéis referentes a Raif Badawi na primeira gaveta.

Kareem olhou para mim, divertido.

– Precisas então de notas, querida? Nunca soube que te faltasse a palavra!

– É verdade, marido – respondi com um pequeno sorriso. – Mas esta situação é muito diferente.

Kareem sentou-se direito, com os olhos fixos nos papéis que eu tinha na mão. Estava a tentar lê-los num ângulo oblíquo de cima para baixo, uma habilidade que aperfeiçoara anos antes, quando éramos ambos jovens e eu guardava muitos segredos. Era uma maneira de saber os meus segredos antes que eu os confessasse. Por isso mantive de propósito os papéis inclinados de tal maneira que ele não conseguisse ver com clareza suficiente para ler as palavras que eu escondia.

Puxei a minha cadeira e sentei-me um pouco mais afastada.

– Deixa-me ler-te uma coisa, marido – disse, e tossiquei para limpar a garganta e tornar a minha voz mais nítida. – «*A única maneira de enfrentar um mundo sem liberdade é tornarmo-nos tão absolutamente livres que a nossa própria existência é um ato de revolta.*»

Kareem continuava a olhar para mim, com um ar divertido.

– E?

– Que achas desta afirmação?

– Nada de especial. Foste tu que a escreveste?

– Não, Kareem, Não a escrevi! Escreveu-a um homem chamado Albert Camus.

– E é suposto eu conhecer esse senhor Camus?

– Já morreu, mas foi um escritor e filósofo francês que ganhou o Prémio Nobel.

– E estás a citá-lo porquê?

– Kareem, esta citação foi usada por alguém importante no nosso mundo.

– Sultana, estás a falar por enigmas. Não faço ideia do que estás a dizer.

– Muito bem, deixa-me ler-te outra coisa, marido. «Para mim, liberalismo significa apenas viver e

deixar viver. É uma máxima magnífica. No entanto, a natureza do liberalismo, sobretudo a versão saudita do liberalismo, precisa de ser esclarecida. É ainda mais importante traçar as características e os parâmetros do liberalismo, a que a outra facção, que controla tudo e reclama para si o monopólio exclusivo da verdade, é tão hostil que se sente levada a descartá-lo sem discussão e sem compreender verdadeiramente o que a palavra de facto significa. Essa facção conseguiu plantar hostilidade ao liberalismo na mente do público e voltar as pessoas contra ele. Mas o seu domínio sobre o espírito e a sociedade desaparecerá como pó levado pelo vento.»

– Isso soa a qualquer coisa que um jovem inventaria. Foi um dos nossos filhos que escreveu essas palavras? – perguntou Kareem, com uma nota de alarme na voz.

O meu marido surpreendeu-me tanto com a sua falta de conhecimento a respeito dos escritos publicados por Raif Badawi no seu *blog* que fiquei sentada de queixo caído, a olhar para ele.

– Não, Kareem – disse, por fim. – Esta conversa tem pouco a ver com os nossos filhos, exceto a minha preocupação com o futuro de toda a família al-Saud e do país que amamos.

Kareem ergueu as mãos, para expressar a sua confusão.

– Por favor, Sultana, fala claro. Não tenho uma bola de cristal. Não consigo ler os teus pensamentos.

Olhei o meu marido nos olhos.

– Kareem, achas irónico que a Arábia Saudita seja membro de uma das principais agências humanitárias das Nações Unidas? E que no início do ano tenha tentado assumir a chefia do conselho?

Kareem pôs-se rígido.

– Irónico? Não. Não mais do que Cuba, a Rússia e a China, que também foram membros.

– Pois a mim, marido, parece-me irónico que o país que amamos seja membro de um conselho supostamente criado para pôr cobro às violações dos direitos humanos quando encarceramos, torturamos e destruímos as vidas de jovens ativistas não violentos.

Kareem pôs-se de pé e foi até à porta da varanda antes de voltar para junto de mim. Numa voz mais baixa, perguntou:

– Sultana, aonde estás a querer chegar?

– Querido marido, estou a querer chegar a Raif Badawi, Walled Abulkhair, Abdulrahman al-Subaihi, Bander al-Nogithan, Abdulrahman al-Rumaih e Mikhliif al-Shammari. Todos estes homens são *twitters*, *bloggers*, jornalistas ou advogados pacíficos. Nenhum deles ergueu uma mão contra outro ser humano. Agora estão presos ou a ser acusados e julgados por coisas absolutamente ridículas, como produzir qualquer coisa que fere a moral pública. Francamente, Kareem!

– Não sabes do que estás a falar, Sultana – disse Kareem, enfurecendo-me com a sua atitude «Senhor Sabedoria».

– Não insultes a tua esposa, Kareem.

– Sei desses homens – confessou ele, com um pesado suspiro.

– Tens a certeza? A mim pareceste-me muito desinteressado de pessoas muito importantes na

Arábia Saudita. Jovens que defendem as liberdades individuais.

– Não quero entrar nesta discussão contigo, Sultana. Regista esta mensagem. Todos esses homens são um perigo para o pacífico reinado do nosso governo.

– Como podem ser um perigo? Só pedem liberdade para dizer o que pensam. Como pode isso ser um perigo para alguém?

– *Deixa-me repetir, Sultana. Não sabes do que estás a falar.* Olha para a história. Lembras-te de 1979 no Irão? O xá foi empurrado pelos seus aliados a permitir um abrandamento das medidas de segurança. Um ano mais tarde foi outra vez empurrado... para fora do trono. Os Iranianos acreditavam que as suas vidas iam melhorar, mas com os novos clérigos religiosos fanáticos ao leme sofreram cem vezes mais do que nos tempos do xá. Podemos olhar para muitos outros países que estão a passar por convulsões de extrema violência depois de os seus líderes... líderes repressivos, admito... terem sido derrubados. A Arábia Saudita está longe de ser perfeita, Sultana, mas se o governo permitir que esses homens levem as pessoas à fúria, também nós seremos expulsos do nosso país. Há alturas em que os governos devem apertar as restrições, em vez de as aliviarem. – Kareem fez um pequeno som e estremeceu. – Queres que a nossa família seja expulsa, que alguns de nós sejamos mortos e os restantes tenham de viver no exílio noutra parte? Olha para trás. A nossa terra tem sido governada de uma maneira regra geral muito pacífica desde que o nosso avô fundou este país. Quem gostarias de ver no lugar dos governantes al-Saud?

– Não quero ninguém senão a nossa família, Kareem. De um modo geral, tem corrido tudo bem, mas isto é mais grave. Como é que podemos castigar homens que não são violentos e querem apenas enfrentar os problemas sociais que afligem o nosso país? É um bom objetivo para qualquer pessoa, Kareem. Há anos que o faço.

Kareem resmungou, mas não respondeu.

– Kareem, dizes que sabes destes homens. Os homens de que estou a falar são inteligentes, bondosos, não fazem mal a ninguém. Estes homens estão a sofrer, e nenhum mais do que o Raif Badawi. Ele vai morrer na prisão, Kareem. Tem o cérebro de um estudioso, não o corpo de um atleta. Mais uma flagelação e ele morre, Kareem. Morre! Uma tal marca negra na nossa família nunca será apagada. No mínimo dos mínimos, suplico-te, encoraja os nossos governantes a libertar estes homens e permitir-lhes sair da Arábia Saudita. A libertá-los da tortura que suportam todos os dias. Seria muito mais sensato não castigar homens assim. Embora eu acredite sinceramente que se eles ficassem e trabalhassem com o governo para introduzir pouco a pouco mudanças democráticas, todos nós beneficiaríamos. Olha para a sensatez de que os governantes da Jordânia deram provas. Permitem a dissidência, pelo menos até um certo ponto, e por isso a maior parte dos cidadãos ama-os e não procura outros governantes.

– Não podes comparar a Jordânia à Arábia Saudita, Sultana.

– Porque não?

– Não podes. É demasiado complicado para explicar. – Kareem ficou a olhar para mim durante muito tempo. – Muito bem, Sultana. Admito que li todas as palavras que o Raif Badawi escreveu. Apesar de parecer um homem bom, as suas palavras incitam. Se lhe fosse permitido deixar a Arábia Saudita e viver no Canadá com a mulher, seria muito mais virulento a respeito das coisas de que discorda no nosso país. Estou convencido de que criaria um grande número de seguidores com um consenso para envergonhar e desacreditar o nosso rei Salman e aqueles que se lhe seguirão em anos futuros. O melhor para a Arábia Saudita é ser governada pelos al-Saud. Nem quero pensar no que

aconteceria se a nossa família fosse afastada.

– Não vais então fazer nada?

– Que *posso* eu fazer, Sultana? Não sou o rei. Não sou o futuro rei. Não sou sequer príncipe herdeiro. Nunca serei nomeado para um alto cargo no nosso governo. Tudo o que posso fazer é apoiar os nossos governantes porque sem eles acabaríamos a viver como exilados. Será que não vês como seríamos vulneráveis? É isso que queres, Sultana?

«Este assunto tem sido discutido até não haver mais discussão possível. Como sabes, o rei não decide sozinho. Sonda todos os membros da realeza em altas posições para obter ideias. O Raif Badawi é uma ‘batata quente’, como é costume dizer. É uma ameaça ao nosso governo, aconteça o que acontecer. Se for libertado e autorizado a partir e viver no estrangeiro, nunca parará de nos perseguir com as suas palavras. Se for libertado e ficar a viver na Arábia Saudita e proibido de sair do país, será um espinho cravado na nossa carne... e nós um espinho na dele. Não é um homem que se possa comprar ou ameaçar. É invulgar, disso não tenho a mais pequena dúvida.

«Se ele morrer na prisão, será uma vergonha enorme. Nesse ponto tens razão. Mas a partir do momento em que ele decidiu atacar tudo o que é a Arábia Saudita, essa complicada questão tornou-se insolúvel.»

Kareem tinha razão a respeito de Raif Badawi. Regia-se pela ética mais elevada e impecável. O dinheiro não compraria o seu silêncio. Mais depressa morreria.

– Nesse caso, não falarás com ninguém?

– Não posso.

– Tens de falar. *Tens* de conseguir que este jovem seja libertado, Kareem. – Estava tentar conter as lágrimas. Estava a perder a batalha. Sabia que Kareem não ia mexer um dedo. Apesar de, pelo que dissera, sentir que não seria bem-sucedido, queria que o meu marido tomasse uma posição, mostrasse a mesma coragem que Raif Badawi estava a mostrar.

O rosto de Kareem pôs-se vermelho e a sua expressão tornou-se muito firme, fazendo-me lembrar o meu pai num dos seus acessos de cólera.

– Sultana, conheço-te bem. És uma mulher teimosa. Não aceitas conselhos. Mergulhas de cabeça na floresta, mesmo havendo perigos escondidos atrás de cada árvore. Mas, Sultana, estou a avisar-te. Se não queimas esses papéis, vai haver problemas, e se ignorares o meu conselho no que respeita aos ativistas serei forçado a tomar medidas mais radicais. Não podes destruir a vida da tua família atirando-te para este atoleiro político. – Pôs-se de pé. – Não permitirei que destruas tudo o que construímos. Não consentirei que arruines a vida dos nossos filhos e dos nossos netos. Se não paras com este louco e perigoso comportamento, divorciar-me-ei de ti. Estou a falar a sério.

Uma onda de choque percorreu todo o meu corpo. O meu marido ameaçava-me com o divórcio pela primeira vez na nossa vida de casados. Apesar de eu o ter levado ao limite em diversas ocasiões, nunca antes o fizera.

Kareem encaminhou-se para a porta com passos decididos, voltando-se no último instante para tornar a ameaçar-me.

– Não duvides de que me divorciarei de ti por causa disto. Amo-te, mas divorciar-me-ei de ti. A vida dos meus filhos não pode ser destruída pelas tuas ações impensadas. Não há nada que tu, ou eu, possamos fazer para alterar as circunstâncias da vida desse infeliz jovem. A sorte dele está nas suas próprias mãos, e nas mãos do nosso rei.

Uma expressão de grande tristeza estampava-se-lhe no rosto. Saiu com estas palavras:

– Não me obrigues a divorciar-me de ti, Sultana. Ambos sofreremos, mas eu divorciar-me-ei de ti por causa disto.

Fiquei sentada, imóvel como uma múmia antiga num museu egípcio, enquanto o meu marido desaparecia da minha vista.

Não conseguia mexer um músculo. Fiquei assim mais de uma hora, ignorando os criados que segredavam do outro lado da porta, preocupados com o meu silêncio e a minha imobilidade.

Enfrentava o maior desafio da minha vida, enfrentava os dolorosos e insolúveis problemas do casamento e do divórcio para mim e para Kareem, e a vida e a morte para Raif Badawi.

Como podia abandonar a causa do homem muito merecedor Raif Badawi?

Por outro lado, como podia envelhecer sem Kareem a meu lado?

Pus-me lentamente de pé. Peguei em todos os papéis que tinha reunido a respeito de Raif Badawi e com o coração pesado, subi devagar aos meus aposentos.

Enquanto ali ficava sentada em silêncio, os meus pensamentos recuaram aos tempos em que era uma jovem esposa e mãe. Recordei a primeira vez que vi o meu marido e o meu filho entrar na mesquita sem mim. Nesse dia, o som que enche de alegria o coração de todos os muçulmanos ergueu-se no ar. Os fiéis estavam a ser chamados à oração.

«Deus é grande, não há outros deuses senão Deus, e Maomé foi o Seu profeta. Vinde rezar, vinde rezar; não há outro Deus senão Deus.»

Foi à hora do crepúsculo. O grande círculo amarelo que era o sol descia devagar. Para os fiéis muçulmanos, era tempo da quarta oração do dia.

De pé na varanda do quarto, vi o meu marido e o meu filho sair dos terrenos do palácio e caminhar, de mão dada, em direção à mesquita. Vi que muitos homens se juntavam e se cumprimentava uns aos outros num espírito de fraternidade.

As turbulentas memórias da minha infância tinham voltado, e eu era outra vez uma rapariguinha, excluída do amor que o meu pai dedicava ao seu adorado filho, Ali. Tinham passado quase trinta anos, e no entanto nada mudara. A minha vida fechara o círculo e voltara ao ponto de partida. Pai e Ali, Kareem e Abdullah, ontem, hoje e amanhã, práticas imorais passadas de pai para filho. Homens que eu amava, homens que eu detestava, a deixar um legado de vergonha na maneira como tratavam as mulheres.

E naquela noite as mesmas emoções voltaram a assaltar-me.

Era uma figura solitária num mundo em que as injustiças deviam ser corrigidas mas raramente eram.

Sabia que se Raif Badawi morresse nunca conseguiria perdoar a Kareem e até acolheria de braços abertos o divórcio.

Imóvel e silenciosa na cama, os meus pensamentos voltaram àquele homem merecedor. Perguntei-me o que estaria a fazer na sua minúscula cela. Imaginei que os seus pensamentos estariam com a esposa e com os seus três preciosos filhos, a ansiar vê-los, abraçá-los. Tive a certeza absoluta de que Raif Badawi se sentia o homem mais sozinho do mundo.

Partia-se-me o coração por ele, e por todos os homens corajosos e merecedores que arriscavam a liberdade e a vida, a apodrecer na prisão, a ser chicoteados, apenas por expressarem os seus pensamentos e ideias.

E havia uma ferroada acrescida na minha dor. Tinha de admitir que eram os membros da minha família, aqueles que partilhavam comigo o sangue dos mesmos avós, que cometiam o mais grave dos

crimes ao castigarem aqueles homens merecedores.

Talvez um dia Raif Badawi fosse livre de expressar os seus sentimentos e ideias, mas a vergonha de prender e torturar um homem assim ficaria para sempre na história dos al-Saud.

Os meus pensamentos eram confusos e as minhas lágrimas corriam pelos homens mais corajosos de toda a Arábia Saudita.

Possa Alá estar com todos vós, foi a minha sentida oração.

DIZER ADEUS

Osabor da derrota era tão amargo na minha língua como o bolbo de dente-de-leão que uma vez mordeu quando era criança. Poucas pessoas sabem que o dente-de-leão é nativo do Médio Oriente. É conhecido há centenas de anos e é uma importante planta medicinal, e as suas semente foram levadas para todo o mundo, de tal modo que hoje a planta é julgada nativa de muitos países. O dente-de-leão inicia o seu ciclo de florescimento com pétalas douradas a que se seguem cabeças redondas e penugentas com centenas de sementes que crescem presas a pelos brancos e sedosos. Estas bolas são uma atração irresistível para as crianças de todo o mundo, que gostam de soprá-las e ver o vento levar consigo as minúsculas sementes.

A minha família estava a viajar pelo Médio Oriente, exatamente onde já não me lembro, quando fizemos uma curta paragem na nossa viagem e encostámos à berma da estrada, junto a um bonito prado. Como gente do deserto que somos, os prados floridos têm para nós um encanto muito especial. Lembro-me de puxar por uma das muitas centenas de flores de dente-de-leão que atapetavam o prado. Desconhecia o comprimento e tamanho da raiz do dente-de-leão, mas sozinha não conseguia arrancar a flor. As minhas irmãs mais velhas ajudaram-me até que um longo caule e a raiz cederam, um caule tão comprido quanto eu era alta, libertando finalmente a planta. Um grande bolbo carnudo saltou do chão. Sacudi apressada a terra e dei-lhe uma dentada, convencida de que seria doce.

Era a época do ano em que o suco leitoso da raiz era muito espesso, e muito amargo. Assustei a família inteira quando comecei a guinchar, enquanto cuspi e dava pulinhos.

A minha mãe correu a socorrer-me, limpando-me vigorosamente a boca com a orla da saia, com medo de que o suco fosse venenoso. O meu pai, como sempre, ignorou a mais irritante das suas filhas. Ali, lembro-me bem, riu alto, a troçar da minha reação infantil, mas nunca esquecerei a sua expressão chocada quando fez todo um espetáculo de provar ele próprio a raiz. Para mostrar que era um rapaz grande e forte, não cuspiu. Em vez disso, voltou-se em silêncio, a limpar a boca, e afastou-se apressado, a fingir interesse numa ave que tinha pousado no prado.

Agora, depois de conhecer uma das derrotas mais dolorosas da minha vida adulta, a acidez desceu-me pela garganta até ao coração, tão amarga como a raiz de dente-de-leão de há tanto tempo, uma recordação desagradável que não voltara a evocar durante muitos anos.

Tinha sofrido reveses muitas vezes na vida, pois na Arábia Saudita a perda não é alheia a nenhuma mulher. Mas ser derrotada na demanda de libertar homens merecedores destroçava-me o coração. Ouvi em tempos dizer que um reino não se perde com uma única derrota, mas não acredito neste velho ditado. Uma vizinha dentro de mim avisava-me de que a morte de Raif Badawi podia alterar a sorte de toda a minha família, além de mudar a história do reino do deserto tão cuidadosamente criado pelo meu avô.

Sou uma mulher que sempre olhou para a derrota como uma vitória adiada, pois não é fácil abalar-me. Mas a minha experiência como membro da família real saudita avisava-me de que desta vez era

diferente. Mesmo que eu recusasse aceitar aquele deprimente revés e refizesse os meus planos para tentar ainda com mais determinação alcançar o almejado objetivo de libertar Raif Badawi, sabia que nunca seria bem-sucedida.

Aquela derrota viveria para sempre nos corações e nos espíritos de todos os que *conheciam* Badawi, que *sabiam* de Badawi, ou até que *tinham lido* a respeito de Badawi. Não era um homem que se esquecesse facilmente. Tinha também a assustadora certeza de que nunca Badawi sobreviveria à sua sentença de dez anos de prisão e mil chicotadas. A sua saúde era frágil, sofria de diabetes desde muito novo.

Os homens da minha família estavam a ser obstinados, e até cruéis, ao persistirem no castigo de um jovem bondoso que só queria discutir questões sociais.

Nunca o mundo esqueceria a morte sem sentido de Raif Badawi.

E a minha família seria acusada, e justamente acusada.

Foi com esta ideia que me deitei.

A noite passou devagar, mas a manhã chegou enfim. Kareem não fez qualquer esforço para me ver. O meu marido estava a mostrar toda a sua obstinação al-Saud.

Foi então que tive uma ideia esplêndida. Pensei que podia pedir eu o divórcio antes que Kareem pudesse divorciar-se de mim. Apesar de na Arábia Saudita o divórcio não ser fácil para as mulheres, sabia que como membro da realeza nenhum juiz me negaria esse direito. Claro que Kareem podia tentar subornar o juiz, mas esse era um jogo que também eu podia jogar. Ofereceria um suborno pela primeira vez na minha vida e gastaria muito mais dinheiro do que Kareem podia imaginar.

Estava a pensar em surpreender o meu marido com um decreto de divórcio quando ele bateu ao de leve à porta e perguntou:

– Sultana, posso entrar, por favor?

Ressentida, ergui a voz, sem querer saber de quem pudesse ouvir-me:

– Tens uma chave conseguida por meios desonestos. Usa-a.

Kareem ficou em silêncio durante tanto tempo que me convenci de que se tinha ido embora, mas então ouvi a chave rodar na fechadura e o meu marido entrou, com uma expressão embaraçada no rosto.

– Sultana, vim pedir desculpa – disse muito depressa, enquanto avançava para mim. – Não vou divorciar-me de ti, querida.

Eu não estava disposta a deixar-me amolecer, de modo que respondi, maldosa:

– Pois gostaria que o fizesses, Kareem. Poupar-me-ias o incómodo de me divorciar eu de ti. – Levantei a voz enquanto, rígida, me soerguia na cama, apoiada no cotovelo direito. – Vá, di-lo. Divorcio-me de ti. Divorcio-me de ti. Divorcio-me de ti.

Sempre detestara a maneira como tantos homens sauditas se divorciam brutal e inesperadamente das esposas repetindo três vezes aquelas palavras e em seguida notificando os clérigos. Na Arábia Saudita, com aquelas palavras e uma simples formalidade uma mulher é afastada do seu marido e da sua casa e não há *nada* que possa fazer para impedir um divórcio indesejado. Depois do divórcio, regra geral o marido tira-lhe também os filhos, deixando uma mãe sozinha e destrozada. Naquele dia, a desigualdade da vida para as mulheres no meu país exacerbou ainda mais a minha fúria.

Kareem suspirou, e então sentou-se na beira da cama.

– Querida. Para. Eu sei, e tu sabes, que estamos melhor juntos do que separados. Não quero um divórcio. Disse aquilo no calor do momento.

– E eu estou a dizer isto no frio da manhã – repliquei, mais zangada a cada segundo que passava. Tinha decidido que ficaria melhor sem um homem que não tinha no coração empatia para com os homens bons como Raif Badawi que apodreciam na prisão.

– Sultana, não me vou divorciar de ti. E tu não te vais divorciar de mim. Pensa na alegria que perderíamos juntos a ver os nossos netos crescer e tornarem-se adultos. A jornada não será nem de longe tão deliciosa se não partilharmos o que trouxemos à vida juntos.

Fiquei calada.

– Sultana, pensa só no que construímos. E então considera como um divórcio iria magoar outros, os inocentes que amamos.

Continuei calada, mas estava a pensar. Estava a pensar na Pequena Sultana e no irmão, o príncipe Faisal. Então os meus pensamentos voltaram-se para os filhos de Amani, o príncipe Khalid e a princesa Basinah. Todos os nossos quatro netos se sentiam seguros na sua vida familiar e amavam os dois avós, se bem que, devido ao tempo que eu passava com eles, parecessem mais próximos de mim. Estar com o avô era uma festa, mas estar com a avó era uma doce rotina. Quase não passava um dia sem que eu estivesse com os meus quatro netos, mesmo que fosse só por breves instantes, pelo menos quando estávamos todos no país ou a fazer férias juntos.

E embora os meus filhos adultos suportassem melhor um divórcio, todos eles ficariam tristes se os pais fossem cada qual para o seu lado.

Quando Kareem me levantou o queixo com um dedo e me olhou nos olhos, eu soube que a acalorada discussão passaria e que reacenderíamos a paixão no nosso relacionamento, um amor que estava connosco desde que éramos ambos muito jovens e recém-casados.

Kareem sorriu-me com ternura.

Eu retribuí o sorriso.

Ele aflorou-me o rosto com as pontas dos dedos, e depois com os lábios, e disse:

– Estás mais bonita hoje do que no dia em que nos casámos, Sultana.

Durante a hora que se seguiu, todos os pensamentos de divórcio foram varridos.

Mas antes de Kareem deixar os meus aposentos, senti que tinha de dizer qualquer coisa, por muito que pudesse perturbar o meu marido.

– Continuo muito desapontada com a situação do Badawi, Kareem.

Kareem sentou-se e baixou os olhos ao dizer:

– Como eu, Sultana, mas este é um problema em que o rei não permitirá interferências. Mesmo que eu tentasse contactar os meus primos e convencê-los a ir comigo e intervir, nenhum deles o faria, e se o fizéssemos, falharíamos. E então ficaríamos em desfavor por muito tempo, talvez para sempre, privados de toda a influência no reino. Nada se conseguiria exceto fazer com que os nossos filhos e netos fossem desprezados para todo o sempre como descendentes do homem que tentou prejudicar a segurança da nossa família.

Fez uma pausa e abanou a cabeça, descoroçoado.

– Talvez possamos fazer coisas boas no futuro se mantivermos uma posição positiva no seio da família. Trata-se de uma situação muito complicada e eu sei que não tenho poder para trazer mudança. Há momentos na vida em que temos de admitir a desagradável realidade e vergarmo-nos a ela.

– Mas ele é um homem excecional, Kareem. Está a sofrer pelo bem de todos os sauditas. É o nosso Nelson Mandela, marido. Um dia seremos todos severamente julgados pela falta de coragem de

permitir que os cidadãos do nosso país digam o que pensam.

Kareem voltou a suspirar.

– Eu sei. Eu sei. Mas não há nada que tu ou eu possamos fazer. Só o rei pode perdoar ao Badawi e aos outros homens que erguem a voz. Só o rei.

Fiquei calada, a pensar no facto de a sorte dos homens merecedores depender unicamente da vontade do meu tio, meio-irmão do meu pai. Conhecia o rei Salman desde rapariguinha e, com exceção do rei Fahd, sempre o tinha achado o mais jovial dos sete irmãos Sudairi. Sempre senti receio na presença de Sultan e Naif, ambos homens de expressão muito severa, mas sentia-me à vontade com o rei Fahd e com o rei Salman.

Desses sete irmãos, dois subiram ao cume do poder numa monarquia. Primeiro, foi o mais velho dos Sudairi, o tio Fahd, que ocupou os mais altos cargos antes de ser príncipe herdeiro sob o rei Khalid. Por morte do tio Khalid, o tio Fahd tornou-se rei. Agora o rei era o tio Salman, e também ele tinha servido nos mais altos cargos. O meu pai dizia que Salman tinha sido um muito competente vice-governador e depois governador de Riade durante quase cinquenta anos. Era ministro da Defesa em 2011, e foi nomeado príncipe herdeiro em 2012, quando o príncipe Naif morreu. Quando rei Abdullah morreu, em janeiro de 2015, foi proclamado rei.

Também os meus tios Sultan e Naif tinham desempenhado as mais altas funções, e ambos teriam ascendido ao lugar supremo de rei se não tivessem morrido como príncipes herdeiros. Se não tivessem falecido, quatro rapazes Sudairi teriam sido reis. Também o tio Ahmed ocupara cargos importantes. Só os tios Turki e Abdel- -Rahman (dos sete Sudairi) tinham optado por não ocupar cargos oficiais, mas eram ambos muito próximos dos irmãos.

Os Sudairi são, sem a mínima dúvida, a família mais importante de todo o clã al-Saud, e portanto do reino.

A mãe do nosso avô, o rei Adbul Aziz, foi Sara Sudairi. Era conhecida sobretudo pelo seu considerável tamanho. Os membros da família diziam que era a maior mulher que alguma vez tinham visto, muito alta e com ossos maciços. Sem dúvida contribuiu muito para o impressionante metro e noventa e três do filho, Abdul Aziz.

O nosso avô casou também com uma Sudairi. Na realidade, casou com muitas mulheres ao longo da sua vida, sobretudo com o objetivo de consolidar a paz entre as várias tribos, porque sem reconciliação entre as diversas facções em guerra nunca teria havido uma Arábia Saudita.

A imprensa ocidental afirma que o meu avô casou com vinte mulheres e teve inúmeras concubinas, mas, de acordo com os filhos, o número de esposas é muito maior. O meu avô teve 103 filhos das suas várias esposas, quarenta e cinco dos quais varões.

Mas diz-se que, de todas as esposas, a que mais amou foi Hassa bint Ahmad al-Sudairi. Hassa era muito nova quando casou com o nosso avô, mas durante os primeiros anos do casamento ele decidiu divorciar-se dela. Há quem diga que foi porque o único filho varão que tiveram, Saad, tinha morrido com cinco anos e ela não engravidara logo a seguir. O nosso avô viria a arrepender-se daquele divórcio, mas por essa altura Hassa estava casada com o meio-irmão dele. A seu tempo, o nosso avô falou persuasivamente com o seu meio-irmão e convenceu-o a divorciar-se de Hassa para que ela pudesse voltar para o rei.

Este segundo casamento durou até à morte do meu avô, em 1953, e entretanto Hassa deu à luz sete rapazes e quatro raparigas. Os sete Sudairi criaram entre si laços inquebrantáveis. A sua inteligência e a lealdade de uns para com os outros assegurava-lhes o poder.

Agora os Sudairi estão de novo no auge, com o reinado do rei Salman. Logo que foi proclamado rei, o tio Salman apressou-se a nomear jovens Sudairi para os cargos de maior poder dentro do governo. Dois deles são agora potenciais futuros reis: um é filho de Naif, o outro é filho do próprio Salman. O mais certo é que, enquanto a Arábia Saudita continuar a ser uma monarquia, os Sudairi mandem no meu país, porque enquanto estiver um Sudairi no poder, escolherá outros Sudairi para governar.

Mas o afeto que eu nutria pelo meu tio Salman fazia com que sentisse agora um profundo desapontamento por ele estar a ser tão severo para com o jovem Badawi e outros sauditas que só pediam o direito de expressarem as suas ideias. De todos os governantes que tivemos, é claro para mim que o rei Fahd foi o mais sentimental de todos e o mais disposto a ignorar pequenos incómodos. O tio Fahd não gostava de castigar ninguém, exceto criminosos empedernidos e assassinos.

O tio Salman estava a revelar-se diferente. Governava com mão de ferro, uma coisa em que eu nunca teria acreditado.

Eu e Kareem falámos até não haver mais nada para dizer. Eu estava menos zangada com o meu marido porque as suas palavras me fizeram compreender que havia pouco que pudéssemos fazer para alterar o rumo da história no que respeitava aos jovens que pediam reformas. A única maneira de aqueles homens sobreviverem seria esquecerem todas as suas exigências e viverem sossegados sem expressarem as suas opiniões. Sabia que eles nunca o fariam. Tinham uma ética demasiado forte, ao contrário dos corpos. Embora compreendesse por que razão não podiam ceder, desejava fervorosamente que o fizessem, para que o seu solitário encarceramento acabasse e as mortíferas flagelações parassem.

Se algum destes homens merecedores morrer na prisão, será o mais triste dos dias para eles, para as suas famílias e para a Arábia Saudita.

Depois de Kareem me ter deixado, o meu coração quase parou de bater, pois lembrei-me de que a Dra. Meena regressaria em breve ao reino e estaria ansiosa por saber que progressos tinha eu feito com o meu marido. Como temia dizer à minha querida amiga que nem eu nem Kareem podíamos fazer o que quer que fosse. Éramos tão impotentes como qualquer vulgar cidadão a viver no nosso país.

* * *

A Dra. Meena é um anjo. Quando viu as lágrimas subirem-me aos olhos enquanto lhe explicava a situação, abraçou-me pela primeira vez desde o início da nossa amizade.

– Querida princesa, não chore por aquilo que não pode mudar. Enquanto estava fora, pensei muitas vezes no pedido que lhe fiz e admoestei-me por tê-la posto numa situação que ia causar atritos entre si e o seu marido. Agora sei como são as coisas neste nosso mundo. Nem os príncipes e princesas mais poderosos da nossa terra podem fazer seja o que for contra a vontade do rei.

«Sei que tentou, e pelo que me diz os seus esforços quase lhe custaram um bom marido, uma coisa rara no mundo dos nossos dias. Tudo o que podemos fazer é rezar pelo Raif Badawi e pelos outros homens merecedores do nosso país. Embora não possamos fazer nada politicamente, podemos rezar por todos eles.»

– Sim, rezaremos – disse eu, a voz trémula de emoção. – Todos os dias. Rezarei.

– E podemos também rezar pelos estrangeiros que protestam. Ouvei dizer que a nossa família real, ou pelo menos os homens que ocupam o topo, está aturdida e horrorizada pela maneira como o mundo saiu em defesa de Raif Badawi. – Pensou por um momento antes de acrescentar: – Sabia que

dezoito laureados com o Prémio Nobel escreveram uma carta ao nosso rei, uma carta que deixa bem claro que enquanto Badawi estiver preso o mundo académico considerará a marginalização da Arábia Saudita? Todos sabemos que o governo deseja fazer do país um centro de pesquisa e investigação. Estes laureados impedirão que isso aconteça. Estes protestos têm mais força do que se metade da população da Arábia Saudita saísse à rua.

As palavras da Dra. Meena deram-me força. Apesar de triste por saber que estrangeiros tinham mais poder de impacto do que os cidadãos da nossa terra, estava disposta a aceitar fosse o que fosse que ajudasse a libertar aqueles jovens cujos nomes estavam indelevelmente gravados no meu espírito.

A Dra. Meena saiu de minha casa, mas não antes de eu lhe dizer que em breve receberia mais dois espaçosos carros e um grupo de motoristas, que ficariam à sua disposição. Eu pagaria todas as despesas e os veículos seriam usados para o que fosse preciso sem olhar a custos. Os motoristas viveriam no meu palácio, mas responderiam perante ela. Este pequeno esforço da minha parte significava que mais mulheres sauditas sem meios de transporte poderiam deslocar-se à vontade pela cidade. São as pequenas dádivas que posso fazer e que me proporcionam tanta alegria.

O feliz sorriso de gratidão da Dra. Meena consolou-me, pelo menos um pouco.

Mas tive pouco tempo para saborear o momento, porque menos de dez minutos depois de a Dra. Meena me ter deixado, Sara telefonou-me e, numa voz sombria, disse-me que o nosso pai tinha regressado da Europa no dia anterior e que a sua saúde se agravara inesperadamente durante a noite. Na realidade, Sara disse-me:

– Sultana, penso que ele está a morrer. Vem imediatamente, se queres vê-lo com vida.

Fiquei surpreendida, porque nem sequer sabia que o meu pai estava no reino. Tivera conhecimento de que no mês anterior tinha viajado para a Europa para se submeter a um tratamento especializado para a doença terminal que estava pouco a pouco a levar-lhe a vida, mas Sara dissera-me que os médicos o tinham informado de que teria pelo menos mais seis meses a um ano de vida. Não me preocupara porque sei que hoje em dia os médicos dizem a verdade aos doentes em vez de lhes darem falsas esperanças ou fazerem promessas impossíveis quando eles estão a morrer. Tinha falado com Kareem na semana anterior a respeito de levar toda a família à Europa para ver o meu pai. Agora isso não ia acontecer, compreendi com uma pontada de tristeza. Tinha imaginado uma visita demorada, para que o meu pai pudesse ter a satisfação de ver os meus maravilhosos filhos e os meus encantadores netos.

E foi então que recordei um versículo do Corão: «Nem ninguém sabe o que vai ganhar amanhã; nem ninguém sabe em que terra vai morrer. Na verdade, em Alá está todo o conhecimento e Alá sabe todas as coisas.» (Corão: 31:34)

Somos avisados por estas palavras que não saberemos quando e onde havemos de morrer. Por isso talvez o meu pai se tivesse tornado introspectivo nos anos da sua velhice e soubesse que nem os médicos podem dizer-nos onde ou quando morreremos. O importante momento da nossa partida desta vida é algo que só Deus sabe.

* * *

Kareem concordou em ir ter comigo uma hora mais tarde ao palácio do meu pai. Apressei-me a ligar a Abdullah e a Amani e ambos prometeram juntar-se-me o mais depressa possível. Não foi possível contactar Maha de imediato, pois tinha saído para visitar uma prima, mas deixei duas

assistentes encarregadas de encontrar a minha filha mais velha e avisá-la do que se estava a passar. Sabia que Maha iria mal soubesse da notícia, não obstante o facto de ela, como eu, ter um relacionamento difícil com o meu pai.

Quinze minutos mais tarde, estava no banco traseiro do meu carro e a caminho do palácio do meu pai. O trajeto demorou uns enervantes trinta minutos devido ao intenso trânsito de Riade, mas finalmente chegámos quando eu já estava a reprimir o desejo de gritar.

Os grandes portões não se abriram imediatamente para mim – tinham sido tão poucas as vezes que visitara o meu pai ao longo dos anos que não fui reconhecida. Os guardas passaram longos minutos a falar pelo telefone com o chefe da segurança no interior do palácio para se certificarem de que eu era na verdade quem afirmava ser. O meu pai tem demasiados filhos e filhas de várias esposas, apesar de não ser próximo de nenhum deles exceto os nascidos da primeira, a minha mãe. Sempre gostou especialmente de Ali, por razões que ninguém consegue perceber, porque Ali é antipático e insuportável desde o dia em que nasceu. Nura, a primeira filha da minha mãe, sempre se deu bem com o nosso pai. Depois de Nura ter partido deste mundo há mais de sete anos, o Pai passara a concentrar o seu afeto em Sara, que era agora a sua filha preferida.

Por razões que são demasiadas para que as refira aqui, nunca fui a filha preferida do meu pai. Na realidade, nunca fui uma filha preferida em qualquer altura da minha vida. Só na ocasião, vários anos antes, em que ele me oferecera o retrato da minha mãe tínhamos passado juntos um memorável serão de conversa amena e ternos sentimentos.

Quando já me preparava para ligar a Sara para me queixar, foi-nos enfim permitida a entrada. Olhei com uma expressão de indiferença para os guardas de rosto severo enquanto transpúnhamos os opulentos portões. Reparei que havia ouro verdadeiro a brilhar no exterior das barreiras metálicas. O ouro verdadeiro é inconfundível. Os palácios e jardins do meu pai contam-se entre os mais luxuosos entre os de todos os príncipes reais, apesar de ele ter tido o cuidado de não despertar invejas gastando mais dinheiro do que os seus meios-irmãos, os homens que governavam como reis ou futuros reis.

Parecia haver centenas de veículos estacionados à volta do grandioso pórtico do palácio. Perguntei-me se todas as pessoas que se tinham feito transportar naqueles carros seriam membros da realeza que tinham vindo ver o meu pai morrer. Tanto quanto sei, o meu pai nunca foi um filho particularmente popular do nosso avô. Nunca se interessou pelo governo, mas em compensação gostava de acumular uma enorme riqueza, e foi o que fez. Tinha interesses nas novas tecnologias e, segundo Kareem me dissera anos antes, investira em algumas das mais sólidas empresas desse ramo, de tal modo que a sua fortuna crescera desmesuradamente ao longo do tempo.

Do que não havia dúvida era de que os seus muitos palácios ostentavam a riqueza que possuía. Segundo Sara, de acordo com a última contagem o nosso pai tinha mais de vinte palácios espalhados pelo mundo, sete dos quais na Arábia Saudita e os restantes na Europa e na Ásia. Tinha ouvido dizer que visitara alguns desses palácios apenas uma vez, mas que mantinha em todos eles o pessoal doméstico completo, para o caso de lhe dar uma súbita vontade de ir até lá.

Quando ouço estas histórias, receio pelo nosso futuro, pois por quanto mais tempo vão os nossos cidadãos continuar a aceitar tais extravagâncias quando muitos sauditas são pobres? Talvez porque os al-Saud são discretos na sua paixão por gastar, a maior parte dos sauditas não saiba a quantidade de dinheiro desbaratado em coisas tão pouco práticas como luxuosos palácios aonde nunca ninguém vai.

São segredos bem guardados, conhecidos apenas dos membros da família real.

* * *

Fui escoltada através das várias alas do palácio, cada uma mais luxuosa do que a anterior. Perguntei-me o que faria o meu pai com aquela infinidade de salas, uma vez que vivia sozinho com os criados, enquanto as suas três esposas residiam cada uma no seu palácio, todos situados num semicírculo à volta do dele.

Chegámos por fim à unidade médica especialmente construída onde o meu pai jazia num repouso inquieto. Ninguém reparou que eu tinha chegado. Depois de examinar a área médica, apercebi-me de que nem Kareem nem os meus filhos lá se encontravam. Fiquei quieta e calada, a familiarizar-me com o lugar, muito maior do que poderia ter imaginado, até que percebi que era igual a uma unidade de cuidados intensivos de um grande hospital, com camas suficientes para vinte pessoas. Estaria o meu pai à espera de uma catástrofe quando a mandara construir?

O meu pai ocupava uma daquelas camas, situada no canto direito da sala. Para minha surpresa, não estava ligado a qualquer máquina, e nem sequer a tubos. Fiquei contente, pois ouvi dizer que as mortes mais tranquilas vêm naturalmente..

Vi Sara e Ali de pé junto à cabeceira da cama. Médicos de bata branca pairavam por perto. Vários meios-irmãos e meias-irmãs que eu não conhecia bem faziam fila para passar pelo nosso pai e dizer adeus.

Olhei para a cara do meu pai. Estava pálida, mas não contorcida pela dor, para meu alívio. Vi-o abrir e fechar os olhos várias vezes.

A minha ideia de partilhar uma despedida sossegada com o meu pai não ia acontecer. Continuei sozinha, os olhos fixos na cara dele, a perguntar-me que pensamentos lhe passariam pelo espírito. Diz-nos o Corão que todas as almas conhecerão o sabor da morte, e agora o meu pai estava a conhecer o sabor da sua. Senti-me terrivelmente triste por ele. Os muçulmanos aprendem que a morte envolve agonia e sofrimento. Há um *hadith* que diz: «Quando o profeta Maomé estava a morrer, mergulhou as mãos numa grande bacia de água que estava a seu lado e lavou a cara com ela, dizendo: ‘Oh Alá, ajuda-me a suportar a agonia e o sofrimento da morte!’»

Apesar de eu e o meu pai nunca termos sido próximos, não queria vê-lo em agonia nem a sofrer durante os últimos momentos da sua vida.

Talvez o sofrimento fosse saber que estava a viver as suas últimas horas na Terra, e que em breve o levariam para ser lavado e envolto numa mortalha branca, e depois depositado numa simples cova no chão, uma ideia assustadora para a maior parte dos seres humanos.

Vi Sara e Ali falarem com o nosso pai, pelo que me aproximei mais para poder ouvir o que estava a ser dito.

– Não há outro Deus senão Alá – dizia Sara, numa voz muito doce. Pediu ao nosso pai que repetisse as palavras, porque os muçulmanos são ensinados a encorajar os moribundos a repeti-las mais de uma vez. Os lábios do meu pai moveram-se em resposta ao pedido de Sara, mas não consegui ouvir-lhe a voz, débil dessa fraqueza que significa morte.

A família do nosso pai estava a fazer o que os muçulmanos são ensinados a fazer quando um ente querido está à beira da morte, e que é nunca deixar essa pessoa sozinha. É-nos também dito que lhe peçamos que se arrependa dos seus pecados, mas que ao mesmo tempo lhe recordemos as suas boas ações. E foi então que ouvi Ali, numa voz muito baixa, exortar o nosso pai a arrepender-se de

quaisquer más ações que pudesse ter cometido, para logo a seguir lhe recordar as suas boas ações, que eram dar generosamente aos pobres e necessitados no Ramadão.

Eu estava suficientemente perto para ver o meu pai fechar os olhos, como que a dar a entender que ouvira o que o filho dissera, e depois assentir muito ao de leve com a cabeça. Continuava consciente: ainda não tinha ido para esse lugar intermédio onde já não podia ouvir nem ver os vivos mas ainda não tinha atravessado para o Paraíso.

Neste ponto, Sara viu-me e fez-me sinal com a mão para que me fosse pôr a seu lado. Hesitei, porque sabia que muitos meios-irmãos e meias-irmãs tinham estado à espera para se despedirem, mas Sara é tão respeitada por toda a família que também eles acenaram em concordância e fizeram-me sinal para fazer o que Sara dizia.

E assim chegou o dia que nunca tinha imaginado, o dia em que diria o último adeus ao meu pai.

Sara recuou um passo e empurrou-me para mais perto da cama.

– Pai – disse –, está aqui a sua filha mais nova, Sultana, a filha que a mãe mais amava neste mundo.

Olhei para ela, a perguntar-me se acreditaria de verdade que eu fora a mais amada. Não estava de acordo, apesar de saber que sendo o bebé da família era muito amada e protegida pela minha mãe e pelas minhas irmãs mais velhas.

O meu pai não teve qualquer reação, ao princípio.

– Pai? Estou aqui. Sou a sua filha, Sultana.

Num raro momento de generosidade, o meu irmão Ali apertou a mão do nosso pai e disse:

– É a pequenina, pai. A Sultana está aqui. Olhe para ela. – E então estragou tudo ao acrescentar com entusiasmo excessivo: – A Sultana já não é jovem. A menina é uma avó.

Ergui os olhos para fulminar o meu irmão, mas ele estava a sorrir, talvez por achar as suas palavras divertidas, de modo que deixei passar e não disse o que estava a pensar, que o jovem filho era um avô obeso que parecia ter o dobro da minha idade, ou pelo menos é o que toda a gente me diz.

O meu pai estava tão imóvel que receei que tivesse exalado o último suspiro, mas então vi a respiração muito superficial, o lento subir e baixar do peito.

Olhei para a cara dele, daquele homem em tempos tão jovem e que se tornara agora tão velho, com fundos sulcos na carne da cara e muitas rugas à volta dos olhos. Tinha saliva nos cantos da boca. O bigode continuava negro, como os cabelos, mas era porque o meu pai, como a maior parte dos homens al-Saud, o pintava. Vi pelos cabelos grisalhos a espreitarem-lhe das orelhas e perguntei-me porque não lhos teria o barbeiro pintado também.

A memória levou-me de volta às histórias que tinha ouvido a respeito da sua juventude. Era um dos filhos mais novos do nosso avô e fora estragado com mimos pelos pais por ter sido o único rapaz que a mãe teve, apesar de ter tido sete filhas, tal como Ali estava rodeado de irmãs. O meu pai era muito novo quando o meu avô, o rei Abdul Aziz, andava a batalhar para fundar um reino para a sua família governar, e por isso não combatera nas batalhas travadas pelos irmãos mais velhos, Muhammad, Faisal e Saud. Fora, no entanto, ensinado a ser um cavaleiro hábil, e a sua grande paixão era colecionar cavalos árabes.

Agora estava zangada comigo mesma, porque nunca tinha feito ao meu pai muitas perguntas a respeito da sua juventude. Não que ele tivesse respondido, mas talvez, quem sabe... Infelizmente, só me lembrava dele como um pai a ser temido. Quando eu era uma criança, ele era um homem novo cheio de confiança em si mesmo, mas de ira fácil, sobretudo comigo, a filha que fazia cenas e o levou

a faltar à palavra dada à minha mãe de nunca bater em qualquer dos filhos. Mas com a minha teimosia e determinação em conseguir o que queria eu punha-lhe muitas vezes a paciência à prova, e um dia ele bateu-me com força na cara, com a mão aberta.

A vida daquele jovem, cheia de animação, do amor pelos cavalos, de numerosas mulheres e muitos filhos, tinha passado num relâmpago, e agora ele ali estava, impotente e com os filhos adultos a olharem para ele com compaixão e pena.

Finalmente, quando já desesperava de ele dar pela minha presença, o meu pai abriu os olhos e fixou-os nos meus. Não foi dita uma palavra, mas vi nos seus olhos uma luz de afeto e, quando lhe peguei na mão, senti um aperto muito ligeiro. Soube com uma grande certeza que era a maneira de o meu pai me dizer que apesar de toda a ira do passado me amava.

Foi então que senti as lágrimas caírem-me dos olhos, e vi-as tombar sobre o rosto do meu pai.

Ele sentiu as lágrimas, pois pareceu surpreendido e olhou bem para mim. Acreditarei sempre que as minhas lágrimas lhe disseram que era amado pela filha que em tempos tanto o odiara.

Tentou sorrir, mas o mais que os seus lábios conseguiram foi estremecer.

Soube então que o seu tempo era breve, e por isso olhei-o longamente uma última vez e afastei-me, dando aos meus irmãos a oportunidade de se despedirem também.

Sara abraçou-me e então começou a mandar avançar os outros filhos do meu pai.

Enquanto me afastava, ouvi a minha irmã Dunia gritar tão alto que a sala inteira prestou atenção, sabendo no mesmo instante que o nosso pai parara de respirar e deixara a sua vida na Terra.

Voltei-me e vi o meu irmão Ali usar as pontas dos dedos para fechar gentilmente os olhos do nosso pai.

Foi então que vi Kareem e os meus três filhos no meio da multidão, silenciosos e com expressões tristes, a ver-me dizer adeus ao homem que em tempos odiara. Esse ódio tinha-se agora evaporado e senti uma enorme pena por não ter desfrutado de um relacionamento de amor com o homem que me dera a vida.

Era verdadeiramente uma órfã, pois nenhum dos meus pais estava entre os vivos.

Rodeada dos meus queridos filhos e do meu marido, chorei pelo que nunca foi.

* * *

E assim chegou o tempo de o meu pai ser enterrado no chão. O profeta Maomé disse: «Apressareis o funeral.»

Havia muito que fazer, pois a nossa fé islâmica ensina-nos a preparar rapidamente o corpo do defunto para o funeral. O islão é muito preciso quanto aos procedimentos a seguir.

Os filhos do meu pai vigiariam para se certificarem de que tudo se fazia como era devido para um bom muçulmano.

Eu sabia que estas coisas iam acontecer ao corpo do meu pai.

Atar-lhe-iam o queixo à cabeça.

Cobririam o seu corpo com um lençol branco lavado.

Pediriam a Alá que lhe perdoasse todos os seus pecados.

Preparariam o corpo para ser lavado.

Lavar o corpo era da responsabilidade da família do meu pai. Só os homens podem lavar o corpo de um homem, além das esposas, que estão autorizadas. Disseram-me que os filhos do meu pai escolheram três de entre eles para o lavarem. Nenhum dos que se ocupam da lavagem pode fazer

qualquer comentário a respeito do corpo.

Depois da lavagem, o meu pai seria amortalhado de branco. O amortalhamento exige três lençóis brancos de um tecido barato, que podem ser perfumados. Isto porque foi relatado que «Quando o profeta Maomé morreu, foi amortalhado em três lençóis brancos do Iémen».

Depois do amortalhamento, rezar-se-iam orações e o corpo seria enterrado o mais depressa possível.

Uma caixa, ou caixão, só é permitida se o corpo estiver muito danificado ou a terra muito húmida.

No caso do meu pai, foi enterrado com a sua mortalha, sem caixa.

O islão não permita e presença de mulheres nos funerais. Por isso o do meu pai foi um evento só para homens.

Foi enterrado no cemitério al-Oud de Riade. Em árabe, a palavra *oud* significa ancião, uma pessoa velha.

O cemitério é famoso na Arábia Saudita. Todos os homens que governaram como reis da Arábia Saudita estão lá sepultados. Isto inclui o meu avô, Abdul Aziz, e todos os seus filhos que foram reis: Saud, Faisal, Khalid, Fahd e Abdullah. Muitos outros filhos do meu avô também estão lá enterrados, e o meu pai é um desses filhos. O cemitério é público, e no seu chão são sepultados pessoas vulgares e membros da realeza. Aos olhos de Deus, nenhum homem está acima de outro.

Há, no entanto, uma área reservada para os membros da família real, pelo que lá repousa um grande número de membros importantes da realeza.

Depois de o corpo estar completamente coberto, é hábito pegar em três punhados de terra e atirá-los para a sepultura.

É proibido enfeitar a sepultura.

No islão há um ditado: «A Deus pertencemos e a Deus havemos de voltar.»

O meu pai tinha voltado a Deus.

EPÍLOGO

Como eu desejava assistir ao funeral do meu pai. Sei de casos de mulheres desesperadas que se escondem atrás de arbustos ou edifícios para ver de longe, mas eu obedeci às regras do islão e mantive-me afastada, por muito que quisesse dizer-lhe um último adeus. O facto de o meu marido e o meu filho poderem estar presentes no funeral e eu e as minhas filhas não causava-me um grande desgosto. Mas não havia nada a fazer, de modo que aceitei a situação mantendo a calma.

Apesar de sentir vontade de gritar e chorar, não o fiz. O islão exige aos crentes que deem mostras de paciência e aceitação da vontade de Alá quando confrontados com a tragédia da morte de um parente. Tudo o que mostre descontentamento e insatisfação com o veredicto de Alá, como gritar ou rasgar as roupas ou puxar pelos cabelos, é proibido. Só as mais calmas manifestações de desgosto são permitidas.

E assim fiquei em casa nos meus aposentos, sozinha e a rezar em silêncio pelo meu pai. Sabia pelos nossos ensinamentos que já se tinha encontrado com os anjos para discutir as suas ações, boas e más, enquanto vivera no mundo. Esperava-o uma nova vida, fosse qual fosse a forma que pudesse assumir, embora eu rezasse para que fosse a caminho do Paraíso. Apesar de não ter sido um bom marido para a minha mãe nem um bom pai para as filhas, sabia que nunca tirara nada que não lhe pertencesse, e que nunca assassinara outra pessoa, e, tanto quando soubesse, nunca tentara fazer mal a outros de uma maneira intencional e cruel.

Algumas horas depois de o funeral ter terminado, e de os homens da família terem dispersado, Kareem foi ter comigo. Fiquei muito confortada ao ver o meu marido, a pessoa que melhor me conhece. Kareem está tão familiarizado com os pensamentos que me ocupam o espírito que é como se me conhecesse desde sempre, apesar de eu ter vivido dezasseis anos neste mundo antes de nos encontrarmos. Mas conhecendo-me desde essa idade, e durante o desgosto de ter perdido a minha mãe, não há nada no meu passado que o meu marido ignore. Esta longa história entre os dois significa que Kareem é um grande consolo para mim.

Olhei para ele e, com a voz trémula de emoção, disse:

– Estou contente por não nos irmos divorciar.

Kareem abraçou-me e esfregou o nariz na minha orelha, sussurrando:

– Amo-te mais do que poderia amar qualquer outra mulher neste mundo. Podes pôr-me a paciência à prova, meu amor, mas és a minha vida, Sultana.

Como fiquei feliz por ouvir estas palavras.

Sabia que tinha de ficar de luto durante três dias, que é o tempo permitido a uma mulher que perde o pai, para que o meu comportamento não parecesse inapropriado.

Somos ensinados: «Não é legal para uma mulher que acredita em Alá e no Último Dia fazer luto por mais de três dias pela morte de qualquer pessoa, exceto a do marido, pelo qual deverá fazer luto durante quatro meses e dez dias. Durante os três dias de luto, as mulheres devem pôr de parte tudo o

que é normal no que respeita a adornos e ornamentos.» E eu fiz como tinha sido ensinada. Usei um vestido preto muito simples. Não usei perfumes nem maquilhagem, nenhuma joia decorava o meu corpo. Até tinha tirado a aliança de casamento.

Eu e Kareem empurrámos as nossas emoções para um recanto silencioso dos nossos corações e saímos dos meus aposentos de braço dado. Para nosso grande alívio, os nossos três filhos e quatro netos aguardavam-nos na maior das salas de estar. Abdullah sentava-se ao lado da Pequena Sultana, que parecia uma senhorinha com os seus oito anos, quase nove. O príncipe Faisal e o príncipe Khalid brincavam com um conjunto de tenda e camelo que Kareem comprara no Qatar e lhes dera, quando lá se deslocara numa viagem de negócios meses antes. Eram os dois demasiado pequenos para saberem que aquele era um tempo de desgosto. Amani sentava-se em frente do irmão, Abdullah, e ao lado da irmã, Maha, que mimava a princesa Basinah. Senti Kareem contrair-se a meu lado quando Amani exclamou:

– Gatinha, sorri aos teus avós, querida.

Soube que o meu marido queria admoestá-la, pedir-lhe que tratasse Basinah pelo seu nome, mas felizmente ele optou por ignorar o hábito que ela tinha de chamar à filha gatinha, uma coisa que nos irritava a ambos.

Não temos nada contra gatinhos ou gatos, pois o próprio profeta Maomé os tratava com carinho. Até tinha gatos, e o seu preferido chamava-se *Muezza*. Conta-se que certa vez, à hora de os fiéis serem chamados à oração, *Muezza* estava a dormir em cima de uma das mangas da túnica do Profeta. Embora quisesse usar a túnica para rezar, Maomé não suportava perturbar o sono de *Muezza*. Por isso surpreendeu todos os que o rodeavam com a sua bondade ao cortar a manga em cima da qual *Muezza* dormia e ir fazer as suas orações com uma túnica só com uma manga.

Há outros testemunhas segundo os quais o Profeta fazia sermões com *Muezza* deitado no colo. Mais surpreendente ainda, fazia as suas abluções com a mesma água que *Muezza* bebia.

O islão ensina os muçulmanos a tratar os gatos com respeito, acarinhá-los e amá-los. Se alguém maltrata um gato é considerado um grave pecado no islão.

Por isso eu e Kareem tentámos suavizar a nossa reação, sentindo que o Profeta aprovaria o grande amor de Amani pelos gatos.

A Pequena Sultana, encantadoramente sossegada, pôs-se de pé e avançou na nossa direção. Sem dizer uma palavra, agarrou-se a nós, com um braço passado à volta dos joelhos de Kareem e o outro à volta da minha cintura. A tristeza que se lhe refletia no olhar dizia tudo o que ela precisava de dizer. Se aqueles que amava estavam tristes, então ela estava triste. Já tinha idade para saber que quando uma pessoa morre não voltamos a vê-la, de modo que conhecia as trágicas implicações. E apesar de nunca ter tido uma verdadeira relação com o bisavô, nunca esquecera a noite no nosso palácio em que o meu pai se mostrara manifestamente encantado com o seu aspeto e o seu comportamento. Tínhamos-lhe recordado muitas vezes essa noite, nos nossos esforços para fazê-la saber que era tão importante como qualquer membro varão da família.

Custava-me pensar que, de todos os meus netos, só a Pequena Sultana se lembraria do meu pai. O príncipe Faisal e o príncipe Khalid eram ainda bebés na noite em que o meu pai visitara a minha casa, pelo que nunca ele estaria vivo nos seus pensamentos. Os dois continuavam a brincar despreocupados, ignorantes de que a morte visitara a nossa família e de que o seu bisavô materno era um homem que nunca conheceriam mais do que através da memória das gerações que os tinham precedido. A princesa Basinah nascera há tão pouco tempo que o meu pai seria sempre uma figura

distante no passado da nossa família, como todos os seus antepassados al-Saud que tinham vivido e morrido centenas de anos antes do nosso tempo.

Senti-me duplamente triste por o meu pai nunca ter mostrado um genuíno interesse em conhecer os meus filhos e netos. Mas quem podia censurá-lo? Casara tantas vezes, e tivera um tão grande número de concubinas, que lhe tinham quase todas dado filhos. Havia demasiados membros da família direta para que pudesse conhecê-los todos!

Um dos grandes aspetos negativos de um homem ter muitas esposas, e muitos filhos dessas esposas, é haver muito pouco tempo para dar uma atenção específica a cada um dos filhos e netos. A maior parte dos homens escolhe o seu primeiro filho varão, e por vezes a primeira filha, e todos os outros são apenas um número numa longa fila de números.

Felizmente, eu e Kareem tínhamos apenas três filhos e quatro netos, o que nos permitia dedicar tempo a todos; nenhum deles era um número para nós, e sim uma pessoa muito específica que amávamos.

Naquela tarde, a companhia deles amenizou um pouco a nossa tristeza.

Pela primeira vez, os meus filhos manifestaram interesse no avô materno, pedindo-me que lhes contasse pequenas histórias. Fui apanhada de surpresa, porque a maior parte das histórias que tinha gravadas no espírito a respeito do meu pai era desagradável e nada que me apetecesse partilhar. Recordei alguns episódios que envolviam o meu pai e os seus adorados cavalos, e umas poucas viagens que a família tinha feito quando eu era jovem. Os meus filhos gostaram sobretudo da história a respeito de eu ter mordido a raiz de dente-de-leão e nem queriam acreditar que eu pudesse ter sido tola ao ponto de fazer semelhante coisa. Todos afirmaram saber que a raiz de dente-de-leão não se podia comer quando estava amarga, mas eu desafiei-os neste ponto e perguntei-lhes como tinham sabido. Todos disseram não recordar de onde lhes viera o conhecimento.

Ao fim de algum tempo, ficámos sentados em silêncio e bebemos chá e comemos algumas tâmaras para nos dar forças.

Eu estava tão exausta das emoções das últimas vinte e quatro horas que me retirei cedo, deixando Kareem a fazer companhia aos nossos filhos, que prometeram voltar no dia seguintes, pois queriam estar comigo durante os três dias do período de luto. A Pequena Sultana ofereceu-se para ficar naquela noite e dormir comigo.

– Jadda – disse –, far-lhe-ei cócegas nas costas para que durma melhor.

Contive o riso. A Pequena Sultana tem dedos compridos e delicados que me causam uma sensação deliciosa quando os passa pelas minhas costas. Tinha-o feito uma vez, quando eu estava com dores de cabeça, que eu lhe garantira ter sido curada pelas suas cócegas, de modo que desde esse dia ela convencera-se de que os seus dedos conseguiam curar todas as doenças.

– Obrigada, querida. Mas esta noite vou dormir bem. O teu papá vai levar-te para casa com a tua mamã, e também tu descansarás bem.

A querida criança assentiu com um ar solene e agarrou-se à mão do pai.

Fui então para a cama e dormi mais profundamente do que julgara possível. Creio que devido ao cansaço.

* * *

Os três dias de luto pelo meu pai passaram depressa e eu tentei voltar à minha vida normal, apesar de nunca ser uma boa altura para perder um pai. Há uma verdadeira sensação de perda para um filho

quando um pai deixa este mundo, mesmo que o filho tenha já uma certa idade.

Uma semana depois do falecimento do meu pai, estava no meu escritório a organizar os meus papéis quando Maha e Amani entraram juntas. As minhas filhas pareciam ter desenvolvido uma relação mais cordial desde o infeliz episódio que obrigara Maha a regressar da Turquia.

Estavam ambas focadas em obras de caridade, o que me deixou muito contente, pois acredito que não há bem maior nem prazer mais intenso do que aquele que nos é proporcionado por ajudar os outros.

Amani tinha interessado Maha no projeto da sua prima, a princesa Sabrina, no Paquistão. Na realidade, Maha estava a planear deslocar-se em breve àquele país e trabalhar de perto com Sabrina. Amani, mãe de duas crianças muito pequenas que exigiam a sua atenção constante, não poderia de certeza acompanhá-la.

Maha, pelo seu lado, despertara o interesse de Amani nos pobres refugiados que tinham perdido tudo – as casas, os empregos, o país e, muitas vezes, as vidas daqueles que amavam. Amani e Maha debatiam a melhor maneira de os ajudar, porque ambas preferiam conhecer as histórias individuais daqueles que socorriam a doar dinheiro a organizações que muitas vezes não viam o indivíduo por detrás da necessidade.

Eu estava agradada e feliz com as minhas raparigas. Quando lhes falava das minhas próprias obras de caridade, a Pequena Sultana entrou no escritório com um pedaço de papel na mão. A sua carinha parecia triste, o que me fez levantar no mesmo instante e ir ao encontro dela.

– Jadda, já tenho idade suficiente para ter a minha obra de caridade? – perguntou-me.

– Querida, não me parece. – Sorri à encantadora criança. – Em que obra de caridade estavas a pensar?

– Quero ser igual a si, Jadda. Quero ajudar raparigas e mulheres. – Estendeu o papel para mo mostrar. – Como esta pobre rapariga. Precisa de muita ajuda, Jadda – acrescentou.

Senti um calafrio percorrer-me a espinha, receosa de que a minha neta tivesse encontrado por acaso algumas das fotografias das mulheres paquistanesas queimadas pelo ácido. Tirei o papel da mão dela e arquejei. Era a imagem de uma jovem horrivelmente ferida deitada numa cama, com a cabeça e o rosto inchados, ambos em parte cobertos por ligaduras ensanguentadas.

– Onde encontraste isto?

– No meio de uns papéis no escritório da mamã.

Não sabia que Zain se interessava por caridade, ou que tivesse sequer tempo para pensar em fazer tal trabalho. Zain era uma mãe muito ativa e atarefada, e também uma esposa dedicada. Abdullah não gostava de viajar sem ela, e era um viajante muito frequente. Aquela era a primeira vez que ouvia qualquer referência ao facto de Zain poder estar interessada num programa de assistência.

A Pequena Sultana esclareceu-me.

– Esta pobre rapariga foi atacada por uns homens muito maus.

– Como é que sabes disso, querida? Talvez tenha tido um acidente de automóvel.

– Não. Uns homens fizeram-lhe coisas más e depois atiraram-na de um autocarro.

– Deixa-me ficar com isto, querida. A avó vai investigar.

– Depois de investigar, eu posso ajudar – insistiu a Pequena Sultana. – Quero ajudar.

Não tinha reparado na pequena bolsa que ela trazia ao ombro. Enquanto falava, pegou nela, pousou-a em cima de uma cadeira e abriu-a, revelando alguns milhares de rials, que representariam de certeza várias centenas de libras inglesas ou dólares americanos depois de convertidos.

– O que é isso, Pequena Sultana?

Amani e Maha trocaram olhares de surpresa, mas não disseram nada.

– Onde arranjaste este dinheiro?

– Tenho um cofre que o meu pai me deu. Sempre que alguém me dá dinheiro, guardo-o lá. Tenho muito mais no cofre, mas queria mostrar-lhe e perguntar-lhe quantas raparigas podemos ajudar com este dinheiro.

– Querida, podes ajudar, mas é melhor seres uma menina mais crescida antes de começares a pensar em coisas sérias – sugeri.

– Não, Jadda. Quero ajudar agora. Já sou uma menina crescida. A Jadda disse-me que sou uma menina crescida.

Eu não sabia o que fazer, pois aquele género de decisões a respeito da filha cabia a Abdullah e a Zain.

– Onde está o teu pai, querida?

– Esta sentado ao pé da piscina a comer fruta.

– Ele sabe desta fotografia? – perguntei, a agitar a foto da mulher ferida.

– Não, Jadda. Mas pode dizer-lhe. Vai ficar satisfeito por saber que eu me preocupo com as raparigas e as mulheres porque disse que a avó é uma pessoa especial que ajuda mulheres em todo o mundo. Disse-me que um dia eu havia de poder fazer as coisas que a avó faz, e que é fazer muitas raparigas tristes muito felizes.

Fiquei muito contente por o meu filho valorizar o trabalho que faço, mas continuava sem saber o que fazer a respeito da Pequena Sultana. Ela era demasiado nova para saber fosse o que fosse a respeito daquelas horríveis histórias. Era uma criança, e eu queria que a sua infância fosse inocente e livre do conhecimento das coisas que não tardamos a saber quando nos tornamos adultos.

Olhei rapidamente em redor e descobri uma bonita caixa de cartão cor-de-rosa cheia de papel de carta. Retirei o papel de carta e estendi a caixa à Pequena Sultana.

– Muito bem, querida. A tia Maha vai ajudar-te a contar o teu dinheiro e anotar a quantia. Depois podes pôr o dinheiro nesta bonita caixa cor-de-rosa e guardamo-lo no meu cofre até decidirmos o que devemos fazer com ele. – Olhei para a minha filha mais velha. – Maha, ajuda a Pequena Sultana. Preciso de falar com o Abdullah.

As minhas duas filhas e a Pequena Sultana ficaram a contar as amarrotadas notas enquanto eu saía do escritório com a fotografia da mulher ferida na mão.

Abdullah ficou sobressaltado ao ouvir a história, mas explicou-me a origem da fotografia. A prima de Zain estava muito envolvida numa organização na Índia e tinha-lhe pedido que contribuísse com dinheiro para ajudar mulheres necessitadas naquele país. Tudo indicava que um dos papéis que apresentara a Zain ficara, por acidente, num sítio onde a Pequena Sultana pudera chegar-lhe. Abdullah ligou para Zain, que não fazia a mínima ideia de como a Pequena Sultana encontrara o papel, mas disse que a filha estava a brincar na sala ao lado enquanto ela e a prima conversavam. Era evidente que a Pequena Sultana brincara menos do que a mãe julgava, e ouvira mais. Absorvera a conversa e ficara a saber que havia na Índia mulheres que estavam a ser muito magoadas. E queria ajudar.

Eu sabia alguma coisa a respeito da violência contra as mulheres na Índia. Tinha havido, ao longo do ano anterior, uma série de notícias sobre a violação de raparigas, até em autocarros ou a caminho de casa. O governo indiano queria varrer estes crimes para debaixo do tapete, dizendo que a única

coisa que aquelas notícias conseguiam era humilhar o país.

A mim parecia-me que as autoridades da Índia e do Paquis-tão estavam a recusar enfrentar o problema por detrás da violação e violência contra as mulheres, e o problema era o facto de os homens que cometiam aqueles crimes não serem punidos. Na Índia e no Paquistão, as mulheres eram caça livre.

Que se passa com os homens deste mundo?, gritei silenciosamente para mim mesma. As necessidades das mulheres são ignoradas. A violência contra as mulheres é ignorada. O assassinio de mulheres inocentes é ignorado. A única coisa que os governos da Índia e do Paquistão parecem querer é que as mulheres aceitem o que quer que lhes aconteça e fiquem caladas. Quaisquer protestos contra a discriminação a que as mulheres estão sujeitas esbarra num muro de silêncio, ou até reprovação. É um escândalo e uma vergonha para os homens de ambos os países.

Abdullah disse-me que ele e Zain falariam com a Pequena Sultana e que se ela quisesse contribuir com dinheiro para a obra de beneficência da prima na Índia poderia fazê-lo, embora faltassem ainda muitos anos para que consentissem que a filha soubesse mais pormenores sobre os abusos.

A minha preciosa neta tinha no coração uma enorme empatia pelos outros. Sempre dera mostras de uma bondade especial, apercebendo-se de quando alguém precisava de uma palavra de compaixão. Isto fazia-me muito feliz, e aguardava com ansiedade o dia em que ela poderia juntar-se a mim na minha demanda para aliviar a dor, o desgosto e a angústia que tantas vezes afligem as mulheres.

De momento, porém, era demasiado nova.

Quando voltava aos meus aposentos para avisar a Pequena Sultana de que o pai queria falar com ela, e que seria autorizada a contribuir com dinheiro, fiquei agradavelmente surpreendida ao ver Fatima avançar ao meu encontro pelo corredor, com Afaf e Abir, as suas duas encantadoras filhas, a segui-la de perto. Fatima dissera-se em tempos a mulher mais infeliz que alguma vez vivera, e tinha razões para a sua infelicidade. Mas depois de ter conseguido a guarda das duas filhas, e um emprego a trabalhar no nosso palácio de verão em Taif, agora andava sempre com um sorriso nos lábios e ria por tudo e por nada. Eu não teria dificuldade em chamar-lhe a mulher mais feliz que conhecia. Era uma mulher cuja vida fora de um extremo ao outro, do mau para o bom.

Era, além disso, muito inteligente. Basicamente, todo o pessoal em Taif se encontrava sob a sua orientação e com uma eficiência que ninguém teria adivinhado. Quem me dera ter uma Fatima a gerir cada uma das minhas casas. As suas duas filhas frequentavam uma boa escola e eram ambas excelentes alunas. As raparigas eram dois anos mais novas do que a Pequena Sultana e desde o início tinha-se estabelecido entre as três crianças uma relação imediata.

– Fatima, que bom ver-te. Que fazes em Riade?

– Princesa, tenho uma importante consulta médica a que não podia faltar, por isso o motorista teve a bondade de nos trazer. Queria vê-la enquanto cá estava para lhe dizer que penso muitas vezes em si desde que soube do falecimento do seu pai.

Agradei-lhe a sua gentileza. Estava muito feliz por ela ser tão eficiente que não precisava de ninguém para lhe organizar a vida. Com o motorista de Taif a acompanhá-la, era livre de viajar por todo o país sem problemas, pois Kareem dera-lhe uma carta que lhe garantia autorização para viajar sempre que quisesse, sem necessidade de pedir uma licença especial de cada vez. Na Arábia Saudita, uma mulher solteira precisa de ter um papel assim. Uma vez que somos membros da família real, Fatima nunca teve problemas com as autoridades, bastando-lhe mostrar a carta com o selo e a assinatura de Kareem.

– Estás doente, Fatima? – perguntei, com genuína preocupação. Quando veio trabalhar para nós, Fatima era muito enfermiça e, devido aos espancamentos que sofria às mãos do marido, tivera de fazer grandes tratamentos faciais e dentários.

– Não, princesa. Não vou a caminho da morte, tanto quanto sei. Só tive algumas dores de dentes e vai ser necessário fazer mais tratamentos para que possa comer como deve ser. Só espero que não ache demasiado caro, princesa.

– Fatima, já te dissemos. Faz os teus tratamentos e não te preocupes com o dinheiro. As tuas despesas de saúde estão sempre pagas nesta família.

Fatima sorriu de orelha a orelha.

– É demasiado boa para mim, princesa. Demasiado boa.

– És um tesouro, Fatima.

– Obrigada, princesa.

– Fatima, a Amani está cá e a Pequena Sultana também. Vem comigo, para que elas te possam ver a ti e às tuas filhas. A Pequena Sultana vai gostar de as ver.

E assim, uma semana apenas depois do momento difícil de uma morte na família, a tarde desenrolou-se da maneira mais feliz. A Pequena Sultana insistiu em que as filhas de Fatima fossem com ela para o quarto das crianças. Fui lá espreitar e vi as três com um ar muito sério, com a Pequena Sultana a dizer às gémeas que quando tivesse idade suficiente ia ajudar mulheres de todo o mundo. E o melhor de tudo seria que Afaf e Abir poderiam ajudá-la nas suas boas obras.

– Pequena Sultana – intervim –, porque é que não brincam com as tuas novas bonecas? Talvez a Afaf e a Abir gostassem de levar algumas para Taif.

A minha neta sorriu-me e voltou-se de novo para as duas raparigas.

– Vamos brincar. A Jadda diz que tenho de brincar até ser mais velha.

Com grandes gritos, ela e as gémeas foram a correr buscar as bonecas e começaram a brincar, como as meninas da sua idade devem fazer.

Eu sentia-me satisfeita e feliz por ver que os que viriam depois de nós já estavam a pensar no bem que podiam fazer aos outros.

Fatima estava a conversar com algumas das empregadas da nossa casa e dizia-lhes, na brincadeira, que era ela que tinha o melhor dos lugares porque vivia na fresca Taif, ao passo que elas tinham de suportar o calor de uma cidade do deserto. Tinha pena de todas, afirmou, com uma grande gargalhada. Fatima tornara-se uma normal mãe solteira trabalhadora, sabendo que poderia cuidar das suas gémeas com o produto do seu trabalho e que nunca mais teria de voltar a ter medo de ser espancada, ou de que lhe tirassem as filhas. Estava segura e feliz.

Abdullah, Maha e Amani estavam sentados à voltada mesa junto à piscina. Os meus três filhos sorriam, brincavam e desfrutavam da companhia uns dos outros como nunca antes os vira fazer. Era como se cada um deles tivesse descoberto o bem que havia nos outros e estivessem contentes por serem irmãos. Era uma cena que nunca esperara ver nem que vivesse cem anos.

Foi então que Kareem entrou e me encontrou imóvel e em silêncio a observar os meus filhos.

– Sultana, querida – segredou-me ao ouvido. – Estás a espiar os nossos filhos?

– Não, marido, mas estou a saborear a alegria deles por estarem juntos sem discórdias. Quando foi que os vimos assim sentados e a apreciar a companhia uns dos outros?

– Eu diria... nunca – respondeu Kareem, com uma gargalhada de satisfação.

– Em tua opinião, o que foi que causou esta maravilhosa mudança? – perguntei.

– Era inevitável que descobrissem o bem que há em cada um – disse Kareem. – Tens sido uma mãe sem igual. Sentes com o coração. Reages com o coração. Depois de viver contigo, sei que as melhores coisas do mundo são muitas vezes ignoradas. Sempre estiveste presente para mim, e para os teus filhos. Mas quando alguém está sempre presente, por vezes acaba por se tornar invisível. Nunca te demos o devido valor, Sultana. Quando ficaste tão perturbada depois do incidente com a Maha, o que aconteceu pôs no coração de todos eles o medo de que um dia possas não estar por perto. Esse medo abriu a porta que lhes permitiu ver como são afortunados por terem uma mãe como tu. Esta compreensão trouxe-os a um novo lugar de amor e apreço pela família.

– A sério? É isso que pensas, marido?

– E aquilo que *sei*, Sultana.

Fiquei sem saber como reagir, pois Kareem é um homem que raras vezes faz um elogio. As palavras dele aqueceram-me de tal maneira o coração que fiquei em silêncio, mas, quando o olhei nos olhos, arquejei. O amor nos olhos do meu marido era avassalador. Soube naquele instante que nunca mais eu e Kareem pensaríamos em divórcio. Soube naquele instante que um dia um de nós fecharia os olhos do outro num derradeiro gesto de amor. Naquele momento, quis ser eu a ir primeiro, porque soube que ficaria para sempre triste e perdida sem o meu marido a meu lado.

Tenho sido culpada de não dar a Kareem o valor que ele merece, porque vê-lo todos os dias e saber que está sempre presente para mim tornou-o também invisível.

Mas a partir deste dia, será sempre visível para mim.

Naquele momento senti que era a esposa, a mãe e a avó mais feliz do mundo.

Não obstante a perda da minha mãe, do meu pai, das minhas irmãs Nura e Reema, sei esta verdade:

Deus é bom.

GLOSSÁRIO

abaya: túnica preta e comprida usada pelas mulheres sauditas

abu: pai

al-Saud: família reinante da Arábia Saudita

Beduínos: povo nómada do deserto, os Árabes originais

Caaba: o santuário mais sagrado do islão, sagrado para todos os muçulmanos; a caaba é um pequeno edifício da mesquita de Meca, de forma quase cúbica, construído para albergar a Pedra Negra, que é o objeto mais venerado pelos muçulmanos

Comissão para a Promoção da Virtude e Prevenção da Imoralidade (também conhecida como Polícia da Moral): autoridade religiosa da Arábia Saudita que tem o poder de deter aqueles que, em sua opinião, infringem a moral ou cometam crimes contra o islão ou os seus preceitos

Corão: o Livro Sagrado dos muçulmanos; contém a palavra de Deus tal como foi transmitida ao profeta Maomé

Dhu al-Hijja: o décimo segundo mês do calendário da Hégira

Dhu al-Qi'dah: o décimo primeiro mês do calendário da Hégira

hajj: peregrinação anual a Meca feita pelos seguidores da religião islâmica

haji: pessoa que fez a peregrinação a Meca (um título de honra)

Hégira: calendário islâmico, com início na data em que o profeta Maomé fugiu de Meca para Medina (622)

ibn: significa «filho de» (Khalid ibn Faisal, filho de Faisal)

ihram: altura especial durante o *hajj* em que todos os muçulmanos se abstêm da vida normal e se ocupam apenas de questões religiosas

imã: pessoa que conduz as orações comunitárias e/ou faz o sermão às sextas-feiras

infanticídio: a prática de matar uma criança; nos tempos pré-islâmicos era comum na Arábia e tinha como objetivo desembaraçar a família de filhas indesejadas

islão: fé religiosa dos muçulmanos, de que Maomé foi o profeta; o islão foi a última das três grandes religiões monoteístas a surgir

kohl: pó negro usado como maquilhagem para os olhos pelas mulheres sauditas

la: palavra árabe que significa «não»

mahram: homens com os quais uma mulher não pode casar, como o pai, o irmão ou o tio, e aos quais é permitido escoltar as mulheres em viagem; têm de ser parentes próximos

Meca: a cidade mais sagrada do islão; todos os anos, milhões de muçulmanos viajam até Meca para a peregrinação do *hajj*

Monoteísmo: crença num único Deus

Medina: segunda cidade santa do islão; é lá que está sepultado o profeta Maomé

muçulmano: aquele que professa religião fundada pelo profeta Maomé no ano 610

muezzin: encarregado de chamar os fiéis à oração cinco vezes por dia

mut'a: casamento temporário permitido dentro da fé islâmica

Mutawah: polícia religiosa, também conhecida como Polícia da Moral; os homens que procuram, prendem e castigam quem não obedece à lei religiosa saudita

Nejd: nome tradicional da Arábia Central; os habitantes desta área são conhecidos pelo seu conservadorismo; a família reinante da Arábia Saudita é nejdí.

poligamia: casamento com mais de uma mulher ao mesmo tempo; os muçulmanos varões podem ter até quatro esposas em simultâneo

purdah: prática de confinar as mulheres às respetivas casas; esta reclusão total das mulheres pode ocorrer em alguns países islâmicos

purificação: limpeza ritual que precede a oferta de orações a Deus praticada pelos muçulmanos

quarto das mulheres: quarto existente na casa de um homem usado para confinar as mulheres sauditas que vão contra os desejos dos maridos, pais ou irmãos; o castigo pode ser por um curto período ou uma sentença de prisão perpétua

rial: moeda da Arábia Saudita

Rub al-Khali: a enorme vastidão desértica que ocupa a parte sudeste da Arábia; muitas vezes referida como o Quadrante Vazio

secular: não religioso

Suna: tradições da fé islâmica estabelecidas pelo profeta Maomé

sunita: o ramo ortodoxo maioritário do islão; 95% da população da Arábia Saudita é sunita; a palavra significa «tradicionalistas»; uma das duas principais seitas

thobe: comprida veste parecida com uma camisa usada pelos homens sauditas; é geralmente de algodão, mas também pode ser feita com tecidos mais pesados e escuros para os meses de inverno

Umm al-Qura: «Mãe das Cidades» ou «Cidade Abençoada», ou seja, Meca

umrah: uma curta peregrinação (a Meca) levada a cabo por muçulmanos e que pode ser feita em qualquer altura do ano

xiita: o ramo do islão que se separou da maioria sunita por causa da sucessão do profeta Maomé; uma das duas principais seitas

zakat: esmola obrigatória exigida a todos os muçulmanos e que é o terceiro pilar do islão

Apêndice A

Factos sobre a Arábia Saudita

Chefe de Estado: Sua Majestade o Rei Salman ibn Abdul Aziz al-Saud

Título oficial: Guardião das Duas Mesquitas Sagradas

Principais cidades

Riade – capital

Gidá – cidade portuária

Meca – cidade mais sagrada do islão; os muçulmanos rezam virados para ela

Medina – onde está sepultado o profeta Maomé

Taif – capital de verão e estância de veraneio

Dammam – cidade portuária e centro de comércio

Dhahran – centro petrolífero

al-Khobar – centro de comércio

Yanbu – terminal de embarque de gás natural

Hail – centro de negócios

Jubail – cidade industrial

Ras Tanura – centro de refinação de petróleo

Hofuf – principal cidade do oásis de al-Hasa

Religião

Islão: é crime praticar outras religiões na Arábia Saudita.

Festas Nacionais

Eid al-Fitr – cinco dias

Eid al-Adha – oito dias

Resumo Histórico

A Arábia Saudita é uma nação de tribos cujas raízes remontam às primeiras civilizações da península Arábica. Os antepassados dos sauditas modernos viviam nas proximidades de antigas e importantes rotas comerciais e grande parte do seu rendimento derivava do saque. Divididas por regiões e lideradas por chefes tribais independentes, as várias tribos que se combatiam foram, no século VII, unificadas por uma religião única, o islão, sob a liderança do profeta Maomé. Ainda antes da morte do Profeta, aos sessenta e três anos, a maior parte da Arábia era muçulmana.

Os antepassados dos atuais governantes da Arábia Saudita dominaram quase toda a península

durante o século XIX. Depois de perderem a maior parte do território para os Turcos, foram expulsos de Riade e refugiaram-se no Kuwait. O rei Abdul Aziz al-Saud, pai do atual rei, regressou a Riade e lutou para reconquistar o país. Foi bem-sucedido e fundou a moderna Arábia Saudita em 1932. Com a descoberta do petróleo, em 1938, a Arábia Saudita tornou-se rapidamente um dos países mais ricos e influentes do mundo.

Geografia

A Arábia Saudita, com uma área de 2 240 000 quilómetros quadrados, tem um terço do tamanho dos Estados Unidos e uma superfície igual à da Europa Ocidental. O país situa-se na encruzilhada de três continentes: África, Ásia e Europa. Estendendo-se desde o mar Vermelho, a oeste, ao golfo Pérsico, a leste, faz fronteira com a Jordânia, Iraque e Kuwait, a norte, e o Iémen e Omã, a sul. Os Emirados Árabes Unidos, o Qatar e o Barém ficam a leste.

Terra dura e inóspita, sem rios e com poucos ribeiros permanentes, alberga o Rub al-Khali (o Quadrante Vazio), que é o maior deserto de areia do mundo. A sudoeste, os cumes das cadeias montanhosas da província de Asir erguem-se acima dos 2700 metros.

Calendário

A Arábia Saudita usa o calendário islâmico, que se baseia no ano lunar, e não o calendário georgiano, que se baseia no ano solar. Um mês lunar é o tempo decorrido entre duas luas novas sucessivas. O ano lunar compreende doze meses, mas é onze dias mais curto do que o ano solar. Por esta razão, os dias santos vão mudando de uma estação para outra.

As datas do ano lunar têm a sua origem em 622 d.C., o ano da Hégira, a fuga do profeta Maomé de Meca para Medina. O dia santo islâmico é a sexta-feira. A semana de trabalho na Arábia Saudita começa ao sábado e termina à quinta-feira.

Economia

Mais de um quarto das reservas mundiais de petróleo conhecidas jazem sob as areias da Arábia Saudita. Em 1933, a Standard Oil Company of California conseguiu os direitos de prospeção de petróleo na Arábia Saudita. Em 1938, foi descoberto petróleo no Dammam Oil Well # 7 (Poço de Petróleo N.º 7 de Dammam), que ainda hoje continua a produzir. A Arabian American Oil Company (Aramco) foi fundada em 1944 e ficou com os direitos de prospeção de petróleo no país. Em 1980, o governo saudita assumiu a propriedade da Aramco.

A riqueza petrolífera do reino permite que os cidadãos da Arábia Saudita tenham o género de estilo de vida opulento de que poucos desfrutam. Com educação gratuita e empréstimos isentos de juros, a maior parte dos sauditas prospera. Todos os cidadãos sauditas, bem como os peregrinos muçulmanos, têm direito a assistência médica gratuita. Os programas do governo proporcionam ajuda a todos os sauditas em caso de incapacidade física, morte ou reforma. Todo o país é um impressionante Estado socialista. Em termos económicos, a Arábia Saudita é hoje uma nação moderna e tecnologicamente avançada.

Moeda

O rial saudita é a unidade monetária base na Arábia Saudita. O rial subdivide-se em 100 halalas e é emitido em notas e moedas de diversos valores. O rial equivale a 3,7504 do dólar americano.

Lei e Governo

A Arábia Saudita é um Estado islâmico e a lei baseia-se na *sharia*, o código de lei muçulmano deduzido das páginas do Corão, e na Suna, que é o conjunto de tradições estabelecidas pelo profeta Maomé. O Corão é a Constituição do país e serve de orientação para os julgamentos legais.

O poder executivo e legislativo é exercido pelo rei e pelo Conselho de Ministros. As suas decisões baseiam-se na *sharia*. Todos os ministros e agências governamentais respondem perante o rei.

Religião

A Arábia Saudita é o berço do islão, uma das três religiões monoteístas. Os muçulmanos acreditam num só Deus e que Maomé é o seu profeta. Como terra natal do islão, a Arábia Saudita ocupa um lugar especial no mundo muçulmano. Todos os anos, milhões de peregrinos muçulmanos fazem a viagem até Meca, na Arábia Saudita, para prestarem homenagem a Deus. Por esta razão, a Arábia Saudita é um dos países muçulmanos mais tradicionalistas e os seus cidadãos aderem a uma interpretação estrita do Corão.

Um muçulmano tem cinco obrigações, chamadas os Cinco Pilares do Islão. Estas obrigações são:

- 1) Profissão de fé: «Não há outro deus senão Deus; Maomé é o mensageiro de Deus.»
- 2) Um muçulmano deve rezar cinco vezes por dia, voltado para a cidade de Meca.
- 3) Um muçulmano deve pagar aos pobres uma percentagem fixa do seu rendimento, chamada *zakat*.
- 4) Durante o nono mês do calendário islâmico, um muçulmano deve jejuar. Durante este período, chamado Ramadão, os muçulmanos devem abster-se de comer e de beber desde o nascer ao pôr do sol.
- 5) Um muçulmano deve fazer o *hajj*, ou peregrinação, pelo menos uma vez durante a sua vida (se tiver os meios económicos para tal).

Arábia Saudita – Cronologia

570 – 19 de janeiro. Nasce em Meca o profeta Maomé, fundador do islão.

632 – 8 de junho. O profeta Maomé morre em Medina. Na sequência da sua morte, os companheiros reúnem os seus ditos e ações numa obra chamada Suna, que contém as regras do islão. As mais básicas são os Cinco Pilares do Islão, que são 1) profissão de fé; 2) orações diárias; 3) dar esmola; 4) jejum ritual durante o Ramadão; 5) *hajj*, a peregrinação a Meca.

séc. XV Fundação da dinastia Saud, perto de Riade.

1703 – Nasce na Arábia Muhammad ibn al-Wahhab (f. 1792), teólogo islâmico fundador do wahhabismo.

- 1710 – Nasce Muhammad ibn al-Saud.
- 1742-65 – Muhammad ibn Saud al-Saud junta-se aos wahhabitas.
- 1744 – Muhammad ibn al-Saud forja uma aliança política e familiar com o erudito e reformador muçulmano Muhammad ibn al-Wahhab. O filho de ibn Saud casa com a filha do imã Muhammad.
- 1804 – Os wahhabitas tomam Medina.
- 1811 – O governante egípcio Muhammad Ali derruba os wahhabitas e restaura a soberania otomana na Arábia.
- 1813 – Os wahhabitas são expulsos de Meca.
- 1824 – A família al-Saud estabelece uma nova capital em Riade.
- 1876 – Nasce o avô de Sultana, Abdul Aziz ibn Saud, fundador do reino.
- 1883 – *20 de maio*. Nasce em Meca Faisal ibn Hussein, que mais tarde se tornará rei da Síria (1920) e do Iraque (1921).
- 1890 – Muhammad ibn Rasheed toma Riade, expulsando a família al-saud.
- 1890-1902 – A família al-Saud vive no exílio (do Qatar para o Barém e finalmente para o Kuwait) até 1902, quando recupera o controle de Riade.
- 1901 – Abdul Aziz deixa o Kuwait para regressar à Arábia com a família e amigos e planos para atacar Riade.
- 1902 – *Janeiro*. Abdul Aziz ataca o forte de Mismak e reconquista Riade.
Nasce Saud ibn Abdul Aziz, filho de ibn Saud. Por morte do pai, governará a Arábia Saudita de 1953 a 1964
- 1904 – Nasce Faisal ibn Abd al-Aziz, que um dia será rei da Arábia Saudita.
- 1906 – Abdul Aziz al-Saud recupera o controle total da região do Nejd.
- 1906-26 – Abdul Aziz al-Saud e as suas forças conquistam vastas áreas e unificam grande parte da Arábia.
- 1916 – Meca, sob domínio turco, cai em poder dos Árabes durante a Grande Revolta Árabe.
- 1916 – O oficial britânico T.E. Lawrence conhece Faisal Hussein e torna-se seu amigo.
- 1916 – T.E. Lawrence é nomeado oficial de ligação britânico junto do príncipe árabe Faisal Hussein.
- 1917 – *6 de julho*. Forças árabes lideradas por T.E. Lawrence e Abu Tayi reconquistam aos Turcos o porto de Aqaba.
- 1918 – *1 de outubro*. O príncipe Faisal assume o controle da Síria quando a principal força árabe entra em Damasco.
- 1918 – Lawrence da Arábia dinamita a via-férrea de Hejz na Arábia Saudita.
- 1921 – Na Conferência do Cairo, a Grã-Bretanha e a França dividem a Arábia e criam a Jordânia e o Iraque, tornando reis os irmãos Faisal e Abdullah. A França anexa os atuais Síria e Líbano à sua esfera de influência.
- 1923 – Fahd, filho de Abdul Aziz, nasce em Riade. Será um dia rei da Arábia Saudita.
- 1924 – Ibn Saud, rei de Nedj, conquista o reino de Hejaz a Hussein. Reina na Arábia Saudita e mais

tarde toma Meca e Medina.

1926 – *Janeiro*. Abdul Aziz é proclamado rei de Hejaz e sultão de Nedj.

1927 – A Arábia Saudita assina o Tratado de Gidá e torna-se independente da Grã-Bretanha.

1927-28 – O rei Abdul Aziz esmaga as tribos islâmicas fanáticas da Arábia Central.

1931 – Mohammad bin Laden (que um dia será pai de Osama bin Laden) emigra do Iémen para a Arábia Saudita. Trabalha duramente para criar o seu negócio e acaba por estabelecer uma relação com o rei Abdul Aziz e o rei Faisal.

1932 – Os reinos de Nedj e Hejaz são unificados para criar o reino da Arábia Saudita, tendo como soberano Abdul Aziz ibn Saud. A Arábia Saudita recebeu o nome do rei ibn Saud, fundador da dinastia Saud, cujos quarenta e quatro filhos continuam a liderar os destinos do reino rico em petróleo.

1933 – A Arábia Saudita atribui à Standard Oil of California direitos exclusivos para a exploração do petróleo.

1938 – A Standard Oil of California descobre petróleo no Poço N.º 7 de Dammam.

1945 – *14 de fevereiro*. O rei saudita Abdul al-Aziz e o presidente norte-americano Franklin D. Roosevelt encontram-se a bordo de um navio no canal do Suez e chegam a um acordo nos termos do qual os Estados Unidos se comprometem a proteger a família real saudita em troca de acesso ao petróleo.

22 de março. A Liga Árabe é formada no Cairo, Egito.

A Arábia Saudita torna-se membro fundador das Nações Unidas e da Liga Árabe.

1953 – Morre o rei Abdul Aziz, avô de Sultana, aos setenta e sete anos. O filho, Saud, sucede-lhe no trono.

1953-64 – Reinado do rei Saud.

1957 – *Sexta-feira, 15 de fevereiro*. Osama bin Laden nasce de madrugada em Riade, Arábia Saudita. Os seus pais são o iemenita Mohammad Awad bin Laden e a síria Alia Ghanem.

1962 – A Arábia Saudita declara a abolição da escravatura.

1964 – *2 de novembro*. Faisal ibn Abdul Aziz al-Saud (1904-1975) sucede ao irmão mais velho, Saud bin Abdul Aziz, como rei da Arábia Saudita.

1964-75 – Reinado do rei Faisal.

1965 – O rei Faisal desafia a oposição islâmica fundamentalista ao introduzir a televisão e, mais tarde, a educação para as mulheres. A decisão provoca motins. O governo convence os clérigos mais destacados de que a televisão pode ser utilizada para promover a fé.

1967 – *6 de junho*. Os países árabes iniciam um embargo petrolífero na sequência da guerra israelo-árabe dos Seis Dias.

3 de setembro. Mohammad bin Laden, o pai milionário de Osama bin Laden, morre num acidente de avião, deixando o bem-estar dos filhos ao cuidado do rei Faisal.

1973 – É anunciado um embargo petrolífero às nações ocidentais, que se prolonga até 1974. Os preços da gasolina disparam de 25 centavos para 1 dólar por galão. Como resultado, a bolsa de

Nova Iorque entra em queda.

1975 – 25 de março. O rei Faisal da Arábia Saudita é assassinado pelo sobrinho.

O príncipe herdeiro Khalid é proclamado rei.

18 de junho. O príncipe Faisal ibn Musaid é decapitado em Riade por ter assassinado o tio, o rei Faisal. O príncipe herdeiro Khalid é proclamado rei.

Novembro. Homens e mulheres armados ocupam a Grande Mesquita de Meca em protesto contra os governantes da família al-Saud e exigem o fim dos hábitos estrangeiros. Os radicais são liderados pelo pregador saudita Juhayman al-Utaybi. A ocupação continua até à chegada de forças especiais francesas trazidas para Meca para ajudar. Os extremistas são abatidos a tiro ou capturados, sendo depois decapitados.

1980 – Osama bin Laden inicia a sua luta contra os soviéticos no Afeganistão, onde virá a fundar a al-Qaeda.

A Arábia Saudita executa os radicais capturados que participaram na ocupação da Grande Mesquita e que são decapitados em várias cidades do país.

1982 – 13 de junho. Morre o rei Khalid. Sucede-lhe o meio-irmão, o príncipe herdeiro Fahd.

1983-2005 – O príncipe Bandar bin Sultan al-Saud, um dos sobrinhos preferidos do rei Fahd, assume as funções de embaixador da Arábia Saudita em Washington.

1985 – A Grã-Bretanha assina com a Arábia um contrato de oitenta mil milhões de dólares para o fornecimento de cento e vinte aviões de combate e outro equipamento militar ao longo um período de vinte anos.

1987 – 31 de julho. Peregrinos iranianos e a polícia de intervenção entram em confronto na cidade sagrada de Meca. Os iranianos são considerados responsáveis pela morte de 402 pessoas.

1988 – Osama bin Laden, natural da Arábia Saudita, funda a al-Qaeda («a base»), um grupo fundamentalista sunita que tem como objetivo estabelecer um califado islâmico a nível mundial.

1990 – Julho. Ocorre a maior tragédia dos tempos modernos na Arábia Saudita durante o *hajj*, em Meca, quando 1402 peregrinos muçulmanos são esmagados pela multidão em debandada dentro de um túnel pedonal.

6 de novembro. Um grupo de mulheres sauditas conduz nas ruas de Riade, desafiando a proibição do governo. O protesto cria problemas enormes a estas mulheres, que são detidas e despedidas dos seus empregos, proibidas de viajar e declaradas prostitutas. O evento levou a que as mulheres fossem formalmente proibidas de conduzir.

A Arábia Saudita e o Kuwait expulsam um milhão de trabalhadores iemenitas, quando o Iémen toma o partido de Saddam Hussein na primeira Guerra do Golfo.

1991 – Janeiro. Forças lideradas pelos Estados Unidos atacam o exército do Iraque no Kuwait. Começa a guerra no terreno entre o Iraque e as forças da coligação. As tropas iraquianas são expulsas do Kuwait e deixam de constituir um perigo para a Arábia Saudita.

1992 – O rei Fahd esboça uma estrutura institucional para o país. É aprovada uma lei que permite ao rei nomear sucessores os irmãos ou sobrinhos e substituir o sucessor designado como desejar.

1994 – 23 de maio. Duzentos e setenta peregrinos morrem esmagados pela multidão em Meca, quando os fiéis se reuniam para o ritual simbólico do «apedrejamento do Diabo».

Osama bin Laden é renegado pela sua família saudita e é-lhe retirado o estatuto de cidadão daquele país. A sua fortuna é calculada em 250 milhões de dólares.

1995 – Durante este ano, são decapitadas 192 pessoas na Arábia Saudita – um número recorde.

1996 – Osama bin Laden é convidado a sair do Sudão devido à pressão exercida pela administração Clinton sobre o governo do país. Osama regressa ao Afeganistão levando consigo o filho Omar. A restante família e colaboradores próximos juntam-se-lhe pouco depois.

1996 – O rei Fahd, velho e doente, cede o poder ao meio-irmão, o príncipe herdeiro Abdullah.

1997 – Trezentos e quarenta e três peregrinos muçulmanos morrem num incêndio nas imediações da cidade sagrada de Meca. Há mais de mil feridos.

1998 – Cento e cinquenta peregrinos morrem durante o ritual do «apedrejamento do Diabo», vítimas de uma debandada no último dia da peregrinação anual à cidade sagrada de Meca.

1999 – O governo da Arábia Saudita anuncia a intenção de emitir vistos de viagem para grupos de turismo de alto nível.

2001 – *26 de janeiro.* Um painel da ONU provoca a ira do governo e dos cidadãos sauditas ao acusar a Arábia Saudita de discriminação contra as mulheres, assédio a menores e castigos como o açoitamento e o apedrejamento.

5 de março. Trinta e cinco peregrinos muçulmanos morrem sufocados durante o ritual de «apedrejamento do Diabo» no hajj anual a Meca.

Março. O Comité Supremo para a Investigação Científica e a Lei Islâmica da Arábia Saudita informa que os jogos e as cartas Pokémon «tinham possuído as mentes» das crianças sauditas.

Setembro. Depois do 11 de setembro, seis voos charter com cidadãos sauditas saem dos EUA. Alguns dias mais tarde, outro voo fretado que transporta 26 membros da família bin Laden parte igualmente dos Estados Unidos.

2002 – *17 de fevereiro.* Abdullah, o príncipe herdeiro saudita, apresenta a Thomas Friedman, colunista do *New York Times*, um plano de paz para o Médio Oriente. O plano inclui o reconhecimento do direito de Israel à existência, se Israel retirar dos territórios que em tempos tinham feito parte da Jordânia, incluindo Jerusalém Oriental e a Cisjordânia.

Março. Deflagra um incêndio numa escola para raparigas, em Meca, mas a polícia impede as alunas de saírem do edifício por não estarem a usar o véu. A morte de quinze estudantes provoca uma onda de raiva que alastra a toda a Arábia Saudita.

13 de abril. O poeta saudita Ghazi al-Gosaibi, embaixador saudita no Reino Unido, publica no diário *al-Hayat* o poema «Os Mártires», em louvor de um bombista suicida palestino.

25 de abril. O presidente norte-americano George W. Bush encontra-se com Abdullah, o príncipe herdeiro saudita. Abdullah diz-lhe que os Estados Unidos devem reconsiderar o apoio total que têm concedido a Israel e entrega-lhe a sua proposta com oito pontos para a paz no Médio Oriente.

Abril. O governo saudita manda encerrar várias fábricas que produzem véus e abayas a pretexto de violarem as leis religiosas. Algumas capas, com pedras preciosas cosidas nos ombros, são consideradas demasiado luxuosas.

Maio. Diplomatas sauditas e membros da Comissão das Nações Unidas Contra a Tortura

entram em desacordo. Pomo da discórdia: as flagelações e as amputações de membros violam ou não a Convenção Contra a Tortura, de 1987.

Dezembro. Dissidentes sauditas anunciam o lançamento de uma nova estação de rádio, a Sawt al-Islam (a Voz da Reforma), que emite a partir da Europa. A nova estação é criada com o propósito expresso de promover reformas na Arábia Saudita.

2003 – Fevereiro. Mina, Arábia Saudita: 14 peregrinos muçulmanos são espezinhados até à morte quando um crente tropeça durante a peregrinação anual do hajj.

29 de abril. O governo dos Estados Unidos anuncia a retirada de todas as forças combatentes estacionadas na Arábia Saudita.

12 de maio. Vários e simultâneos ataques suicidas com carros-bombas em três complexos estrangeiros em Riade matam vinte e seis pessoas, incluindo nove cidadãos dos Estados Unidos.

14 de outubro. Centenas de sauditas saem à rua para exigir reformas. É o primeiro grande protesto no país, onde as manifestações são ilegais.

2004 – Descobre-se que no ano anterior (2003) a Líbia tinha planeado uma operação clandestina para assassinar o príncipe herdeiro Abdullah.

1 de fevereiro. Durante o hajj, 251 peregrinos morrem numa debandada.

10 de abril. Rania al-Baz, a popular apresentadora da TV da Arábia Saudita, é brutalmente espancada pelo marido, que julgou tê-la matado. Rania sobreviveu com várias fraturas faciais que exigiram doze intervenções cirúrgicas. Permitiu que fotografias suas fossem divulgadas e participou em debates sobre a violência contra as mulheres no país. Viajou para França, onde escreveu a sua história. Foi anunciado que perdeu a custódia dos filhos depois de o livro ter sido publicado.

Maio. Em Yanbu, na Arábia Saudita, alegados militantes disparam indiscriminadamente no interior dos escritórios de uma empresa petrolífera, a ABB Ltd., com sede em Houston. Seis pessoas morrem e muitas mais ficam feridas. A polícia abate quatro irmãos num tiroteio, no final de uma perseguição em que os atacantes terão arrastado o corpo nu de uma das vítimas atrás do carro de fuga.

6 de junho. Simon Chambers (36 anos), um operador de câmara irlandês ao serviço da BBC, é morto num tiroteio em Riade. Um correspondente da BBC fica ferido.

8 de junho. Um cidadão norte-americano que trabalha para uma empresa de defesa dos Estados Unidos é morto a tiro em Riade.

12 de junho. Um norte-americano é raptado em Riade. A al-Qaeda publica uma fotografia do homem num website islâmico. É identificado como Paul M. Johnson, um funcionário da Lockheed Martin. Militantes islâmicos assassinam a tiro o cidadão norte-americano Kenneth Scroggs na sua garagem em Riade.

13 de junho. Decorre em Medina um «diálogo nacional» de três dias sobre as maneiras de melhorar a vida das mulheres. As conclusões são entregues ao príncipe herdeiro Abdullah.

15 de junho. A al-Qaeda ameaça executar Paul M. Johnson Jr dentro de setenta e duas horas a menos que militantes jihadistas sejam libertados das prisões sauditas.

18 de junho. A al-Qaeda afirma ter matado o refém norte-americano Paul M. Johnson Jr. São publicadas na Internet fotografias que mostram o corpo e a cabeça decepada.

Junho. Legislação aprovada pelo Parlamento saudita revoga a lei que proíbe raparigas e mulheres de participar em aulas de Educação Física e em eventos desportivos. Em agosto, o Ministério da Educação anuncia que não respeitará esta nova legislação.

20 de julho. A cabeça do refém norte-americano Paul M. Johnson Jr é encontrada durante um raide levado a cabo pelas forças de segurança sauditas.

30 de julho. Nos Estados Unidos, num tribunal da Virgínia, Abdurahman Alamoudi declara-se culpado de ter transferido dinheiro da Líbia para pagar as despesas de uma conjura para assassinar o príncipe saudita Abdullah.

28 de setembro. A mais alta autoridade religiosa da Arábia Saudita proíbe o uso de telemóveis com máquinas fotográficas incluídas. O édito afirma que os telefones «espalham obscenidade» pelo país.

6 de dezembro. Nove pessoas são mortas no consulado norte-americano em Gidá quando militantes islâmicos lançam explosivos contra os portões do edifício fortemente guardado. Os atacantes conseguem forçar a entrada e trava-se uma batalha a tiro.

2005 – 13 de janeiro. Funcionários judiciais sauditas dizem que um tribunal religioso sentenciou quinze sauditas, incluindo uma mulher, a 250 chicotadas cada e seis meses de prisão por terem participado num protesto contra a monarquia.

10 de fevereiro. Enquanto as mulheres estão proibidas de votar, os homens sauditas acorrem às secções eleitorais na região de Riade para participar nas eleições municipais. É a primeira vez na história do país que os Sauditas participam em eleições conformes aos padrões internacionais.

3 de março. Homens do Leste e Sul da Arábia Saudita aparecem aos milhares para votar nas eleições municipais. É a primeira oportunidade que têm de participar na tomada de decisões no seio de uma monarquia absoluta.

1 de abril. Três homens são decapitados em público na cidade nortenha de al-Jawf; em 2003, aqueles três homens tinham assassinado um vice-governador, o juiz de um tribunal religioso e um tenente da polícia.

15 de maio. Três advogados reformistas são condenados a penas de prisão que vão dos seis aos nove anos. Os ativistas dos direitos humanos classificam o julgamento como «uma farsa».

15 de maio. O escritor e poeta saudita Ali al-Dimeeni é condenado a nove anos de prisão por dissidência, desobedecer aos seus governantes e sedição. Em 1998, o romance A Gray Cloud tem como principal personagem um dissidente encerrado numa prisão de uma nação-deserto onde outros já estiveram presos por motivos políticos.

27 de maio. Fahd ibn Abdul Aziz al-Saud, rei da Arábia Saudita há vinte e três anos, é hospitalizado por razões não especificadas.

1 de agosto. O rei Fahd morre no Hospital Especializado e Centro de Pesquisa Rei Faisal de Riade. O seu meio-irmão, o príncipe herdeiro Abdullah, é nomeado para o substituir.

8 de agosto. Cresce a esperança na Arábia Saudita depois de o novo rei, Abdullah, indultar quatro destacados ativistas que tinham sido presos por criticarem o rígido ambiente religioso e a lentidão da reforma democrática.

15 de setembro. O governo saudita ordena à Câmara de Comércio de Gidá que permita a

participação de mulheres como eleitoras e candidatas.

21 de setembro. Dois homens são decapitados em Riade depois de terem sido considerados culpados de rapto e violação de uma mulher.

17 de novembro. Na sequência de um julgamento que começou a 12 de novembro, um professor de Química de um liceu saudita, acusado de discutir religião com os seus alunos, é condenado a 750 chicotadas e catorze meses de prisão, por blasfêmia.

27 de novembro. Para delícia de todas as sauditas, duas mulheres são eleitas para uma Câmara de Comércio em Gidá. É a primeira vez que mulheres conseguem um tal cargo num país onde a vida política lhes está praticamente vedada.

8 de dezembro. Líderes de cinquenta países muçulmanos prometem combater a ideologia extremista. Comprometem-se a reformar os manuais escolares, limitar os éditos religiosos e punir o financiamento do terrorismo.

A Arábia Saudita aprova uma lei que proíbe os funcionários do Estado de fazer qualquer declaração pública que discorde da política oficial.

2006 – 12 de janeiro. Milhares de peregrinos tropeçam na bagagem durante o hajj; 363 pessoas morrem esmagadas.

26 de janeiro. A Arábia Saudita chama o seu embaixador na Dinamarca em protesto contra uma série de caricaturas do profeta Maomé publicada pelo jornal Jyllands-Posten. A indignação espalha-se pelo mundo durante semanas, provocando dezenas de mortos.

12 de fevereiro. Na sequência da publicação das doze caricaturas do Profeta – num gesto considerado de autocensura – o Jyllands-Posten coloca um pedido de desculpas de página inteira num jornal propriedade de um saudita.

6 de abril. O queijo e a manteiga da empresa dinamarquesa Arla voltam às prateleiras dos supermercados sauditas no final de um boicote provocado pela publicação das imagens ofensivas.

Abril. O governo saudita anuncia a intenção de construir uma vedação eletrificada ao longo dos 900 quilómetros da sua fronteira com o Iraque.

16 de maio. Os jornais da Arábia Saudita anunciam que receberam ordens do governo para não publicar fotografias de mulheres. O rei afirma que essas fotografias farão os homens jovens transviarem-se.

18 de agosto. De acordo com o Financial Times, a Grã-Bretanha assinou um contrato multimilionário para vender à Arábia Saudita setenta e dois aviões Eurofighter Typhoon.

20 de outubro. Numa tentativa de despoletar as lutas intestinas pelo poder, o rei Abdullah confere novos poderes aos irmãos e sobrinhos. De futuro, um conselho de trinta príncipes escolherá o príncipe herdeiro.

O reino decapitou 83 pessoas em 2005 e 35 em 2004.

2007 – Um juiz saudita condena vinte estrangeiros a penas de prisão e chicotadas depois de os declarar culpados de terem estado presentes numa festa mista em que foi servido álcool e homens e mulheres dançaram.

17 de fevereiro. Um relatório publicado por um grupo de defesa dos direitos humanos norteamericano revela que o governo saudita mantém presas milhares de pessoas sem acusação,

condena crianças à morte e oprime as mulheres.

19 de fevereiro. Um tribunal saudita ordena que os corpos de quatro cingaleses decapitados por roubo à mão armada sejam exibidos numa praça pública.

26 de fevereiro. Quatro franceses são abatidos a tiro na berma de uma estrada do deserto que conduz à cidade santa de Medina, numa área estritamente reservada a muçulmanos.

Fevereiro. Dez intelectuais sauditas são presos depois de terem assinado uma delicada petição em que sugerem que é tempo de o país considerar uma transição para uma monarquia constitucional.

27 de abril. Na sequência de uma das maiores operações contra células terroristas na Arábia Saudita, o Ministério do Interior anuncia a captura de 172 militantes islâmicos. Os militantes frequentaram cursos de pilotagem no estrangeiro para poderem replicar o 11 de setembro e lançar ataques com aviões contra os campos petrolíferos sauditas.

5 de maio. O príncipe Abdul-Majid ibn Abdul-Aziz, governador de Meca, morre aos sessenta e cinco anos vítima de doença prolongada.

9 de maio. Uma mulher etíope acusada de matar um egípcio por causa de uma disputa é decapitada. Khadija bint Ibrahim Moussa é a segunda mulher executada este ano. As decapitações são feitas com espada numa praça pública.

23 de junho. Um juiz saudita adia o julgamento de três membros da polícia religiosa acusados de envolvimento na morte de um homem detido depois de ter sido visto com uma mulher que não era sua parente.

9 de novembro. Khalaf al-Anzi, condenado pelo rapto e violação de uma adolescente, é decapitado em Riade.

Um paquistanês é decapitado por tráfico de droga. Esta execução eleva para 131 o número de pessoas decapitadas no reino em 2007.

14 de novembro. Um tribunal saudita condena uma rapariga de nove anos violada por um grupo de homens a seis meses de prisão e 200 chicotadas. O tribunal também proíbe o advogado de a defender, confiscando-lhe a licença para exercer Direito e chamando-o a uma audiência disciplinar.

17 de dezembro. Uma vítima de múltiplas violações condenada a seis meses de prisão e 200 chicotadas é perdoada pelo rei saudita depois de o caso ter provocado duras críticas por parte do governo americano.

2008 – 21 de janeiro. O jornal al-Watan noticia que o Ministério do Interior dirigiu uma circular a todos os hotéis a pedir-lhes que aceitem mulheres sozinhas desde que os seus dados sejam comunicados à esquadra de polícia local.

14 de fevereiro. Um destacado grupo de defesa dos direitos humanos apela ao rei Abdullah da Arábia Saudita para que suspenda a execução de uma mulher acusada de bruxaria e de praticar atos sobrenaturais.

19 de maio. O professor Matrook al-Faleh é detido na Universidade Rei Saud depois de ter criticado publicamente as condições em que dois outros ativistas dos direitos humanos cumprem as suas penas de prisão.

24 de maio. É decapitado um homem acusado de assalto à mão armada e de violar uma mulher.

A execução eleva para 55 o número de pessoas decapitadas em 2008.

20 de junho. A polícia religiosa detém vinte e um homens alegadamente homossexuais e confisca grandes quantidades de álcool num grande encontro de jovens numa pousada em Qatif.

8 de julho. Um grupo de defesa dos direitos humanos afirma que na Arábia Saudita as empregadas domésticas são com frequência sujeitas a abusos que em alguns casos chegam à escravatura, bem como a violência sexual e flagelações por alegações espúrias de roubo e bruxaria.

30 de julho. A polícia religiosa proíbe a venda de cães e gatos como animais de estimação. Também proíbe os proprietários de passear os seus animais em público porque os homens usam cães e gatos como pretexto para abordar mulheres.

11 de setembro. O xeque Saleh al-Lihedan, a mais alta autoridade judicial da Arábia Saudita, emite um decreto religioso em que se afirma que é permissível matar os proprietários de redes de TV por satélite que transmitam conteúdos imorais. Mais tarde modera o seu comentário dizendo que os proprietários de redes de TV por satélite que transmitam conteúdos imorais devem ser levados a julgamento e condenados à morte se outros castigos não os dissuadirem.

Novembro. Um telegrama diplomático da embaixada dos Estados Unidos afirma que doadores na Arábia Saudita e nos Emirados Árabes Unidos enviam anualmente cerca de 100 milhões de dólares a escolas islâmicas radicais no Paquistão que apoiam a militância.

10 de dezembro. A Comissão Europeia confere o primeiro Prémio Chaillot à Sociedade Filantrópica para as Mulheres al-Nahda, uma organização de beneficência saudita que ajuda as mulheres divorciadas e desfavorecidas.

2009 – 4 de janeiro. O mais alto clérigo da Arábia Saudita é citado como tendo dito que é permissível raparigas de dez anos casarem. Terá acrescentado que quem pensa que as raparigas dessa idade são demasiado novas para casar está a fazer-lhes uma injustiça.

14 de fevereiro. O rei Abdullah (de 65 anos) demite o xeque Saleh al-Lihedan. O rei nomeia Nora al-Fayez ministra adjunta para a Educação das Mulheres, a primeira mulher na história da Arábia Saudita a ocupar um cargo ministerial.

3 de março. Khamisa Sawadi, uma viúva com setenta e cinco anos, é condenada a quarenta chicotadas e quatro meses de prisão por conversar com dois jovens que não são seus parentes.

22 de março. Um grupo de clérigos sauditas exorta o novo ministro da Informação a proibir o aparecimento de mulheres na TV e nos jornais e revistas.

27 de março. O rei Abdullah nomeia o seu meio-irmão, o príncipe Naif, para o cargo de seu segundo vice-primeiro-ministro.

30 de abril. Uma rapariga de oito anos divorcia-se do marido de meia-idade depois de o pai a ter obrigado casar com ele a troco de 13 000 dólares. A Arábia Saudita permite o casamento de crianças desta idade.

29 de maio. Um homem é decapitado e crucificado por ter assassinado um rapaz de onze anos e o pai.

6 de junho. O filme saudita Menahi passa em Riade mais de trinta anos depois de o governo ter começado a encerrar cinemas. Não foi permitida a presença de mulheres, só homens e crianças, incluindo raparigas até aos dez anos.

15 de julho. O cidadão saudita Mazen Abdul-Jawad aparece no programa Bold Red Line da estação de TV por satélite libanesa LBC e choca os Sauditas falando em público das suas proezas sexuais. Mais de 200 sauditas apresentam queixa em tribunal contra Abdul-Jawad, que os media apelidam de «fanfarrão sexual», e muitos dizem que devia ser severamente punido. Abdul-Jawad é julgado por um tribunal saudita em 2009 e condenado a cinco anos de prisão e 1000 chicotadas.

9 de agosto. As agências noticiosas italianas anunciam que foram roubados joias e dinheiro no valor de 11 milhões de euros do quarto de hotel da princesa saudita Sardinia, provocando um incidente diplomático.

27 de agosto. Um bombista suicida visa o príncipe Mohammed ibn Naif, o vice-ministro do Interior, ao fazer-se explodir pouco antes de um encontro de fiéis para celebrar o mês santo do Ramadão, em Gidá. O seu alvo, o príncipe Naif, sofre apenas ferimentos ligeiros.

23 de setembro. É inaugurada na cidade costeira de Gidá uma nova universidade mista que custou muitos milhões de dólares. A Universidade de Ciência e Tecnologia Rei Abdullah orgulha-se dos seus moderníssimos laboratórios, do seu supercomputador, que é décimo quarto mais rápido do mundo, e do facto de ter uma das maiores dotações financeiras a nível mundial. Tem atualmente inscritos 817 estudantes de sessenta e um países, 314 dos quais começaram as aulas em setembro de 2009.

24 de outubro. Rozanna al-Yami, de vinte e dois anos, é julgada e condenada pelo seu envolvimento no programa Bold Red Line, em que apareceu Abdul-Jawad. É sentenciada a sessenta chicotadas e pensa-se que é a primeira jornalista saudita a quem foi aplicado um tal castigo. O rei Abdullah anulou a sentença de flagelação, o segundo perdão deste género num caso de alta visibilidade em anos recentes. O rei ordenou que o caso de al-Yami fosse transferido para uma comissão do ministério.

Outubro. A família bin Laden surge na ribalta com A Minha Vida com Osama bin Laden, escrito pela autora americana Jean Sasson. O livro baseia-se em entrevistas que Sasson fez a Omar bin Laden e à mãe, Najwa bin Laden.

9 de novembro. Um vidente libanês, Ali Sibat, que fazia previsões num canal de TV por satélite a partir de sua casa em Beirute, é condenado à morte por bruxaria. Quando, em maio de 2008, se desloca a Medina em peregrinação, é preso e ameaçado de decapitação. No ano seguinte, um painel de três juízes decide que não há provas suficientes de que as ações de Sibat prejudiquem terceiros. Ordena que o caso seja novamente julgado em Medina e recomenda que a sentença seja comutada e Sibat deportado.

2010 – 19 de janeiro. Uma rapariga de treze anos é condenada a noventa chicotadas e três meses de prisão por ter agredido uma professora que tentou tirar-lhe o telemóvel.

11 de fevereiro. A polícia religiosa desencadeia uma onda de repressão a nível nacional contra lojas que vendam artigos vermelhos; segundo afirma, a cor é uma referência à celebração do Dia dos Namorados, que é proibida.

6 de março. A Associação Saudita de Direitos Políticos e Cíveis afirma que membros das forças de segurança atacaram uma banca de venda de livros na Feira Internacional do Livro de Riade e confiscaram todas as obras de Abdellah al-Hamid, um conhecido reformista e crítico da família real.

20 de abril. Quando Ahmed bin Qassim al-Ghamidi sugere que os homens e mulheres devem poder conviver livremente, o chefe da poderosa polícia religiosa faz que seja demitido.

10 de Junho. Um cidadão saudita que beijou uma mulher num centro comercial é preso, julgado e condenado a quatro meses de prisão e noventa chicotadas.

22 de junho. Quatro mulheres e onze homens são presos, julgados e condenados a penas de prisão e flagelação por conviverem numa festa.

15 de agosto. Ghazi al-Gosaibi, estadista e poeta saudita, morre de cancro do cólon após doença prolongada. Al-Gosaibi era próximo da família real, apesar de os seus escritos terem estado proibidos no reino durante a maior parte da sua vida. O Ministério da Cultura revogou a proibição um mês antes da sua morte, referindo a sua contribuição para o país.

26 de agosto. T. Ariyawathi, uma criada do Sri Lanka a trabalhar na Arábia Saudita, é internada num hospital para remoção cirúrgica de vinte e quatro pregos embutidos no corpo. O patrão saudita cravou-lhe os pregos como forma de castigo.

17 de novembro. O rei Abdullah demite-se de comandante da Guarda Nacional. O filho assume o cargo.

20 de novembro. Uma jovem de vinte e poucos anos desafia a proibição de conduzir e tem um acidente: o carro capota. Morre ela e as três amigas que a acompanhavam.

22 de novembro. O rei Abdullah desloca-se a Nova Iorque para se submeter um tratamento médico e confia temporariamente o poder ao príncipe herdeiro Sultan, seu meio-irmão.

23 de novembro. Os meios de comunicação do reino anunciam que uma mulher acusada de torturar a sua criada indonésia foi presa e que a criada, Sumiati bint Salan Mustapa, se encontra no hospital com queimaduras e ossos partidos.

Cerca de quatro milhões de mulheres sauditas com mais de vinte anos são solteiras num país com 24,6 milhões de habitantes. É relatado que alguns tutores proíbem as suas pupilas de casar, uma prática conhecida como adhl. Os tutores têm o direito de ficar com os salários delas. A feminista saudita Wajeha al-Huwaider descreve a tutela masculina como «uma forma de escravatura».

2011 – 16 de janeiro. Um grupo de ativistas lança «O Meu País», uma campanha que visa pressionar o reino a permitir a candidatura de mulheres às eleições municipais marcadas para a primavera de 2011.

24 de janeiro. A Human Rights Watch, baseada em Nova Iorque, diz no seu Relatório Anual de 2011 que o governo da Arábia Saudita persegue e encarcera ativistas, muitas vezes sem julgamento, por defenderem o alargamento da tolerância religiosa e que as novas restrições impostas às comunicação eletrónica no reino são severas.

9 de fevereiro. Dez eruditos sauditas moderados pedem ao rei o reconhecimento do seu Partido Islâmico Uma, o primeiro partido político do reino.

15 de fevereiro. O Ministério da Educação anuncia um plano para retirar das bibliotecas das escolas os livros que incitem ao terrorismo ou difamem a religião.

24 de fevereiro. Intelectuais influentes dizem numa declaração que os governantes árabes deviam extrair uma lição das revoltas na Tunísia, no Egito e na Líbia e ouvir a voz desencantada dos seus jovens.

5 de março. O Ministério do Interior da Arábia Saudita afirma que não serão toleradas manifestações e que as forças de segurança agirão contra quem participar nelas.

11 de março. Centenas de polícias são mobilizados na capital para impedir eventuais protestos que exijam reformas democráticas inspirados na onda de agitação que varre o mundo árabe.

2 de maio. Osama bin Laden, fundador e líder do grupo militante islâmico al-Qaeda, é morto no Paquistão, pouco depois da uma da manhã, hora local, por Navy Seals americanos do US Naval Special Warfare Development.

18 de março. O rei Abdullah promete aos cidadãos sauditas um pacote de reformas de muitos milhares de milhões de dólares, aumentos, dinheiro, empréstimos e apartamentos, no que parece ser a tentativa mais cara em todo o mundo árabe de apaziguar a agitação que varreu do poder dois líderes regionais.

22 de maio. As autoridades sauditas voltam a prender a ativista Manal al-Sharif, que tornou a desafiar a proibição de conduzir imposta às mulheres. Tinha sido detida várias horas pela polícia religiosa do país e libertada depois de assinar uma promessa de não conduzir. A Arábia Saudita é o único país do mundo que proíbe as mulheres, nacionais ou estrangeiras, de conduzir.

18 de junho. Ruyati binti Satubi, uma avó indonésia, é decapitada por ter matado um patrão alegadamente abusivo.

28 de junho. A polícia saudita detém uma mulher que conduzia em Gidá, na costa do mar Vermelho. Mais tarde, são detidas quatro outras mulheres acusadas de conduzir.

25 de setembro. O rei Abdullah anuncia que as mulheres sauditas vão poder votar e candidatar-se nas eleições locais de 2015, o que constitui um enorme progresso em matéria de direitos das mulheres no profundamente conservador reino muçulmano.

27 de setembro. Shaima Justaina é sentenciada a dez chicotadas por desafiar a proibição de conduzir. O rei Abdullah apressa-se a anular a decisão do tribunal.

29 de setembro. Os homens sauditas votam em eleições locais para os conselhos, a segunda votação a nível nacional desde sempre no reino. As mulheres não são autorizadas a participar. Os conselhos são um dos poucos corpos eleitos do país, mas não têm verdadeiro poder, servindo apenas para aconselhar as autoridades provinciais.

29 de setembro. Manssor Arbabsiar, um cidadão norte-americano com passaporte iraniano, é preso quando chega ao Kennedy International Airport de Nova Iorque. O México trabalhou de muito perto com as autoridades dos Estados Unidos para desmontar uma conjura de 1,5 milhões de dólares para matar o embaixador da Arábia Saudita em Washington. A 11 de outubro, Arbabsiar é acusado por um tribunal de Nova Iorque de conspirar para matar o diplomata saudita Adel al-Jubeir.

22 de outubro. Morre em Nova Iorque o príncipe Sultan ibn Abdul Aziz, herdeiro do trono saudita. Estava a receber tratamento para uma cancro no cólon, diagnosticado em 2009.

27 de outubro. O poderoso ministro do Interior da Arábia Saudita, príncipe Naif ibn Abdul Aziz, é nomeado novo herdeiro do trono num decreto real lido na televisão estatal.

30 de novembro. A Amnistia Internacional publica mais um relatório em que acusa a Arábia Saudita de levar a cabo, desde o início da Primavera Árabe, uma campanha de repressão contra

os manifestantes que exigem reformas.

6 de dezembro. A Arábia Saudita condena um australiano a 500 chicotadas e um ano de prisão por blasfêmia. Mansor Almaribe foi preso em Medina, a 14 de novembro, durante o hajj, e acusado de insultar os companheiros de Maomé.

10 de dezembro. O jornal saudita Okaz noticia que um homem acusado de ter violado a filha foi sentenciado a receber 2080 chicotadas ao longo de uma pena de prisão de treze anos. Um tribunal de Meca declarou-o culpado de ter violado a filha durante sete anos sob a influência de drogas.

12 de dezembro. As autoridades sauditas executam uma mulher acusada de praticar magia e bruxaria. Segundo as atas do julgamento, enganaria as pessoas convencendo-as de que era capaz de curar doenças, cobrando 800 dólares por consulta.

15 de dezembro. A polícia assalta uma reunião de oração privada, prendendo trinta e cinco cristãos etíopes, vinte e nove dos quais mulheres. Serão posteriormente deportados por «convivência ilícita».

Setenta e seis presos condenados à morte são executados na Arábia Saudita em 2011.

A criada indonésia Satinah binti Jumad Ahmad é condenada à morte por ter assassinado a esposa do patrão em 2007 e roubado dinheiro. Em 2014, o governo indonésio aceita pagar 1,8 milhões de dólares para libertar Satinah.

2012 – 2 de janeiro. As autoridades da Malásia deportam Hamsa Kashagari, um jovem jornalista saudita procurado no seu país por causa de um poster a respeito do profeta Maomé publicado no Twitter, ignorando os pedidos dos grupos de defesa dos direitos humanos que afirmam que enfrenta uma sentença de morte. O tweet dizia: «Há em ti coisas que amei e há em ti coisas que detestei e há em ti muitas coisas que não compreendo.»

Fevereiro. Um decreto real determina que as mulheres apanhadas a conduzir não sejam levadas a tribunal.

22 de março. Os media sauditas anunciam que os jovens solteiros vão passar a poder frequentar os centros comerciais de Riade durante as horas de ponta, na sequência da atenuação das restrições impostas para evitar o assédio a mulheres.

4 de abril. A Arábia Saudita faz saber que vai enviar uma delegação composta exclusivamente por atletas do sexo masculino aos Jogos Olímpicos de Londres. No entanto, o príncipe Nawaf ibn Faisal anuncia que as mulheres que queiram participar como independentes poderão fazê-lo, mas que a autoridade olímpica do país «só ajudará certificando-se de que a sua participação não viola a lei islâmica».

4 de abril. Um homem acusado de matar a tiro um compatriota saudita é decapitado. Esta execução eleva para dezassete o número de decapitações em 2012.

23 de maio. Uma corajosa saudita desafia ordens da famigerada polícia religiosa para abandonar um centro comercial por estar a usar verniz nas unhas e grava o episódio com o telemóvel. O vídeo torna-se viral, com mais de um milhão de visualizações em cinco dias.

16 de junho. Morre o príncipe herdeiro Naif ibn Abdul Aziz, meio-irmão do rei Abdullah. Naif é o segundo príncipe herdeiro a morrer durante o reinado de Abdullah.

18 de junho. O ministro da Defesa da Arábia Saudita, o príncipe Salman ibn Abdul Aziz, meio-

irmão do rei, é nomeado príncipe herdeiro.

24 de junho. Um homem morre de pneumonia grave com complicações por insuficiência renal aguda. Tinha chegado a um hospital de Gidá onze dias antes com sintomas de um caso de gripe grave ou de SARS. Em setembro, um virologista egípcio diz que a morte foi causada por um novo coronavírus. Meses mais tarde, a doença é batizada com o nome de MERS (Middle East Respiratory Syndrome).

Junho. O blogger Raif Badawi é preso por ridicularizar figuras da religião islâmica.

20 de julho. As autoridades sauditas avisam os expatriados não muçulmanos de que serão expulsos se comerem, beberem ou fumarem em público durante o Ramadão.

30 de julho. A Arábia Saudita impõe a proibição de fumar nos edifícios do governo e na maior parte dos lugares públicos, incluindo restaurantes, cafés, supermercados e centros comerciais.

2013 – 9 de janeiro. Uma empregada doméstica cingalesa é decapitada por ter matado um bebé saudita que tinha a seu cargo. Rizana Naffek tinha apenas dezassete anos à data da morte do bebé e proclamou a sua inocência, negando ter estrangulado o menino de dezoito meses. Muitas agências e pessoas em nome individual de todo o mundo pediram à família do menino, e ao governo saudita, o perdão da acusada.

11 de janeiro. O rei Abdullah emite dois decretos reais que concedem às mulheres trinta lugares no Conselho Shura. O conselho é composto por 150 membros. Embora reveja as leis e questione os ministros, não tem poderes legislativos.

15 de janeiro. Dezenas de clérigos conservadores manifestam-se diante do tribunal real para condenar a recente nomeação de 30 mulheres para o Conselho Shura.

1 de abril. Um jornal saudita anuncia que a polícia religiosa do reino vai passar a permitir que as mulheres conduzam motas e bicicletas, mas só em áreas recreativas restritas. Terão além disso de se fazer acompanhar por um parente do sexo masculino e usar a abaya islâmica completa.

16 de maio. Muhammad Harissi, um vendedor de legumes de Riade, imola-se depois de a polícia lhe ter confiscado todos os seus produtos por estar numa área não autorizada. Morre no dia seguinte.

29 de julho. Raif Badawi, editor do website Free Saudi Liberals, é condenado a sete anos de prisão e 600 chicotadas por ter criado um fórum na Internet que viola os valores islâmicos e propaga o pensamento liberal. Badawi está detido desde junho de 2012, acusado de cibercrime e desobediência ao pai.

20 de setembro. A Procuradoria americana deixa cair o caso contra Meshael Alayban, uma princesa saudita acusada de escravizar uma criada nigeriana, obrigando-a a trabalhar em condições abusivas e confiscando-lhe o passaporte. Os advogados da família real saudita acusam a queniana, cujo nome não é revelado, de mentir para tentar conseguir um visto de permanência nos Estados Unidos.

8 de outubro. Um tribunal saudita condena um conhecido clérigo acusado de violar a filha de cinco anos e torturá-la até à morte a oito anos de prisão e 800 chicotadas. O tribunal ordena ainda ao clérigo que pague à ex-mulher, mãe da criança, um milhão de riais (270 000 dólares) em «dinheiro de sangue». Uma segunda esposa, acusada de ter participado no crime, é

condenada a dez meses de prisão e 150 chicotadas.

18 de outubro. Em protesto contra a incapacidade da comunidade internacional em pôr fim à guerra na Síria e tomar medidas para resolver outras questões do Médio Oriente, a Arábia Saudita anuncia que não ocupará o seu lugar no Conselho de Segurança da ONU.

22 de outubro. Uma fonte afirma que o chefe dos serviços de informações da Arábia Saudita revelou que o reino ia fazer uma «mudança importante» nas suas relações com os Estados Unidos, em protesto contra aquilo que considerava a passividade americana na Síria e as aberturas do governo americano em relação ao Irão.

24 de outubro. As mulheres sauditas são avisadas de que o governo tomará medidas contra as ativistas que insistam em levar por diante uma planeada campanha de fim de semana para desafiar a proibição de conduzir.

26 de outubro. Ativistas sauditas dizem que mais de sessenta mulheres confirmaram ter respondido ao apelo para se sentarem a volante numa rara manifestação de desafio à proibição de conduzir. Pelo menos 16 foram multadas.

27 de outubro. A polícia saudita detém Tariq al-Mubarak, um colunista que defendeu o fim da proibição de conduzir imposta às mulheres sauditas.

3 de novembro. Um jornal do Kuwait noticia que uma mulher kwaitiana foi presa na Arábia Saudita por tentar levar o pai ao hospital de carro.

12 de dezembro. O grande mufti da Arábia Saudita, a mais alta autoridade religiosa no berço do islão, declara os ataques suicidas com bombas um crime grave, reiterando a sua posição em termos invulgarmente fortes no jornal saudita al-Hayat.

20 de dezembro. A Arábia Saudita decapita um traficante de droga. Até ao momento, em 2013, foram executadas setenta e sete pessoas, segundo a France Press.

22 de dezembro. A agência noticiosa oficial da Arábia Saudita anuncia que o rei Abdullah nomeou o filho, o príncipe Mishaal, novo governador de Meca.

2014 – 20 de fevereiro. Grupos de defesa dos direitos humanos criticam o acordo estabelecido entre a Indonésia e a Arábia Saudita e que visa dar mais proteção às criadas indonésias que trabalham no reino. Um deles afirma: «A justiça está ainda muito longe.»

São aprovadas novas leis antiterrorismo que, segundo os críticos, reprimirão ainda mais a dissidência pacífica no reino.

16 de março. O jornal saudita Okaz noticia que os organizadores da Feira Internacional do Livro de Riade confiscaram «mais de 10 000 exemplares de 420 títulos durante o certame, que começou a 4 de março. Os organizadores tinham anunciado previamente que qualquer livro considerado «anti-islão» ou que «minasse a segurança» do reino seria confiscado.

O governo saudita classifica as organizações islâmicas como grupos terroristas. O governo proíbe qualquer espécie de apoio ou financiamento a estes grupos: o Estado Islâmico, a Irmandade Muçulmana e a Frente al-Nusra.

8 de abril. O Conselho Shura da Arábia Saudita recomenda que a antiga proibição da prática de desportos por raparigas nas escolas do Estado, atenuada nas escolas privadas em 2013, seja definitivamente revogada.

Setembro. A Arábia Saudita (em conjunção com outros estados árabes) junta-se aos Estados

Unidos nos ataques aéreos contra os santuários do Estado Islâmico na Síria.

2015 – 23 de janeiro. Morre o rei Abdullah ibn al-Saud. Foi o sexto rei da Arábia Saudita. O rei Salman ascende ao trono.

Março. A Arábia Saudita ataca os rebeldes houthis no vizinho Iémen. Outros estados árabes juntam-se aos ataques aéreos.

Abril. O rei Salman doa mais de 30 mil milhões de dólares ao seu povo.

Abril. O rei Salman cria uma potencial crise no reino ao desviar-se do plano do rei Abdullah de se afastar dos Sudairi (o rei Abdullah tinha nomeado príncipe herdeiro um seu meio-irmão e filho mais novo do primeiro rei). Salman anula a nomeação, afasta o príncipe herdeiro e passa para a terceira geração (os netos do primeiro rei), escolhendo o ministro do Interior, Mohammed ibn Naif, como novo príncipe herdeiro. Em seguida nomeia o seu próprio filho, Mohammed ibn Salman, segundo príncipe herdeiro. Com esta inesperada jogada, o monarca aproxima a coroa da próxima geração dos al-Saud, e explicitamente do clã Sudairi, uma vez que tanto o sobrinho como o filho são descendentes desse ramo da família.

Maio. Dois ataques de bombistas suicidas a mesquitas xiitas na Província Oriental causam pelo menos vinte e cinco vítimas mortais. São ambos reivindicados pelo ramo saudita do Grupo Islâmico, um grupo extremista sunita.

Maio. O rei Salman da Arábia Saudita anuncia que não estará presente na cimeira convocada pelo presidente Obama. O segundo príncipe herdeiro, Mohammed ibn Salman, será o representante da Arábia Saudita. Esta decisão assinala uma grande mudança nas relações entre os Estados Unidos e a Arábia Saudita.

Maio. O rei Salman e outros líderes dos países membros do Conselho de Cooperação do Golfo tornam público o seu desagrado com a política seguida pelo presidente Obama no Médio Oriente.

Maio. O governo da Arábia Saudita publica anúncios a oferecer emprego a carrascos para decapitações e amputações de membros na praça pública.

Maio. A coligação liderada pela Arábia Saudita retoma os ataques aéreos contra os rebeldes houthis no Iémen pouco depois do final de um curto cessar-fogo de cinco dias. O recomeço dos bombardeamentos ameaça os esforços de ajuda humanitária no país.

Maio. Num só dia morrem oito pessoas no Iémen, vítimas dos ataques aéreos da coligação liderada pelos Sauditas contra os rebeldes houthis.

Maio. A Organização Mundial de Saúde anuncia que o conflito matou cerca de 2000 iemenitas desde março. Milhões de civis têm necessidade urgente de cuidados médicos para ferimentos relacionados com a guerra e outros motivos.

Junho. A família real saudita anuncia que está a construir um parque temático na antiga capital, Diriyah. O parque terá um museu e restaurantes.

Junho. A coligação militar saudita que combate os rebeldes houthis no Iémen mata mais de cinquenta pessoas. Os relatórios afirmam que a maioria era civil.

Junho. Verifica-se uma escalada no conflito com o Iémen. Os rebeldes houthis disparam um míssil Scud contra a Arábia Saudita. A defesa antiaérea abate-o.

Junho. Não obstante a campanha de bombardeamentos sauditas, os rebeldes houthis tomaram a

capital da província de Jawf, no Iémen, consolidando ainda mais o seu controlo sobre o país.

Junho. O Supremo Tribunal da Arábia Saudita confirma a sentença contra Raif Badawi, que já tinha sido declarado culpado de insultar o islão. O Ministério dos Negócios Estrangeiros rejeita todas as críticas à sentença de dez anos de prisão e mil chicotadas aplicada ao blogger liberal. Badawi é louvado em todo o mundo pela sua coragem face à perseguição, detenção, encarceramento e tortura por parte do governo.

Julho. O príncipe Saud al-Faisal ibn Faisal ibn Abdul Aziz al-Saud morre com setenta e cinco anos. Foi ministro dos Negócios Estrangeiros da Arábia Saudita durante quatro décadas. Era um homem extremamente culto e sofisticado, respeitado em todo o mundo.

Julho. Relatórios afirmam que morreram 3000 iemenitas nos últimos três meses de combates.

Julho. O príncipe Al-Walled ibn Talal da Arábia Saudita anuncia que vai doar toda a sua fortuna de 32 mil milhões de dólares para ajudar a erradicar a doença, emancipar as mulheres e socorrer as vítimas de desastres naturais.

Apêndice B

Iémen

Uma atualização sobre o Iémen – e sobre as vidas de duas mulheres corajosas, Italia e Fiery

O *Yemen Times* tem continuado a publicar *online*, apesar de a sua edição impressa ter sido suspensa, o que nos permite manter a par das notícias que vêm do Iémen. Os jornalistas do *Yemen Times* deixam bem claro que a vida para o iemenita médio se deteriorou ao ponto de ser quase impossível ter qualquer espécie de existência normal. A eletricidade e outros serviços básicos entraram em colapso. Está em desenvolvimento uma crise humanitária que vai impedir o crescimento do país mais pobre do Médio Oriente durante décadas.

Segundo o *Yemen Times*, mais de um milhão de pessoas foram desalojadas de suas casas em todos os distritos do país desde que a coligação liderada pelos Sauditas iniciou a sua campanha a 26 de março de 2013. Mais de metade destes desalojados é oriunda das províncias de al-Dalea, Ibb e Hajjad.

A maior parte dos iemenitas tem sido obrigada a abandonar as suas cidades e as suas casas devido à guerra. Muitas famílias procuram abrigo junto de outras, o que significa que pequenas casas albergam quatro ou cinco unidades familiares sob o mesmo teto. Quando o conflito se intensifica numa área, as pessoas fogem para outra. Tem também havido uma trágica perda de sítios históricos.

O governador de Hadramawt comunicou que chegaram pelo menos 39 000 refugiados ao seu distrito. Há graves problemas de saúde, com um aumento do número de casos de dengue.

Calcula-se que entre 2000 e 3000 civis foram mortos e 10 000 feridos. Quase 50 000 pessoas fugiram do país e pelo menos 10 000 refugiados vivem num campo na costa do Djibuti. Outras abandonaram o país de barco.

Um Fahd, antigo residente do distrito de Mualla, em Adém, dizia ao *Yemen Times* que «Vivemos num tempo de funerais, perdemos três dos nossos vizinhos em Mualla e o marido da minha tia foi morto a tiro em Khormaksar».

Outro civil iemenita, Adnan al-Qasas, contava: «O primo da minha mãe, Shaqy Abdulqader, morreu esta manhã, quando a casa onde viviam caiu em cima deles. Não podemos sequer imaginar aquilo por que passaram. Ele era um bom homem, nunca pegou numa arma.»

Todos os iemenitas têm uma história, quase sempre trágica.

Com a crise a crescer, duas mulheres corajosas continuam a lutar pelo seu povo e pelo seu país. Nem Italia nem Fiery fugiram do Iémen. Viveram as duas no barco de Italia, que lhes serviu de base até ter sido acidentalmente atingido por combatentes locais. Ficaram tristes por ver o barco afundar-se, mas conformaram-se com a perda e mudaram-se para a cidade velha de Saná, onde ambas afirmam ser felizes. Estão demasiado ocupadas para se preocuparem com a sua própria segurança e levantam-se cedo todas as manhãs para comprar abastecimentos e comida que depois distribuem pelos mais necessitados da sua vizinhança, e mais além.

Italia fez algumas visitas empolgantes à sua antiga aldeia, e de todas as vezes que lá foi levou abastecimentos. Numa dada ocasião teve de viajar numa carroça puxada por um burro, mas disse que isso lhe recordou os tempos da sua juventude, em que os pais se deslocavam da mesma maneira.

Fiery já não trabalha como professora e agora ajuda Italia a fazer o seu trabalho de caridade. Ambas riem do perigo e dizem que só Alá sabe quando deixarão este mundo.

E o Iémen é um lugar melhor por causa destas duas mulheres.

Iémen – Cronologia (2011-15)

(Os houthis seguem um ramo do islão xiita conhecido como zaidismo. Os zaidis governaram o Norte do Iémen durante quase mil anos, até 1962. Os houthis tomaram Saná em 2014, despoletando a atual crise no país e provocando os ataques aéreos da Arábia Saudita.)

2011 – 27 de janeiro. A revolução no Iémen começa quando manifestantes em Saná exigem a demissão do presidente Ali Abdullah Saleh, depois de trinta anos no poder.

12 de setembro. O presidente Saleh dá ao vice-presidente Abed Rabbo Mansour Hadi poderes especiais para negociar a transição do poder com o Conselho de Cooperação do Golfo e os partidos da oposição iemenita.

Novembro. O presidente Saleh aceita entregar o poder ao seu vice-presidente, Abed Rabbo Mansour Hadi. É formado um governo de unidade.

2012 – Janeiro. O ex-presidente Saleh abandona o Iémen. Um voto do Parlamento garante-lhe a ele e à família imunidade total contra futuras acusações. Milhares de manifestantes saem à rua em protesto.

Fevereiro. Abed Rabbo Mansour Hadi é nomeado presidente do Iémen, depois de uma eleição em que foi o único candidato.

Maio. Com o Iémen à beira de uma crise alimentar, é prometida ajuda internacional.

Junho. O exército iemenita reconquista três santuários da al-Qaeda no Sul.

Setembro. Há uma escalada de violência. Em Saná, morrem onze pessoas num atentado com um carro-bomba. Um representante local da al-Qaeda é morto no Sul.

Novembro. Militantes atacam uma caravana diplomática saudita em Saná. O diplomata e o seu guarda-costas são mortos. Testemunhas afirmam que os atacantes eram polícias.

2013 – Março. Reúne uma conferência de diálogo nacional com o objetivo de redigir uma nova Constituição.

Abril. O filho do ex-presidente Saleh é demitido. Era o comandante da Guarda Nacional do Iémen.

Julho. Os Estados Unidos intensificam os seus ataques com drones contra a al-Qaeda no Iémen.

Dezembro. Registam-se protestos maciços na província oriental de Hadramawt depois de um chefe tribal ter sido morto a tiro num posto de controlo militar.

2014 – Janeiro. Ao cabo de quase um ano de deliberações, a Conferência Nacional de Diálogo chega a acordo quanto aos termos de um documento que servirá de base à nova Constituição.

Fevereiro. O painel presidencial aprova a transformação do Iémen numa federação de seis

regiões.

Julho. Membros das tribos, descontentes, destroem o maior oleoduto do Iémen, perturbando o abastecimento de petróleo.

Agosto. O presidente iemenita Hadi demite todo o governo.

Ao cabo de duas semanas de protestos antigoverno liderados pelos houthis e provocados pelo aumento do preço dos combustíveis, o presidente Hadi anula a decisão.

Setembro. Numa surpreendente reviravolta dos acontecimentos, os rebeldes houthis assumem o controlo da capital, Saná. A ONU negocia um acordo de paz. Os houthis aceitam retirar os seus combatentes se aprovarem o governo de unidade nacional.

2015 – Janeiro. Depois de rejeitarem a nova Constituição proposta pelo governo, os houthis apoderam-se da TV estatal do Iémen. Travam-se lutas entre soldados governamentais e rebeldes nas ruas da capital. O presidente Hadi e o seu governo demitem-se quando os rebeldes houthis ocupam a capital. Mais tarde, Hadi retira a sua demissão.

Fevereiro. Os líderes houthis tomam o poder e formam um conselho presidencial provisório de cinco membros para substituir o presidente Hadi.

O Conselho de Segurança da ONU condena a ação dos houthis. A ONU exige que os houthis negociem sob a égide do Conselho de Cooperação do Golfo.

O presidente Hadi foge de Saná e refugia-se em Adém.

Março. O Estado Islâmico ataca duas mesquitas xiitas em Saná, causando mais de 130 mortos.

Os rebeldes houthis avançam para o Sul do Iémen.

Uma coligação de países árabes liderada pela Arábia Saudita desencadeia ataques aéreos contra alvos dos rebeldes houthis, que são xiitas. A coligação impõe um bloqueio naval.

O Irão condena a coligação.

A ONU avisa que «o Iémen está à beira do colapso total».

Junho. Começam em Genebra conversações sobre o conflito no Iémen.

Apêndice C

Síria

Síria – Cronologia (2011-15)

2011 – *Março*. Em Dar'a, na Síria, manifestantes exigem a libertação de presos políticos. As forças de segurança do presidente Bashar al-Assad disparam a matar contra a multidão. O protesto desencadeia manifestações violentas que alastram a todo o país.

O presidente Assad anuncia medidas de pacificação, libertando dezenas de presos políticos, demitindo membros do governo e, por fim, acabando com um estado de emergência que dura há 48 anos.

Maio. As manifestações contra o governo prosseguem em Homs, Dar'a, Baniyas e alguns subúrbios de Damasco. Tanques sírios tentam esmagar os manifestantes. Os Estados Unidos e a União Europeia reforçam as sanções.

O presidente Assad anuncia uma amnistia para os presos políticos.

Julho. Depois de manifestações maciças na província de Hama, o presidente Assad demite o governador. Quando os protestos continuam, as tropas sírias avançam para repor a ordem e muitos civis são mortos.

Outubro. O Conselho Nacional Sírio anuncia que formou um grupo comunal de opositores internos e exilados com o objetivo de procurar a paz.

Novembro. A Liga Árabe suspende a Síria e impõe sanções.

A revolta contra o governo de Assad é agora reconhecida como uma guerra civil em grande escala.

Dezembro. Bombas matam 44 pessoas no exterior do edifício das forças de segurança, em Damasco. Estas explosões são as primeiras das muitas que se seguirão na capital da Síria.

2012 – *Fevereiro*. O governo sírio intensifica os bombardeamentos em Homs.

Março. O Conselho de Segurança das Nações Unidas aprova um acordo de paz não vinculativo redigido por Kofi Annan, enviado da ONU.

Maio. Austrália, França, Reino Unido, Itália, Alemanha, Canadá e Espanha expulsam diplomatas sírios como forma de protesto depois de mais de cem civis terem sido mortos em Houla, perto de Homs.

Julho. O Exército Livre da Síria mata três chefes dos serviços de segurança em Damasco e apodera-se da cidade de Alepo.

Agosto. O primeiro-ministro sírio Riad Hijab abandona o regime.

Agosto. O presidente Obama avisa o governo sírio de que se usar armas químicas, os Estados Unidos considerarão a possibilidade de entrar na guerra.

Outubro. Um grande incêndio em Aleppo destrói o mercado histórico da cidade.

Dezembro. O Reino Unido, os Estados Unidos, a França, a Turquia e os estados do Golfo reconhecem oficialmente a Coligação Nacional como representante legítima do povo sírio.

2013 – Janeiro. A Síria afirma que caças israelitas atacaram um centro de investigação militar perto de Damasco.

Fevereiro. Doadores internacionais prometem 1500 milhões de dólares para ajudar os civis sírios afetados pelo conflito.

Março. Depois de rebeldes sírios terem assumido o controlo de Raqqa, a cidade é bombardeada pela aviação do governo.

O governo sírio nega todas as acusações de uso de armas químicas.

Junho. O governo sírio, apoiado por forças do Hezbollah libanês, reconquista a estrategicamente importante cidade de Qusair, localizada entre Homs e a fronteira libanesa.

Outubro. O presidente sírio Assad surpreende o mundo ao aceitar que inspetores internacionais comecem a destruir o arsenal de armas químicas do país mais cedo do que o combinado entre os Estados Unidos e a Rússia.

Dezembro. A Grã-Bretanha e os Estados Unidos interrompem a ajuda «não letal» aos rebeldes do Norte da Síria quando se sabe que rebeldes islâmicos se apoderaram de bases do Exército Livre da Síria, apoiado pelo Ocidente.

2014 – Janeiro/fevereiro. Quando as autoridades sírias recusam discutir a opção de um governo de transição, as conversações de Genebra sob a égide das Nações Unidas entram em colapso.

Março. O exército do governo sírio e forças do Hezbollah reconquistam Yabroud, que é o último bastião dos rebeldes perto da fronteira libanesa.

Maio. Centenas de rebeldes que combatem o exército sírio são expulsos do seu último reduto na cidade de Homs. Esta descoroçoante retirada põe fim a três anos de resistência na cidade.

Junho. As Nações Unidas anunciam que todas as armas químicas da Síria foram destruídas ou removidas.

Militantes do Estado Islâmico do Iraque e da Síria anunciam que fundaram um «califado» que se estende da cidade síria de Aleppo até à província oriental iraquiana de Diyala.

Agosto. Depois de ter tomado a base aérea de Tabqa, perto de Raqqa, no Norte da Síria, o Estado Islâmico passa a controlar toda a província.

Setembro. Cinco países árabes juntam-se aos Estados Unidos nos ataques aéreos contra o Estado Islâmico próximo de Raqqa e de Aleppo.

2015 – Janeiro. No final de uma batalha que durou quatro meses, combatentes curdos derrotam o Estado Islâmico, expulsando-o da cidade de Kobane, próxima da fronteira com a Turquia.

Maio. Combatentes do Estado Islâmico apoderam-se da antiga cidade de Palmira, no centro da Síria, e anunciam que vão destruir o sítio pré-islâmico considerado Património Mundial.

Junho. Combatentes curdos intensificam a luta contra o Estado Islâmico na região entre a fronteira turca e Raqqa.

O Estado Islâmico começou por ser um grupo dissidente da al-Qaeda. Diz-se que é composto, em boa parte, por antigos soldados iraquianos do regime de Saddam Hussein. É também conhecido como Estado Islâmico do Iraque e do Levante.

O líder do Estado Islâmico é Abu Bakr al-Baghdadi. Não há factos provados a respeito de al-Baghdadi, mas a sua biografia, publicada em *sites* jihadistas, afirma que é doutorado em Estudos Islâmicos pela Universidade de Bagdade.

Al-Baghdadi formou um grupo militante nas províncias de Salaheddin e Diyala, a norte da capital iraquiana, antes de se juntar à al-Qaeda no Iraque. Esteve encarcerado durante quatro anos numa prisão norte-americana chamada Camp Bucca, no Sul do Iraque. Foi libertado em 2009.

Depois de o Estado Islâmico ter anunciado a criação do dito «Estado Islâmico», al-Baghdadi adotou o nome de al-Khalifah Ibrahim.

O objetivo do Estado Islâmico é fundar um califado nas áreas sunitas do Iraque e da Síria. O Estado Islâmico conquistou vastas regiões do Norte e Oeste do Iraque. Atualmente controla milhões de quilómetros quadrados, ignorando todas as fronteiras internacionais. Está agora presente desde a costa mediterrânica da Síria até ao sul de Bagdade.

O Estado Islâmico governa com base na *sharia*. Vangloria-se de fazer crucificações, decapitações e de violar e assassinar mulheres, raparigas, crianças e bebés.

As táticas do Estado Islâmico para se financiar incluem conquistar campos petrolíferos, contrabando, venda de antiguidades, exigir resgates por raptos e extorsão.

O Estado Islâmico anuncia e mostra vídeos dos seus combatentes a destruírem relíquias antigas e insubstituíveis.

Apêndice D

Violência Contra Mulheres No Paquistão

No Paquistão, a violência de gênero está ligada a toda uma história de submissão das mulheres aos homens. A sociedade paquistanesa vê as mulheres como propriedade pessoal dos homens. Muitos homens acreditam ter o direito de controlar as mulheres e tomar todas as decisões por elas.

Em certas áreas rurais, as mulheres nem sequer são consideradas seres humanos; em vez disso, são usadas como propriedade pessoal e podem ser trocadas para pagar dívidas e até negociadas para resolver conflitos familiares.

As leis paquistanesas em matéria de violação tratam muitas vezes os ataques sexuais a mulheres como roubo da propriedade de um homem. A professora Shala Haeri, especialista em Estudos Femininos, afirmou que a violação no Paquistão é «com frequência institucionalizada e tem a aprovação tácita, e por vezes explícita, do Estado». A Woman Rights Watch escreveu que no Paquistão «há uma violação a cada duas horas, e uma violação múltipla a cada oito horas». Até as mulheres sob a custódia da polícia são violadas. Asma Jahangir, uma advogada cofundadora do grupo de defesa dos direitos humanos Women's Action Forum, relatou que num estudo de 1988 feito junto de presas no Punjab, «72% das mulheres detidas disseram que tinham sido sexualmente molestadas durante a detenção». São estes os ultrajes praticados contra as mulheres no Paquistão.

Muitos homens nas áreas rurais acreditam que as mulheres não passam de criadas ao seu serviço. Na sociedade paquistanesa, não é considerado errado um pai bater numa filha, ou um irmão bater numa irmã, ou um marido bater na mulher. Estes espancamentos acontecem com frequência pelas razões mais mesquinhas, como ter deixado queimar a comida ou sair de casa para visitar a família sem autorização, ou até chegar tarde da escola.

A maior parte das paquistanesas depende totalmente dos homens da família. O homem satisfaz-lhes as necessidades e elas, em troca, obedecem-lhe. Só as mulheres que são instruídas e conseguiram a independência económica exigem igualdade no casamento e liberdade de escolha, mas mesmo assim há problemas e as mulheres têm de lutar pela igualdade de gênero. No Paquistão, as raparigas são educadas para serem obedientes e dóceis. Nas áreas rurais, sobretudo, são levadas a acreditar que o seu papel na vida é servir os homens.

Tudo o que as raparigas fazem é restringido desde a infância. São controladas de modo a não fazerem nada que possa desonrar a família. Esta ligação da mulher à honra masculina é uma questão importante que está na origem de muitos crimes praticados contra as mulheres. Enquanto os homens não têm limitações, muitas raparigas são proibidas de brincar fora de casa; a verdade é que muitas mulheres adultas não são autorizadas a sair.

As mulheres paquistanesas são frequentemente vítimas de muitas formas de violência. O lugar mais perigoso para uma paquistanesa é a sua própria casa. É onde muitas vezes sofre os piores abusos; houve casos em que foram atacadas com ácido por membros da família ou queimadas vivas pelos maridos. Há muitas outras formas conhecidas de crimes de honra rituais.

Não obstante o elevado nível de violência familiar contra as mulheres, o sistema judicial considera esse género de abusos «questões de família» e tenta evitar envolver-se.

As jovens não escapam a esta violência. Os casamentos forçados continuam a ser comuns, sobretudo nas zonas rurais. Além disso, raparigas e mulheres são usadas para pagar dívidas e até resolver conflitos entre famílias.

Os líderes tribais criaram um sistema judicial paralelo e estes conselhos promovem muitas vezes os crimes de honra.

Também os eruditos religiosos são contra os direitos das mulheres. Estes homens de religião parecem odiar mulheres que exijam direitos. Dizem que essas mulheres seguem a agenda do «Ocidente», que é secularizar a sociedade islâmica do Paquistão. Uma mulher que lute contra a discriminação de género é uma mulher que está contra o islão. Estes homens juntam-se para se oporem a quaisquer leis que visem aumentar a liberdade das mulheres.

O Paquistão é um país com mais de 150 milhões de habitantes. A taxa de iliteracia é extremamente alta, situando-se nos 70%. No Paquistão, uma pessoa é considerada alfabetizada desde que consiga escrever o seu nome. Enquanto as raparigas em Lahore, Islamabad, Carachi e outras grandes cidades frequentam regra geral a escola, não é esse o caso nas áreas rurais.

O comportamento do sistema judicial paquistanês deixa bem claro que quem manda protege a estrutura patriarcal da sociedade.

Tudo isto se conjuga de modo a significar que se um homem vê ser recusada a sua proposta de casamento, ou um marido está infeliz com a esposa, pode com relativa segurança fazer o que quiser à mulher em causa, sem receio de ser castigado. É por isso que o horroroso hábito de atirar ácido persiste. Mulheres e raparigas são obrigadas a sofrer as consequências de uma sociedade que recusa castigar os homens que as desfiguram ou até as assassinam.